

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO  
CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**

**POLÍTICAS PÚBLICAS E DIRETRIZES ESTRATÉGICAS PARA UMA VIDA  
RURAL SUSTENTÁVEL:**

**Um estudo à luz da Teoria da Delimitação dos Sistemas Sociais**

**Francisco da Cunha Silva**

**Orientador: Prof. José Francisco Salm, PhD**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Administração.**

**Florianópolis - Santa Catarina - Brasil**

**Abril de 2003**

**POLÍTICAS PÚBLICAS E DIRETRIZES ESTRATÉGICAS PARA UMA VIDA RURAL  
SUSTENTÁVEL: Estudo à luz da Teoria da Delimitação dos Sistemas Sociais**

Por:

**Francisco da Cunha Silva**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de **Mestre em Administração**, e aprovada em sua forma final pelo Curso de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Santa Catarina.

Prof. Nelson Colossi, Doutor  
Coordenador do CPGA/UFSC

Banca Examinadora:

Orientador: Prof. José Francisco Salm, PhD  
Presidente

Prof. João Benjamim da Cruz Júnior, PhD  
Membro

Prof<sup>ª</sup>. Maria Ester Menegasso, Dra.  
Membro

Prof. Mário César Barreto Moraes, Dr.  
Membro Suplente (UDESC)

God grant me the

*Serenity*

to accept the things I cannot change;

*Courage*

to change the things I can; and

*Wisdom*

To know the difference.

(Reinhold Neibuhr)

Dedico esta dissertação à **minha família** que, com paciência, compreensão, e tolerância soube apoiar e estimular sua construção:

**Walda** - minha *eterna e doce namorada* - 44 anos de  
*perfeita alquimia*;

**Carlos** - grande professor e primogênito querido que, além da  
logística, lapidou o estudo com novos *insights*;

**Márcia** - filha querida, espírito guerreiro, genial e sempre presente;

**Jean** - alma iluminada, de inspiração clássica, companheiro e amigo  
de todas as horas;

**Michele** - exemplo de caráter e dedicação à família e à medicina;

**Rodrigo** - amante das artes e cultura em sua dimensão  
transcendental;

**Yuri** - construindo um imaginário onde a magia do virtual se  
harmoniza com a beleza do emocional.

**Giuseppe, Thomas, Viktor, Lorenzo, Lara, Leonardo** (e Priscilla),  
netos queridos que iluminam a nossa *fenonomia*.

## AGRADECIMENTOS

Um agradecimento especial ao querido e saudoso *mestre* Alberto Guerreiro Ramos, dotado de uma elegância intelectual própria dos pensadores seminais. Seu caráter, seu testemunho de vida, sua intuição educada e apurada da essência da ordem da natureza e da existência humana transformaram, a partir do início da década de 1980, a minha própria existência. Com ele, na condição de aluno e discípulo, reaprendi a *pensar*, livre dos condicionamentos e preconceitos da socialização.

A meu orientador José Francisco Salm, capaz de articular, em níveis de excelência, as qualidades de pensador, professor e administrador. No exercício da *interação simbólica* sabe integrar as dimensões transcendente e imanente da vida humana. Grande difusor da Delimitação dos Sistemas Sociais.

Ao bons amigos e mestres João Benjamim da Cruz Júnior (membro da banca) e Ubiratan Simões Rezende, pelos ensinamentos e sabedoria, propiciando valiosas *chaves interpretativas* da realidade e acesso ao conhecimento.

À professora Maria Ester Menegasso que, além de compor a banca, me integrou à equipe do Gerasol e forneceu importante apoio logístico à consecução desta dissertação de mestrado.

Ao professor Luiz Carlos Pinheiro Machado. Um agrônomo paradigmático e grande mestre.

Ao professor Nelson Colossi que viabilizou o meu retorno ao CPGA, um velho e acalentado sonho.

Ao colega e bom companheiro Luiz Osvaldo Coelho que, juntamente com seu filho e colega Lizandro, me receberam com muita atenção e carinho em Santa Rosa de Lima.

Aos colegas Carlos Alberto Maciel, Cezar Lautert Duarte, Rafael Cantu, Edson Wuerges, bem como aos prefeitos Mério Goedert (Rancho Queimado) e Bertilo Heideman (Santa Rosa de Lima) pelo apoio e solidariedade na construção do estudo e da pesquisa de campo. Ao professor Mário Moraes, pela participação na banca. Aos 24 entrevistados que forneceram preciosas informações em nível da *praxis* delimitativa.

Ao meu querido pai Otávio, incansável incentivador de atividades intelectuais que, aos 90 anos, irradia energia, vitalidade e espiritualidade aos 5 filhos, 20 netos e 12 bisnetos. À querida e saudosa mãe Nina e aos irmãos Lúcia, Otávio, Áurea e João, pelos bons momentos de convivência.

Ao Pai Divino, que me acompanha e me acolhe nas horas de angústia e de felicidade.

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE FIGURAS.....</b>	<b>8</b>
<b>LISTA DE SIGLAS .....</b>	<b>9</b>
<b>RESUMO.....</b>	<b>10</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>11</b>
<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>1.1 Caracterização do Tema .....</b>	<b>12</b>
<b>1.2 Categorias .....</b>	<b>22</b>
<b>1.3 Discussão do tema e do problema .....</b>	<b>30</b>
<b>1.4 Definição dos objetivos .....</b>	<b>41</b>
<b>1.4.1 Objetivo Geral .....</b>	<b>42</b>
<b>1.4.2 Objetivos Específicos .....</b>	<b>42</b>
<b>1.5 Justificativa da escolha do tema .....</b>	<b>43</b>
<b>2. ARCABOUÇO CONCEITUAL .....</b>	<b>45</b>
<b>2.1 Reflexões do clássico ao moderno .....</b>	<b>45</b>
<b>2.2 Lições da história e das grandes transformações .....</b>	<b>55</b>
<b>2.3 A condição humana nas dimensões imanente e transcendente .....</b>	<b>68</b>
<b>2.4 Formação eclética <i>versus</i> fragmentação do saber .....</b>	<b>87</b>
<b>2.5 Transavaliação da dimensão política .....</b>	<b>90</b>
<b>2.6 Fundamentos da delimitação dos sistemas sociais .....</b>	<b>102</b>
<b>2.7 O rural e o urbano: dominação ou sinergia ? .....</b>	<b>115</b>
<b>2.8 A questão da sustentabilidade .....</b>	<b>125</b>
<b>3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>139</b>
<b>3.1 Natureza da pesquisa .....</b>	<b>139</b>
<b>3.2 Caracterização da pesquisa .....</b>	<b>141</b>
<b>3.3 Delimitação do universo de pesquisa .....</b>	<b>144</b>
<b>3.4 Análise e interpretação dos dados .....</b>	<b>145</b>
<b>3.5 Limitações da pesquisa .....</b>	<b>145</b>
<b>4. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO .....</b>	<b>146</b>
<b>4.1 Caracterização da área da pesquisa .....</b>	<b>146</b>
<b>4.1.1 Santa Rosa de Lima: revitalização do território .....</b>	<b>148</b>

4.1.2 Rancho Queimado: reserva da biosfera .....	152
4.2 Fluxos migratórios: sinergia ou exclusão? .....	155
4.3 Sustentabilidade rural: uma abordagem multidimensional .....	168
4.3.1 Território: um espaço multicêntrico.....	177
4.3.2 Agreco: agroindústrias modulares em rede .....	177
4.3.3 Acolhida na Colônia: valorização do espaço rural .....	185
4.4 Políticas e diretrizes: resgate da multidimensionalidade .....	189
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES.....</b>	<b>198</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>204</b>

**LISTA DE FIGURAS**

**Figura 1 - ..... 26**

**Figura 2 - ..... 72**

**Figura 3 - ..... 73**

**Figura 4 - ..... 147**

**Figura 5 - ..... 147**



## LISTAS DE SIGLAS

ACARESC - Associação de Crédito e Assistência Rural de Santa Catarina.  
AGRECO - Associação dos Agricultores das Encostas da Serra Geral.  
CASAN - Companhia Catarinense de Águas e Saneamento.  
CEASA/SC - Centrais de Abastecimento do Estado de Santa Catarina  
CNPq - Conselho Nacional de Pesquisa.  
DNOCS - Departamento Nacional de Obras Contra as Secas.  
EPAGRI - Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina.  
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
ICEPA - Instituto de Planejamento e Economia Agrícola de Santa Catarina.  
IPEA - Instituto de Planejamento Econômico Aplicado.  
ITEP - Instituto Técnico de Economia e Planejamento.  
MIT - Massachusetts Institute of Technology.  
OCESC - Organização das Cooperativas de Santa Catarina.  
ONU - Organização das Nações Unidas.  
Pronaf - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar.  
PUC/RJ - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.  
SEBRAE - Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.  
SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial.  
UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.  
UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina.  
UNCTAD - Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento.  
UnB - Universidade de Brasília.  
UNEP - Programa de Meio Ambiente das Nações Unidas.  
USP - Universidade de São Paulo

## RESUMO

Sob o prisma do episódio histórico da modernidade, a importância estratégica da agricultura vem declinando através dos tempos. Cientistas de renome mundial garantem que há cerca de duzentos anos, a primeira revolução industrial acabou com oito milênios de dependência humana da agricultura.

Para a ciência social contemporânea, a tradicional vantagem comparativa dos recursos naturais foi deslocada para uma posição secundária, enquanto a qualificação, o conhecimento e as habilidades humanas assumiram a logística do processo de geração de riqueza, no contexto da terceira revolução industrial. Esse é o conceito que permeia a maioria dos sistemas de planejamento e de políticas públicas, modelados pelo paradigma da sociedade industrial. Um paradigma configurado no decorrer dos últimos cinco séculos que, ao eleger o sistema de mercado - e seu cálculo utilitário de conseqüências - como o referencial hegemônico para regular a vida humana, resultou numa concepção reducionista de recursos, produção, bem estar, saúde, educação, qualidade e sentido da vida, dentre outras questões fundamentais analisadas no arcabouço teórico-conceitual desta dissertação.

Num contraponto ao modelo unidimensional centrado no mercado, este estudo procura resgatar as bases epistemológicas de um novo referencial - o *paradigma paraeconômico* - capaz de permitir que movimentos comunitários e espaços conviviais possam participar, de forma efetiva, do processo de gerenciamento de recursos e da criação de riquezas em bases substantivas e perduráveis, no contexto de um território localizado nas encostas da Serra Geral Catarinense.

Valendo-se de conceitos da dialética socrática - predicada pelo filósofo grego Sócrates há cerca de 2.500 anos - esta dissertação empreende um estudo exploratório, incluindo uma pesquisa de campo, numa abordagem multidimensional e transdisciplinar, inerente à sustentabilidade da vida rural, na perspectiva do desenvolvimento territorial: contemplando dimensões sociais, sistemas técnicos e econômicos, num espaço geográfico visto em sua unidade e diversidade. Um estudo que visualizou espaços de convivialidade e a predisposição dos atores sociais para internalizar novas categorias inerentes à sustentabilidade da vida humana e do meio ambiente tais como: recursos, produção, multidimensionalidade, pluriatividade, dimensões transcendente e imanente, agroecologia, dentre outras.

Ao final da dissertação são apresentadas considerações e recomendações para, no contexto do território estudado, propiciar condições efetivas para uma vida rural sustentável.

## ABSTRACT

From the standpoint modernity's historical episodic, agricultural strategic importance has been declining across the ages. Scientists with worldwide reputation assure that around 200 years ago, the first industrial revolution ended up eight millenniums of human dependency to agricultural.

To the contemporary social science, the tradicional comparative advantage of natural resources was displaced to a secondary position while qualification, knowledge and human abilities assumed the logistic of wealth generation process, in the context of the third industrial revolution. This is the concept that pervades the majority of the planning systems and public policies, shaped by the industrial society paradigm. A paradigm formed in the last five centuries, which has elected the market system - where the human being is not but a reckooning creature - as the ordering agency of human life, supported by a reducionista conception of resources, production, well-being, health, education, quality and life meaning, among other fundamental questions analysed in the conceptual-theoretical framework of this dissertation.

As a counterpoint to the paradigm centered in the market, one redeems the epistemological basis which support the new *para-economic paradig*, able to allow that community movements and conviviality's sites can participate, in na effective way, in the process of resources management and wealth generation in substantive and long-lasting basis, in a context of a territory localized at the hillsides of Santa Catarina Serra Geral.

Making use of dialectic concepts - predicate by the Greek philosopher Socrates around 2500 years ago - this dissertation undertakes an exploratory study, including a field research, in a multidimensional and transdisciplinary study, inherent to sustainability of rural life, in the perspective of territorial development: contemplating social dimentions, technical systems in a geographical space seen in its unity and diversity. A study that visualized conviviality's sites and social actors predisposition to internalize new categories inherent to human life and environmental sustainability such as: resources, production, multidimensionality, pluriactivity, transcendent and immanent dimensions, agroecology, among others.

At the end of this dissertation considerations and recommendations are presented to, in the context of investigated territory, propitiate effective conditions to a sustainable rural life.

## 1. INTRODUÇÃO

O debate sobre a modernização e o desenvolvimento está necessariamente fadado a tornar-se um diálogo de surdos em nosso país. O maior obstáculo ao encaminhamento do debate é a mentalidade modernizante e linearista de nossa pequena minoria privilegiada [...] desfrutando de uma ilusória e sinistra prosperidade [...]. A *era dos limites* impõe a formulação de novo modelo de alocação de recursos.

Alberto Guerreiro Ramos  
(*Limites da Modernização*, 1979)

### 1.1 Caracterização do Tema

Esta dissertação propõe-se a estudar, pesquisar e analisar questões que tenham implicações com a sustentabilidade da vida rural, a partir de uma visão integrada e multicêntrica da realidade.

Trata-se de um estudo exploratório na área da teoria organizacional tendo como marco referencial o *paradigma paraeconômico*, articulado por Ramos, que estabelece novas bases paradigmáticas no campo da administração. Um novo paradigma que leva em conta a multidimensionalidade da condição humana e capaz de responder às questões fundamentais do mundo contemporâneo.

A visão integrada e multicêntrica da realidade - contemplando as dimensões política, social e física da vida humana - tem sido "sacrificada em nome dos progressos científicos derivados da pulverização do conhecimento" (HOGAN, apud LEONARDI, 2001, p.401).

Ao incorporar idéias contidas na obra *Evolução Criadora* (1907) do filósofo francês Henri Bergson, a escritora norte-americana Marilyn Ferguson destaca que "a realidade final é uma rede de conexões", e observa que, "por não entendermos que o todo é maior do que o somatório de suas partes, agrupamos as informações em ilhas, um arquipélago de dados desconexos, [...] nos tornando vítimas de nossa consciência coletiva seccionada" (FERGUSON, 2000, p.174;177).

O professor Anísio Teixeira relata uma abordagem didática diferenciada, patrocinada pela Universidade de Keele (Inglaterra), onde o primeiro ano letivo de qualquer curso consiste num programa de iniciação à civilização contemporânea com a participação - num enfoque interdisciplinar - de professores de astronomia, geologia, física, biologia, economia, política, administração e teologia, na perspectiva do desenvolvimento humano, Teixeira (1998).

Engajado nessa visão integrada da realidade, nos propomos a ampliar o referencial de análise no tempo e no espaço, para acompanhar a evolução política, social, cultural e tecnológica da trajetória humana. Movida pelo desejo de desvendar algumas das razões fundamentais que levaram ao descarrilamento da vida humana nos últimos 400 anos - com fortes implicações para a vida nos espaços rurais - Polanyi (1980); Ramos (1979, 1981a, 1981b, 1981c, 1981d, 1981e, 1981f, 1981g, 1983a, 1983b, 1984); Salm (1993); Harman (1998), esta dissertação busca resgatar e clarificar as bases epistemológicas de alguns paradigmas que moldaram a história das civilizações desde os tempos clássicos da antigüidade até a atualidade.

Esses paradigmas serão o pano de fundo para a compreensão das transformações ocorridas no espaço rural, bem como para estabelecer *categorias* pertinentes a um novo quadro referencial compatível com os 'novos tempos', abrangendo assim, aspectos de natureza política, social, econômica, cultural, ambiental e tecnológica a serem contemplados por uma nova ciência das organizações, Ramos (1981a).

O foco do problema de pesquisa está direcionado para a sincronização do processo de geração de riqueza no meio rural com os espaços vitais inerentes ao exercício da cidadania, em bases sustentáveis.

O arcabouço conceitual desta pesquisa tem como suporte principal a *teoria da delimitação dos sistemas sociais* concebida por Ramos<sup>1</sup> que articulou as possibilidades e contornos de um *paradigma paraeconômico* capaz de resgatar o perfil multidimensional que caracterizou o ser humano durante milênios, antes do advento do *episódio histórico da modernidade*.

Esse paradigma resgata valores que "privilegiam o ser humano, sua participação na construção do bem comum e na possibilidade objetiva de se estruturar uma nova sociedade onde o homem possa voltar a viver sua multidimensionalidade", assinala Salm<sup>2</sup> (1993, p.36).

---

<sup>1</sup> Alberto Guerreiro Ramos (1915-1982) nasceu em Santo Amaro da Purificação (Bahia). Graduado em Letras, sociólogo e escritor de renome internacional, foi professor da Escola Brasileira de Administração Pública (EBAP) da Fundação Getúlio Vargas, Deputado Federal pelo Rio de Janeiro (pelo antigo PTB); representou o Brasil na ONU (1961); pontificou como *scholar* nas Universidades de Paris, Yale, Moscou e Beijing (China); foi professor visitante (mestrado em Administração) na UFSC. Faleceu em 1982 em Los Angeles, onde lecionava desde 1966, na condição de *full professor* da University of Southern California.

<sup>2</sup> João Francisco Salm (1941 - ), graduado em Ciências Administrativas pela UFSC (1969); MSc e PhD em Public Administration pela University of Southern California, Los Angeles (1983). Foi Secretário da Fazenda no Governo de Santa Catarina (1988) e professor de graduação e pós-graduação (mestrado e doutorado) nos cursos de Administração e Engenharia da Produção na UFSC e na ESAG-UDESC (1971-2002). É consultor de diversas empresas, do governo de Santa Catarina, e atual diretor de pesquisas na Universidade do Estado de Santa Catarina- UDESC/ ESAG.

Consultou-se uma extensa e diversificada bibliografia constituída por vários pensadores (de diferentes disciplinas, formações e matizes ideológicos), na busca de conceitos, informações e subsídios pertinentes ao tema da pesquisa.

Conceitos como boa vida e cidadania articulados há mais de 24 séculos por Platão<sup>3</sup> - responsável pela "primeira grande síntese filosófica do pensamento antigo", abrindo novos horizontes para "grandes aventuras do espírito" (PESSANHA, 1979:XV) e Aristóteles<sup>4</sup> - o fundador da lógica; a questão da territorialidade humana apresentada pelo geógrafo e cientista brasileiro Milton Santos<sup>5</sup>; natureza e sentido da vida, em suas dimensões transcendente e imanente, refletindo-se na sobrevivência, liberdade e sustentabilidade da humanidade, analisados e explicitados por filósofos da Grécia clássica bem como por cientistas sociais brasileiros da envergadura de Hélio Jaguaribe<sup>6</sup>, do embaixador Mário Vieira de Mello<sup>7</sup>, além

<sup>3</sup> Platão (427/8-347/8 a.C.) nasceu em Atenas e sua vida transcorreu entre a fase áurea da democracia ateniense e o final do período helênico. Pertencente a tradicionais famílias de Atenas, sua juventude foi marcada por seu mestre Sócrates (469-399 a.C.). Através dos séculos, as lições do filósofo grego influenciou o pensamento ocidental: de Aristóteles (seu discípulo) a Hegel; de Plotino a Kant e Descartes. Em 387 a.C. fundou em Atenas sua Academia, uma escola de investigação científica e filosófica que durou por mais de 900 anos. Suas primeiras obras foram elaboradas sob a forma de diálogos tendo em Sócrates a personagem central -*Apologia de Sócrates, Críton, Laques, Cármides, Lysis, Eutífron* - onde o filósofo buscava uma explicação global da realidade, muito mais através do "desencadeamento do conhecimento e não propriamente com definições de conceitos" (PESSANHA, 1979, p.XI). Logo após escreveu os 'diálogos de transição': *Ménon, Fédon, Banquete, República, Fedro e Eitidemo*. O seu *mundo das idéias*, é elaborado nos diálogos metafísicos *Parmênides, Teeteto, Sofista e Político*, Souza (1983a); Vaz (1993). Na fase final de sua obra retoma o tema da felicidade: *Filebo, Timeu, Crítias e As Leis* (obra inacabada). Ao longo dos últimos 24 séculos a "vitalidade criadora fizeram do platonismo uma filosofia dominante que exerceu influência considerável e determinante sobre o pensamento antigo, medieval e moderno" (MOUTSOPOULOS, 2001, p.781).

<sup>4</sup> Aristóteles (385-322 a.C.) "foi provavelmente o primeiro filósofo profissional" (RUSSELL, 2001, p.107). Era natural de Estagira, na Trácia (região pertencente à Macedônia). Aos dezoito anos foi enviado a Atenas para estudar com Platão em sua Academia, onde permaneceu por quase vinte anos. "Aristóteles parece ter sido o primeiro escritor de livros didáticos (RUSSELL, 2001, p.109). Sua obras formam, em seu conjunto, "uma verdadeira enciclopédia do saber humano"(AUBENQUE, 2001,p.62).Elas abrangem quase todas as ciências conhecidas na Antigüidade. Os escritos de Aristóteles abrangem oito grandes áreas: lógica, física, metafísica (ou filosofia), biologia, psicologia (estudo da *psyche*), ética (ou filosofia moral), política (como um modo de vida - "*way of life*"); e o último engloba a retórica e a poesia, Barker (1980); Souza (1983b). Suas obras "fazem de Aristóteles o verdadeiro fundador da lógica" (AUBENQUE, 2001, p.62). Seu sistema enciclopédico de pensamento era tão grande, que a maior parte da atividade científica do Ocidente, até o século XVII, baseava-se em seus textos escritos no século IV a.C.; além disso, mesmo quando o ultrapassava, a ciência moderna continuaria usando sua orientação e seus instrumentos conceituais" (TARNAS, 2000, p.84).

<sup>5</sup> Milton Santos (1926-2001) nasceu na cidade baiana de Macaúbas. Geógrafo e professor emérito da Universidade de São Paulo, lecionou também em universidades na França, Estados Unidos, Tanzânia e Venezuela, dentre outros países. Um dos intelectuais brasileiros de maior projeção internacional recebeu, em 1994, o Prêmio Internacional de Geografia Vautrin Lud. É autor de mais de 40 livros e responsável pela inserção do critério de *territorialidade* nas ciências humanas.

<sup>6</sup> Hélio Jaguaribe (1923 -) Graduado em Direito pela PUC/RJ, e PhD pela Universidade de Mainz (Alemanha). Escreveu várias obras (traduzidas em vários idiomas) nos campos da política, relações internacionais, ciências sociais e da condição do homem na história. Participou, juntamente com o professor Alberto Guerreiro Ramos, da criação do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), na década de 1950. Lecionou, como professor visitante, nas Universidades de Harvard, Stanford e no MIT (EUA). Atualmente é decano no Instituto de Estudos Políticos e Sociais, no Rio de Janeiro.

do físico e teórico de sistemas Fritjof Capra<sup>8</sup> e do neurologista e psiquiatra austríaco Viktor Frankl<sup>9</sup> dentre outros; consciência, tradição e modernidade contidos na notável obra da filósofa política Hannah Arendt<sup>10</sup>; serão, numa certa medida, utilizados no processo de reflexão e resgate de saberes diversos, bem como na construção do conhecimento por parte do autor desta dissertação.

Na busca de um melhor esclarecimento, serão também cotejados conceitos e posicionamentos conflitantes ou díspares, partindo do pressuposto de que só combinando diferentes perspectivas (incluindo a do autor) é que pode-se distinguir entre a verdade e a distorção, e alcançar a compreensão das idéias e dos fatos que moldaram o processo civilizatório. A título de exemplo vale cotejar a questão desenvolvimento local x globalização.

Cazella (2000) chama a atenção para o fenômeno da interação urbano-rural, onde os habitantes de pequenas e médias cidades do interior da França costumam deslocar-se à *campagne* tanto no interesse de verificar *in loco* as condições de produção dos alimentos por eles consumidos, bem como para apreciar as paisagens e vivenciar o modo de vida rural, reforçando a importância estratégica do local como o espaço mais apropriado para as políticas de desenvolvimento rural.

Já o professor Milton Santos destaca que a abordagem local remete à busca de um sentido; enquanto que a global, busca resultados. Observa ainda que o campo não consegue

<sup>7</sup> Embaixador, filósofo e historiador, é considerado "um dos mais profundos estudiosos brasileiros da história da cultura e da filosofia" (JAGUARIBE, 1993, p.29). Autor de uma fecunda obra dentre os quais destacam-se os livros *Desenvolvimento e Cultura*, *O Problema do esteticismo no Brasil*, *O conceito de uma educação da cultura*, *Nietzsche*, dentre outros.

<sup>8</sup> Fritjof Capra é doutor em física pela Universidade de Viena (1966) e um dos fundadores do Centro de Eco-Alfabetização de Berkeley (Universidade da Califórnia). Leciona também no Schumacher College (Centro Internacional de Estudos Ecológicos), na Inglaterra. Autor de importantes livros como *O Tao da Física*, *O Ponto de Mutação*, *A Teia da Vida*, *As Conexões Ocultas*. Suas obras articulam a visão de mundo ocidental com cosmovisões das civilizações orientais (especialmente da Índia e Extremo Oriente), além das concepções de várias escolas filosóficas da Antigüidade greco-romana.

<sup>9</sup> Viktor E. Frankl (1905-1997), PhD em neurologia e psiquiatria, foi professor nas Universidades de Viena, Harvard, Stanford, Dallas e Pittsburgh. Autor de 32 livros (traduzidos para 27 idiomas), é o fundador da logoterapia, a terceira escola vienense de psicoterapia, após as escolas de Freud e Adler.

<sup>10</sup> Hannah Arendt (1906-1975) natural de Hanover (Alemanha), de origem judia, foi aluna de Martin Heidegger (1889-1976), Edmund Husserl (1859-1938) e Karl Jaspers (1883-1969), sob cuja orientação defendeu tese de doutorado (1928) em filosofia, sobre o conceito de amor em Santo Agostinho. Em 1933 deixou a Alemanha fugindo do nazismo, viveu na França (até 1940) e nos Estados Unidos. Foi professora de filosofia e ciências políticas nas Universidades de Aberdeen (Escócia), Berkeley, Princeton, Columbia, Brooklyn College e Chicago, além da New School for Social Research, em Nova York, onde lecionou até sua morte, em 4 de dezembro de 1975. Foi no período de vida na América (a partir de 1941) que Arendt produziu sua obra onde figuram clássicos como *As Origens do Totalitarismo* (1951); *Entre o Passado e o Futuro* (1954) *A Condição Humana* (1958). Ao falecer, deixou inacabada *A Vida do Espírito: o Pensar, o Querer e o Julgar*, publicada postumamente em 1978 D'Allones, (2001); Lafer, (1968).

resistir ao processo de globalização tanto quanto a cidade visto que, com a modernização do campo, é cada vez mais próxima e intensa sua relação com o mercado global. Ao analisar a questão do êxodo rural, afirma que " a contaminação do capitalismo no campo vai reduzir a possibilidade de permanência [...] porque não é a produção que comanda, mas a circulação", (SANTOS, 2000, p.58).

O posicionamento do geógrafo vai ao encontro do pesquisador norte-americano Thurow<sup>11</sup> no que se refere à apropriação dos resultados no processo de logística e circulação de produtos agrícolas. Em seu mais recente livro *A Construção da Riqueza* o professor do MIT apresenta um caso elucidativo de um fenômeno bem característico da sociedade centrada no mercado. Assim se expressa (THUROW, 2001, p. 40-41):

Com a tecnologia eletrônica de hoje, o negócio de flores não está nas mãos de quem as planta, nem de quem as vende. Ele está nas mãos dos holandeses, que criaram um *sistema logístico global* para cultivar flores no ponto de menor custo do globo e vendê-las no ponto de preço mais alto. Muitos podem cultivar flores. Muitos podem vender flores. Mas somente os holandeses podem entregar um lírio-da-Páscoa cultivado na Colômbia a um comprador no Maine e garantir que ele irá florescer na Páscoa. Devido a esta capacidade, os holandeses ficam com a maior parte do dinheiro no negócio de flores.

Ou seja, a idéia central é de que se produza localmente e se venda globalmente, assumindo a globalização de cima para baixo, Rifkin ( 2003).

Um caldo cultural formado pelo progresso científico e tecnológico , pela globalização, pela hibridização das várias lógicas organizativas, e pelo poder persuasivo da *mass media* vem provocando transformações inusitadas na sociedade contemporânea.

No mundo atual "as necessidades sociais, as invenções criativas, as decisões estratégicas precedem as soluções técnicas". As novas tecnologias têm demolido os limites entre os setores, atividades e critérios gerenciais. A tripartição do mercado em primário, secundário e terciário<sup>12</sup> está diluído numa rede de atividades interpenetráveis. "A agricultura está enfim industrializada pela biotecnologia e por equipamentos mecânicos altamente sofisticados; os

---

<sup>11</sup> Lester C. Thurow é professor de gerenciamento e economia no Massachusetts Institute of Technology (MIT), desde 1968. Foi reitor da Sloan School of Management do mesmo MIT entre 1987 e 1993. Dentre suas obras destacam-se *Cabeça a cabeça*; *O futuro do capitalismo* e *A construção da riqueza*.

<sup>12</sup> Em Ramos (1981a), a distinção entre os setores primário, secundário e terciário - tradicionalmente aplicada às atividades de produção - é substituída pela noção de *bens primaciais e demonstrativos*, posteriormente conceituados (em **Categorias**).



bens incorporam serviços e a imaterialidade do *software* faz a mesma coisa com a materialidade do *hardware*" (DE MASI<sup>13</sup>, 1999, p.184;198).

O agricultor, no contexto da sociedade industrial, nada mais é que:

uma peça minúscula numa imensa estrutura tecno-burocrático-financeiro-administrativa e legislativa, que começa nos campos de petróleo e refinarias, atravessa a indústria química, indústria de máquinas, bancos, manipulação industrial de alimentos até os supermercados e centros comerciais, universidades, pesquisa, extensão agrícola e uma gigantesca movimentação de transportes, social e ecologicamente absurda, mais uma desenfreada indústria de embalagens (LUTZEMBERGER, 2002, p.5-6).

Em sua luta pela preservação e conservação do meio ambiente, o agrônomo José A. Lutzemberger desvenda o processo que, ao longo das últimas quatro décadas, culminou com a modernização da agricultura e drenou a apropriação da maior parte da renda gerada nos campos para os segmentos a montante e a jusante do processo produtivo propriamente dito, "deixando ao agricultor os riscos de más colheitas por questões climáticas e o risco de perdas financeiras pelo aumento constante dos custos dos insumos e baixa constante nos preços que consegue cobrar pelos seus produtos" (LUTZEMBERGER, 2002, p.6).

Denuncia ainda que na aparente escalada da produtividade e da produção agrícolas não está sendo contabilizada a perda de sustentabilidade, representada pela marginalização de milhões de camponeses, pela devastação de ecossistemas, perda de diversidade e desperdício maciço de recursos minerais não-renováveis, Lutzemberger (2002).

Alerta também que "não é apenas com retoques no sistema existente que se garantirá o bem estar das futuras gerações", e acena com a possibilidade de que um novo paradigma possa fazer com que a vida no campo seja "muito mais sadia e confortável que a vida nas modernas megalópoles" (LUTZEMBERGER, 2002, p.7).

A modernidade encerrou o ser humano num tipo de razão analítico-instrumental, onde o sistema de mercado engendrou um novo sentido para a vida. Essa racionalidade analítica resultou num "corte dos outros acessos legítimos ao real orientados pelo *pathos*, a simpatia, o *eros*, a comunhão fraterna e a ternura". No contexto desse novo *ethos* - um novo estilo de vida - "o saber possui uma intencionalidade definida: o poder". A busca do lucro e do desempenho "organiza sua *démarche* de dominação mediante a projeção de modelos e paradigmas da realidade que lhe garantem a eficácia operatória" alimentando um pragmatismo

---

<sup>13</sup> Domenico De Masi (1938 - ) natural de Rotello (Itália) é professor titular de Sociologia do Trabalho na Universidade de Roma. Consultor de diversas empresas publicou, dentre outros, os seguintes livros: *A emoção e a regra*; *O futuro do trabalho*; *O ócio criativo*; *A economia do ócio*; *A sociedade pós-industrial*.

profundamente redutor na medida em que "esquematiza e artificializa a realidade e oculta as dimensões decisivas para a realização do sentido humano da vida" (BOFF, 2000a, p.20-21). Esse paradigma da modernidade provocou uma anomia e uma alienação características da sociedade de massa, resultando em manifestações fenomenológicas tais como:

O *vazio* que emana do sentimento de impotência de que pouco podemos mudar na própria vida e na sociedade [...]. A *solidão* que exprime a perda de contato com a natureza e com os outros em termos de amizade e ternura{...}. O *medo* que é fruto das ameaças objetivas à vida, ao trabalho, à sobrevivência coletiva do gênero humano. A *ansiedade* que se origina do medo imaginado, da ignorância acerca do que fazer, em que crer e no que esperar [...]. A *agressividade sem objetivos* que revela a ruptura com as normas da contenção, sem as quais uma sociedade não se constrói nem se defende. Disto tudo se derivam duas conseqüências não menos graves: o esvaziamento e a redução da linguagem da comunicação quotidiana, do relacionamento pessoal significativo e a perda da revelação vital com a natureza (BOFF, 2000a, p.19-20).

Num contraponto aos defensores do mercado, como agência central do ordenamento da vida humana, alguns autores sugerem que movimentos comunitários participem, de forma efetiva, do processo de gerenciamento dos recursos e da criação de riquezas, a partir de um processo de aprendizagem em bases substantivas e perduráveis, Ramos (1981a); Whitehead (1993); Vieira (1998); Salm (1993; 2002).

Ao analisar o potencial de desenvolvimento local , num contexto de um sistema globaltransnacionalizado, Vieira<sup>14</sup> (1998) ressalta que formas alternativas de aprendizagem social definem e viabilizam a qualidade daquilo que é produzido no âmbito territorial, valorizando os produtos em si e os processos de produção.

Essas questões, de natureza complexa, trazem embutida uma relação de interdependência nem sempre visível. O Relatório Brundtland sobre desenvolvimento sustentável já sublinhava, nos anos 80, a visão complexa da sociedade global com sua interligação entre economia, tecnologia, sociedade, política e postura ética, reforçando a abordagem interdisciplinar:

Como articular um modelo analítico coerente com fenômenos tão díspares como, por exemplo, indícios de rarefação de recursos naturais essenciais à dinâmica das economias modernas, explosão demográfica em países em desenvolvimento, hiperurbanização, perda mais ou menos irreversível de biodiversidade, alienação consumista, alterações climáticas globais, desertificação crescente em áreas agricultáveis, e crise civilizatória expressa na continuidade das atuais assimetrias nas relações Norte-Sul? As dificuldades encontradas no

---

<sup>14</sup> Paulo Freire Vieira é doutor em Ciência Política pela Universidade de Munique (Alemanha), professor titular da UFSC (Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política) e pesquisador do CNPq. Coordena o Núcleo Interdisciplinar de Meio Ambiente & Desenvolvimento da UFSC e preside a Associação Brasileira de Ensino em Ecologia e Desenvolvimento (APED). Desde 1987 tem realizado sucessivos estágios de pós-doutorado na França e organizado antologias sobre ciências sociais e meio ambiente.

enquadramento conceitual e teórico desses fenômenos correspondem talvez às limitações de uma organização ainda muito compartimentada do conhecimento científico, exprimindo a tão propalada crise do paradigma analítico-reducionista (VIEIRA, 2001, p.293).

A supervalorização das instituições econômicas e da racionalidade econômica; o nacionalismo associado ao conceito de 'segurança nacional'; o governo de minorias; e a visão materialista da realidade, são questões fundamentais que sufocam a construção de um novo paradigma capaz de superar os principais impasses gerados pela civilização industrial.

Na visão de Harman e Hormann<sup>15</sup>:

A predominância da visão de mundo materialista e o conseqüente debilitamento de valores e significados levaram àquilo que talvez seja o maior dos problemas de nível profundo: a *alienação*. Estamos alienados da natureza, da qual fazemos parte e dependemos totalmente. Em conseqüência disso, sujamos o nosso próprio ninho e ameaçamos os sistemas que alimentam a vida na Terra, necessários à nossa prosperidade e, em última análise, à nossa sobrevivência. Estamos alienados de nosso trabalho, pois ele, em muitos casos, tornou-se vazio de sentido. Estamos alienados uns dos outros, já que o senso de dedicação comum a objetivos transcendentais se enfraqueceu tanto. E, porque inteiramente confusos quanto ao nosso próprio ser, estamos alienados de nós mesmos (HARMAN; HORMANN, 1983, p.8).

Numa outra abordagem, Jaguaribe (1993) considera que a humanidade está sendo desafiada por graves problemas ainda não resolvidos - como a injusta distribuição de riqueza e de poder, responsável pelo cruel e avassalador quadro de miséria, injustiças e violência - além de problemas insolúveis como a inevitável morte e as múltiplas formas de sofrimento físico e moral.

Essas são algumas das externalidades da civilização industrial que, no entendimento de Thurow (1997, 2001); Drucker (2001), Handy (1999) e De Masi (1999a, 1999b, 1999c, 2000) refletem o processo de transformação rumo a uma sociedade pós-industrial ou a uma sociedade do conhecimento. Uma nova civilização que implica numa completa e radical transformação mental capaz de "introjetar um modo novo de considerar as categorias de tempo, espaço, lucro, concorrência, solidariedade, ecossistema, qualidade de trabalho e de vida" (DE MASI, 1999c, p. 327).

Uma civilização cujas "respostas à maior parte das perguntas ainda estão ocultas no interior do futuro", mas que já configurou o conhecimento como seu principal recurso e que

---

<sup>15</sup> Willis Harman é presidente do Instituto de Ciências Noéticas, fundado em 1973, em Sausalito, na Califórnia. Graduado em engenharia elétrica pela Universidade de Washington (1939) e PhD na mesma área pela Universidade de Stanford (1948) dedicou os primeiros 20 anos de sua vida profissional ao ensino da engenharia nas Universidades da Flórida e de Stanford. Como conferencista da Fundação Fulbright ministrou teoria da comunicação na Universidade Técnica Real de Copenhague. Desde os anos 70 vem atuando como pesquisador e consultor nas áreas das ciências sociais e políticas. John Hormann, trabalhou por mais de 25 anos na IBM, ocupando postos de direção em vários países.

resultará num mundo "diferente daquilo que qualquer um imagina hoje" onde, por exemplo, "já deixamos os quatrocentos anos de soberania do Estado-nação para um pluralismo em que ele não será mais a única unidade de integração política", (DRUCKER, 1999, p.XIII). Mas, sobretudo, uma civilização que leve em conta a *multidimensionalidade* do ser humano e que seu processo de transformação seja capaz de resgatar o homem moderno da condição de uma fluida criatura calculista que se comporta, essencialmente, de acordo com regras objetivas de conveniência, na esteira do cálculo utilitário de conseqüências. Um processo que saiba integrar o "espírito de mudança" ao "espírito de conservação", assim explicitado nas palavras de Whitehead<sup>16</sup>:

Há dois princípios inerentes à própria natureza das coisas [...] seja qual for o campo que exploramos: o *espírito de mudança* e o *espírito de conservação*. Nada pode ser real sem ambos. A mera mudança sem conservação é uma passagem do nada para o nada. A mera conservação sem mudança não pode conservar. Porque, afinal de contas, há um fluxo de circunstância e a frescura de ser se evapora sob a mera repetição. O caráter da realidade existente é composto de organismos perdurando através do fluxo das coisas (WHITEHEAD, apud RAMOS, 1981a, p.55).

A vinculação do conhecimento a uma abordagem histórica, filosófica, teológica e sociológica estará presente no arcabouço conceitual desta dissertação visualizando a construção de uma *vida rural sustentável*.

Uma sustentabilidade que leve em conta o meio ambiente, a questão energética, os limites, a escala, a ética, e a qualidade de vida aferida não pelo consumo material e pelos índices convencionais, mas pela saúde, longevidade, maturidade psicológica, educação, espírito de comunidade, lazer gozado de modo inteligente e outros valores substantivos, Cavalcanti, (2001); Viola (1996). Esses conceitos implicam, portanto, na rejeição do PIB (em sua forma convencional) como uma medida de bem-estar ou um indicador da qualidade de vida. A sustentabilidade requer uma mudança na contabilidade nacional de tal forma que

---

<sup>16</sup> Alfred North Whitehead (1861-1947) matemático e filósofo inglês (nascido em Ramsgate) lecionou durante 52 anos nas Universidades de Cambridge (1885-1910) - onde foi professor de Bertrand Russell - Londres (1910-1924) e Harvard (1924-1937). Desde seus primeiros trabalhos com matemática, "sempre se sentiu tocado pelos problemas de moral e educação". Suas principais obras são: *Principia Mathematica* (escrito entre 1911 e 1914 em parceria com Bertrand Russell), *Teoria Relacionista do Espaço* (1914), *Principles of Natural Knowledge* (1919), *The Concept of Nature* (1920), *The Principles of Relativity* (1922), *Science and the Modern World* (1925), *Process and Reality* (1929), *The Aims of Education and Other Essays* (1929), *Adventures of Ideas* (1933), *Modes of Thought* (1938), dentre outras (IRVINE, 2001, p.1-6). Whitehead se empenhou, no estágio final de sua obra, "em elaborar uma teologia natural na qual o problema mais espinhoso continuou sendo o da compatibilidade entre a noção de Deus e a de devir". Para ele, "a religião envolve-se entre permanência e mudança, e pode ser percebida na ordem que encontramos na natureza, algo que ele chama de *natureza primordial de Deus*" De acordo com Whitehead, "a natureza é a estrutura envolvendo processos. A realidade é o processo" (ROSSI, 2001, p.1005-1008).

"não compute o consumo de capital como renda e que internalize a depleção e degradação de recursos como elemento-chave da formulação de políticas voltadas ao desenvolvimento sustentável" (VAN DAM, apud CAVALCANTI, 2001, p.29).

A análise multidimensional é reforçada por Habermas<sup>17</sup> (2000), para quem:

A filosofia das ciências sociais é uma 'Teoria Crítica da Sociedade' que só esclarece essa sociedade a partir daquilo que ela ainda não é. Há aí um enraizamento histórico na tradição e um projeto crítico de antecipação que remetem um ao outro e constituem necessidades quase transcendentais, co-extensivas a todo conhecimento (HABERMAS, apud DUPOUEY, 2001, p.457).

Essas e outras questões serão analisadas ao longo dessa dissertação, numa perspectiva do "virtuoso triângulo", na expressão de Veiga (2000), formado pela exploração das riquezas naturais, agroindustrialização e desenvolvimento territorial. Pretende-se também apontar as externalidades das relações políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais do *paradigma de mercado* na dimensão existencial dos agricultores e de seu território, levando em conta as *dimensões transcendente e imanente*.

Na busca da superação do unidimensionalismo, analisa-se e propõe-se idéias, conceitos e políticas na direção do homem multidimensional para superar um "achatamento imanentista que gerou, no registro religioso, uma religião de burocratas, e no político, um culto do existente", bem como uma "embriagues transcendentalista que produziu, no plano religioso os neo-fundamentalismos mais obscenos e, no plano político, um revolucionarismo messiânico que ameaça destruir todas as conquistas da civilização" (ROUANET<sup>18</sup>, 1993, p.192).

<sup>17</sup> Jürgen Habermas (1929 - ) nasceu em Düsseldorf (Alemanha) e cresceu na pequena vila de Gummersbach, a 50 km de Colônia. De 1949 a 1954 estudou filosofia nas Universidades de Bonn e Zurique. Além da filosofia aprofundou-se em história, psicologia, literatura alemã, economia, e exerceu o jornalismo escrevendo sobre literatura e teatro. De 1956 a 1959 foi assistente de Theodor W. Adorno (1903-1969) no Institut für Sozialforschung (núcleo institucional da *Escola de Frankfurt*). Sua tese de qualificação em ciências políticas (1961), abordou a *Mudança estrutural da esfera pública*. Professor na Universidade de Heidelberg foi nomeado (1964) professor de filosofia e sociologia na Universidade de Frankfurt. Sempre contra "a corrente da balcanização institucional crescente das especialidades universitárias", dedica sua vida acadêmica, num contexto de interdisciplinaridade (DUPOUEY, 2001, p.459-460). Entende Habermas que "mesmo um interesse ostensivamente técnico ou estratégico não pode ser visto isoladamente de um interesse em um conjunto eticamente informado de *princípios universais*" (HABERMAS, apud LECHTE, 2002, p.211). Seus principais livros são: *Teoria e Prática*; *A Técnica e a ciência como ideologia*; *Conhecimento e interesse*; *Moral e comunicação*; *Teoria dos meios de comunicação*; *A ética da discussão*; *Razão e legitimidade*.

<sup>18</sup> Sérgio Paulo Rouanet, graduado em direito pela PUC /RJ (1955), pós-graduado em economia e política pela George Washington University (1961); e Filosofia, pela New York School for Social Research (1965). Doutor em Ciências Políticas pela USP (1980). Foi embaixador do Brasil em Estocolmo e Praga e cônsul geral em Berlim. Exerceu as funções de Secretário Nacional da Cultura (1991-1992). Autor de vários livros como: *O homem e o discursos: arqueologia de Michel Foucault* (1971); *Imaginário e dominação* (1978); *Édipo e o anjo: itinerários freudianos em Walter Benjamin* (1983); *Teoria crítica e psicanálise* (1983); *A razão cativa* (1985); *As razões do iluminismo* (1987); *Mal-estar na modernidade* (1993); *A razão nômade* (1994); *Moderno e pós-moderno* (1993). É articulista no *Jornal do Brasil* e na *Folha de São Paulo*.

## 1.2 Categorias

Em seus estudos sobre a lógica, Aristóteles, inspirado em parte nas idéias de Platão, apresentou sua doutrina sobre categorias, avaliando a estrutura da linguagem. Para Aristóteles "os significados das palavras são objetos de conhecimento", considerando, portanto, que "as categorias são o que as palavras significam por si" (ARISTÓTELES apud RUSSELL, 2001, p. 119). Ao transpor para a lingüística moderna isto significa que as **categorias** implicam na explicitação de seus respectivos conceitos.

Com a finalidade de clarificar *conceitos fundamentais* na estrutura da linguagem desta dissertação será apresentado a seguir o entendimento sobre as principais categorias que permeiam as idéias e os argumentos aqui contidos, constituindo o fio condutor desse estudo.

São categorias derivadas de bases epistemológicas que moldaram a civilização contemporânea, abrangendo dimensões de natureza política, social, cultural, ambiental e tecnológica.

**Agroecologia e agroecossistema** - É a ciência da aplicação de conceitos e princípios ecológicos ao desenho e manejo de agroecossistemas sustentáveis. Um agroecossistema corresponde a um sistema agrícola concebido e funcionando a partir de relações complementares entre organismos vivos e seu ambiente, num determinado território, Gliessman (2001).

**Bem primaciais e demonstrativos** - Bens primaciais são aqueles que atendem às demandas básicas dos seres humanos tais como "as limitadas necessidades biofísicas de alimento, abrigo, vestuário, transporte e de serviços elementares que ajudam o indivíduo a se manter como um organismo sadio e um membro ativo da sociedade". Já os bens demonstrativos pertencem à esfera da sociedade de consumo, atendendo aos "desejos que têm os indivíduos de exprimir seu nível pessoal, relativamente à estrutura de *status*, sendo seus desejos concebidos em termos sociais e ilimitados" (RAMOS, 1981a, p.103).

**Delimitação dos sistemas sociais** - Trata-se de uma teoria articulada por Ramos (1981a). Representa uma alternativa ao atual modelo unidimensional de concepção e análise de sistemas sociais que hoje predomina nos campos da administração, da política, da economia e da ciência social, onde o *mercado* determina as relações pessoais e sociais, bem

---

como o que deve ser considerado como recurso e como produção. A delimitação dos sistemas sociais concebe um modelo multidimensional para análise e formulação de políticas, no qual o mercado é considerado apenas um dos enclaves da vida humana, limitado e regulado pelo paradigma paraeconômico. Esse modelo multidimensional visualiza, portanto, a sociedade constituída por uma série de enclaves - onde o mercado é apenas um - e um sistema de governo capaz de formular e implementar políticas capazes de promover, de forma adequada, as transações entre tais enclaves. Para tanto, a delimitação dos sistemas sociais concebe três pressupostos alternativos. O primeiro entende que a qualidade de vida requer um ambiente social alicerçado na diversidade e não na uniformidade de contextos sociais. O segundo considera que há muitos tipos de motivação envolvendo a condição humana. E o terceiro pressupõe que o bem-estar do indivíduo e da sociedade não é derivado do mercado (e da empresa produtiva correlata) mas sim do fortalecimento de espaços existenciais como as isonomias e fenomenias (categorias examinadas a seguir).

**Conhecimento e sabedoria** - Na concepção de Platão (1979, 2001, 2002) o conhecimento compreende quatro graus de percepção da realidade: dois graus relativos ao conhecimento sensitivo; e dois graus inerentes ao conhecimento intelectual. O conhecimento sensitivo compreende, dois estratos: a *eikasia*, ou apreensão das imagens da realidade; e a *pistis*, ou apreensão das coisas sensíveis através dos sentidos. Já o conhecimento intelectual baseia-se na *diánoia*, ou captação das entidades matemáticas mediante um processo de raciocínio; e na *nóesis*, ou captação direta ou intuitiva da idéia pura. Platão também esclarece que os sentidos formam uma opinião (*doxa*) sobre seu objeto, enquanto que o intelecto produz um verdadeiro conhecimento universal (*episteme*). Aquino (2000), desenvolvendo a teoria aristotélica do conhecimento, incorporou a perspectiva de que o conhecimento humano parte sempre dos sentidos, que revelam objetos concretos e singulares mas, somente através da abstração, "intelecto agente", é que se torna capaz de forjar conceitos universais. Há filósofos que distinguem *sabedoria* do saber. "Sabedoria não é acumulação de conhecimento e experiência; a *sabedoria* não se adquire em livros [...] a *sabedoria* não pode ser substituída pela erudição", (KRISHNAMURTI, apud CLARET, 2002, p.56-57). O velho sábio Lao-Tsé ao entender, no século VI a.C., que "o conhecimento é uma doença que dá uma falsa ilusão de segurança" preconizava que "o sábio está livre da doença mental do homem comum pois compreende sua ignorância e a lamenta" (LAO-TSÉ, 1998, p.134).

**Emprego** - Representa o "trabalho realizado por uma pessoa, para outras pessoas ou para uma organização, num posto ou numa função, mediante pagamento de salário e com vínculo empregatício" (MENEGASSO, 2001, p.4).

**Empregabilidade** - Trata-se do "conjunto de capacidades e competências que tornam a pessoa capaz de gerir o seu destino, inclusive provendo meios para sua subsistência, estando ou não empregado" (MENEGASSO, 2001, p.4).

**Encostas da Serra Geral** - Território correspondente aos 32 municípios localizados nos contrafortes da Serra Geral, separando o planalto catarinense das áreas litorâneas. Os dois municípios pesquisados inserem-se neste território (figuras 4 e 5).

**Fenonomia** - Compreende um dos espaços existenciais pertinentes ao paradigma paraeconômico articulado por Ramos (1981a) onde uma pessoa (ou um pequeno grupo) obtém um máximo de opção pessoal dentro de um mínimo de regras e normas funcionais. Uma fenonomia privilegia a criatividade e as ocupações automotivadas. Tanto o indivíduo, como o pequeno grupo, tem consciência das questões que envolvem o seu mundo, em seu tempo, mas desafiam o modo de vida ditado pelo sistema de mercado. Como consequência, as relações e os critérios econômicos numa fenonomia são meramente incidentais.

**Isonomia** - Trata-se também de um dos espaços existenciais contidos no paradigma paraeconômico. Segundo Ramos (1981a) a isonomia consiste numa uma associação de iguais, capaz de permitir a autorealização de seus membros (por amor a uma boa vida, na concepção aristotélica), de forma autograticante, sem dicotomização entre *nós* e *eles*; onde a autoridade passa, continuamente, de pessoa para pessoa. A isonomia deve assegurar relações interpessoais entre seus membros.

**Multidimensionalidade e unidimensionalidade** - Na perspectiva da Teoria da Delimitação dos Sistemas Sociais o ser humano é único e multidimensional (Figura 1). Seus espaços existenciais, suas categorias temporais, e suas necessidades dependem das dimensões política, social e biológica inerentes à constituição do ser humano, [...] o que lhe confere uma característica de multidimensionalidade (SALM, 1993, p.27). Com a sociedade centrada no mercado ocorreu um processo de unidimensionalização, que "é um tipo específico de socialização, através do qual o indivíduo internaliza profundamente o caráter - o *ethos* - do



mercado, e age como se tal caráter fosse o supremo padrão normativo de todo o espectro de suas relações interpessoais" (RAMOS, 1981a, p.142).

**Mundo Transcendente e Mundo Imanente** - Ao elaborar sua teoria das idéias, Sócrates (interpretado por Platão) esboça a metáfora da caverna (detalhada à página 69). Nessa parábola, no *mundo imanente* vê-se apenas as aparências (sombras) das coisas. Somente à luz da razão e da verdade - *mundo transcendente* - será possível compreender uma "ordem de existência diferente da dos objetos sensíveis", (RUSSELL, 2001, p.82). Aristóteles, discípulo de Platão, também acreditava que o processo de cognição derivava de uma dimensão transcendente que ultrapassava a dimensão empírica e da experiência sensorial. O *nous*<sup>19</sup> (dimensão relativa ao espírito, imortal e transcendental) é, na perspectiva de Aristóteles, o que distingue o homem dos outros animais e, ao concordar com seu mestre Platão, "definia o intelecto humano como divino, apesar da nova atenção conferida à percepção dos sentidos (TARNAS, 2000, p.77). O conceito de *imanência* compreende tudo aquilo que, "fazendo parte da substância de uma coisa, não subsiste fora dessa coisa" (ABBAGNANO, 2000, p. 540). Já a *transcendência* corresponde ao "estado ou condição do princípio divino, do ser além de tudo, de toda experiência humana (enquanto experiência de coisas) ou do próprio ser" (ABBAGNANO, 2000, p. 970). Fora da teologia o conceito de transcendência implica no que "está além da possibilidade de existência" (JASPERS, apud ABBAGNANO, 2000, p. 970). Santo Agostinho (2002) conceitua transcendência como aquilo que faz de sorte a que um ser, permanecendo o que é, saia de si mesmo. Imanência e transcendência são dimensões de uma única realidade: os seres humanos. A primeira na condição de seres de enraizamento e a segunda (ocorrendo de forma simultânea) como seres de abertura, capazes de "romper barreiras, superar interditos, de ir para além de todos os limites" (BOFF, 2000, p.28).

**Paradigma** - O paradigma dominante em uma sociedade, num determinado contexto histórico, compreende uma visão particular da realidade e "suas formas básicas de perceber, pensar, avaliar e agir" sobre a mesma. Vale destacar o papel da consciência nesse processo onde "a forma pela qual percebemos a realidade é fortemente influenciada por crenças adquiridas inconscientemente" (HARMAN, 1989, p.28;35).

---

<sup>19</sup> O *nous* refere-se à dimensão intrínseca da natureza do ser humano que possibilita a "apreensão do mundo dos conceitos, do mundo platônico das idéias." (REZENDE, 1983, p. 94).

**Figura 1 - Principais características que compõem o ser humano**

Ser Humano	Dimensão	Constituição	Espaços de existência	Categoria de tempo	Modelos de homem	Motivação
ÚNICO & MULTIDIMENSIONAL	Política	Razão	Fenonomia	Salto	Parentético	Auto-realização
	Social	Convivialidade Comportamento	Isonomia	Convivial	Reativo	Reconhecimento
	Biológica	Física	Economia (Mercado e Burocracia)	Cronológico	Operacional	Dinheiro

**Alienado**

**Anomia**

**Errante**

**Horda**

**Espaços sócio-aproximador e afastador, alienado**

Fonte: Elaborado por SALM, J. F; MENEGASSO, M. E. - a partir da **Teoria da Delimitação dos Sistemas Sociais** (RAMOS, 1981)

**Pluriatividade** - Um conjunto de atividades e ocupações agrícolas e não agrícolas que, num processo de simbiose potencializam a geração de renda e a qualidade de vida na agricultura do tipo familiar, Veiga (2002).

**Paradigma paraeconômico** - Referencial heurístico elaborado por Ramos, (1981a) em sua Teoria da Delimitação dos Sistemas Sociais, constituindo-se numa alternativa para a sociedade centrada no mercado. Na *paraeconomia* - que advoga uma sociedade multicêntrica - as *isonomias* e as *fenonomias* (categorias já explicitadas) devem ser os principais enclaves de um sistema alternativo de alocação de recursos. Ou seja, os critérios político-alocativos devem contemplar, não apenas as economias, mas o conjunto dos espaços existenciais da vida humana, na perspectiva de apoiar as mudanças que privilegiem modelos conviviais e assemelhados.

**Política.** Para Russell (2001) e Bobbio (2000), a *polis* grega deu origem ao conceito de política, em seu significado clássico. Naquele contexto, Platão (1979) definia política como a arte de construir uma sociedade sobre a justiça e o bem, onde a filosofia tornava-se imprescindível. No entendimento de Aristóteles, "o objetivo central da política abarca os objetivos das outras artes e ciências; e tal objetivo procura, acima de tudo, o Bem do homem" (ARISTÓTELES, 1980, p.355). Nessa perspectiva, esse Bem supremo era definido como a felicidade, considerando que "o bem viver e o bem agir equivalem a ser feliz" (ARISTÓTELES, 2001a, p.19). O filósofo grego considerava também que "ética e política estão intimamente conectadas" (ARISTÓTELES, 1980, p.356). Na era moderna o conceito de política "perdeu o seu significado original, tendo sido paulatinamente substituído por outras expressões tais como 'ciência do Estado', 'doutrina do Estado', 'ciência política', 'filosofia política', dentre outras" (BOBBIO, 2000, p.160). Na interpretação de Ramos "a ciência política 'disciplinarizada' pode ser tudo, menos ciência", resultando numa "deformação epistemológica" ao prescrever "o falseamento da ciência política como uma disciplina entre outras, isto é, sua transformação em mercadoria" (RAMOS, 1981c, p.3). O conceito de *política* está diretamente vinculado ao conceito de *poder*.

**Poder** - Definido como "os meios e instrumentos para se adquirir alguma vantagem" (HOBBES, 2001, p.70), o poder sofreu uma transfiguração de seu sentido clássico para uma modalidade de poder político onde "o bom senso não se engana ao ver no poder administrativo-econômico um produto para uso de alguns, cujo monopólio cedo trataram de

assegurar-se" (MAFFESOLI, 1997, p.65). Aristóteles distinguia três formas de poder: paterno, despótico e político. No mundo contemporâneo Bobbio (2000) considera a existência de três tipos de poder: o econômico, o ideológico e o político. Ramos (1981a) e Rezende (1983) entendem que o poder econômico, inerente ao sistema de mercado, instituiu, desde o tempo de Thomas Hobbes, a prevalência do econômico sobre as outras dimensões constitutivas do ser humano, implicando numa visão deformada de mundo.

**Produção** - Na concepção de Ramos (1981a) a produção abrange, simultaneamente, uma dimensão técnica e uma dimensão moral. Sua interface técnica corresponde ao suprimento dos bens necessários para a vida humana. Mas, a produção de bens e serviços "deve ser gerida eticamente porque, como consumidor ilimitado, o homem não torna resistente, mas exaure seu próprio ser". Mais, ainda, a produção é uma questão moral, "em razão de seu impacto sobre a natureza como um todo. Na realidade, a natureza [...] é um sistema vivo, que só pode perdurar na medida em que não se violem os freios biofísicos impostos a seus processos de recuperação" (RAMOS, 1981a, p.199).

**Recursos** - A produção de bens e serviços deve privilegiar os recursos renováveis (os que podem ser reproduzidos dentro de ciclos naturais relativamente curtos) e restringir ao mínimo uso razoável dos não renováveis (cuja reprodução demanda longos ciclos ecológicos). Os recursos não renováveis não podem ser mais utilizados e alocados segundo "a lei clássica da oferta e da procura, considerada uma ilustração da regra utilitário-hedonista do *après moi le déluge*" onde seus preços de mercado, portanto, não são senão fictícios" (RAMOS, 1981a, p.190).

**Razão e Racionalidade** - O pensamento clássico conceitua *razão* "como força ativa na psique humana que habilita o indivíduo a distinguir entre o bem e o mal, entre o conhecimento falso e o verdadeiro e, assim, ordenar sua vida pessoal e social", (RAMOS, 1981a, p.2-3). Weber (1979) distinguiu a *racionalidade* em dois tipos: a racionalidade instrumental (ou funcional) vinculada ao exercício do *logos*<sup>20</sup>, onde existe uma expectativa de resultados; e a racionalidade substantiva que, no domínio do *nous*, independe de qualquer ação humana na obtenção de um resultado, Ramos (1981a) e Rezende (1983).

---

<sup>20</sup> O *logos* é a outra dimensão da racionalidade humana "voltada ao atendimento de sua biologicidade e aos imperativos da subsistência e da gregariedade intrínseca à nossa condição humana" (REZENDE, 1983, p. 95).

**Sociedade de Mercado** - Ao representar um episódio histórico peculiar, a sociedade de mercado está inserida no contexto da modernidade. Nesse contexto o mercado vale-se da razão instrumental para promover a exploração dos recursos da natureza e "para a maximização da inventiva e das capacidades humanas de produção" (RAMOS, 1981a, p.52). Apesar da sociedade de mercado ter por objetivo "transformar a produção numa atividade científica e de prover a sociedade de capacidade de processamento de alta taxa de produtividade, simultaneamente liberando os homens do labor", ela transformou a sociedade no "próprio mercado amplificado" onde "os valores humanos tornam-se valores econômicos" e a *política cognitiva* assumiu o papel de "moeda corrente psicológica" (RAMOS, 1981a, p.52;90) típica da sociedade do tipo industrial que ainda prevalece no mundo contemporâneo, levando à unidimensionalização do ser humano, Marcuse (1982).

**Sustentabilidade** - Uma sociedade sustentável "é aquela que satisfaz suas necessidades sem diminuir as perspectivas das gerações futuras" (BROWN, apud CAPRA, 1999, p.24). O conceito de necessidades abrange, além do suprimento de bens primaciais (cujo conceito já foi apresentado), aspirações e oportunidades, dentro de uma visão de mundo capaz de assegurar o exercício pleno da cidadania (trabalho, habitação, saúde, educação, segurança, cultura e lazer) das gerações atuais e futuras. O conceito de sustentabilidade implica, portanto, na existência de um ambiente saudável e produtivo, na manutenção da biodiversidade e da heterogeneidade cultural, bem como no pluralismo político. Diz respeito também a princípios éticos, a elevação da qualidade da vida na Terra, a inclusão social, a erradicação da pobreza e a conquista de valores como liberdade, oportunidade, renda e autoestima, Capra (1999, 2002); Castor (2000); Cavalcanti (2001a); Krause (2001); Machado (1998); Pinheiro et al. (1997a, 1997b, 1999, 2000).

**Tecnologia Apropriada** - Sintonizado com sua proposta alternativa de formulação de políticas e decisões alocativas, Castor (1980) conceitua tecnologia apropriada como um conjunto de instrumentos, utensílios, meios e objetos através dos quais o ser humano interfere na natureza em busca da satisfação de suas necessidades e objetivos. Mesmo entendendo que nenhuma tecnologia é apropriada em sentido absoluto, Castor (1980) estabeleceu sete critérios para caracterizá-la do ponto de vista multidimensional: a) eficiência econômica; b) impactos sobre as escalas de funcionamento ou produção do sistema social; c) grau de simplicidade; d) densidade de capital e trabalho requeridos; e) nível de agressividade ambiental; f) demanda de

recursos finitos; g) grau de autoctonia e auto-sustentação permitidos pela tecnologia em exame.

**Território** - Dentro de um determinado contexto histórico, o território, na conceituação de Santos (2001), é usado como sinônimo de espaço geográfico, sendo afetado por sistemas técnicos (divisão territorial do trabalho, recursos naturais, ciência e tecnologia) pela infra-estrutura (sistemas de engenharia), bem como pelo dinamismo da economia e da sociedade (atores sociais).

**Trabalho e Ocupação** - Entende-se por trabalho "a prática de um esforço subordinada às necessidades objetivas inerentes ao processo de produção em si". Já a ocupação refere-se "à prática de esforços livremente produzidos pelo indivíduo em busca de sua autorealização" (RAMOS, 1981a, p.130). No arcabouço epistemológico do sistema de mercado, "o trabalho transformou-se na fonte de todos os valores" e o ser humano passou a ser considerado "apenas como um componente de uma força de trabalho. A transformação do indivíduo num trabalhador é um requisito do plano mecânico da produção" onde não há mais lugar para que o homem "se ocupe adequadamente, nem que se exprima livremente" (RAMOS, 1981a, p.132-133).

### 1.3 Discussão do tema e do problema

Nos países periféricos, as condições da vida rural devem ser consideradas em seus próprios termos e protegidas contra a indiscriminada e destrutiva penetração do mercado, se se tem em vista o aumento de suas potencialidades de autoconfiança.

Alberto Guerreiro Ramos  
( *A nova ciência das organizações*, 1981)

. A sociedade centrada no mercado, articulada a partir do século XVI, atingiu uma capacidade de produção jamais imaginada. A presente era da globalização caracteriza-se por grandes avanços tecnológicos, característicos da terceira revolução industrial. A biotecnologia, por exemplo, "está mudando as características da própria vida" (THUROW, 2001, p.22).

Para prover a humanidade de alimentos suficientes no futuro, "não é preciso ir ver o que está acontecendo nas plantações do Canadá ou nas florestas da África, mas o que estão preparando os cientistas nos laboratórios de Stanford ou do MIT" (DE MASI, 1999c, p.197).

O sistema de mercado assumiu, a partir da II Guerra Mundial, um papel cada vez mais central e modelador da mente e da vida dos cidadãos:

O objetivo final do sistema de mercado era o de transformar a produção numa atividade científica e de prover a sociedade de capacidade de processamento de alta taxa de produtividade, simultaneamente liberando os homens do labor. No processo de consecução desse objetivo, a sociedade de mercado tinha que usar o homem como um fator de produção despersonalizado. A deformação da pessoa humana, imposta por essa transição, tem sido o preço psicológico pago pela criação da logística de abundância de bens primordiais para todos. Essa é a grande transformação, a ser creditada ao sistema de mercado. Mais que qualquer outra coisa, um incidente histórico isolado prova que essa grande transformação foi conseguida (RAMOS, 1981a, p.106-107).

Ramos entendeu, portanto, que o episódio histórico da modernidade ensejou uma proposta de organização da vida humana fundamentada na prevalência da dimensão econômica sobre as dimensões política, social e cultural que, até então, sempre coexistiram de forma integrada. As dimensões política e cultural ordenando e viabilizando a vida humana tanto de caráter individual quanto associada; e as dimensões econômica e social atendendo aos imperativos da subsistência e da gregriedade intrínsecas à condição humana, Rezende (1983).

Idealizada a partir de critérios articulados por Maquiavel, Hobbes, Locke, Adam Smith, dentre outros pensadores, a modernidade provocou a hipertrofia do sistema de mercado, unidimensionalizando assim a vida humana, conforme Marcuse (1982).

A falência do episódio histórico da modernidade, já pressentida por Ramos, é clarificada por Rezende<sup>21</sup>:

O mercado passou, cancerosamente, a se apropriar dessa dimensão econômica como um todo [...] marginalizando sistemas de produção e sistemas alocativos que antes existiam e tinham sua razão de ser, tornando-se o sistema organizacional e alocativo por excelência. Nessa medida nós, os modernos, tínhamos instaurado uma forma de associação completamente *sui generis*, peculiar, porque predicada na unidimensionalização da nossa

<sup>21</sup> Ubiratan Simões Rezende (1948 - ) Bacharel em Direito pela UFRGS (1971), MSc e PhD em Administração Pública pela University of Southern California (1978), obteve também seu MSc em Teologia pela Pontificia Universitas Lateranensis, Roma (1992). Foi professor na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (RS) e na UFRGS; professor titular na UFSC; professor no La Roche College (Pittsburgh, EUA) e na Johns Hopkins University (Washington, EUA); superintendente da Fundação Itep; diretor da TV Barriga Verde; diretor de planejamento da Perdigão (SC); diretor do BNDES; Secretário-Executivo da OEA; Vice-presidente da Mastec (Miami-USA); Consultor estratégico da Church and Tower, Philip Morris e Austin Group (USA); Secretário de Administração do Governo de Santa Catarina (1999); diretor de marketing da Embratur e diretor do Sebrae-SC.

condição humana. Nós nos víamos como seres voltados à manutenção, à subsistência, a um fisiologismo básico, mecanicista, reativo, ao qual determinadas receitas 'cientificamente' legítimas poderiam oferecer o caminho da salvação, o caminho da realização. Ao final da história, num determinado momento da história, lá no fim da história, na sociedade afluente de Adam Smith ou na sociedade comunista de Karl Marx, nós teríamos a realização da espécie humana, da condição humana acabada (REZENDE, 1983, p.97).

Mesmo num mundo globalizado, existem enclaves que impõem limites ao mercado. É o caso do meio ambiente, do trabalho não remunerado no lar - *household economy*, correspondente a um terço do PIB dos Estados Unidos, Burns (1971) - ou na comunidade, onde "as coisas que não tem preço ou estão muito além do preço, como o cuidado com os filhos, ou não possuem valor algum, porque ninguém está disposto a pagar por elas" (HANDY<sup>22</sup>, 1999, p.14).

Num trabalho contra o darwinismo social, Sachs<sup>23</sup> lembra o economista indiano Amartya Sen (Nobel de Economia), ao afirmar que "o mercado é uma entre as instituições da sociedade e não *a instituição*" (SEN, apud SACHS, 2002b, p.B8). Brockway, (1995) denuncia a teia que sustenta a sociedade de mercado - constituída por interesses, maximização de utilidades e perversões (cobiça e avareza) - e observa que a economia não deveria abranger a totalidade da vida humana.

Os modos *ter* e *ser* da existência humana são analisados por Fromm<sup>24</sup>. Recorrendo à noção de superego de Freud (constituída pela soma introjetada das proibições e ordens paternas), o autor associa o ato de consumir como "uma forma de ter, e talvez a mais importante da atual sociedade industrial" (FROMM, 1979, p.45). Observa também que a exemplo da importância da *Cidade de Deus* para a sociedade medieval, da *Cidade Terrena do Progresso* para a sociedade moderna, é preciso formular uma nova síntese para a *Torre de*

---

<sup>22</sup> Charles Handy (1932 -) nasceu em Kildare, a 70 km de Dublin (Irlanda), onde ainda floresce uma exuberante criação de cavalos para corrida, Meagher (1998). Graduado em administração pelo MIT, em Boston (EUA), trabalhou na Royal Dutch Shell e na Anglo-American Corporation, nas áreas de marketing e economia. Foi professor da London Business School (1967-1994) e mantém, ainda hoje, um programa de rádio na BBC. Atualmente é diretor da St. George's House, um centro de estudos que "visa eliminar o abismo entre Deus e os negócios por meio da concentração na ética e nos valores sociais" (HELLER, 2001, P. 7). Autor de mais de 10 livros, destacando-se: *Como compreender as organizações* (1976); *Deuses da Administração* (1978); *A Era do Paradoxo* (1994); *A Era da Transformação* (1995) e *The Hungry Spirit*, lançado no Brasil em 1999 sob o título *Além do Capitalismo*.

<sup>23</sup> Ignacy Sachs, economista, com doutorado na Universidade de Nova Deli (Índia), leciona na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (Paris), responsável pelo Programa de Doutorado em Pesquisas Comparativas sobre o Desenvolvimento. Nessa instituição dirigiu também o Centro de Pesquisas sobre o Brasil Contemporâneo.

<sup>24</sup> Erich Fromm (1900-1980) nasceu em Frankfurt onde lecionou psicanálise até o advento do nazismo. Em 1934 radicou-se nos Estados Unidos lecionando psiquiatria na Universidade de Nova York, sendo considerado "um humanista integrado ao movimento do culturalismo americano, insurgindo-se contra todas as formas de totalitarismo e alienação social" (DEGANJE, 2001, p. 417.)



*Babel* que caracteriza a sociedade contemporânea. "Esta síntese é a *Cidade do Ser*" dentro do "conceito radical de Heráclito, Buda e Hegel de vida como um processo e não como uma substância" (FROMM, 1979, p. 44 e 195).

Ao criticar o modelo ocidental de industrialização e sua interface com a natureza, Guerreiro Ramos vale-se do conceito de *perduração*<sup>25</sup>, derivado da teoria de Whitehead, para sugerir um processo de planejamento de sistemas sociais sintonizado com a análise termodinâmica de Georgescu-Roegen.

Propõe princípios éticos para a produção de mercadorias visto que, "como consumidor ilimitado, o homem [...] exaure seu próprio ser.". Resgata também a dimensão moral do processo de produção em função do seu impacto sobre a natureza como um todo. Na realidade, enfatiza que, "a natureza não é um material inerte; é um sistema vivo, que só pode perdurar na medida em que não se violem os freios biofísicos impostos a seus processos de recuperação"(RAMOS, 1981a, p.199-200).

É preciso compreender que "a natureza não pode ser deixada sozinha sob o controle do mercado" (CAVALCANTI, 2001a, p.34).

Em termos físicos, econômicos e sociais, dois grandes abismos ameaçam a sustentabilidade do planeta: a *degradação do ambiente natural* e a *miséria* (CAPRA, 2002; SCHUMACHER, 1977; VEIGA, 2000; TEICH, 2002a).

O capitalismo em sua 'nova' dimensão globalizante põe em risco e destrói inúmeras comunidades locais pelo mundo inteiro; e, "no exercício de uma biotecnologia mal-pensada, violou o caráter sagrado da vida e procurou transformar a diversidade em monocultura, a ecologia em engenharia e a própria vida numa mercadoria" (CAPRA, 2002, p.217).

A mudança de clima em escala mundial provocada pelos sistemas industriais - efeito estufa - vem provocando o rápido descongelamento das geleiras e da capa de gelo do Mar Ártico e a derrocada dos recifes de coral, dentre outras externalidades.

---

<sup>25</sup> "A perduração é a retenção, através do tempo, de uma realização de valor. O que persiste é a identidade de padrão, autolegada. A perduração requer ambiente favorável. Toda ciência gira em torno da questão de organismos que perduram" (WHITEHEAD, 1967, p.194). O autor do *Small is beautiful*, alerta que "a religião da economia possui seu próprio código de ética, e o primeiro mandamento é comportar-se economicamente. [...] O conceito central da sabedoria é a permanência. Temos, portanto, que estudar a *economia da permanência*" (SCHUMACHER, 1973, p.27)

O físico Fritjof Capra denuncia que "nos anos recentes, recifes de coral do mundo inteiro, do Caribe à Grande Barreira da Austrália<sup>26</sup>, passando pelo Oceano Índico<sup>27</sup>, têm sofrido de um *stress* ambiental [...] parcialmente devido ao aumento de temperatura" (CAPRA, 2002, p.218-219). Relembra que, em 1998 biólogos marinhos estimavam que mais de um quarto dos recifes de coral do mundo inteiro estavam doentes ou moribundos e, dois anos depois relataram que metade dos grandes recifes de coral que rodeiam o arquipélago da Indonésia foram destruídos pelos efeitos da poluição marinha, do desmatamento e do aumento de temperatura.

Afirma ainda que, no mesmo ano de 1998, três devastadores cataclismas abateram-se sobre diferentes pontos do planeta: o furacão Mitch, "a mais mortífera tempestade atlântica ocorrida nos últimos 200 anos, ceifou 10.000 vidas e devastou grandes áreas da América Central"; a catastrófica enchente do Rio Yangtzé, na China, "que provocou mais de 4.000 mortes e a inundação de 25 milhões de hectares de terras cultivadas"; e, ainda no continente asiático, uma devastadora enchente em Bangladesh "matou 1.400 pessoas e deixou inundados dois terços do país por vários meses" (CAPRA, 2002, p.219-220).

Em agosto de 2002, os países da Europa central sofreram as piores inundações dos últimos séculos, provocadas por 10 dias de chuvas torrenciais que deixaram pelo menos 100 mortos, e algumas centenas de milhares de desabrigados caracterizando "a pior catástrofe climática de que se tem notícia nos últimos 500 anos" (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2002, p.14).

Ainda no continente asiático, o crescimento da atividade econômica a qualquer custo e a pobreza endêmica vem provocando fenômenos assustadores. O ritmo das monções (período de chuvas no sul asiático) foi alterado resultando numa redução de 10% da safra de arroz da Índia. Um coquetel de partículas de carbono, sulfatos e cinzas orgânicas resultante da

---

<sup>26</sup> Considerada a maior ilha do mundo, a Austrália, localizada no Pacífico Sul, tem uma área (7,68 milhões de km<sup>2</sup>) quase equivalente à parte continental dos Estados Unidos. Sua *Grande Barreira de Coral* - é o maior organismo vivo do planeta e o único que pode ser visto do espaço além da atmosfera - estende-se por mais de 2.000 km (ocupando uma área de 350 mil km<sup>2</sup>), a partir do Cabo York, na pitoresca costa nordeste do país. Considerada como o ambiente natural visualmente mais diversificado, a Grande Barreira abriga 2 mil espécies de peixes, 4 mil de moluscos e 350 de corais pétreos (os formadores dos recifes), além de servir como ponto de reprodução de milhares de tartarugas marinhas, Chadwick (2001); Wolf (1995); Goodwin (1996).

<sup>27</sup> Ai se localizam alguns dos mais belos, exuberantes e exclusivos paraísos tropicais tais como as Ilhas Maldivas, Seychelles, Madagascar e Maurício. As Maldivas, por exemplo, formam um arquipélago de 1.190 ilhas de coral, abrangendo uma área de 90.000 km<sup>2</sup>, cujas águas são mundialmente conhecidas por sua coloração azul-turquesa. Não existem montanhas nem rios nas Maldivas e, no caso do *efeito estufa*, com a conseqüente elevação do nível dos mares, poderá ser um dos primeiros paraísos a submergir nas águas do Oceano Índico, Marshall (1993).

atividade industrial, de usinas termelétricas e de gases emitidos pela crescente frota de veículos produziu a "mais densa e ampla concentração de poluentes já detectada" na face da Terra: uma nuvem de poluentes que se estende do Japão ao Afeganistão (sentido leste-oeste), e da China à Indonésia (sentido norte-sul). Comparada ao buraco de ozônio, essa nuvem tem um "tamanho equivalente a três Brasis", pairando sobre uma região que concentra um quarto da população mundial e que "já reduziu em até 14% a intensidade da luz solar na vastidão afetada" (BETING, 2002, p.B2). Dentre outros óbices causados por essa nuvem de venenos, registram-se anualmente, somente na Índia, a morte de 500 mil pessoas por conta de problemas respiratórios, Teich (2002a).

Todos esses desastres 'naturais' foram provocados por ações predatórias da espécie humana, tais como o *efeito estufa*<sup>28</sup>, pelo desmatamento indiscriminado, pela erosão do solo e conseqüente assoreamento de cursos d'água, "criando círculos viciosos de degradação e colapso dos ecossistemas e comunidades locais" (CAPRA, 2002, p.219-220).

A disponibilidade e a qualidade da *água potável* é uma outra questão que afeta significativamente a perspectiva de desenvolvimento sustentável. Branco, citado por Arana (1999) revela que apenas 2,3% da água existente no planeta Terra está disponível para o consumo humano: 95,5% do manancial disponível é de água salgada e dos 4,5% restantes, a metade se encontra nas calotas polares e geleiras. No entanto, em virtude da poluição provocada pela atividade humana, da fatia de 2,3%, a metade tornou-se imprestável para consumo. A escassez de água potável já atinge 40% da população mundial e, caso não sejam tomadas medidas urgentes, deverá afetar a metade dos 8 bilhões de habitantes do planeta previstos para os próximos 25 anos. A contaminação da água e a poluição do ar provocam, respectivamente, a morte de 2,2 milhões e 3 milhões de pessoas, a cada ano. Cerca de 70% da água utilizada pelo homem são destinados à agricultura, onde mais da metade "é perdida em sistemas de irrigação ineficientes". Cerca de 30% das maiores bacias hidrográficas perderam mais da metade de sua cobertura vegetal, reduzindo a qualidade da água e aumentando os riscos de enchente. Nos ecossistemas de água doce "pelo menos 20% das 10.000 espécies de organismos aquáticos já foram ou estão sob ameaça de extinção" (TEICH, 2002a, p.86).

---

<sup>28</sup> O *efeito estufa* resulta da emissão de dióxido de carbono para a atmosfera, como resultado da atividade industrial e de práticas agrícolas depletivas. Cientistas de 99 países reunidos em Xangai, na China, em 2001, concluíram que desde os primórdios da Revolução Industrial, há cerca de 250 anos, "a concentração atmosférica de carbono aumentou 31%, e mais da metade desse crescimento ocorreu de cinquenta anos para cá. Amostras retiradas das geleiras da Antártica revelam que as concentrações atuais de carbono são as mais altas dos últimos 420.000 anos e, provavelmente, dos últimos 20 milhões de anos". O *aquecimento global* é o seu efeito mais assustador, provocando "o derretimento de geleiras e o aumento de 10 centímetros no nível do mar em um século", (TEICH, 2002, p.84-85).

Apesar da produção e do consumo de *alimentos* apresentarem índices crescentes de crescimento nas três últimas décadas<sup>29</sup>, um estudo divulgado em julho de 2002 pelo Fundo Mundial para a Natureza (WWF) indica que "o homem ultrapassou em 20% os limites de exploração que o planeta pode suportar sem se degradar". O estudo revela que a média mundial de exploração agrícola é de 2,3 hectares por pessoa (contra 1,3 hectares na década de 1960) com a Europa e os Estados Unidos registrando 5 hectares e 9,6 hectares, respectivamente. O pressuposto é de que os limites de exploração não poderiam extrapolar 1,9 hectare por pessoa. "Qualquer avanço além dessa cota nos deixaria sujeitos a catástrofes meteorológicas, como enchentes e secas, e perda de qualidade de vida para as populações futuras", (TEICH, 2002b, p.83-84). Erosão, salinização e outras formas de degradação vem comprometendo imensas áreas cultiváveis existentes no Planeta Terra, onde a produção de alimentos e matérias primas provém de uma camada superficial de 15 a 20 centímetros. "Os solos degradados já reduziram a produção agrícola global em 13% desde a Segunda Guerra Mundial" (NATIONAL Geographic, 2002a).

As fronteiras agrícolas da Europa e do sul e leste da Ásia Ocidental estão esgotadas. Uma possível apropriação do estoque de terras agrícolas disponível na América Latina e na África subsaariana representa, além de desafios tecnológicos, novos avanços sobre florestas e outras áreas de preservação permanente, onde a presença do homem em seu habitat vem provocando a extinção de animais "num ritmo cinqüenta vezes mais rápido que o trabalho seletivo da evolução natural das espécies" (TEICH, 2002a, p.84).

A partir de uma abordagem multidimensional e multidisciplinar do processo econômico, Cavalcanti (2001a), analisa a declaração do físico Henry Kendall (Nobel de Física) - que alertou para a rota de colisão entre o homem e a natureza - no contexto da economia da sustentabilidade (economia ecológica) Alerta para o fato de que "a economia não pode ser

---

<sup>29</sup> Nos países em desenvolvimento o consumo diário de calorias passou de 2.100 para 2.700; e nos países industrializados evoluiu de 3.000 para 3.400. Para James Philip, presidente da International Obesity Task Force, "existem hoje no mundo 800 milhões de pessoas subnutridas e 1 bilhão de obesos". O número de pessoas obesas nos EUA dobrou nos últimos 20 anos, atingindo a 60% da população. Em vários países em desenvolvimento a obesidade está aumentando mais depressa que nos EUA, Hastings (2003). No caso brasileiro, a proporção de obesos vem aumentando vertiginosamente: em 1975 existiam quatro subnutridos para cada obeso; em 1996 já eram dois obesos para cada subnutrido. No país, onde o principal projeto do governo federal é o Fome Zero, para atender 46 milhões de pessoas que mal têm o que comer, há pelo menos 70 milhões de brasileiros (40% da população acima do peso e 17,5 milhões de obesos. A obesidade causa, por ano, cerca de 80 mil mortes e custa R\$ 1,5 bilhão ao país: nos EUA são 300 mil mortes e US\$ 100 bilhões de custos, respectivamente, Folgato (2003); Buchala (2003). E são os pobres os mais atingidos pela obesidade. "Não adianta alimentar as pessoas se a comida não for de boa qualidade" observa Philip, acrescentando que "na prática as pessoas pobres são mais obesas que as ricas, já que não têm chance de escolher uma dieta de boa qualidade e de se exercitar fisicamente [...]e o pior é que os dois problemas são encarados de forma diferente. Dos famintos sentimos pena, nos comovemos com seu desespero. Dos obesos sentimos menosprezo, achamos que comem demais porque são fracos" (PHILIP, 2002, p.11-12).

vista como um sistema dissociado do mundo da natureza, pois não existe atividade humana sem água, fotossíntese ou ação microbiana no solo" (CAVALCANTI, 2001a, p.18).

Cardoso, Mbeki e Persson (2002) admitem que desenvolvimento e meio ambiente estão interligados. Num pronunciamento conjunto apresentado na Conferência de Johannesburg (agosto de 2002), os três autores, respectivamente presidente do Brasil, presidente da África do Sul e primeiro-ministro da Suécia, assim se posicionaram:

A cada ano que passou desde 1990, 10 milhões de pessoas a mais entraram para o rol dos pobres. Mais de 1,1 bilhão de seres humanos vivem subnutridos e, 1,5 bilhão de pessoas vivem em regiões onde a água é escassa. E sabemos que, em algumas regiões da África, o deserto está avançando ao ritmo de 10 km por ano. O abismo entre ricos e pobres continua a crescer. E tudo isso num momento em que o mundo está desfrutando de um nível inusitado de produtividade global e acúmulo de capitais, desencadeado pelas forças da globalização durante a década passada (CARDOSO, MBEKI e PERSSON, 2002, p.A3).

E o que dizer da previsão de mais 2,3 bilhões de habitantes no planeta Terra nos próximos 28 anos, considerando ainda que "2 bilhões deles irão nascer em países onde as rendas diárias são inferiores a U\$ 2 ?" (THUROW, 1997, p.121-122). Nesse limiar do século XXI 800 milhões de pessoas passam fome, entre elas 300 milhões de crianças, lembra Novaes (2002).

Segundo dados do IBGE e do Ipea , para um produto interno bruto mundial (PIB) de 30,26 trilhões de dólares (1999) a América do Norte e a Europa respondem por cerca de 67%, apesar de abrigarem apenas 18,6% da população mundial que já chegou a 6,2 bilhões, em 2002. Cerca de 70% do PIB das Américas tem origem nos Estados Unidos que responde por um terço do PIB mundial. (Almanaque Abril - Mundo, 2002; Enciclopédia do Mundo Contemporâneo, 1999).

Cerca de 40% da renda anual da humanidade equivale ao patrimônio das 356 pessoas mais ricas do mundo, Rifkin (2003). As quatrocentas pessoas mais ricas do mundo têm renda líquida maior que a soma do PIB da Índia, do Nepal, do Sri Lanka e de Bangladesh que, juntos, possuem uma população de 1,21 bilhão de pessoas. O trio de executivos da Microsoft (Gates-Allen-Ballmer) possui um patrimônio de U\$ 93 bilhões, superando o PIB de 43 países pobres, Handy (1999); Weinberg (2002).

Em 2002, uma só megaorganização dos EUA faturou U\$ 250 bilhões, quase a metade do PIB brasileiro e um montante maior que o PIB de 90% dos países do mundo: um contraste com 1,2 bilhão de pessoas (23% do total mundial), que ganham menos de um dólar por dia. Trata-se da rede de lojas Wal-Mart, com 1,3 milhões de funcionários distribuídos em 4.400 lojas em nove países, Veja (2003); Novaes (2002).

Ainda assim, a soma do faturamento anual das três maiores corporações norte-americanas - Wal-Mart (US\$ 250 bilhões), Exxon (US\$ 190 bilhões) e General Motors (US\$177 bilhões) - não atinge à metade do orçamento militar dos Estados Unidos, Alcântara (2003a).

Kofi Annan, secretário-geral da ONU, revela que a população dos países industrializados (com menos de 20% do total mundial) responde atualmente por 56% do consumo de bens e serviços, enquanto que os 40% mais pobres respondem por apenas 11% desse consumo.

Franco (2002) observa que as 100 maiores empresas transnacionais do mundo faturaram, em 1999, 4,1 trilhões de dólares (2,1 trilhões fora dos países que abrigam suas matrizes), mais de oito vezes o PIB brasileiro.

No entanto, a volatilidade do mercado vem provocando verdadeiros abalos sísmicos nas economias centrais e periféricas. É o caso do recente estouro da "bolha especulativa das bolsas" que, em dois anos, "fez sumir mais de 4 trilhões de dólares em riquezas", valor equivalente a sete vezes o PIB brasileiro (COHEN, 2002, p.43).

Em nível de Brasil, pontifica um quadro sombrio para a questão da *miséria*. Estudo recente conduzido por Ricardo Paes de Barros, Ricardo Henriques e Rosane Mendonça (do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Ipea), revela que 53 milhões de brasileiros viviam (em 1999) abaixo da linha de pobreza, dos quais, 23 milhões nem sequer atingiam a faixa de indigência<sup>30</sup>.

No último relatório do Banco Mundial, o Brasil figurou em penúltimo lugar no tocante à distribuição de renda<sup>31</sup>, só perdendo para Serra Leoa onde a renda per capita é de 130 dólares, 70% da população está desempregada e 70% dos adultos são analfabetos, observam Lahóz (2002); Lamounier e Figueiredo (2002); Weinberg (2002). Os 23 milhões de indigentes (miseráveis) existentes no Brasil representam 3% do total mundial (onde a África é o epicentro da miséria mundial). No entanto "é uma inserção global três vezes maior que a nossa participação, por exemplo, no comércio mundial, onde o Brasil aparece com menos de 1% do movimento", (MENDONÇA; MARTINELLI, 2002, p.86). Isto num país onde o

---

<sup>30</sup> Para o Ipea, a faixa abaixo da qual se definiu linha de pobreza em 1999 foi de R\$ 115 mensais, equivalente a "uma cesta de bens e serviços (alimentos, transporte, moradia etc.) à qual todo mundo deveria ter acesso". Para a linha de miséria (indigência) foi de R\$ 60, equivalente tão somente aos "alimentos mínimos necessários para que a pessoa permaneça viva, de acordo com os padrões da Organização Mundial da Saúde", (LAMOUNIER et al. 2002, p.75) Os números da Fundação Getúlio Vargas (FGV) são mais estarrecedores. Lamounier et al. (2002) revelam que, no lugar dos 23 milhões de miseráveis identificados pelo Ipea (VEJA, 2002a, p.82), a FGV contrapôs com 50 milhões, correspondendo a cerca de 30% da população de país.

<sup>31</sup> Citando números do Ipea e do IBGE, Novaes (2002) afirma que a faixa de 1% dos brasileiros mais ricos absorvem 14% da renda total do país, o mesmo montante destinado aos 50% de menor renda.

excesso de governo seqüestra "cerca de 40% de toda a riqueza produzida no país [...] através de impostos diretos e indiretos" (SABINO, 2002, p.31), onde a dívida externa já ultrapassou a barreira dos 210 bilhões de dólares e a dívida interna equívale a 61% do PIB nacional.

O Brasil é o 12º colocado no ranking dos bilionários do planeta e o 82º no ranking mundial de renda per capita (na casa dos 3.400 dólares). A Coréia do Sul (com uma área semelhante ao Estado de Santa Catarina) "possuía, em 1970, uma renda per capita equivalente à metade da dos brasileiros [...]; hoje ostenta renda per capita de 8.900 dólares, 2,5 vezes mais alta que a brasileira". E o risco Brasil<sup>32</sup> ultrapassou o da Nigéria situando-se "na casa dos 2.000 pontos, o segundo maior do mundo, atrás apenas do da Argentina" (WEINBERG, 2002, p.82-83).

Mesmo impondo uma carga tributária próxima aos 40% do PIB, "taxa muito acima da média de países em desenvolvimento - que fica entre 20 e 24%" (FRANÇA e SOARES, 2002, p.95-96) - o Brasil ocupa o 73º lugar entre 174 países avaliados pelo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da ONU. Esse índice é inferior a todos os seus vizinhos, com exceção de Paraguai e Bolívia. O Brasil "ainda apresenta níveis elevados de analfabetismo, baixos índices qualitativos de educação fundamental e convive com doenças endêmicas e problemas de saúde pública" (CASTOR, 2000, p.3).

Até mesmo em avaliações no tocante a aspectos morais, o Brasil vem registrando um perfil negativo. A organização Transparência Internacional, com sede em Berlim, divulgou no final de agosto de 2002 uma pesquisa avaliando o índice de percepção de corrupção<sup>33</sup> em 102 países. O Brasil figurou em 45º lugar, abaixo de países sul-americanos como o Chile (17º) e o Uruguai (32º), Newswires (2002).

Em recente pesquisa realizada junto aos presidentes das 1.000 maiores corporações globais, o Brasil despencou da terceira para a 13ª posição (1998) no Índice de Confiança de Investimento Direto Estrangeiro, que classifica as nações segundo seu poder de atração de capitais para investimentos produtivos. Os cinco primeiros lugares (fevereiro de 2001)

---

<sup>32</sup>De agosto a outubro de 2002 O *risco Brasil* ultrapassou a marca dos 2000 pontos. Esse critério onerou "as empresas brasileiras tomadoras de dólar que estão pagando 20% de juros anuais acima da taxa básica americana de 1,75%". Vale destacar que, além da dívida externa brasileira de 210 bilhões de dólares, o Brasil "precisa buscar 50 bilhões por ano no mercado internacional. Desse total, 20 bilhões são para pagar juros da dívida externa" (FRANÇA; SOARES, 2002, p.93).

<sup>33</sup> O país considerado menos corrupto é a Finlândia, seguido pela Dinamarca, Nova Zelândia, Islândia, Singapura e Suécia. Os cinco mais corruptos são Bangladesh (102º), antecedido pela Nigéria (101º), Paraguai (100º), Madagascar (99º) e Angola (98º). Vale ressaltar que "os países tidos como os mais corruptos no mundo estão também entre os mais pobres" e , numa espécie de círculo vicioso, a corrupção é considerada um "obstáculo-chave para a capacidade de uma nação atrair investimentos estrangeiros necessários para a criação de empregos e redução da pobreza" (NEWSWIRE, 2002, p.B16).

ficaram com a China, Estados Unidos, Reino Unido, Alemanha e França, segundo Sardenberg (2002).

O professor Ignacy Sachs também desqualifica o paradigma de modernização como capaz de promover o desenvolvimento sustentável (SACHS, 2002, p.14-15):

Durante muitos anos, acreditou-se que a modernização daria conta da pobreza, reduzindo a heterogeneidade social reinante, e que o setor moderno da economia acabaria por absorver todo o contingente de mão de obra redundante e pouco produtiva do assim chamado setor tradicional. A história encarregou-se de desmentir esta tese otimista.[...] A economia brasileira assemelha-se a um arquipélago de empresas dotadas de razoável produtividade, arquipélago este imerso num oceano de pequenas atividades de baixíssima produtividade, que funcionam como o tecido conjuntivo do sistema econômico. Estima-se em cinco a um o diferencial de produtividade entre o arquipélago e o oceano. Assim, o PIB é majoritariamente produzido pelo arquipélago, porém a maioria dos trabalhadores e dos candidatos ao trabalho está no oceano. Este é um dilema sério para a estratégia a ser adotada. Ao se privilegiar o crescimento econômico como única mola propulsora do desenvolvimento, é lógico que se dê toda a atenção ao arquipélago.

Além da *miséria e desigualdade*, a economia de mercado vem insuflando um outro fenômeno depletivo da vida humana: uma avassaladora *urbanização*, multiplicadora da miséria, da marginalidade e da degradação do ambiente.

Megalópoles do Terceiro Mundo, com mais de 10 milhões de habitantes, tais como México, São Paulo, Mumbai, Calcutá, Jacarta, "vivem contradições espaciais que podem resultar em insuperáveis fraturas sociais". (VEIGA, 2000, p.8).

O ritmo frenético da urbanização vem ocorrendo também no Brasil. Dados oficiais - embora contestados em virtude de sua inadequação aos tempos atuais - revelam uma inversão na distribuição espacial da população: em apenas seis décadas, o percentual de brasileiros vivendo no meio rural despencou de 68,9% (1940) para apenas 18,5% (2000), segundo o último censo do IBGE.

Em Santa Catarina não é muito diferente: os residentes no campo passaram de 76,7% (1950) para 21,3% (2000). O fenômeno do êxodo rural catarinense atingiu níveis ainda mais intensos na última década. Nesse período (1991-2000) a taxa média anual de migração rural-urbana atingiu a 3,2%, provocando uma redução da população rural de mais de 194 mil pessoas, em termos absolutos, Toresan e Oliveira (2001) . Isso tudo associado a uma degradação do ambiente natural, ao empobrecimento das populações rurais e, principalmente, com a crescente limitação de oportunidades para quem trabalha e vive no espaço rural catarinense.

Nesse contexto, atua como pano de fundo um paradigma, gerado há quase cinco séculos, que elegeu o sistema de mercado como a agência modeladora da vida humana



individual ou associada, sustentado por uma concepção reducionista de recursos, produção, bem estar, qualidade e sentido da vida, dentre outras questões fundamentais.

Para Ramos (1981a), a incorporação da população inteira de um país ao sistema de mercado traz, como conseqüências:

a má formação urbana [...], o aumento da taxa de anomia, o agravamento da síndrome behaviorista, com todas as suas deformadoras conotações psicológicas, a diluição da identidade cultural dos cidadãos e a destruição da competência artesanal que os capacitava a garantir, autonomamente, a própria e significativa sobrevivência. Mais ainda, o sentido econômico e quantitativo de semelhante orientação política leva os que a subscrevem a legitimar a primazia do PNB sobre a justiça social e a distribuição de renda.(RAMOS, 1981a, p.185).

A partir dessa concepção reducionista e perversa são formuladas e implementadas as políticas públicas, resultando num processo de causação circular e cumulativa, Myrdal (1965; 1968), envolvendo miséria, desigualdades, perda de sustentabilidade, degradação da natureza e da vida e outras externalidades.

Foi a partir desse referencial e dessas bases epistemológicas que esta dissertação elegeu o seguinte *problema* como foco central da pesquisa:

**Quais os pressupostos e fundamentos para a formulação de políticas e diretrizes estratégicas capazes de resgatar a multidimensionalidade da vida humana e viabilizar uma vida rural sustentável, no espaço rural das encostas da serra geral catarinense?**

#### **1.4 Definição dos objetivos**

A busca de possíveis encaminhamentos a esse problema pressupõe uma investigação na complexa realidade presente em determinados enclaves do território catarinense. Ao eleger, como área de pesquisa, dois municípios localizados nas encostas da Serra Geral - Santa Rosa de Lima e Rancho Queimado - o estudo estabelece os seguintes objetivos, sincronizados ao tema e ao problema:

### **1.4.1 Objetivo Geral**

Investigar os pressupostos e fundamentos inerentes ao processo de formulação de políticas públicas e diretrizes estratégicas capazes de resgatar a multidimensionalidade da vida humana e viabilizar uma vida rural sustentável.

### **1.4.2 Objetivos Específicos**

a) Levantar, junto à literatura e outras fontes de referências, o "estado da arte" relativo às grandes transformações ocorridas na história da humanidade envolvendo aspectos macrossocietários no geral e a vida rural no particular, tais como as dimensões transcendente e imanente, o sistema de mercado, razão e racionalidade, a questão ambiental, a transavaliação do político.

b) Verificar, na perspectiva da sustentabilidade da vida rural, os processos migratórios (êxodo rural e êxodo urbano), com ênfase na área pesquisada.

c) Analisar, sob a perspectiva de uma abordagem multicêntrica da vida humana, impactos na vida e espaço rurais decorrentes da formulação e implementação de políticas nas áreas ambiental, educacional, tecnológica, sanitária, cultural, econômica e política, na região abrangida pelo estudo.

d) Formular políticas e diretrizes estratégicas capazes de incrementar o processo de resgate da multidimensionalidade da vida humana - em suas dimensões transcendente e imanente - valorizando espaços isonômicos e fenonômicos, com destaque nas faixas etárias dos jovens e idosos residentes em comunidades rurais dos municípios pesquisados.

## 1.5 Justificativa da escolha do tema

A sociedade moderna não se reconhece como miniatura de um cosmos maior, mas como um contrato amplo entre seres humanos. Assim, a conduta humana se conforma a critérios utilitários que, a seu turno, estimulam a fluidez da individualidade. Na verdade, o homem moderno é uma fluida criatura calculista que se comporta, essencialmente, de acordo com regras objetivas de conveniência [...]. Homens e mulheres já não vivem mais em comunidades onde um senso comum substantivo determina o curso de suas ações. Pertencem, em vez disso, a sociedades em que fazem pouco mais além de responder a persuasões organizadas. O indivíduo tornou-se uma criatura que se comporta.

Alberto Guerreiro Ramos

(*A nova ciência das organizações; uma reconceitualização da Riqueza das Nações*)

A escolha do tema desta dissertação deriva de duas grandes vertentes. A primeira diz respeito a um sentimento de indignação em relação ao paradigma que determina os modos contemporâneos de pensar e agir, com suas nefastas conseqüências; e a segunda envolve um desejo de ampliar o horizonte de conhecimento capaz de identificar bases epistemológicas compatíveis com uma vida rural construída em bases substantivas e sustentáveis.

As duas vertentes estão presentes tanto no arcabouço teórico-conceitual, como nos resultados da pesquisa de campo que compõem esta dissertação de mestrado.

A vertente da indignação nasceu no limiar da década de 1980 quando, na condição de aluno de pós-graduação em administração (CSE/UFSC - mestrado em Planejamento Governamental), teve início um novo processo de aprendizagem a partir da *Teoria da Delimitação dos Sistemas Sociais* articulada por Ramos (1981a) e ministrada no referido curso.

Essa teoria entende que os critérios alocativos utilizado pelas políticas públicas - e assimilados acriticamente pela sociedade contemporânea - reduzem o ser humano a um estágio de servidão através da "inculcação subliminar de definições distorcidas da realidade" (RAMOS, 1981a, p.88). Essa teoria apresenta uma nova base epistemológica - o paradigma paraeconômico - capaz de resgatar a vida humana da armadilha existencial que encerra a sociedade industrial (e sua dileta pupila, a *sociedade de massa*). Uma armadilha que conduz, dentre outros óbices, à *unidimensionalização* do ser humano, Marcuse (1982) e à destruição da teia da vida, Capra (1999).

A ampliação dos horizontes de conhecimento, tendo como referencial maior a *Delimitação dos Sistema Sociais*, deverá redirecionar as atividades profissionais - e a própria existência - do mestrando. Atuando no setor público agrícola brasileiro desde 1961 (DNOCS,

ACARESC, OCESC, ICEPA, Secretaria da Agricultura de Santa Catarina, ITEP, Epagri, UFSC), o autor desse estudo pesquisou, no contexto do território localizado nas encostas da serra geral catarinense<sup>34</sup>, espaços de convivialidade (isonomias e fenomenias) e a predisposição para internalizar novas categorias comprometidas com a sustentabilidade do homem e do meio, tais como: recursos, produção, limites, multidimensionalidade, pluriatividade, dimensões transcendente e imanente, agroecologia, dentre outros.

Esta dissertação é inédita ao estabelecer correlações entre o paradigma paraeconômico e a conquista da sustentabilidade no espaço rural. Sua originalidade decorre tanto do resgate histórico das grandes transformações quanto de uma abordagem transdisciplinar envolvendo a complexa realidade da vida rural, na perspectiva da territorialidade, Santos (2001); Morin (2001b).

Sua relevância abrange desde a universidade - nas atividades de ensino, pesquisa e extensão - até o suporte conceitual a ser apropriado pelos três setores que atuam na sociedade contemporânea: governo, empresas privadas e terceiro setor.

---

<sup>34</sup> A pesquisa de campo foi realizada em dois municípios dessa região: Santa Rosa de Lima e Rancho Queimado, no período de dezembro de 2002 a fevereiro de 2003.

## 2.ARCABOUÇO TEÓRICO-CONCEITUAL

### 2.1 Reflexões do clássico ao moderno

As distorções destrutivas da tradição foram, todas elas, provocadas por homens que haviam tido a experiência de algo novo, que tentaram quase instantaneamente superar e resolver em algo velho [...]. O fim de uma tradição não significa necessariamente que os conceitos tradicionais tenham perdido o poder sobre as mentes dos homens.

Hannah Arendt  
( *Entre o Passado e o Futuro*, 1954 )

Para o historiador Richard Tarnas, algumas das grandes questões<sup>35</sup> que nos afligem remetem à pergunta: "como o pensamento moderno chegou às idéias fundamentais e aos princípios funcionais que hoje influenciam tão profundamente a realidade contemporânea?" (TARNAS, 2000, p.11).

A elucidação dos elementos permanentes intrínsecos à condição humana pressupõe uma investigação nos domínios da história (ARENDR, 1968, 1981a, 2000; RAMOS, 1981a, 1981h; SALM, 1993; ROBERTS, 2000; JAY, 2002; TARNAS, 2000; RUSSELL, 2001; DIAMOND, 2001; PERRY, 1999; JAGUARIBE, 2001; JASPERS, 1962a,1962b).

"O clássico não é uma categoria cronológica, mas denota uma qualidade do pensamento e do caráter humano. Clássicos foram Platão, Aristóteles, Virgílio<sup>36</sup>, Dante<sup>37</sup>". Mas, ressalva Ramos, "também há muito de clássico na obra de contemporâneos como Alfred North

<sup>35</sup> Questões inerentes à derrocada da tradição ocidental; à predominância da *dimensão imanente* sobre a *dimensão transcendente*, SALM (2002); à degradação do meio ambiente; à fragilidade de um alicerce cultural e referenciais éticos para enfrentar e superar esses e outros problemas do mundo contemporâneo.

<sup>36</sup> Públio Virgílio Maro (70-21 a.C.) nasceu de uma família camponesa em Andes, na Gália Cisalpina, próximo a Mântua. Ali aprendeu a amar o campo e os camponeses, uma das fontes de inspiração de sua poesia. Segundo a tradição, o próprio Virgílio teria composto seu modesto epitáfio: "Nasci em Mântua e na Calábria morri; Nápoles me possui agora; cantei os pastos, os campos, os guerreiros". Sua obra mais importante - *Eneida* - foi projetada durante os anos 29 a 27 a.C., considerada "o maior poema de romanidade". Escreveu também *Geólicas* (37 a 30 a.C.) e *Bucólicas* (42 a 37 a.C.). Sua obra foi "modelo de toda a poesia durante a Idade Média, e teve presença marcante na Renascença, à medida que se retornava aos cânones da Antigüidade clássica" (ENCICLOPÉDIA ABRIL, 1973, p.49-54).

<sup>37</sup> Dante Alighieri (1265-1321) nasceu em Florença, considerada, na época, a mais popular, culta e rica cidade ocidental. Pertencente "ao pequeno grupo dos maiores nomes da literatura ocidental", notabilizou-se por sua *Divina Comédia*, "a melhor síntese do pensamento medieval", idealizando uma "jornada através do inferno e do purgatório rumo ao céu" (RUSSELL,2001, p.229). Somando um total de 14.233 versos a *Divina Comédia* dedica 33 *canti* a cada uma das três partes: Inferno, Purgatório (ambos tendo o poeta Virgílio como guia) e Paraíso (inspirado em sua esposa Beatriz). Além dessa obra seminal, escreveu *Vita Nuova*, *De Vulgari Eloquencia*, *Convívio*, *Monarchia*, *Quaestio de Aqua et Terra*, e *Epístolas* (DONATO,1979).

Whitehead, Eric Voegelin<sup>38</sup>, Eric Havelock, Thomas Mann<sup>39</sup>, T. S. Eliot<sup>40</sup>. O que torna esses autores clássicos "é a verberação nas suas obras do senso da ordem<sup>41</sup> nas coisas, e de seus elementos permanentes. Todos eles têm a intuição educada e apurada do que constitui a ordem na natureza, aí incluída a ordem da existência humana" (RAMOS, 1981h, p.4).

A civilização ocidental, que brotou das fontes gregas, se baseia numa "tradição filosófica e científica que começou em Mileto, há dois mil e quinhentos anos e nisso difere das outras grandes civilizações mundiais" (RUSSELL, 2001, p.17).

Foi, portanto, no século VI a.C., na cidade jônica de Mileto, situada na parte oriental do antigo mundo grego, que começou a filosofia (que para Sócrates era um modo de viver). Naquela região, localizada na costa da Ásia Menor, "Tales e seus sucessores Anaximandro e

---

<sup>38</sup> Eric Voegelin (1901-1985), nasceu na Alemanha e dedicou-se à filosofia política e história da filosofia Masip (2001). Graduou-se em 1922 pela Universidade de Viena. Sua vocação de *scholar* foi exercida em universidades da Alemanha, França, Inglaterra e Estados Unidos. Reconhecido por alguns pensadores seminais como um historiador, filósofo, teólogo e cientista social de grande envergadura, defendeu a tese de que a filosofia clássica "é a maior fonte de energias espirituais que alimentam ainda hoje a humanidade civilizada" (MELLO, 1993, p.160). Escreveu *The New Science of Politics* (1952); *Science Politics and Gnosticism* (1968); *Order and History*, constituída por cinco volumes: *Israel and Revelation*, 1956; *The World of the Polis and Plato and Aristotle*, 1957; *In Search of Order*; e *The Ecumenic Age; From Enlightenment to Revolution* escrito nas décadas de 1940 e 1950, Hallowell (1975). Nessas obras ao delinear o contexto histórico-filosófico, acentua que "a ordem da história emerge da história da ordem [...] cada sociedade leva sobre si o peso da tarefa de criar uma ordem que dará ao fato de sua existência histórica um sentido em termos de fins divinos e humanos". Apela também para "a filosofia como fonte da *ordem*, lembrando Santo Agostinho ao dizer que "sendo a Sabedoria o próprio Deus, verdadeiro filósofo é o que ama a Deus"(VOEGELIN; AGOSTINHO apud SOUZA, 1979, p.10).

<sup>39</sup> Thomas Mann (1875-1955) nasceu em Lübeck (Alemanha), filho de um próspero comerciante de cereais e de Júlia, uma brasileira descendente de alemães e negros. Sua obra focou o conflito entre o artista (que ama a vida e o amor) e a sociedade burguesa (que o vê como um ser ocioso). O romance *Os Buddenbrooks: Decadência de uma Família* (1922), foi um exemplo dessa temática, com o qual ganhou o Nobel em literatura de 1929. Publicou dentre outras obras de projeção mundial: *Tristão* (1902); *Florença* (1903); *O Sangue dos Walsungs* (1905); *Sua Alteza Real* (1909); *Morte em Veneza* (1912) - transposto para o cinema pelo diretor italiano Luchino Visconti - *Considerações de um Apolítico* (1918); *A Montanha Mágica* (1924); *Mário e o Mágico* (1930); *Carlota em Weimar* (1939); *As Confissões de Félix Krull: Cavaleiro da Indústria* (1953). Fugindo do nazismo, embarcou em 1938 para os Estados Unidos. Regressou à Europa (Inglaterra) em 1947, onde, em 1949, recebeu o título de doutor honorário pela Universidade de Oxford. Viveu seus últimos anos em Zurique, na Suíça (ENCICLOPÉDIA ABRIL, 1973, p.206-208).

<sup>40</sup> Thomas Stearns Eliot (1888-1965), nasceu em Missouri (Estados Unidos) graduando-se na Universidade de Harvard e na Sorbonne (Universidade de Paris). Dedicou-se à "defesa dos valores da civilização européia [...] guardando um profundo saudosismo dos tempos clássicos". Dentre suas principais obras destacam-se: *Poems* (1919); *Terra Devastada* (1922); *Reunião Familiar* (1929); *Quatro Quartetos* (1935-1943); *A Pedra* (1934); *Assassinato na Catedral* (1935); *The Confidential Clerk* (1954). Pelo conjunto de suas obras recebeu o Nobel de literatura em 1948, sendo considerado "o maior poeta contemporâneo de língua inglesa" (ENCICLOPÉDIA ABRIL, 1973, p.1463-1464).

<sup>41</sup> O tratado *Súmula contra os gentios*, escrito entre 1259 e 1264 por Tomás de Aquino - responsável pelo "maior sistema teológico-filosófico da Idade Média" (MATTOS, 2002, p.5) - vale-se do legado clássico de Aristóteles ao ressaltar a importância da *ordem*: "O senso comum [...], manda que se chamem *sábios* aqueles que organizam diretamente as coisas e presidem ao seu reto governo. Entre outras idéias, o filósofo afirma que o ofício do sábio é colocar *ordem nas coisas*" (AQUINO, 2000, p.129). Dentro da concepção do tempo-eixo, articulada por Jaspers e Voegelin, "a ordem da história emerge da história da ordem" (VOEGELIN, apud VAZ, 1999, p.61).

Anaximenes, dispendo de tempo de lazer e munidos de curiosidade, iniciaram um processo de reflexão para compreensão do mundo, com conseqüências extraordinárias" (TARNAS, 2000, p.34). Na realidade, Tales de Mileto - reconhecido como o primeiro filósofo - "ficou famoso quando previu um eclipse do Sol" em 585 a.C., e por ter sido "o primeiro a arriscar uma explicação do mundo em termos de sua natureza observável, em lugar de apelar à mitologia" (STRATHERN<sup>42</sup>, 1998d, p.9).

Até então os humanos não se valiam da razão ou da observação para explicar o que acontecia na Terra e qual o sentido da vida. As respostas, segundo Strathern (1998d), brotavam das superstições, das lendas e das religiões. Os chineses, babilônios e os antigos egípcios eram, naquela época, mais evoluídos em termos tecnológicos, artísticos e teológicos. Talvez, por estarem "livres do lastro da superstição e da metafísica nos processos da razão e da observação" é que o questionamento intelectual dos antigos gregos "se deu com surpreendente rapidez" (STRATHERN, 1998d, p.8-9).

Os filósofos que emergiram durante o período compreendido entre meados do século VI a.C. até a metade do século V a.C. são conhecidos como pré-socráticos, a exemplo de Pitágoras, Demócrito, Anaxágoras, Heráclito e Parmênides. Mas foi no século V a.C. que o mundo ocidental conheceu as três maiores vertentes do pensamento filosófico: Sócrates foi a primeira vertente. Apesar de haver criado o método dialético (precursor da lógica), jamais chegou a escrever sobre qualquer coisa. Tudo o que sabemos a seu respeito foi através da obra de seu famoso discípulo Platão (a segunda vertente), "o primeiro a formular claramente muitos dos problemas que nos atormentam até hoje" (STRATHERN, 1998d, p.13). A terceira vertente foi Aristóteles, discípulo de Platão e responsável pela estruturação do pensamento lógico que serviu como base para a maior parte do pensamento filosófico e científico nos dois milênios que seguiram.

Na concepção de Mello (1993), os enciclopedistas do século XVIII quase que suprimiram a filosofia clássica dos gregos. Somente no século seguinte (XIX) dois destacados pensadores - Kierkegaard e Nietzsche - conseguiram promover-na de forma brilhante. Nietzsche, em especial, "contribuiu largamente para a germinação de suas intuições originais do fenômeno do helenismo" (MELLO, 1993, p. 160).

---

<sup>42</sup> Paul Strathern (1940 - ) Professor de filosofia e matemática na Kingston University (Londres), autor de biografias, romances, livros de história e de viagens. Ganhou o prêmio *Somerset Maugham* pelo romance *A Season of Abyssinia*. Jornalista, escreve para *The Observer*, *Daily Telegraph* e *Irish Times*.

A cultura clássica vigente na China<sup>43</sup> ao final da Idade Média continha "um sistema de idéias vitais fornecendo uma imagem muito minuciosa do homem, do universo e do lugar do homem neste". No entanto, "o episódio da modernidade alcançou até mesmo o Oriente, resultando em perplexidade e alheamento" (SCHUMACHER, 1977, p.72).

Confúcio<sup>44</sup>, sempre lembrado como "a voz da antigüidade e da tradição", assim se questionava: "O que é antigo? Como poderemos lidar com o antigo? Como poderemos fazer do antigo a nossa realidade?" A partir desse posicionamento, o filósofo chinês fez do antigo algo novo e melhorou o entendimento da sua própria condição humana e conquistando aqueles que "ainda vivem com a essência de suas origens" (JASPERS, 1962b, p.43).

Ao eleger dois tópicos centrais - a ética e a política - o confucionismo mostrou que é possível viver a vida sem recorrer à especulação metafísica. Após quase três milênios, "o pensamento ocidental, ainda relutante e muito gradualmente, parece agora estar chegando à mesma conclusão" (STRATHERN, 1998a, p.40).

A partir dos últimos decênios do século XVII o Iluminismo transformou "a felicidade no *telos* da vida comunitária" colocando "a ética como centro e a felicidade como fim" (ROUANET, 1993, p. 190).

Em sua análise sobre a obra de Confúcio, Karl Jaspers<sup>45</sup> lembra que, pela primeira vez na história, um grande filósofo (Confúcio) mostrou:

como o novo emergia com a tradição, fluindo a partir da força da verdade eterna e tornando-se na substância da nossa existência. Realidades do passado são transformadas pela reflexão do presente. Isto implica numa visão crítica da história onde, ao examinar o passado, Confúcio distinguia entre o bem e o mal; selecionava fatos que serviam de modelos

<sup>43</sup> "O Ocidente jamais conseguiu compreender claramente a filosofia chinesa. Muitos pensadores orientais concordam que é impossível para a mente ocidental perceber sutilezas alheias a seu modo de pensar"(STRATHERN, 1998a, p.37).

<sup>44</sup> Confúcio (c. 551-479 a. C.) foi, juntamente com Lao-Tsé, um dos substratos da filosofia e da cultura chinesa. Viveu à época da dinastia Chou (1027 ?- 256 a. C.). A partir de seus ensinamentos - muitas vezes deturpados e mal interpretados por seus seguidores, a exemplo do que ocorreu com o cristianismo e o budismo - derivou o *confucionismo* que predominou como a religião principal da China por dois mil anos, até o fim do império, em 1911, Roberts (2000). Na condição de sábio e humilde "não aspirava ser nada além do que um homem"(JASPERS, 1962b, p.41).

<sup>45</sup> Karl Jaspers (1883-1969) nasceu em Oldenburg (Baixa Saxônia, Alemanha). Doutor em medicina (1909), foi professor de psicologia e filosofia nas Universidades de Heidelberg (Alemanha) e Basileia (Suíça) de 1916 a 1948. Autor da monumental *História Universal da Filosofia* (1957) e da obra seminal *Philosophie*, dividido em três livros: *Philosophische Weltorientierung* (onde analisa interações entre ciência, natureza, vida e espírito), *Existenzerhellung* (aborda questões relativas aos conceitos de existência, sociabilidade, produtividade, memória, amor, historicidade...) e *Metaphysik* (relações existenciais com a *Transcendência*). Sua produção literária é abundante, abrangendo temas filosóficos, teológicos, políticos, psicológicos além de estudos dedicados a pensadores como Confúcio, Jesus, Platão, Agostinho, Buda, Max Weber, Nietzsche, Descartes, Schelling e Nicolau de Cusa (PAUMEN, 2001).



emulativos ou exemplos a serem evitados. Na realidade ele advogava não uma imitação do passado, mas uma reiteração de suas verdades eternas. As idéias eternas eram apenas mais claramente perceptíveis na antigüidade (JASPERS, 1962, p.43-44).

Hannah Arendt apontou três pensadores que, em nenhum momento interagiram ou mesmo se conheceram, como arquitetos de fortes rebeliões contra a tradição: o teólogo dinamarquês Sören Kierkegaard<sup>46</sup>, o filósofo, sociólogo, historiador, cientista político e jornalista Karl Marx e o filósofo e músico prussiano Friedrich Nietzsche<sup>47</sup>.

<sup>46</sup> Sören Kierkegaard (1813-1855) nasceu em Copenhague. Concluiu seus estudos teológicos em 1840 e, no ano seguinte, defendeu uma tese de filosofia: *O Conceito de Ironia Constantemente Referido a Sócrates*. Considerado "uma personalidade atípica do universo da filosofia, um pouco à margem, tangente com o universo dos eruditos universitários" (MALHERBE; GAUDIN, 1999, p.405). Sua tese de filosofia enfatizou a defesa da subjetividade e confrontou o pensamento em voga na época, o hegelianismo. "O próprio estilo da tese é irônico, o que assustava os universitários: Kierkegaard - que ironia! - foi a partir daí excluído da carreira universitária." (KEMP, 2001, p.566). Seu tema foi o indivíduo e sua existência: o "ser existente, essa entidade puramente subjetiva além do alcance da razão, da lógica, dos sistemas filosóficos, da teologia ou mesmo das 'pretensões da psicologia'" (STRATHERN, 1999b, p.7). É considerado o precursor do existencialismo, cujo florescimento só ocorreu um século após sua morte, com Jean Paul Sartre, após a Segunda Guerra Mundial. Sua mais influente contribuição - 'a autocriação por opção consciente' - deveria se tornar "ainda mais importante no século seguinte, à medida que o indivíduo perdia cada vez mais a fé em Deus, vendo sua própria existência ameaçada pela psicologia determinista, afogado na *cultura de massas* e negado pelo totalitarismo ou perdido nas complexidades da ciência" (STRATHERN, 1999b, p.36). Dentre as obras publicadas (algumas sob pseudônimos) em seus breves 42 anos de vida, destacam-se: *Migalhas Filosóficas*, *O Conceito de Ironia*, *O Conceito de Angústia*, *A Alternativa*, *Temor e Tremor*, *Etapas no Caminho da Vida*, *O Diário do Sedutor*, *A Doença até a Morte*, *Obras do Amor*, *Discursos Cristãos*, *Escola do Cristianismo* e *Papéis*, Malherbe e Gaudin (1999); Strathern (1999b); Kemp (2001).

<sup>47</sup> Friedrich Nietzsche (1844-1900) nasceu em Röcken, na Saxônia prussiana. Após concluir seus estudos de filologia em Bonn e Leipzig, é nomeado em 1869 professor de filologia clássica na Universidade de Basileia (Suíça). Aposenta-se como professor em 1879 (por motivo de saúde) levando, a partir de então uma vida errante e de doente, "incomodado principalmente por violentas dores nos olhos [...] e padecendo de uma solidão provocada por ele mesmo" (LEFRANC, 2001, p.726). Considerado um pensador crítico e provocativo, denunciou "a moralidade da política moderna como transformação vulgarizada de antigos valores metafísicos e religiosos" (GIACOLA JÚNIOR, 2000, p.11). Em 1872 publica sua primeira grande obra *O Nascimento da Tragédia*, seguida de tantas outras como: *A Origem dos Sentimentos Morais* (1877), *Humano, Demasiado Humano* (1878), *O Viandante e sua Sombra* (1880), *Aurora* (1881), *A Gaia Ciência* (1882), *Assim Falou Zaratustra* (1883-1885), *Para Além do Bem e do Mal* (1886), *Para a Genealogia da Moral* (1887), *O Crepúsculo dos Ídolos* (1888), *O Caso Wagner* (1888), *O Anticristo* (1888), *Ecce Homo* (1888), *Nietzsche contra Wagner* (1888). É considerado por Heidegger como o "filósofo em cujo pensamento a metafísica é conduzida aos limites extremos de sua possibilidade" e pelos pensadores da chamada Escola de Frankfurt, Adorno, Horkheimer e Benjamin como responsável por uma obra que "ressalta seu potencial emancipatório e sua importância para a compreensão dos movimentos culturais e políticos que determinaram os destinos da sociedade ocidental contemporânea" (GIACOLA JÚNIOR, 2000, p.75). Sua autobiografia *Ecce Homo* assim termina: "O conceito de culpa foi inventado conjuntamente com o instrumento torturante que o completa; o conceito de 'livre arbítrio', para confundir os instintos, para fazer da prevenção contra os instintos uma segunda natureza! No conceito de 'altruísmo', de renúncia de si mesmo' há verdadeiros signos de decadência: ser atraído pelo que causa prejuízo, não poder encontrar o que lhe seja útil, a destruição de si mesmo elevada a 'virtude', o 'dever', a 'santidade', a 'divindade' no homem! Finalmente - e isto é o mais atroz - no conceito de 'homem bom' se exalta tudo o que é débil, doentio tudo o que, enfim, deve desaparecer! [...] E tudo isso foi aceito em nome da Moral! -*Ecrasez l'infâme!*. Fui porventura compreendido? Dionísio contra o Crucifixo..." (NIETZSCHE, 2000, p.124). A palavra de ordem de Voltaire - *écraser infâme* - representou a síntese do movimento iluminista. "Para criar um mundo humano, regido pela *razão*, era necessário antes de mais nada limpar o terreno até então ocupado pelo fanatismo e pela superstição" (ROUANET, 1993, p. 180).

Almejando "afirmar a dignidade da fé contra a razão e o raciocínio modernos" (Kierkegaard); "reafirmar a dignidade da ação humana contra a contemplação e a relativização histórica modernas" (Marx); e "consagrar a dignidade da vida humana contra a impotência do homem moderno" (Nietzsche); esses três pensadores do século XIX promoveram relevante reviravolta no pensamento clássico (tradição, na terminologia de Arendt). Ao citar Nietzsche, revela a angústia daquele que foi rotulado como o criador do niilismo: "Nós abolimos o mundo verdadeiro: que mundo restou? O mundo das aparências, talvez?... Mas não! Juntamente com o mundo verdadeiro abolimos o mundo das aparências"(NIETZSCHE, apud ARENDT, 1968, p.58).

As três rebeliões contra a tradição, empreendidas por esses três pensadores, centraram seu foco contra as pretensas abstrações da Filosofia e seu conceito de homem como um *animal rationale*.

Kierkegaard quer afirmar o homem concreto e sofredor; Marx confirma que a humanidade do homem consiste em sua força viva e produtiva (força de trabalho); e Nietzsche insiste na produtividade da vida, na vontade e na vontade de poder do homem. Nesse contexto, o conceito de **verdade** enquanto **revelação**, articulado pelo filósofo e teólogo suíço Martin Heidegger tornou-se duvidoso e, com ele, a fé incondicional em um Deus revelado (ARENDT, 1968, p.60).

Refletindo a "filosofia cartesiana da dúvida e da desconfiança" o quadro conceitual da tradição<sup>48</sup> foi submetido a uma verdadeira 'reviravolta', onde "a ciência moderna tornou-se um inimigo da religião<sup>49</sup>". Daí a "tentativa de Kierkegaard de salvar a fé do assalto da modernidade". No entanto, ao tentar reafirmar as crenças tradicionais "sobre a hipótese de que o homem não pode confiar na capacidade de sua razão ou de seus sentidos para receber a verdade", Kierkegaard "tornou moderna até mesmo a religião, sujeitando-a a dúvida e desconfiança", (ARENDT, 1968, p.60).

Para SILVA (1992) o discurso da *modernidade*, alimentado pela corrente do pensamento utilitarista que permeia a sociedade industrial (onde os negócios, a eficiência

---

<sup>48</sup> Ao propugnar a emancipação da *razão* da autoridade do *sagrado*, o movimento iluminista procurou desqualificar toda a *tradição secular*, preconizando "libertar a inteligência humana de todos os dogmas" (ROUANET, 1993, p.190-191).

<sup>49</sup> Ao resgatar o sentido original da palavra *espírito* (derivada do latim *spiritus* que significa sopra), qual seja "o sopra da vida", Fritjof Capra concebe a vida espiritual "como um modo de ser que decorre de uma profunda experiência mística, religiosa ou espiritual". Para Capra, as religiões do mundo inteiro descrevem essa experiência como um momento de "vitalidade intensificada e não-intelectual da realidade". Citando o psicólogo, escritor e monge beneditino David Steindl-Rast, afirma que a espiritualidade é profundamente ligada ao corpo, ou seja, "nós sentimos o nosso espírito como a plenitude da mente e do corpo" (CAPRA, 2002, p.80-81).

e o sucesso<sup>50</sup> assumiram papel central), vem modelando o modo de vida na esteira de uma *sociedade centrada no mercado*. Nesse contexto, o meio rural, e as pessoas que ali vivem são enquadradas no domínio do *ethos* do mercado provocando, dentre outras externalidades, o esvaziamento dos campos, a degradação ambiental, o crescimento da miséria e violência nos centros urbanos, a desagregação de valores substantivos, o aumento do contingente de desempregados e excluídos e, gerações de *deformados* pela hipertrofia da dimensão econômica.

O primeiro filósofo a estruturar um conceito preciso de modernidade foi Hegel<sup>51</sup>, considerado por muitos "o mais idealista e mais especulativo dos pensadores, inspirador e teórico de uma maneira de pensar singularmente ousada e inovadora, a dialética<sup>52</sup>", (HUISMAN, 2001, p.465).

O conceito hegeliano de *modernidade*<sup>53</sup>, destaca a descoberta do novo mundo, o Renascimento e a Reforma - os três grandes acontecimentos à volta de 1500 - como a transição epocal entre a Idade Moderna e a Idade Média. Observa ainda que:

Não é difícil ver que o nosso tempo é um tempo de nascimento e de passagem para um novo período. O espírito rompeu com o que era até agora o mundo de sua existência e representação e está a ponto de afundar no passado, está a operar a sua transfiguração... este esboço gradual é interrompido pelo nascer do sol que, qual um relâmpago, revela-se súbito a imagem de um mundo novo (HEGEL, 1980, p.10).

---

<sup>50</sup> HANDY(1999, p.20) vale-se de Ralph Emerson para conceituar *sucesso*: "Rir muito e com frequência; conquistar o respeito de pessoas inteligentes e o afeto das crianças; granjear o apreço dos críticos honestos e suportar a traição de falsos amigos; apreciar a beleza; descobrir o que há de melhor nos outros; deixar o mundo um pouco melhor, quer por uma criança sadia, por um pedaço de jardim ou por uma condição social redimida; saber que uma vida respirou mais facilmente porque você viveu; isto é ter sido bem sucedido".

<sup>51</sup> Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) nasceu em Württemberg (Alemanha). Foi jornalista e diretor de liceu, antes de ser professor nas Universidades de Heidelberg e de Berlim. Autor de clássicos, como *Fenomenologia do Espírito* (1807), onde Hegel assinalou em seu Prefácio: "O que vem de mim em meus livros está errado!". Mas é preciso entender esse posicionamento. "O real só falará pela boca do filósofo se este adotar o tom conveniente, de preferência solene. Purificado das impressões subjetivas e dos acidentes, o real é de fato o próprio racional, assim como o racional é a realidade autêntica". Numa série de publicações, denominadas de *Lições*, ele "passa em revista povos, estados, religiões, direitos, artes e filosofias, e pinta o grande quadro sinóptico, histórico e dialético do gênero humano", Hegel (1980); D'HONDT, 2001, p.465;472).

<sup>52</sup> Há quase 2500 anos Sócrates (469-399 a.C.) já buscava esclarecer problemas éticos através de perguntas e respostas, correspondendo à *dialética* onde "Sócrates foi um mestre, ainda que não o primeiro a utilizá-la" (RUSSELL, 2001, p.69). Platão ao relatar o mito da caverna (incluído na *República* e, depois, com o discurso de Diotima no *Banquete*) já articula a questão da *dialética* como elemento central de sua filosofia (princípio da *paideia*), observando "quem for capaz de ter uma vista de conjunto é dialético" advertindo de que "o esforço salutar demandado ao espírito com o fim de contemplar a idéia de verdade ou a da beleza é um esforço penoso, mas bem recompensado", (PLATÃO, 2002, p.235; 2001, p.72).

<sup>53</sup> Lechte (2001) questiona Hegel como o precursor da modernidade, sugerindo outros aspirantes ao manto como Rousseau, Descartes ou mesmo Colombo.

Habermas (2000) incorpora as idéias de Gumbrecht e Jauss sobre o conceito de modernidade, vinculando-o ao domínio da crítica estética. O primeiro entende que "o partido dos modernos insurge-se contra a idéia do classicismo francês tem de si próprio, assimilando o conceito aristotélico da perfeição ao do progresso tal como este fora sugerido pelas modernas ciências da Natureza". Já o segundo pensador assegura que "o adjetivo *moderno* foi substantivado pela primeira vez no domínio das Belas Artes e as expressões *modernidade*, *Modernität*, *modernité*, conservaram até hoje um cerne de significado estético e marcado pela autocompreensão da arte de vanguarda"(HABERMAS, 2000, p.19-20).

No contexto do capitalismo moderno, a modernidade aponta para um processo patológico envolvendo tanto o nível individual como o nível coletivo, refletindo-se em empobrecimento cultural provocado por uma ênfase excessiva no racionalismo técnico. Para Habermas, a emergência de uma situação patológica é caracterizada quando "uma perturbação fundamental ocorre na sociedade". Assim é que, a modernidade "corre o risco de degenerar em estado totalmente patológico e os corretivos encontrados na própria tradição moderna - voltados ao uso da razão instrumental inaugurada pelo Iluminismo - devem ser trazidos à cena se quisermos evitar sérias conseqüências" (HABERMAS, apud LECHTE, 2002, p.212).

Ao reconhecer que o desenvolvimento econômico é fruto de paixões e interesses como a avareza, a usura e a precaução, Lord John Maynard Keynes<sup>54</sup> entendeu que esses desvios deveriam continuar "a ser os nossos deuses" justificando que somente eles podem "nos fazer sair do túnel da necessidade econômica ", recomendando ainda que se "fizesse de conta, para nós mesmos e para todo mundo, que o certo é errado e o errado é certo; porque o errado é útil e o certo não o é" (KEYNES, apud RAMOS, 1981a, p.1).

Essa recomendação de Keynes retrata bem o fenômeno da *transavaliação da razão* examinada por Ramos (1981a;1983a); Rezende (1983) e Girdwood (1983).

Para pensadores clássicos gregos (Platão e Aristóteles) "a *razão* era entendida como força ativa na psique humana que habilita o indivíduo a distinguir entre o bem e o mal, entre o conhecimento falso e o verdadeiro e, assim, a ordenar sua vida pessoal e social" (RAMOS,

---

<sup>54</sup> John Maynard Keynes (1883-1943) nasceu na Inglaterra, no mesmo ano em que Karl Marx morreu. Graduado em economia pela Cambridge University, foi autor do famoso livro *A Teoria Geral do Emprego Juros e Capital* (1936) propondo uma solução para o problema do desemprego e da Grande Depressão decorrente do *crash* da Bolsa de Nova Iorque, ocorrido em 24 de outubro de 1929. A solução proposta por Keynes consistia em acionar os governos para contrair empréstimos e investir, visando o aquecimento da produção e a geração de empregos. A "Revolução Keneynsiana" foi adotada, a partir de Washington, pela América e Europa Ocidental, alcançando os resultados propostos. No entanto "o remédio keynesiano era assimétrico: ele dava certo no combate ao desemprego e à depressão econômica, mas ao contrário, não funcionava contra a inflação" (GALBRAITH, 1980, p.225).

1981a, p.2-3). A distorção do conceito clássico de *razão*, convertido em *racionalidade* pela ciência social teve origem ainda no século XVII, com o pensador inglês Thomas Hobbes<sup>55</sup>.

Cerca de três séculos antes de Hobbes, no último estágio da Idade Média, surge o fenômeno social e político conhecido como *perspectivismo*. Ramos (1981a) relembra que esse conceito foi utilizado primeiramente no domínio da pintura, onde Giotto, já admitia que aquilo que o artista oferecia numa tela, não seria uma cópia fiel da natureza, mas a natureza de acordo com os olhos do pintor. Anos mais tarde, Leon Battista Alberti preconiza que a perspectiva deveria assumir uma categoria sistemática do trabalho artístico bem como uma característica da conduta humana em geral. Foi no florescente mercado italiano de arte, no século XVI, que a figura do *connoisseur* encontra, pela primeira vez, a oportunidade de exercer um papel de corretor e comerciante no seio dos artistas e aficcionados pelo mercado das artes. "O conceito de propriedade intelectual, desconhecido na Idade Média, é agora reconhecido. O artista é um empresário [...] que pode ou não vender seus trabalhos ao público de acordo com o preço de mercado", (RAMOS (1981a, p.57-58). Foi a partir de então que o *mercado* passou a exercer uma força sem precedentes na história da humanidade, difundindo e ampliando a *visão perspectivista*.

Foi também nesse ambiente, no limiar da Renascença<sup>56</sup>, de uma Itália fragmentada em cidades-estado, como Florença, que surge Nicolau Maquiavel (1469-1527). Foi criado no ambiente da burguesia florentina que, a exemplo do próprio Maquiavel, forneceu gerações de funcionários públicos à República. Na condição de exilado - após ter sido preso e torturado por um golpe de Estado para guindar os Médici ao poder - Maquiavel, no embalo do *perspectivismo*, escreve, em 1513, *O Príncipe*, livro de cabeceira de tantos políticos tais como: Carlos V, Henrique IV, Cristina da Suécia, Napoleão Bonaparte, dentre tantos outros da época renascentista, moderna e contemporânea.

---

<sup>55</sup> Thomas Hobbes (1588-1679) nasceu na aldeia de Wesport, próximo a Malmesbury (Inglaterra). Sua obra-prima, *Leviatã ou Matéria, forma e poder de uma comunidade eclesiástica e civil* (1651) provocou grandes mudanças no campo da política. Ali Hobbes distingue "dois Estados da humanidade: o natural e o político-social. No primeiro, o homem goza de liberdade absoluta, tendo todos os direitos e nenhum dever. Mas, sendo sua natureza egoísta, cada um busca satisfazer os próprios instintos, sem nenhuma consideração pelos outros [...]. Para viver com tranquilidade, é necessário transigir quanto à liberdade e pôr-lhe limites ditados pela *razão*." (MASIP, 2001, p.175). Segundo Zarka (2001), o problema da legitimidade do poder político encontra legitimidade de direito, na "filosofia natural" de Hobbes, explicitada em *Elementa philosophiae : Corpus, Homo, Civis* (1637), inspirado na leitura dos *Princípios da Filosofia*, de Descartes (1644).

<sup>56</sup> No espaço temporal de apenas uma geração, Leonardo da Vinci(1425-1519), Michelângelo(1475-1564) e Rafael(1483-1520) produziram suas obras primas; Cristóvão Colombo(1451-1506) descobriu a América; Martinho Lutero(1483-1546) rebelou-se contra a Igreja católica, dando início à *Reforma*; e Nicolau Copérnico (1473-1543) apresentou a hipótese de um universo heliocêntrico, inaugurando a *Revolução Científica*.

Inspirado em idéias schumpeterianas, Handy (1998) e Kanitz (2002a) preconizam uma certa desordem para estimular a criatividade. Ao ressaltar que "a busca de eficiência inclina a sociedade para perto de poucos e para longe de muitos" (HANDY, 1999, p.27), reflete o espírito indomável que caracteriza os irlandeses, acrescentando que, nos Estados Unidos "somente 21% dos jovens pensam que têm boas chances de chegar à plena realização, comparados com 41%, há 20 anos", enquanto que na Inglaterra "o estresse custou aos britânicos 40 milhões de dias de trabalho por ano e 7 bilhões de libras esterlinas em assistência médica" (HANDY, 1999, p.17-18).

Vale-se do filósofo e historiador francês Pierre Thullier<sup>57</sup>, para imaginar um grupo de historiadores, humanistas e poetas (excluindo em especial cientistas e economistas) que, no ano de 2081, elaboram um relatório examinando as razões que fizeram com que as elites no início do terceiro milênio ignorassem a *escrita na parede*, referindo-se ao texto bíblico em Daniel, 5:23.<sup>58</sup>

Ao perceber que as pessoas continuavam aceitando a pobreza espiritual, tão característica da modernidade e pareciam incapazes de enfrentar a questão fundamental concernente ao significado da vida humana, o relatório elaborado pelo grupo de ficção assim concluiu (THULLIER, apud HANDY, 1999, p.37):

A despeito da mais grotesca manifestação de culto ao *Progresso*, os excessos da administração tecnocrata, o tipo de paranóia entre as chamadas elites esclarecidas/organizadas, o imperialismo irrestrito das instituições econômicas e financeiras, a pesquisa obsessiva voltada para a mecanização e automação, os aspectos regressivos do racionalismo ocidental e a ciência que era parte integrante dele, a incapacidade dos órgãos governamentais (tanto na indústria como no Estado) em conduzir de forma humanitária os empreendimentos pelos quais eram responsáveis, a falta de imaginação, sensibilidade e calor humano que finalmente caracterizaram as atividades de todos os partidos políticos, o aumento alarmante do individualismo, os charizes da 'cultura da informação e da comunicação', tão louvada pelos sociólogos e especialistas da mídia, a exacerbação do equilíbrio Norte/Sul e os riscos de explosão ou implosão causados pelo crescente número dos marginalizados.

Alertando para o conteúdo positivista do lema 'ordem e progresso', comenta o articulista brasileiro (KANITZ, 2002a, p.20):

---

<sup>57</sup> Autor do livro *The Great Implosion: a report on the collapse of the West, 1999-2002*, uma ficção analisando as causas dos grandes tumultos ocorridos na sociedade ocidental, no início do novo milênio.

<sup>58</sup> "E te levantaste contra o Senhor do céu, pois foram trazidos os vasos da casa dele perante ti e tu, os teus grandes, as tuas mulheres e as tuas concubinas, bebestes vinho por eles; além disto, destes louvores aos deuses de prata, de ouro, de cobre, de ferro, de madeira e de pedra que não vêem, não ouvem, nem sabem; mas a Deus, em cuja mão está a tua vida, e todos os teus caminhos, a ele não glorificaste", Antigo Testamento, Daniel, 5:23.

Quem coloca a sociedade em ordem não são os economistas, mas sim advogados, administradores, analistas, jornalistas, historiadores, professores [...]. Quem gera o progresso são os criadores, os inovadores, os pequenos empresários, os artistas que quebram paradigmas, os que destroem a ordem e a visão reinante.

Numa crítica ao avanço desordenado da racionalidade funcional no mundo contemporâneo, em especial no âmbito das organizações, Mouzelis constata que o enfrentamento dos problemas pertinentes à teoria convencional "são deixados quase que exclusivamente para os jornalistas, romancistas e filósofos. A maioria dos teóricos das organizações estão muito ocupados com problemas expostos a eles por administradores e burocratas" (MOUZELIS, apud SALM, 1993, p.30).

Como foram pensados, articulados e superados os principais paradigmas que caracterizaram as civilizações no curso da história?

## 2.2 Lições da história e das grandes transformações

Toda transformação [...] partiu de uma nova base ideológica e metafísica; ou melhor, das comoções e intuições mais profundas, cuja expressão racionalizada assume a forma de uma *nova visão do cosmos* e da *natureza do homem*.

Lewis Mumford  
( *The transformations of man*, 1956 )

" A história seguiu diferentes rumos para os diferentes povos devido às diferenças entre os ambientes em que viviam e não devido às diferenças biológicas entre os povos", (DIAMOND, 2001, p.25). Essa foi a conclusão de Jared Diamond<sup>59</sup>, após 35 anos de estudos e pesquisas dedicados à biologia da evolução nos quatro cantos do globo: América do Sul, África, Indonésia, Austrália e Nova Guiné.

Os períodos marcantes na história da humanidade são determinados por fatores climáticos, geográficos, genéticos, religiosos, políticos, energéticos e culturais que, de tempos em tempos desencadeiam fenômenos tidos como "equilíbrio interrompido", na expressão de Thurow (1997), conceito derivado da biologia evolutiva que tem como exemplo mais ilustrativo o da extinção dos dinossauros que, após dominarem a superfície da Terra por 130 milhões de anos, foram substituídos por outras espécies (os mamíferos), em virtude de mudança súbita do ambiente.

---

<sup>59</sup> Médico californiano, com doutorado em fisiologia, vem atuando em áreas diversas como lingüística, história, biogeografia, biologia da evolução e na observação de pássaros.

Na percepção de Drucker<sup>60</sup> (1999), a cada dois ou três séculos ocorre na história ocidental uma grande transformação, reordenando, em no máximo cinco décadas, valores básicos, estruturas sociais e políticas, artes, instituições, resultando enfim num mundo completamente novo.

Ao repensar as etapas da evolução humana ao longo dos últimos 10 mil anos, Ribeiro<sup>61</sup> (1998) entende que o processo civilizatório se estabeleceu a partir de oito saltos tecnológicos sucessivos (as Revoluções Agrícola, Urbana, do Regadio, Metalúrgica, Pastoril, Mercantil, Industrial e Termonuclear) desencadeando treze processos civilizatórios: revolução agrícola, expansão pastoril, revolução urbana, expansão escravista, segunda expansão pastoril, revolução do regadio, revolução metalúrgica, revolução pastoril, revolução mercantil, expansão capitalista, revolução industrial, expansão socialista, revolução termonuclear.

A descoberta de novas fontes energéticas, uma nova divisão do trabalho e uma nova organização do poder são, para o professor da Universidade de Roma, Domênico De Masi, as três inovações que caracterizam um *salto de época*, "trazendo consigo uma nova epistemologia, um novo modo de ver o mundo" (DE MASI, 2000, p. 41).

Dentro dessa concepção, De Masi (2000) subdivide a história da humanidade em **oito grandes períodos**:

O **primeiro** vai de setenta milhões a setecentos mil anos atrás, numa época em que o "homem criou a si mesmo: aprendeu a andar ereto, a falar, a educar a prole"(DE MASI, 2000, p.21). Na realidade "a raça humana atingiu sua forma atual há apenas dois dos cerca de 15 bilhões de anos desde o big-bang (HAWKING, 2001, p.169). Para o historiador e jornalista Peter Jay<sup>62</sup>, "a vida na Terra surgiu entre 600 e 400 milhões de anos atrás e os primeiros

<sup>60</sup> Peter Ferdinand Drucker (1909 - ) nasceu em Viena (Áustria), emigrou em 1937 para os Estados Unidos onde atuou como economista, jornalista, estrategista de *management*, palestrante e professor de administração e ciências sociais e arte oriental na Universidade de Nova York (1950-1971) e na Drucker School of Management, na Califórnia (a partir de 1971). Considerado "um pensador humanitário, que lida com os negócios, a administração e a economia como aspectos da história política e social, e não como fins em si mesmos" (HELLER, 2000, p.7) é autor de *The End of Economic Man: The Origins of Totalitarianism* (1939); *The Future of Industrial Man* (1942); *Concept of Corporation* (1946); *The New Society* (1950); *The Effective Executive* (1966); *Desafios Gerenciais para o Século 21* (1999), dentre outros.

<sup>61</sup> Darcy Ribeiro (1922-1997), antropólogo, professor, ensaísta e romancista vivenciou uma multiplicidade de experiências, desde estudos sobre aculturação de tribos indígenas na Amazônia e Brasil Central até o exercício de funções públicas como o de Reitor da Universidade de Brasília, Chefe da Casa Civil da Presidência da República, Ministro da Educação e Cultura, dentre outras.

<sup>62</sup> Editor de economia da BBC, em Londres, é graduado pela Universidade de Oxford, destacando-se como jornalista, historiador e diplomata (foi embaixador da Grã-Bretanha nos Estados Unidos).



mamíferos há cerca de 170 milhões de anos[...]. Os primeiros seres humanos surgiram há menos de 10 milhões de anos" (JAY, 2002, p.27).

A teoria mais usualmente aceita indica que o homem atual seria o único e derradeiro representante do ramo evolutivo dos homínídeos, que se destacou de outros primatas entre 5 a 10 milhões de anos atrás e que evoluiu sucessivamente dos *Australoptecos*, para *Homo habilis*, *Homo erectus* e, finalmente, *Homo sapiens* surgido há cerca de 200.000 a 100.000 anos, Mazoyer e Roudart (1997).

O fato dos primeiros homínídeos, há cerca de 1,8 milhões de anos, passarem a andar pelas savanas africanas na condição de bípedes, eretos - *Homo erectus* - liberou suas mãos para manejar artefatos e armas e facilitou a captura e o preparo de suas presas, De Masi (2000); Diamond (2001); Jay (2002).

Observando as mudanças no DNA mitocondrial<sup>63</sup>, cientistas da Universidade do Hawaii, liderados pela geneticista Rebecca Can, descobriram que a Eva genética, de quem todos nós descendemos, viveu no leste da África, há cerca de 150.000 anos.

Nas praias do leste da África, nossos ancestrais sobreviveram do mar. Há 80.000 anos, quando as calotas polares derreteram e avançaram sobre os continentes, a fome, a sede e a redução do habitat forçaram os 'humanos modernos' a empreenderem um êxodo solitário pelo sul da África rumo ao Iêmem. Essa foi a conclusão da equipe do professor Stephen Oppenheimer, da Universidade de Oxford. Do Iêmem outros grupos mudaram-se para o Leste (Malásia), para a Austrália (há cerca de 70.000 anos), para a China, Índia, Sudeste da Ásia, Mongólia, Sibéria, Oriente Médio, Síria, Turquia, onde cruzaram os Balcãs e penetraram na Europa (há 50.000 anos). A trilha do DNA indica também que nossos ancestrais americanos cruzaram o estreito de Bering, a partir da Sibéria, entre 25.000 e 20.000 anos atrás (A ORIGEM do homem, 2002).

Mas o primeiro "grande salto à frente" ocorreu há cerca de 50 mil anos quando, na condição de *Homo sapiens sapiens*, se consolidou o pleno desenvolvimento da linguagem e seus significados simbólicos, De Masi (2000); Diamond (2001).

O **segundo período** (de setecentos mil anos a oito mil anos atrás) teve início com a descoberta de uma nova fonte energética: o cachorro. Considerando as características glaciais da época, o cachorro domesticado puxava os trenós.

---

<sup>63</sup> Mitocôndrias são minúsculas estruturas encontradas dentro de todas as células humanas.

Além do cão outros quatro animais foram também domesticados para suprir algumas necessidades humanas: o boi (para puxar a canga); o porco (reserva de carne); a cabra (reserva de leite) e o carneiro (reserva de lã).

Muito tempo depois o ser humano concebe um equipamento fundamental: o arco e a flecha. Nesse período a humanidade "descobriu a eternidade para compensar a morte, e a beleza para compensar a dor" (DE MASI, 2000, p.26).

O **terceiro período** está vinculado à descoberta da semente (6000 a.C.) e provoca uma verdadeira revolução. Surge então a **agricultura**, a primeira das três ondas do processo civilizatório, Toffler (1980), conduzida inicialmente pelas mãos das mulheres que recolhiam as frutas caídas e aprendiam a 'cultivá-las'. Com a agricultura o ser humano "aprendeu a planejar o futuro, e a negociar o excedente da produção" (DE MASI, 2000, p.30).

A **agricultura** foi a principal fonte de riqueza das primeiras civilizações. O cultivo doméstico de trigo e cevada e a domesticação de carneiros, cabras e bois ocorreram, em caráter pioneiro, no sudoeste da Ásia, na Anatólia, na Grécia, na Pérsia e na bacia do Mar Cáspio no período compreendido entre 8000 - 5000 a. C. Nessa mesma época o painço era cultivado na China, Roberts (2000).

Um método relativamente recente, utilizado para determinação da idade de sítios arqueológicos, baseado na "espectrometria de aceleração de massa", levou Jared Diamond a afirmar que a **agricultura** surgiu há cerca de 11.000 anos, numa região denominada Crescente Fértil, no sudoeste da Ásia (Oriente Médio).

A agricultura começou no Crescente Fértil com a domesticação inicial de oito 'culturas fundadoras' [...]:os cereais cevada e dois tipos de trigo; os legumes lentilha, ervilha, grão-de-bico e ervilhaca amarga; e a fibra linho. Desses oito, somente o linho e a cevada existiam como espécies selvagens fora do Crescente Fértil e de Anatólia (DIAMOND, 2001, p.141).

A produção de alimentos, além da competição e difusão entre as sociedades primitivas, é causa fundamental dentre a constelação de fatores que conferiram graus diferenciados de **poder** político e econômico às primeiras civilizações. Foi a partir da agricultura que surgiram populações grandes e densas e a vida sedentária permitindo o desenvolvimento dos agentes imediatos da conquista (germes, escrita, tecnologia e organização política centralizada). A combinação de **governo** (organizando a conquista) e **religião**<sup>64</sup> (justificando-a) "funcionou, juntamente com os **germes, a escrita, a ideologia e a tecnologia**", como um dos conjuntos

<sup>64</sup> Para Rehfeld (1993), *religião* é um fenômeno de natureza histórica, cultural e social, enquanto *religiosidade* é um fator universal de natureza antropológica. No entendimento do professor Hélio Jaguaribe, as religiões (e respectivas Igrejas) monoteístas "exercem um papel relevante no mundo, talvez insubstituível, como agências de administração da esperança, supervisão da ética e consolo dos desamparados" (JAGUARIBE, 1993, p.226).

principais de "agentes próximos que conduziram ao poder e ao padrão mais geral da história" (DIAMOND, 2001, p.25;266;292).

O **quarto período** inicia três mil anos após, marcado pela descoberta da cidade, na Mesopotâmia (atual Iraque) e da escrita, na China. Foi por volta de 3500 a.C. que, na Mesopotâmia, surge a primeira civilização reconhecida. No Egito, a vida civilizada surge um pouco mais tarde, por volta de 3100 a.C. Nesse meio tempo, por volta de 2500 a.C., a civilização surgira na Índia. Na China<sup>65</sup> começa um pouco depois, por volta da metade do segundo milênio antes de Cristo, Roberts (2000).

Na percepção de Jared Diamond, o desenvolvimento da agricultura, a metalurgia, a tecnologia complexa, os governos centralizados e, a escrita foram os elementos fundamentais do processo de transição da barbárie à civilização.

O saber engendra poder. Por isso a *escrita* é um *instrumento de poder* das sociedades modernas, permitindo a transmissão do conhecimento, das terras mais longínquas e dos tempos mais remotos, com muito mais precisão e em maior quantidade e detalhe (DIAMOND, 2001, p.215).

A Grécia de Péricles (cinco séculos antes de Cristo) marca o limiar do **quinto período**. Trata-se do "berço de uma nova civilização que perdurou por mil e seiscentos anos (até o século XI depois de Cristo). É um período caracterizado pela "democracia, filosofia, arte, teatro e poesia" (DE MASI, 2000, p.33).

Nesse período, apesar de todos os avanços no conhecimento, houve, de forma deliberada, uma rejeição à tecnologia. Na realidade, em que pese a civilização grega haver inventado a alavanca e a rosca, o sistema elevatório de águas, a moagem de cereais, a construção de aquedutos, dentre outros, foi no domínio das artes e da filosofia que se consagrou a sua supremacia.

A verdadeira riqueza dos gregos não deriva da posse de objetos úteis ou vistosos, mas da capacidade, levada ao inverossímil, de captar e saborear profundamente as sensações e os

---

<sup>65</sup> No período das dinastias *Han* (206 a.C.-220 d.C.) a China era auto-suficiente em termos econômicos e tecnológicos. No mínimo 800 anos antes da Europa havia inventado altos fornos e foles a pistão; a pólvora e o canhão; o leme (os europeus levaram mais 1.200 anos para incorporar essa invenção); o papel, o tipo móvel e a impressora; a ponte pênsil; a porcelana; o arado metálico sobre rodas; os arreios para cavalos; uma máquina rotativa para debulhar e uma semeadora mecânica; extração de energia do gás natural; o sistema decimal; os números negativos e o conceito de zero; o carrinho de mão; os fósforos; o primeiro sistema de cartografia; máquinas para registrar terremotos; a primeira bússola magnética, além da construção de imensas muralhas urbanas de defesa, grandes palácios e o Grande Canal (o mais extenso do mundo com mais de 1.600 km unindo o norte e o sul da China. No entanto, o confucionismo (religião oficial) encarou muitas dessas novas tecnologias muito mais como ameaças do que como oportunidades, Thurow (1997); Roberts (2000); Diamond (2001).

significados positivos inseridos nas coisas, nos acontecimentos e idéias de todos os dias. O progressivo refinamento dessa sensibilidade era confiado à educação do gosto, cultivada nos jovens gregos como não o foi sequer na Florença dos Médici - mil anos depois - ou na Áustria das *Wiener Werkstätte* (Oficinas Vienenses) - dois mil anos depois (DE MASI, 1999, p.78).

Tendo como base uma visão do Cosmo, a Grécia Clássica<sup>66</sup> interpretava o mundo através de princípios transcendentais, concebidos como Formas, Idéias, universos, *archai* divinos e *arquétipos*<sup>67</sup>. Para Russell (2001) e Tarnas (2001), toda a filosofia ocidental teve origem na filosofia grega, com seus pensadores clássicos. Na realidade "a filosofia e a ciência começam com Tales de Mileto, no início do século VI a.C.[...] e as três maiores figuras da filosofia grega estão ligadas a Atenas: Sócrates, Platão (atenienses de nascimento) e Aristóteles (que ali estudou e ensinou)" (RUSSELL, 2001, p.13;66).

Naquela época, Platão e Aristóteles sustentavam um conceito de que tudo aquilo que servia à vida prática já tinha sido descoberto, valia mais usar a energia para outras coisas. Um modo de viver baseado na qualidade e no sentido e não na quantidade das coisas.

No século XII depois de Cristo tem início um **sexto período**, a reboque de uma pródiga torrente de descobertas e invenções na área tecnológica, relacionada com a dificuldade que surgiu neste período, de conseguir escravos. "Roma não é mais tão potente como antes e, fora dos confins do Império, os bárbaros se tornam irredutíveis" (DE MASI, 2000, p.38).

A partir de século XIV o mundo medieval começou a declinar e, de forma gradual, surgiram novas forças que moldaram o mundo moderno. Segundo Russell<sup>68</sup> (2001), quatro

---

<sup>66</sup> Aristóteles enfatizava a importância da unidade familiar e condicionava o desenvolvimento do verdadeiro afeto a uma certa restrição de área. Aristóteles também considerava que os gregos eram os únicos povos que "combinam a vitalidade do Norte com a inteligência do Oriente" (RUSSELL, 2001, p.133). Assinala também que "o que há de distintivo do Ocidente começa com os gregos, que inventaram a prática do raciocínio dedutivo e a ciência da geometria". Acrescenta, todavia, que "os gregos foram politicamente incompetentes, e sua contribuição à civilização teria se perdido, provavelmente, não fosse a capacidade administrativa dos romanos. Os romanos descobriram como conduzir o governo de um grande império por meio da administração pública e de um corpo de leis" (RUSSELL, 2002, p.129).

<sup>67</sup> Ao recuperar o conceito de *arquétipo* em Platão, o historiador Richard Tarnas evidencia que os arquétipos formam o mundo e também se sustentam além dele. "Um determinado objeto é o que é em virtude da Idéia que a define. Uma pessoa é *bela* até o ponto exato em que o arquétipo da Beleza está presente nela. Quando alguém se apaixona, é a Beleza (ou Afrodite) que a pessoa identifica e a ela se submete: o objeto amado é o instrumento da Beleza. O fator essencial passa a ser o arquétipo e nisso está contido o seu significado mais profundo" (TARNAS, 2000, p.20).

<sup>68</sup> Bertrand Russell (1872-1970) nasceu em Trellek, País de Gales. Após cursar o Trinity College, gradua-se em filosofia onde, juntamente com a matemática, assume o tema central de seus trabalhos e de sua vida. Considerada "uma das figuras mais importantes, polêmicas e contraditórias da filosofia do século XX" (SANTOS, 1978, p.VI), Russell publicou *Os Princípios da Matemática* (1903), juntamente com Whitehead. Nessa obra, "a inferência da lógica à metafísica foi feita de maneira radical" (SANTOS, 1978, p.VII). Pelo conjunto da sua obra recebeu o Prêmio Nobel de Literatura (1950). Dentre seus principais livros destacam-se: *Ensaio Filosófico* (1910); *Por que não sou cristão* (1927); *O Elogio ao ócio* (1935); *A História da Filosofia Oriental* (1945); *Uma pesquisa sobre o significado e a verdade* (1940); *Conhecimento humano: seu alvo e seus*

grandes movimentos marcam o período de transição que se estende do declínio da Idade Média até o grande surto de progresso do século XVII: o Renascimento, cujo epicentro ocorreu na Itália, mais especificamente na cidade de Florença; o humanismo, caracterizando o deslocamento das preocupações voltadas a Deus (dirigidas pela Igreja católica) para as preocupações centradas no ser humano; a Reforma inspirada por pensadores humanistas que se opunham às "más práticas que infestavam o governo da Igreja e o domínio de papas ambiciosos e famintos de ouro" (RUSSELL, 2001, p.240); e o avanço da ciência e da tecnologia.

Francis Bacon, Thomas Hobbes, René Descartes e Gianbattista Vico fornecem as bases epistemológicas para, duzentos anos depois (em meados do século XVIII), eclodir a *sociedade industrial*, o **sétimo período**. No bojo do *Iluminismo*<sup>69</sup> nasce "uma mistura de cientificismo, racionalismo, ironia e auto-ironia que fez do século XVIII o *século das luzes*" (DE MASI, 2000, p.42). Ao atacar a idéia de um outro mundo os pensadores iluministas (chamados de *philosophes*) "rejeitaram a teologia enquanto caminho da verdade, criticaram o conceito cristão da depravação inerente aos seres humanos e buscaram compreender a natureza e a sociedade unicamente através da *razão*<sup>70</sup>" (PERRY, 1999, p.296).

---

*limites* (1948); *A Sabedoria do Ocidente*. Até sua morte (1970), aos 98 anos, "permaneceu um crítico de instituições sociais opressoras, um pacifista ardoroso e um militante infatigável em movimentos em defesa da liberdade humana" (SANTOS, 1978, p.VI).

<sup>69</sup> De acordo com Perry (1999), Jaguaribe (2001), Voegelin (1975), Harman (1998), Philonenko (2001), Russell (2001) e Roberts (2000), de uma maneira geral o *Iluminismo* foi uma evolução da *Revolução Científica* iniciada em 1543 com a difusão das idéias de Nicolau Copérnico (1473-1543), em *Das revoluções das esferas celestes*; de Francis Bacon (1561-1626), com *O progresso do saber* (1605); de Galileu Galilei (1564-1642), com *O mensageiro estrelado* (1610); de Isaac Newton (1642-1727), com *Principia Mathematica* (1687); de John Locke (1637-1704) com *Dois tratados sobre o governo* (1690); de François-Marie Arquet (1694-1778), conhecido como Voltaire, com *Cartas sobre a nação inglesa* (1733); por Denis Diderot (1713-1784) com a publicação da *Enciclopédia* (1751-1765) e de Immanuel Kant (1724-1804), com sua *Crítica da Razão Pura* (1781) e *Crítica da Razão Prática* (1788). Na realidade, um dos primeiros atos do Iluminismo foi a "tentativa de determinar a validade da religião nos limites da razão" (KANT, apud ABBAGNANO, 2000, p. 535). O autor deste projeto acrescenta os nomes de dois filósofos: o inglês Thomas Hobbes (1588-1679), com seu tratado sobre O Estado, *Leviatã* (1651); e o escocês Adam Smith (1723-1790) que, com suas obras *Teoria dos Sentimentos Morais* (1759) e *Investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações* (1776), colocou em evidência "a importância do sentimento e das paixões na conduta do homem" (ABBAGNANO, 2000, p.536), além de ter sido o responsável pela criação da economia como ciência e lançado os alicerces para a operacionalização da sociedade centrada no mercado com duas idéias-força: a divisão e mecanização do trabalho e o entendimento de que a *riqueza das nações* vem principalmente da *indústria* e não mais da *agricultura*, Smith (1979a; 1979b).

<sup>70</sup> Weber (1979) distinguiu a *razão* em dois tipos: a racionalidade instrumental (*Zweckrationalität*), simbolizando o exercício do *logos*, determinado por uma expectativa de resultados ou "fins calculados"; e racionalidade substantiva (*Wertrationalität*) que, no domínio do *nous*, independe de qualquer ação humana na consecução de um resultado ulterior. É com Thomas Hobbes que se instaura e se legitima a prevalência do econômico sobre o político. É em Hobbes que a racionalidade humana é reduzida ao mero cálculo econômico de conseqüências: à razão funcional, ao *logos*" (REZENDE, 1983, p.96).

Na realidade, o Iluminismo, desencadeado durante o período que transcorreu entre as últimas décadas do século XVII e os últimos decênios do século XVIII (período também conhecido como o século das luzes), coroou o movimento em direção à modernidade, iniciado na Renascença.

O Iluminismo, no entendimento de Rouanet (1993), empreendeu sua luta pela autonomia, sua principal bandeira, em três campos: intelectual, político e econômico. No campo intelectual o Iluminismo buscou emancipar a razão das malhas do divino e da tradição secular. No campo político pretendeu salvar o homem dos regimes tirânicos, reforçando os direitos humanos e a democracia. No campo econômico o Iluminismo vislumbrou a abolição da miséria.

Esses ideais de autonomia se implantaram apenas parcialmente. Em sua radicalidade, na própria impossibilidade de sua realização integral, eles constituem as inerções mais fortes da utopia iluminista [...]. Depois de ter incorporado à história energias utópicas intemporais, devolveu à história do transcendente o irrealizado e o irrealizável do sonho da autonomia. São as centelhas inextinguíveis de um astro morto que continuam a iluminar-nos até hoje: a utopia da razão soberana, a utopia da liberdade perfeita e a utopia da abundância irrestrita (ROUANET, 1993, p. 191).

Drucker (1999) considera que foram necessários cerca de 50 anos para que a humanidade compreendesse o significado das transformações iniciadas em 1455 (invenção da imprensa por Gutemberg), passando pela Reforma de Lutero, em 1517, e acompanhando todo o Renascimento, com seu apogeu entre 1470 e 1500, nas cidades-estado de Florença e Veneza. Esse entendimento só ocorreu após os *Comentários* de Copérnico, escritos entre 1510 e 1514; com *O Príncipe* de Maquiavel, escrito em 1513; com a síntese, por Michelângelo, de toda a arte renascentista no teto da Capela Sistina, pintado entre 1508 e 1512; e com o restabelecimento da Igreja Católica no Concílio de Trento, por volta de 1540.

Algo semelhante ocorreu com a transformação seguinte, desencadeada, em 1776, com a publicação de *A Riqueza das Nações* (Adam Smith), a partir do aperfeiçoamento do motor a vapor por James Watt, quando, sob a liderança de Thomas Jefferson (1743-1826) é promulgada a Declaração de Independência dos Estados Unidos (4 de julho de 1776). Essa transformação "só foi ser compreendida e analisada sessenta anos depois, nos dois volumes de *Democracia na América* de Alexis de Tocqueville, publicados respectivamente em 1835 e 1840" (DRUCKER, 1999, p.XIII).

Para melhor qualificar as profundas alterações advindas no bojo da sociedade industrial vale recorrer a Karl Polanyi<sup>71</sup> que, em plena II Guerra Mundial destacou que, apesar da Revolução Industrial "ter proporcionado um progresso miraculoso nos instrumentos de produção" a aceitação acrítica, quase mística, das conseqüências sociais do progresso econômico solaparam "as verdades elementares da ciência política e da arte de governar [...] pela ação corrosiva de um utilitarismo cru, aliado a uma confiança não-crítica nas alegadas propriedades auto-curativas de um crescimento inconsistente" (POLANYI, 1980, p.51).

Ao reconhecer a necessidade de reconstruir a sociedade, aprendendo com o passado todas as lições e advertências, faz o seguinte comentário sobre o espírito mercantilista e perverso que foi legitimado pela Revolução Industrial, (POLANYI, 1980, p.58):

a motivação do lucro passa a substituir a motivação da subsistência. Todas as transações se transformam em transações monetárias e estas, por sua vez, exigem que seja introduzido um meio de intercâmbio em cada articulação da vida industrial. Todas as rendas devem derivar da venda de alguma coisa e, qualquer que seja a verdadeira fonte de renda de uma pessoa, ela deve ser vista como resultante de uma venda. É isto o que significa o simples termo *sistema de mercado* pelo qual designamos o padrão institucional descrito [...]. É justamente esse sistema auto-regulável de mercados o que queremos dizer com *economia de mercado*. A transformação da economia anterior para esse sistema é tão completa que parece mais a metamorfose de uma lagarta do que qualquer alteração que possa ser expressa em termos de crescimento contínuo e de desenvolvimento [...]. Na verdade a produção das máquinas numa sociedade comercial envolve uma transformação que é a da substância natural e humana da sociedade em mercadorias.

Segundo Ramos (1981f), Karl Polanyi, contrariamente à teoria marxista, considerou o advento da sociedade regulada pelo mercado não como etapa necessária do processo histórico, e assim, um avanço ou progresso, mas como uma deformação da vida humana associada.

O **oitavo e último período** manifestou seus primeiros sinais a partir de meados do século XX: o prelúdio da *sociedade pós-industrial*. Para De Masi (1999a), pensadores como Daniel Bell, autor de *The coming of post-industrial society*; Ivan Illich, Ernest Schumacher, Alvin Toffler, John Naisbit, Christopher Lasch, Ronald Inglehart, dentre outros, articularam a mudança de valores que já vinha ocorrendo em vários quadrantes do planeta.

---

<sup>71</sup> Karl Polanyi (1886-1964) nasceu em Viena e estudou nas Universidades de Budapeste e Viena, graduando-se em filosofia e direito. Participou da I Guerra Mundial como capitão do exército austro-húngaro. Após o conflito, foi escritor e jornalista em Viena. Com a ascensão do nazismo emigrou para Londres onde lecionou nas Universidades de Oxford e Londres. Mudou-se para os Estados Unidos em 1947 para lecionar História Econômica na Universidade de Colúmbia (Nova Iorque) e no Bennington College (Vermont). Suas atividades de pesquisa foram realizadas com entusiasmo até sua morte, em abril de 1964, numa casa de campo nos arredores de Toronto (Canadá). Entre suas obras mais importantes destacam-se *Origins of Our Time: The Great Transformation* (1944); *Primitive, Archaic and Modern Economies* (1968); *The Livelihood of Man* (publicado em 1977).

Valores até então consagrados pela sociedade industrial estão sendo revistos, tais como a *estandardização*, produtos feitos em série para atender ao gosto padronizado dos consumidores; a *especialização*, preconizada pelo engenheiro da Filadélfia, Frederick Taylor, e immortalizada nas cenas de *Tempos Modernos*, do genial Charles Chaplin; e a *sincronização* das fábricas, dos escritórios, do trânsito, das escolas e da própria vida resultando em grandes desperdícios em nome da eficiência.

Em contrapartida, valores emergentes estão permeando a vida e os hábitos de forma progressiva. De Masi (1999) elege onze valores emergentes da sociedade pós-industrial: intelectualização, confiança, ética, estética<sup>72</sup>, subjetividade, emoção, androginia, virtualidade, globalização, desestruturação e qualidade de vida. Assim ele concebe a qualidade de vida delineada pela sociedade pós-industrial:

É um contraponto ao tradicional posicionamento de sacrifício, fatalista, expiatório, calvinista. As poucas necessidades 'fortes' que têm angustiado a existência dos trabalhadores industriais, compelindo-os a se fatigar a vida toda para sustentar a família, para comprar a casa, custear os estudos, vão-se desintegrando numa miríade de necessidades 'frágeis', ligadas à cultura e à volúpia, próprias de uma sociedade que atingiu o bem estar e que pretende gozá-lo nesta vida terrena (DE MASI, 1999a, p.207).

Para o professor Peter Drucker esta transformação em andamento ocorre sob a custódia do conhecimento.

Thurow (1997), em suas pesquisas no MIT<sup>73</sup>, concluiu que a *sociedade pós-industrial* está sendo gerada a partir de cinco grandes forças subjacentes: o fim do comunismo; uma mudança tecnológica para uma era dominada por indústrias de poder cerebral; uma demografia jamais vista; uma economia global; e no contexto de uma era onde não há nenhuma potência dominante, econômica, militar ou social.

Ramos aconselha "uma atitude de prudência [...] diante do que se tem convencionalmente chamado de futurologia". Para ele, é comum a futurologia se submeter à síndrome da modernidade, segundo a qual "a felicidade e a perfectibilidade humanas se consumarão secularmente como resultado necessário de mera progressão histórica". Ele manifesta portanto reservas aos cenários que alguns futurólogos "chamam de 'pós-industriais' ou imaginam ser

<sup>72</sup> "O termo *estética*, como hoje se emprega, foi cunhado pela primeira vez por Alexander Gottlieb Baumgarten (1714-1762), filósofo alemão autor de *Metafísica, Ética Filosófica*, dentre outras obras que foram estudadas por pensadores do porte de Kant. Em todo caso, o sentimento expresso pelo poeta irlandês John Keats (1795-1821) ao dizer que *a verdade é beleza*, reflete uma concepção profundamente grega, Russell (2001); Masip (2001); Tarnas (2000).

<sup>73</sup> Thurow usa uma metáfora emprestada da geologia para caracterizar as cinco forças subjacentes como um movimento de placas tectônicas.



antecipações de 'nova era', os quais, à luz de análise vigorosa, são apenas versões disfarçadas do *déjà-vu*" (RAMOS, 1981d). Num outro artigo, esse cientista político alerta para o fato de que:

O industrialismo é um modo de produzir tão velho como a espécie humana. A utilização do fogo, do vento, da roda; a invenção das armas de guerra e caça[...] a burocracia rudimentar dos impérios tribais e antigos, necessária para coletar tributos e administrar justiça; a arte de construir pontes e barragens, habitações e monumentos. Daí porque, a expressão *sociedade pós-industrial* é destituída de sentido; simplesmente porque tal coisa é impossível de concretizar-se tanto no presente quanto no futuro (RAMOS, 1981c).

Para Galbraith<sup>74</sup> o mundo entrou na era da incerteza a partir do final da Primeira Guerra Mundial (1918), atravessando um período intermediário de profunda crise e miséria cuja 'linha de largada' foi a quinta feira negra, 24 de outubro de 1929, com a quebra das bolsas de valores, em Nova Iorque. "Na Europa, foi a Primeira Guerra Mundial que abalou as antigas certezas[...] nos Estados Unidos foi a Grande Depressão" (GALBRAITH, 1980, p.210).

Nesse período (entre as duas guerras mundiais) o mundo ocidental conheceu, e sentiu na pele, aquele que, segundo Galbraith (1980), foi o último dos grandes economistas: John Maynard Keynes (1883-1946). Foi também o principal responsável pelo engajamento da máquina estatal na cruzada contra o desemprego endêmico e avassalador.

Em seu livro *My early beliefs*, Keynes assegura que "os principais objetivos da vida de uma pessoa eram o amor, a criação e a fruição da experiência estética, bem como a busca do saber. Dentre eles, o amor vinha em primeiro lugar, destacado" (KEYNES, apud GALBRAITH, 1980, p.196). Já na sua *Teoria Geral do Emprego*, Keynes observa:

As idéias dos economistas e dos filósofos, tanto quando estão certos como quando estão errados, são muito mais poderosas do que normalmente se imagina. Na verdade o mundo é governado quase que exclusivamente por elas. Homens práticos, que se julgam imunes a quaisquer influências intelectuais, geralmente são escravos de algum economista já falecido (KEYNES, apud GALBRAITH, 1980, p.1).

---

<sup>74</sup> John Kenneth Galbraith (1908 - ) nasceu no condado de Elgin, em Ontário (Canadá), numa família de fazendeiros originários das *Highlands* escocesas. Mesmo se notabilizando por seu rebanho de *Shorthorns* puros, a família Galbraith, e os demais agricultores da região, eram "atormentados por profundo senso de inferioridade - em outros tempos chamado de complexo de inferioridade - [...] compensado por uma vigorosa afirmação da importância econômica da agricultura e das qualidades morais e espirituais que resultam da íntima associação com o solo" (GALBRAITH, 1985, p.9). Talvez por sua origem rural, Galbraith graduou-se em agronomia (1931) no *Ontário Agricultural College*, em Guelph, na província canadense de Ontário. Foi professor nas Universidades de Princeton, Califórnia (em Berkeley, onde defendeu sua tese de doutorado sobre *As Finalidades da Prática*), Cambridge e Harvard (1934-1975). Foi embaixador dos Estados Unidos na Índia (governo Kennedy). Sua projeção mundial foi alcançada com a publicação de *The Affluent Society* (1958). Essa obra, juntamente com *The New Industrial State* levaram a BBC de Londres a contratar Galbraith para produzir a série, posteriormente convertida em livro, *The Age of Uncertainty (A Era da Incerteza)*. Pelo conjunto de sua obra foi agraciado com o Nobel de economia, Stern (198?).

Uma vez mais a intervenção de Ramos é pertinente ao tema quando, em seu artigo *Platão e a conversa de gerações* lembra:

Uma das características fundamentais de muitos dos que hoje se consideram estudiosos da ciência natural e social é a incompreensão do presente como história, ou, mais particularmente, a pretensão de que o presente se explica a si mesmo como uma configuração cindida do legado da história decorrida. Escapa-lhes a percepção de que nenhuma ciência pode ser compreendida sem o entendimento de sua história (RAMOS, 1981g, p.2).

Nesse artigo, ao recomendar que "a leitura dos escritores antigos requer um aprendizado" ressalta que Platão "considerou o mito como uma forma de conhecimento compacto" e cita o físico e matemático Alfred North Whitehead que, em sua obra *Processo e Realidade*, afirma que "a tradição filosófica européia consiste numa série de rodapés à obra de Platão"(RAMOS, 1981g, p.2).

Salm critica o procedimento metodológico daqueles autores que, ao analisar os fatos e as trajetórias marcantes inerentes à vida humana associada, o fazem a partir de um horizonte temporal restrito ao século XX. Assegura o professor que, tanto a história do pensamento administrativo quanto as raízes da crise política que envolve o mundo contemporâneo tem origem nos marcos conceituais "que foram plantados no decurso dos quatro últimos séculos"(SALM, 1993, p.21).

Nessa abordagem, Hirschman (2000) e Voegelin (1979) correlacionam os tempos atuais com episódios históricos ocorridos a partir do século XVI. Para Hirschman, as paixões humanas - das mais inofensivas às mais perversas - foram transformadas, a partir do final do século XVI, em interesses próprios, denegrindo a sentido clássico do bem comum e da virtude<sup>75</sup>.

O historiador Jacques Barzun<sup>76</sup> considera a Reforma Protestante - desencadeada pelo monge católico Martinho Lutero, em 1517 - como o marco inicial da Era Moderna.

---

<sup>75</sup> Ao conceituar *interesses e bem comum*, Aristóteles assegura que uma boa vida implica em partilhar **interesses comuns** - *common interest* - na vida comunitária e individual; caracterizando esse partilhar "através da união de todos e de cada um na forma de vida política, (ARISTÓTELES, 1980, p.111). Em sua *Ética a Nicômaco* o pensador grego, ao analisar a vinculação da felicidade com a virtude, sabedoria e prazer, admite que "a felicidade é a atividade conforme à virtude"(ARISTÓTELES 2001a, p.29).

<sup>76</sup> Aos 95 anos esse escritor francês, cuja infância e adolescência coincidiu com a *belle époque*, acaba de publicar um livro sobre a cultura do Ocidente nos últimos 1500 anos.

Para ele, a Reforma foi a primeira das quatro grandes revoluções que, a partir de 1500, alteraram a cultura, crenças e valores da humanidade, reduzindo as demais a simples "réplicas sísmicas locais" (BARZUN, 2002, p.24):

A revolução religiosa do século XVI foi o primeiro grande 'terremoto', seguido pela revolução monárquica do século XVII; a revolução francesa, liberal e individualista que abrange os séculos XVIII e XIX; e a revolução russa, social e coletivista, do século XX. Além de haver solapado o mecanismo mercantilista das *indulgências*<sup>77</sup>, a primeira das quatro revoluções induziu milhões de pessoas a mudar as formas de culto à divindade e a concepção de seu destino, além de haver promovido novos sentimentos de nacionalidade; mudado atitudes em relação ao trabalho; privado o Ocidente do seu ancestral sentido de unidade e ascendência comum; e, pela emigração para o novo mundo ultramarino, provocado uma extraordinária ampliação do significado de Ocidente e do *poder* de sua civilização<sup>78</sup>.

Um aspecto peculiar da Reforma é a utilização do tipo móvel de Johann Gutemberg, posto à prova pela primeira vez (na impressão da Bíblia) em 1455 e que, seis décadas após, promoveu uma ampla difusão da teses de Lutero, constituindo-se assim "no primeiro dos veículos de comunicação<sup>79</sup> de massa", (BARZUN, 2002, p.24-25).

Já para Hannah Arendt, a descoberta da América; a Reforma e a invenção do telescópio (por Galileu Galilei), foram os "três grandes eventos que determinaram o caráter da era moderna, apesar de ainda pertencerem a um mundo pré-moderno". Ao contrário da tendência de muitos cientistas e filósofos assumirem, a partir da era moderna, a postura de 'absoluta novidade' em seus escritos e descobertas, para Arendt "nenhum dos precursores da era

<sup>77</sup> Para Barzun, esse expediente foi criado pela igreja católica no século XVI, constituindo uma "espécie de cheque certificado, sacado pelo Papa, [...] habilitando o portador a driblar a penitência e abreviar - pela via monetária - seu tempo de permanência no purgatório" (BARZUN, 2002, p.25).

<sup>78</sup> Jared Diamond lembra que o Novo Mundo 'foi inicialmente colonizado por volta de 11.000 a.C., através do Alasca, estreito de Bering e da Sibéria' e, posteriormente, numa incursão dos nórdicos "que ocuparam a Groelândia entre 986 e 1500, (DIAMOND, 2001, p.67). Ao demonstrar o *poder* dos povos eurásianos - mais especificamente dos espanhóis - sobre os ameríndios por ocasião da 'descoberta' por Colombo do Novo Mundo, em 1492, o médico e historiador aponta a conquista do império Inca pelo conquistador espanhol Francisco Pizarro (em Cajamarca, nas montanhas peruanas, em 16 de novembro de 1532) como o "maior enfrentamento da história moderna". Dispondo de apenas 62 homens a cavalo e 106 na infantaria, Pizarro derrotou "um exército de nativos 500 vezes mais numeroso, comandado por Ataulpa, imperador Inca. Isto só foi possível graças ao desequilíbrio em matéria de equipamentos (novidade psicológica das armas de aço e dos cavalos espanhóis), bem como das "doenças transmitidas para pessoas sem imunidade por invasores com considerável imunidade" tais como varíola, sarampo, gripe, tifo, peste bubônica e outras doenças infecciosas, endêmicas na Europa, (DIAMOND, 2001, p.68;77).

<sup>79</sup> Para Eric Voegelin o processo de comunicação ocorre segundo três modalidades: *comunicação substantiva*, onde predomina a educação pela persuasão, segundo princípios enunciados por Platão (*Diálogos*); *comunicação pragmática*, entendida como a preocupação em "ajustar o comportamento de outras pessoas como meio para realizar seu próprio projeto"; e a *comunicação intoxicante*, característica dos instrumentos contemporâneos "para superar a ansiedade e o tédio de uma sociedade de massa, tais como a TV, o cinema, o rádio e outras dispersões que objetivam superar o vazio pela atividade", (VOEGELIN, 1956, p.3-4).

moderna se considerava revolucionário<sup>80</sup>: seus motivos e intenções estavam ainda fortemente arraigados na tradição" (ARENDR, 1981a, p.260-261). Recorre a Jasper para afirmar "como difere a importância da pretensão de novidade na ciência e na filosofia". Arendt rebate René Descartes que apresentou sua filosofia como uma nova descoberta científica.

Uma inovação trazida pela Era Moderna foi "a idéia seiscentista de um progresso ilimitado, que depois de alguns séculos transformou-se no mais precioso dogma de todos os homens que vivem em um mundo cientificamente orientado" (ARENDR, 2000, p.22).

Adler<sup>81</sup> (1987) entende que, ao contrário da ciência, que apresenta contínuos e permanentes avanços ao longo da história, a filosofia é baseada na experiência comum da humanidade, tendo alcançado bem cedo a sua maturidade.

### 2.3 A condição humana nas dimensões imanente e transcendente

Os atos humanos que consistam no exercício da liberdade são atos transcendentais. A transcendência absoluta se identifica com a idéia de Deus. Deus entendido como o ser supremo, criador do universo e fundamento da ordem ética.

Hélio Jaguaribe

( *Transcendência e mundo na virada do século*, 1993 )

Há cerca de 2.400 anos, Platão, refletindo a influência de seu mestre Sócrates, revelava a seus interlocutores "o meio de ter acesso ao verdadeiro saber e a levá-los a recusar conhecimentos prontos", (MOUTSOPOULOS, 2001, p.774-775). Platão já vislumbrava o *mundo visível* (das aparências) e o *mundo inteligível* (das idéias).

Na realidade, a teoria da idéias é trabalhada a partir de Sócrates, explicitada no diálogo *Parmênides* escrito por Platão. Apresentada de forma mais elucidativa em *A República*, Sócrates - interpretado por Platão - esboça a famosa *alegoria da caverna* (PLATÃO, 2002, p.210-211):

Os desprovidos de filosofia são como prisioneiros numa caverna. Estão acorrentados e não podem se virar. Por trás deles existe um fogo, e diante deles ergue-se a parede nua do fundo da caverna vazia. Nessa parede, como numa tela, eles vêem suas próprias sombras e as

<sup>80</sup> Ao finalizar seu último livro *Guerreiro Ramos* salientou que "a nova ciência das organizações não é realmente nova, porque é tão velha quanto o senso comum". Complementou assinalando que "o que é novo são as circunstâncias, nas quais precisamos, mais uma vez, começar a dar ouvidos ao nosso eu mais íntimo"(RAMOS, 1981a, p.201).

<sup>81</sup> Mortimer Adler, filósofo, presidente do Comitê Editorial da Enciclopédia Britânica.

dos objetos existentes entre eles e o fogo. Como não podem ver nada mais, crêem que as sombras são os objetos reais. Afinal, um deles se livra dos grilhões e tateia rumo à boca da caverna. Ali, pela primeira vez, ele vê a luz do sol brilhando sobre os pletóricos objetos do mundo real. Volta à caverna para contar aos companheiros as suas descobertas, e tenta mostrar-lhes que o seu mundo não é mais do que um tênue reflexo da realidade, um mundo de meras sombras. Mas, tendo visto a luz do sol, a sua visão ficou deslumbrada com aquele brilho e agora ele acha mais difícil perceber as sombras. Tenta mostrar aos outros o caminho da luz, mas estes consideram-no mais tolo do que antes, e, portanto, convencê-los não é tarefa fácil. Se somos estranhos perante a filosofia, então somos como esses prisioneiros. Vemos apenas sombras, aparências das coisas. Mas quando somos filósofos, vemos as coisas fora, à luz do sol da razão e da verdade, e isto é realidade. Esta luz, que nos dá a verdade e a faculdade de conhecer, representa a idéia do Bem.

Em seu entendimento sobre o que é filosofia, Bertrand Russell assegura que "literalmente a palavra significa amante da sabedoria". Mas, complementa, nem todo amante da sabedoria assume efetivamente a condição de filósofo:

Nem todo aquele que tem a curiosidade por saber é filósofo. A definição precisa ser reduzida: um *filósofo* é alguém que *ama a visão da verdade*. Um colecionador de arte ama coisas belas, mas isso não o torna um filósofo. O filósofo ama a beleza em si. O amante das coisas belas está sonhando, mas o amante da beleza está acordado. Enquanto o amante da arte só tem opinião, o amante da beleza possui conhecimento. O conhecimento é fixo e certo, é a verdade livre de erro. Por outro lado, a opinião pode estar equivocada. Mas, como a opinião não é conhecimento do que é, nem tampouco nada, precisa ser tanto do que é quanto do que não é, como proporia Heráclito (RUSSELL, 2001, p.78-79).

Friedrich Nietzsche em seu *Crepúsculo dos Ídolos* (1888) também reverencia o filósofo Heráclito (535-475 a.C.):

Heráclito também foi injusto com os sentidos, que não mentem de modo algum. É o que fazemos de sua evidência que introduz imediatamente uma mentira em relação a eles, por exemplo, a mentira da unidade, da substância, da duração ... A 'razão' é a causa de nossa falsificação da evidência dos sentidos. Na medida em que os sentidos mostram o devir, a transição, a mudança, eles não mentem... Mas Heráclito estará sempre certo nisto, em que o ser é uma ficção vazia. O mundo 'aparente' é o único: o mundo 'real' foi apenas *mentirosamente acrescentado* (NIETZSCHE, 2001, p.132).

O renascimento da filosofia clássica na sociedade contemporânea constitui-se num dos mais extraordinários acontecimentos dos nossos dias. Filósofos do porte de Sócrates, Platão e Aristóteles - além dos pré-socráticos - voltaram a fornecer as bases epistemológicas para reflexão e compreensão da condição humana.

Para Mello (1993), esse ressurgimento da filosofia clássica no século XX teve dois grandes artífices: Friedrich Nietzsche e Soren Kierkegaard. No entanto foram necessários pelo menos três séculos para iniciar esse renascimento. A partir de acontecimentos históricos que se sucederam, a filosofia clássica.

depois de ter feito entrever um mundo transcendente, cuja razão de ser não era outra senão impor forma e ordem ao mundo imanente em que vive o homem, a filosofia se deixou lentamente envolver nessa imanência e fazer parte dela como se tal fosse a motivação que lhe tivesse dado origem (MELLO, 1993, p.154).

A filosofia moderna concebida por filósofos como Maquiavel, Hobbes, Descartes, Bacon, Locke, Spinoza, Hume, Kant, Hegel, Marx e tantos outros, no transcorrer dos séculos XVI a XIX, nunca conseguiu criar uma base que lhe desse a possibilidade de assumir o papel que sempre exerceu a filosofia grega:

A filosofia moderna nunca pode atender àquelas necessidades humanas em função das quais a filosofia grega se tinha constituído. Uma vez feito o passo que lhe deu uma fisionomia totalmente diferente da que havia apresentado sua predecessora, foi-se deixando levar pelas peripécias, pelos imprevistos que ocorriam no itinerário que seguia. Ao invés de guiar a humanidade, deixou-se guiar por ela (MELLO, 1993, p.155).

Mello também considera a filosofia moderna incapaz de atender às necessidades humanas em função das quais a filosofia clássica grega havia se constituído. Para ele, a filosofia moderna, aliada à ciência forneceu os instrumentos para saciar o desejo de *poder* e de *conquista* do homem:

O homem tinha sede de poder, queria conquistar, dominar a natureza. O filósofo moderno, aliando-se à ciência, dava-lhe os instrumentos para isso. O homem queria ter certezas, não porque isso contribuísse para o seu crescimento interior, para seu desenvolvimento espiritual, mas simplesmente porque queria mais segurança na execução de seus planos de poder e de conquista. A filosofia moderna, aliada à ciência, lhe dava essa certeza. De Bacon e Descartes a Kant, passando por Melebranche, Spinoza, Leibnitz e os empiristas ingleses, a filosofia nada mais fez do que se garantir contra os equívocos que o emprego incorreto de sua faculdade racional pudesse ocasionar[...]. A carência completa de princípios ordenadores, formadores das sociedades humanas, definiu de maneira esmagadora o estilo da filosofia moderna, radicalizando assustadoramente a tendência que já nos tempos clássicos se havia manifestado, de uma certa absorção pelo mundo da imanência, da atividade voltada em princípio para transcendência que era a essência da filosofia (MELLO, 1993, p. 155).

Dessa forma, questões como *razão*, *imanência*, e *transcendência* já haviam sido magistralmente concebidas e articuladas por Sócrates, Platão e Aristóteles, há cerca de 2.400 anos.

Embora Aristóteles tenha sido o primeiro crítico de Platão, ele aplicava o significado da *razão*, elaboradamente forjado por Sócrates e Platão, a muitos dos fenômenos por ele analisados no mundo empírico. "Se Platão empregava a razão para superar o mundo empírico e descobrir uma ordem transcendental, Aristóteles empregava a razão para descobrir uma

ordem imanente no próprio mundo empírico" (TARNAS, 2000, p.84). Para Russell (2001), Platão se aproximara muito mais da verdade enquanto Aristóteles revelou-se no campo da lógica que, em sua essência, deriva do pensamento de Platão.

Ao analisar o majestoso quadro de Rafael<sup>82</sup> - *A Escola de Atenas* (figuras 2 e 3) - o historiador Richard Tarnas observa que Aristóteles e Platão, retratados pelo genial pintor renascentista, demonstram

uma certa harmonia elegante e uma tensão entre a análise empírica e a intuição espiritual, dinâmica onde, no centro dos muitos filósofos e cientistas gregos reunidos em viva discussão, encontram-se o velho Platão e o jovem Aristóteles; o primeiro apontando para cima, para os céus, para o invisível e *transcendental*, enquanto Aristóteles, movimenta sua mão para fora e para baixo, para a terra, para o visível e *imanente* (TARNAS, 2000, p.84-85).

A metáfora espacial do *alto* e do *baixo*, retratada por Rafael, expressa as diferenças entre a *experiência da transcendência* segundo a tradição bíblica, interpretada na linguagem da *Revelação*<sup>83</sup> (Palavra de Deus), em Israel, e a vislumbração a partir da Idéia, na tradição da Grécia Clássica (ver a *Alegoria da Caverna*, relatada às páginas 68-69), interpretada à luz da razão. Embora articuladas num discurso coerente, "as duas experiências históricas apontam os vetores intencionais em direções opostas". A primeira indica uma direção de *descida* (*katábasis*) do transcendente à imanência do mundo", onde o fato do Cristo reflete "a transcendência como descendo do alto ou, segundo a proclamação do Prólogo Joanino, a Palavra (*Logos*) como vida imanente de Deus na sua absoluta transcendência, *tornou-se carne*

<sup>82</sup> Rafael Sanzio (1483-1520) nasceu no ducado de Urbino (Itália) sendo considerado, juntamente com Leonardo da Vinci e Michelângelo, um dos maiores ícones do Renascimento italiano. Foi em Florença que, no período de 1504 a 1508 o pintor assimila a essência das correntes de sua época que resultou, dentre outras obras primas, no majestoso afresco *A Escola de Atenas* (figuras 2 e 3). Representando a vida intelectual da Grécia clássica a obra destaca os filósofos Platão e Aristóteles - em pé, ao centro, absortos "em plena dialética para chegar ao conhecimento das causas" (BUCK; HOHENSTATT, 2000, p.48). Platão, envelhecido e de longas barbas, indica o céu para expressar sua filosofia que situava a realidade num plano do *mundo das idéias*; já Aristóteles, aponta para baixo, exprimindo seu pensamento realista pertencente ao *mundo imanente*, a partir do qual o intelecto humano realiza as devidas abstrações. À direita de Platão está Sócrates, cujo movimento das mãos indicam sua postura dialética, argumentando e tentando persuadir. Sentado na escada está Diógenes, desprezando as convenções sociais. No primeiro plano, à esquerda, vê-se Pitágoras, o filósofo matemático e à direita o geômetra Euclides, Ptolomeu e o astrônomo Zoroastro, Civita (1978). Após haver dirigido os trabalhos da Basílica de São Pedro, considerado o maior monumento do mundo cristão, Rafael contrai uma doença durante as escavações arqueológicas que empreendia em Roma e, "como no dia de seu nascimento, uma Sexta-feira santa" (CIVITA, 1978, p.21), ele veio a falecer no dia 6 de abril de 1520, com apenas 37 anos.

<sup>83</sup> O termo *Revelação* tem o sentido de "elucidação racional do destino último do homem e do mundo, numa palavra, o sentido da realidade" (PERINE, 1993, p. 87).

**Figura 2 - Escola de Atenas, de Rafael: Platão, Aristóteles e figuras clássicas da Grécia**

Fonte: BUCK; HOHENSTATT (2000)



**Figura 3 - Escola da Atenas, de Rafael (detalhe): Platão (mundo transcendente) e Aristóteles (dimensão imanente)**

Fonte: BUCK; HOHENSTATT (2000)

e morreu no meio de nós". Aqui tem lugar o termo final da *descida* da *katábasis* do Transcendente. A segunda experiência - a da tradição grega - "sugere uma direção de *subida* (*anábasis*) da alma, desde a imanência do mundo, a contemplação (*theoria*) do transcendente" (VAZ, 1993, p.73; 75).

O legado das religiões na interpretação dos fenômenos da transcendência e da imanência é submetido a uma rigorosa crítica por (BOFF<sup>84</sup>, 2000, p.23-24;30):

As religiões afirmam que o Céu fica lá em cima, onde está Deus, os santos e aquele mundo que chamam de transcendente. Aqui embaixo fica a imanência, onde está a criação sobre a qual nós reinamos. Os dois mundos se justapõem e até se contrapõem. Através de toda a mecânica da oração e da meditação buscamos criar pontes para chegar ao Céu, à transcendência e a Deus. Caso não consigamos por nós mesmos chegar a Deus, as religiões se propõem como mediadoras. Os filósofos, no entanto, nos dizem: 'Tudo isso é metafísica'. O que significa: tudo isso é uma representação e uma projeção nossa, não a realidade originária. [...] A dimensão de transcendência não tem nada a ver com as religiões, embora elas procurem monopolizar a transcendência. Elas afirmam: 'Deus está na transcendência, habita uma luz inacessível e, nós temos sua revelação, a chave para falarmos Dele'. Isso é pura metafísica, uma tradução da experiência originária, mas não é a experiência originária.

Boff reconhece que a experiência universal da *transcendência* foi um legado dos filósofos gregos. Entende que na tradição judaico-cristã, "somos convidados não apenas a superar e voar para cima mas, fundamentalmente, a descer e buscar o chão" (BOFF, 2000, p.78). Ao analisar a singularidade do cristianismo frente a experiência da transcendência, o teólogo percebe que, na condição de Deus encarnado, Cristo integrou transcendência e imanência. Dentro desta perspectiva, o cristianismo julga que o mais importante é a *transparência*, qual seja a presença da transcendência dentro da imanência. "Não é a epifania, o Deus que vem e se anuncia. É a diafania, o Deus que, de dentro, emerge para fora, de dentro da realidade, do universo, do outro e do empobrecido" (BOFF, 2000, p.80).

Ao abordar o conceito de *transcendência*, Mello (1981) estabelece uma vinculação com a ética e a extrapolação ao cosmos físico. Valendo-se das civilizações egípcia e israelita, ele correlaciona a *dimensão imanente* à cultura egípcia, por ser de natureza fundamentalmente

---

<sup>84</sup> Leonardo Boff (1938 - ), catarinense de Concórdia é professor emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, atuando no ensino de teologia, filosofia e ecologia. Foi frade franciscano. Fez seu doutorado em teologia na Alemanha e, ao se integrar à teologia da libertação, o poder eclesialístico forçou sua expulsão da congregação religiosa. Com sua opção preferencial pelos pobres, como discípulo de Francisco de Assis, leciona em várias universidades do país e do exterior. Ao encontrar-se com o Dalai-Lama perguntou-lhe qual era a melhor religião e obteve a resposta: "A melhor religião é aquela que nos faz melhores, mais amorosos, mais abertos aos outros". Autor de mais de 60 livros, dentre os quais destacam-se: *O evangelho do Cristo Cósmico* (1971); *Vida para além da morte* (1973); *Teologia da libertação e do cativo* (1976); *Francisco de Assis: ternura e vigor* (1981); *Francisco de Assis. Homem do paraíso* (1985); *Ecologia, mundialização e espiritualidade* (1993); *Ecologia: grito de guerra, grito dos pobres* (1995); *Saber cuidar. Ética do humano - compaixão pela terra* (1999); *A voz do arco-íris; o novo paradigma emergente* (2000); *Ethos mundial: um consenso mínimo entre humanos* (2000); *Tempo de transcendência: o ser humano como um projeto infinito* (2000).

cosmológica, gravitando em torno de um cosmos físico. Ao assinalar que o encontro dos israelitas com Jeová - no episódio histórico da libertação do domínio egípcio e a busca da terra prometida onde Moisés encontrou-se com Deus na travessia do deserto - ele introduz a noção de *transcendência*, a partir da qual a civilização israelita diferenciou-se radicalmente de todos os outros povos que existiam sobre a terra. "A transcendência é o elemento que se respira inelutavelmente no mundo israelita. Enquanto que a imanência é o ar que circula pelos recantos mais escondidos do mundo do Egito faraônico" (MELLO, 1981, p. 55). Diz ainda que a transcendência, independente do conceito de criação, "significa simplesmente isto: você se encontra diante de uma idéia ética que foi encontrada fora do cosmos físico" (MELO, 1981, p. 107).

Quando os israelitas descobriram Jeová... não era criação. Eles tiveram no deserto a revelação de um Deus transcendente e não a de um Deus criador. Não havia ainda nenhuma filosofia, nenhuma elaboração em torno da idéia de transcendência. A história israelita foi inaugurada pela revelação de uma idéia transcendente sem que houvesse nenhum conceito de criação do mundo presidindo a essa inauguração (MELLO, 1981, p.118).

Inspirado em Platão, Lutero, Kierkegaard, Nietzsche, Jaspers e Voegelin, Mello (1993) entende que a emergência do sentido da transcendência se deu através da Revelação, na cultura hebraica e através da dialética socrático-platônica, na helênica. Ao denunciar o positivismo cientificista e o racionalismo analítico característicos dos nossos tempos, Mello (1993) credita a Platão o sentido de *transcendência* estabelecendo uma indissolúvel unidade entre o espiritual e o político. A idéia do *Bem*, articulada por Platão tem como fundamentos a *ética* (na dimensão individual) e a *política* (na dimensão coletiva).

Henrique de Lima Vaz, após considerar que a chamada pós-modernidade reflete uma "herança dilacerada de Hegel e do seu repartir-se nos reducionismos historicistas ou positivistas" formula uma questão fundamental pertinente à civilização contemporânea:

Se a experiência histórica da *transcendência*, com a postulação de um Absoluto transmundano e transhistórico, seja na versão bíblica da Palavra Criadora, seja na versão grega da Idéia e, finalmente, na sua confluência no *logos* cristão guiou, durante dois milênios, a rota do homem ocidental na descoberta de si mesmo e na sua auto-afirmação como *pessoa* - inteligência e liberdade - que rumos esperam, no terceiro milênio, esse homem que se reconheceu na abertura para a *transcendência* e que vê obscurecer-se sempre mais essa luz duas vezes milenar lançada desde a profundidade ou a altura dessa abertura propriamente insondável, sobre o enigma do seu próprio mistério? Tal é, acreditamos, a única interrogação verdadeiramente essencial erguida diante da civilização que se prepara para transpor o limiar do terceiro milênio (VAZ, 1993, p. 80).

Ao tratar da dimensão da *transcendência* na civilização grega, o professor Hélio Jaguaribe também recorre a Platão (e seu mestre Sócrates) e Aristóteles:

Em Platão a idéia do Bem divino integra duas categorias: o Bem e o Ser - há uma fusão dessas duas ordens de realidade. Isso criava para ele uma dificuldade porque o compelia a formular a teoria das idéias - isto é, a distinção entre o *mundo inteligível* e o *mundo sensível* - teoria que pressupunha uma duplicação das idéias, ou seja a noção de que cada idéia do mundo sensível correspondia uma outra idéia que era sua contrapartida no mundo inteligível. Aristóteles, querendo corrigir o que julgava ser um erro, uma falha da epistemologia platônica, construiu uma Ontologia que isolava o Ser do Bem: uma Ontologia que mantinha o Ser nas alturas do *mundo inteligível e transcendente*, mas que expulsava o Bem dessas alturas e o precipitava no fundo do vale onde deviam encontrá-lo as aparências do *mundo imanente*. Do ponto de vista epistemológico isso tornava as coisas mais fáceis porque o Ser era Forma, a Forma podia se aplicar a uma variedade infinita de matérias e não haveria portanto a duplicação de idéias. Mas com isso toda a realidade ético-política ficou confinada ao *mundo das aparências*. [...] Originou-se então uma ética que era filosoficamente inviável. Por que? Porque era uma ética que não tinha legitimidade, que se situava no *mundo das aparências*, que nascera no mundo das aparências e, conseqüentemente, não podia encontrar meios de realizar sua legitimação. [...] Mas se se quer conservar a teoria das idéias, a 'Alegoria da Caverna', então será preciso encontrar uma explicação para sua presença no corpo da *República* [...]. Se se quer interpretar Platão corretamente e se se quer respeitar os motivos que o levaram a por a 'Alegoria da Caverna' na *República*, então fica ratificada a opinião de Rousseau de que a *República* é o maior ensaio que já se escreveu sobre a Educação (JAGUARIBE, 1981, p.115-116).

Ao questionar a idéia e as provas da existência de Deus, Jaguaribe vale-se do pensamento de Teilhard de Chardin (contido nos livros *O Fenômeno Humano* e *Le Milieu Divin*), e articula sua tese da **macroimanência da transcendência**:

A transcendência pode ser entendida como uma propriedade imanente ao cosmos. Resulta de um processo mediante o qual, dadas determinadas condições e uma determinada modalidade de equilíbrio entre os fatores condicionantes, em que o ente é conduzido a um patamar mais complexo de fatores, como no trânsito do inorgânico ao orgânico, ao vivo e, em última instância, como no trânsito, que ocorre com os animais superiores e com o homem, das meras determinações causais, às determinações motivacionais, em que o processo se converte em projeto (JAGUARIBE, 1993, p.219).

Com base na teoria da **transcendência macroimanente**, o estudo de Jaguaribe (1993) faz uma distinção entre o divino, como atributo da divindade, do divino, como atributo das formas supremas de transcendências<sup>85</sup>. Para ele, divinos são o *Concerto em ré menor n.º 20* e o *Réquiem* de Mozart, os últimos *Quartetos* ou a *9ª Sinfonia* de Beethoven, a vida de São

<sup>85</sup> A experiência da transcendência se manifesta também na cultura popular (nos esportes, no cinema, em leituras ou cenas enlevadas do cotidiano). É o caso, por exemplo, do torcedor diante da expectativa de ver seu time jogar uma partida decisiva; ou do cinéfilo ao assistir *A Vida é Bela* (de Bengnini), *O Carteiro e o Poeta* (de Troisi e Radford), *Cinema Paradiso* (de Tornatore), ou *Casablanca* (de Curtiz). Leonardo Boff cita sua experiência pessoal quando, ao procurar Dom Hélder Câmara o encontrou dormindo após uma de suas muitas madrugadas de dedicação ao estudo e a meditações: "Fiquei dez ou quinze minutos contemplando aquele passarinho dormindo. Com seu habitozinho branco, parecia um Gandhi com as suas canelinhas de fora, finas, suspirando profundamente. E eu fiquei enlevado, porque saía dele tanta irradiação, tanta leveza, tanta santidade, que era algo do outro mundo que irrompia ali. [...] O sono de um profeta, de um Gandhi, de um anjo da paz" (BOFF, 2000, p. 49-50).

Francisco, o *Nascimento de Vênus* de Botticelli, o *Hamlet* de Shakespeare, a *Crítica da Razão Pura* de Kant e muitas outras obras humanas e momentos supremos de *dépassement*.

Conceituada nessa perspectiva, o fenômeno da **transcendência** é uma "propriedade decorrente da emergência evolutiva da vida, na história geológica do planeta e, ao mesmo tempo, algo que originariamente a possibilitou [...]. A transcendência, imanente ao cosmos, conduz, nas suas formas supremas, ao divino" (JAGUARIBE, 1993, p.220).

Uma outra vertente da questão da transcendência é articulada a partir de movimentos inspirados no Iluminismo: a **transimanência iluminista**. A partir do Iluminismo, a imanência passou a sugar o transcendente "transformando-o em fermento do acontecer histórico". Simultaneamente, ocorreu o fenômeno inverso: "o transcendente se liberta da imanência, confrontando-o como algo que lhe é exterior. [...] É na unidade desse duplo movimento que consiste a transimanência" (ROUANET, 1993, p. 179-180).

O fenômeno da **transimanência** se dá no intervalo entre o cristianismo oficial (que o admite sob a forma da religião revelada) e o ateísmo (que exclui o transcendente).

Só o deísmo<sup>86</sup> desdobra em toda a sua complexidade a dialética da transimanência: Deus como uma exigência da razão [...]. Sua existência é demonstrada pela razão humana, e não uma Revelação idemonstrável. É a razão que o constitui. O Deus dos deístas é imanente porque mora no mundo e nele exerce funções precisas (ROUANET, 1993, p. 184).

Por outro lado, prossegue Rouanet (1993), Deus está além da razão teórica, no terreno misterioso da coisa-em-si, que Kant chama de *transcendente* (em oposição a *imanente*), fora de toda experiência possível, segundo a concepção do deísmo, refletindo a dialética transcendental.

Ao propor a volta da **transimanência** nesse terceiro milênio, assim se expressa:

Precisamos de uma verdadeira imanência. A *Entzauberung*<sup>87</sup> é irreversível. Não podemos, sem barbárie, aceitar o reencantamento do mundo. Não teria valido a pena esvaziar os templos gregos para substituí-los por pirâmides de cristal. Antes a mitologia que o esoterismo. Ficção por ficção, antes Ovídio unindo Eros com Psique que Capra unindo os Upanishads com física quântica. Imanência, igualmente, no terreno político. Sem abrir mão da utopia, temos que renunciar ao utopismo, construindo pelo trabalho e pela razão a felicidade possível, que é a felicidade aqui e agora. Precisamos de uma nova transcendência. A transcendência religiosa confronta o homem com uma coisa importantíssima, a consciência dos seus limites [...] ele está sujeito, de algum modo, ao pecado original, que o estigmatiza como ser infinito, deficitário, contingente. Essa consciência imuniza contra as escatologias reconciliadoras, contra a tentação de acreditar

<sup>86</sup> **Deísmo** é um dos elementos do Iluminismo, difundido através da obra do inglês John Toland (1670-1722) *Cristianismo sem mistérios* (1696). Trata-se de "uma doutrina de uma religião natural ou *racional* não fundada na revelação histórica, mas na manifestação natural da divindade à razão do homem" (ABBAGNANO, 2000, p.238).

<sup>87</sup> Desencanto

prematuramente na vinda do Messias, ou a tentação mais grave de achar que o homem pode ser o Messias de si mesmo [...]. Transcendência política, também [...]. A transcendência religiosa fixa limites, a política aponta para a superação desses limites. A primeira protege o homem da soberba e a segunda o salva do conformismo (ROUANET, 1993, p.192-193).

Voegelin, através de seus livros *The New Science of Politics* e *Order and History*, restabeleceu as bases epistemológicas integrando filosofia, história, teologia e política, numa abordagem da *realidade transcendente* (posteriormente detalhada no capítulo sobre a **Transavaliação da dimensão política**).

Numa outra vertente teológica, Kierkegaard expressa, de forma significativa, um quadro de angústia e desespero ao fazer o seguinte questionamento:

A pessoa enfia o dedo no solo para dizer pelo cheiro em que terra está: eu enfio meu dedo na existência: cheira a nada. Onde estou? Quem sou eu? Como vim para cá? O que é esta coisa chamada mundo? O que significa este mundo? Quem foi que me atraiu para esta coisa e agora me deixa aqui? Como vim para este mundo? Por que não fui consultado... mas fui lançado às fileiras como se tivesse sido comprado de um seqüestrador, um vendedor de almas? Como consegui interessar-me por esta grande empresa a que chamam de realidade? Porque deveria interessar-me por ela? Não se trata de uma sociedade voluntária? E se sou forçado a tomar parte nela, quem é o diretor? ... A quem devo endereçar minhas queixas (KIERKEGAARD, 1977, p.143)?

Já se assinalou que, além dentre os problemas que comprometem a vida humana, existem aqueles insolúveis - a inevitável morte e as múltiplas formas de sofrimento físico e moral - para os quais

as únicas respostas até hoje formuladas foram as dadas, na tradição ocidental, pelos sistemas do estoicismo e do epicurismo e, na oriental, pelo budismo. Na perspectiva ocidental, um sincretismo do *estoicismo*<sup>88</sup> com o *epicurismo*<sup>89</sup>, entendendo este com as implicações de um sibaritismo moderado e revestido de consciência social, constituem a resposta da liberdade racional aos desafios do mundo. Estoicismo para os momentos trágicos da vida. Epicurismo para o cotidiano (JAGUARIBE, 1993, p.226).

Essa é a compreensão da vida para um cientista que visualiza um mundo sem Deus. "Uma vida que se esgota no mundo, com a sua própria morte. Uma vida sem recompensas nem castigos que a transcendam, [...] um sistema de valores imanentes ao mundo dos homens (JAGUARIBE, 1993, p.224).

<sup>88</sup> Austeridade de caráter; rigidez moral; impassibilidade em face da dor ou do infortúnio.

<sup>89</sup> Doutrina originária no filósofo grego Epicuro (341-270 a. C) que identifica o bem soberano com o prazer, o qual, concretamente, há de ser encontrado na prática da virtude e na cultura do espírito.

O problema da existência já estava no cerne do pensamento de muitos dos primeiros filósofos pré-socráticos, há mais de 26 séculos. Eles levavam a sério o *sentido da vida*. Vários daqueles filósofos questionavam a diferença entre coisas reais e as noções abstratas ou as coisas imaginadas.

Garcia analisa, sob a sua visão pessoal, a figura de *Fausto* (na obra de Goethe) que, ao vender sua alma ao diabo em troca de conhecimentos e poder, está simbolicamente "denunciando a existência vazia daqueles que, nos tempos modernos, venderam suas almas ao diabo; isto é, aquelas formas de existência que nos levaram a um estado de desperdício generalizado, com todos os aparatos proporcionados por uma sociedade centrada no mercado, que suprimiu no homem o que é humano e, em consequência, lançou-o ao desespero, à penúria intelectual, à doença e à delinqüência" (GARCIA, 1983, p.108).

Na percepção de Viktor Frankl "a pessoa não deveria perguntar qual o sentido de sua vida, mas antes deve reconhecer que é ela que está sendo indagada". Ou seja, o sentido da vida é peculiar a cada indivíduo e a cada momento. "Cada pessoa é questionada pela vida; e ela somente pode responder à vida respondendo por sua própria vida" (FRANKL, 1991, p.98). O fundador da logoterapia vê no senso de responsabilidade - *responsibleness* - a essência da existência humana. Para tanto recomenda a máxima: "viva como se já estivesse vivendo pela segunda vez, e como se na primeira vez você tivesse agido tão errado como está prestes a agir agora" (FRANKL, 1991, p.99).

Considerado como o "pai do taoísmo", Lao-Tsé<sup>90</sup> utiliza-se da água como metáfora para representar a capacidade de adaptação e do equilíbrio como fonte da virtude suprema.

Observa que "a água e a virtude são benfezas a milhares de criaturas. Ocupam os lugares mais baixos que os homens detestam. Acomodam-se onde ninguém quer permanecer. Por esse motivo são comparáveis ao Caminho" (LAO-TSÉ, 1998, p. 15).

Numa determinada noite, ao meditar embaixo de uma figueira selvagem, Buda<sup>91</sup> viveu o momento do grande despertar no sentido do *enlightenment* ('iluminação'). Naquele momento

---

<sup>90</sup> Lao-Tsé (604 -531? a.C.) cujo nome significa "Velho Sábio", em chinês, foi contemporâneo de Confúcio (50 anos mais novo) e Buda: os três pilares da cultura clássica chinesa. Foi arquivista na corte imperial em Lo-iang (dinastia Tchou), onde se encontrou com Confúcio. No ano de 531 a.C. retirou-se e, montado num boi negro, chegou a um posto fronteiro e atendeu ao pedido do guarda-fronteira Yin Hsi, deixando por escrito os "5.000 ideogramas do Tao-Te-King". Seguiu então sua "trajetória rumo ao sol poente, desaparecendo em direção à Ásia Central" (LIMA, 2000, p.11-14).

<sup>91</sup> Sidarta Guatama - Buda (560-480 a. C.) descendente de família nobre, nasceu na Índia, próximo aos picos do Himalaya. Ainda bem jovem, ao tomar consciência de fatos básicos da existência humana - como velhice, doença e morte - foi acometido de profundo desgosto levando-o a abandonar a família e vagar pelo país durante seis anos até que, numa determinada noite, aos 35 anos, foi acometido pelo "*Grande Despertar*" que mudou totalmente sua vida, passando a aceitar a "verdade do sofrimento" e empreendendo sua caminhada, através do *Middle Pass* -"Caminho do Meio"- rumo à passagem para a eternidade (*Nirvana*), Jaspers (1962b);

ele teve o *insight* que mudou para sempre o rumo de sua vida, partindo dos seguintes questionamentos: "o que é; porque é; de que maneira as pessoas erguem-se a partir da luxúria da vida; como elas vagueiam de corpo em corpo numa cadeia sem fim de renascimentos; o que é o sofrimento; de onde e por que razão ele vem; como ele pode ser superado", (JASPERS, 1962b, p.23).

Os principais ensinamentos de Buda resultaram na criação de uma das maiores religiões do mundo: 200 milhões de budistas, contra um bilhão de cristãos e 1,2 bilhão de muçulmanos, Alcântara (2003b). Azevedo (1993) assinala que tais ensinamentos são condensados nas Quatro Nobres Verdades: a dor (*Duka*), a origem da dor (*Samudaya*), cessação da dor (*Nirodha*) e o caminho (*Marga*).

A primeira é que a vida humana é intrinsecamente infeliz<sup>92</sup>; a segunda, que a causa dessa infelicidade é o egoísmo humano e seus desejos; a terceira, que o egoísmo individual e os desejos podem ser dominados - a condição resultante, quando todos os desejos e demandas forem eliminados é o nirvana (literalmente, "soprar com força para fora", ou "extinguir"); a quarta, que o método para escapar do egoísmo e de desejo é o chamado Caminho de Oito Degraus: visão, pensamento, discurso, ação, modo de vida, esforço, consciência e meditação corretos (HART, 2001, p.67-68).

Num certo dia de agosto de 386, Aurelius Augustinus<sup>93</sup>, perturbado pela raiva e pela angústia por seu estado de indecisão" (STRATHERN, 1999d, p.21), estava à procura de uma resposta definitiva sobre o sentido da vida quando um canto infantil - "*tolle, lege; tolle, lege*"

---

Azevedo, (1993) . A partir de então assumiu uma atitude de indiferença com relação aos valores materialistas e questionou a "essência do ser humano" que, em sua concepção "o homem não é aquilo que ele aparenta ser. Ele é um ser aberto. E não existe *uma* correta solução para a compreensão do que nós somos". Faleceu aos 80 anos , na condição de uma "verdadeira personificação da humanidade" (JASPERS, 1962b, p.40).

<sup>92</sup> Para Aristóteles o ideal da vida humana é a **felicidade** que "consiste em realizar a natureza do ser". Observa, entretanto, que essa natureza "não está jamais inteiramente realizada num ser dotado de movimento, e que ela é, portanto, mais tendência que dado. Por isso, a vontade do homem, sempre falível e precária, precisa ser educada. Para fazer **o bem**, não basta a reta intenção. É necessário um 'hábito', ou seja, uma 'disposição adquirida'; em outras palavras, um bom costume, e a isso Aristóteles dá o nome de **virtude** [...]. Dentre as virtudes - algumas das quais propriamente morais enquanto outras são 'intelectuais' - está reservado um lugar à parte para a prudência (*phronêsis*), a virtude da correta deliberação que, entre dois extremos da desmedida e da inércia, deve discernir em cada ocasião onde está o meio-termo justo, combinação ótima do desejável com o possível" (AUBENQUE, 2001, p.70).

<sup>93</sup> Nascido em 354 d.C., em Tagaste, província romana da Numídia (na Argélia, África), Santo Agostinho (354-430) foi o responsável pela doutrina fundamental da Igreja Católica, por mais de sete séculos. "Antecipou a reflexão cartesiana", formulada por René Descartes (1596-1650), formulada 1.200 anos depois, ao fundamentar uma "teoria dogmática do conhecimento", permitindo assim "a revelação da própria essência do ser humano: o homem seria sobretudo um ser pensante e seu pensamento não se confundiria com a materialidade do corpo" (PESSANHA, 2002, p.15). Agostinho, com suas *Confissões*, "garantiu que, por toda a Idade Média, a tradição monástica permanecesse em contato com a tradição platônica" (STRATHERN , 1999d, p.41). Faleceu em 28 de agosto de 430, aos 72 anos, com os vândalos cercando os portões da cidade de Hipona, onde Agostinho foi bispo nos últimos 30 anos de sua vida.



(toma e lê; toma e lê) - repetido várias vezes no jardim de sua residência lhe propiciou a *experiência da revelação*<sup>94</sup>, através de um livro escrito pelo apóstolo Paulo de Tarso . A leitura de um simples texto dissipou todas as trevas da incerteza. O texto continha a seguinte mensagem: "Não caminheis em glotonarias e embriaguez, não nos prazeres impuros do leito e em leviandades, não em contendas e emulações, mas revesti-vos de Nosso Senhor Jesus Cristo, e não cuideis da carne com demasiados desejos" (PAULO apud PESSANHA, 2002, p.5).

Agostinho não apenas deu ao cristianismo uma base intelectual sólida, como vinculou-o à tradição filosófica grega ( valendo-se das idéias de Platão e Plotino) mantendo assim "a chama da filosofia acesa por toda a Idade das Trevas"<sup>95</sup>, ainda que seu brilho fosse um tanto baço" (STRATHERN, 1999d, p.24).

Autor de obras clássicas como *Confissões* (400), *Do Livre-Arbitrio* (388-395), *A Cidade de Deus* (400), *Retratações* (413-426), dentre outras, Agostinho afirmava que "o homem não tem razão para filosofar, exceto para atingir a felicidade". Sustentava que, ainda que as verdades da fé não sejam demonstráveis, é possível demonstrar o acerto de se crer nelas, e essa tarefa cabe à razão. Ou seja, "a razão relaciona-se duplamente com a fé: precede-a e é sua conseqüência. É necessário compreender para crer e crer para compreender" (PESSANHA, 2002, p.13).

Considerado o mais moderno dos antigos, Agostinho conhecia "o peso e o preço da liberdade: erro, culpa, tristeza e sofrimento, separação de Deus". Considerava o "uso pecaminoso da liberdade à concupiscência, à sexualidade e, daí, à degradação, impregnou toda a Natureza e o próprio Homem que, através do seu livre arbítrio"<sup>96</sup>, associou-se ao mal". Com o pecado, Agostinho acreditava que o homem havia abalado fundamentalmente a criação divina - Homem e Natureza - e que, "somente uma outra vida, celestial, poderia recuperar sua integridade" (TARNAS, 2000, p.165-166).

---

<sup>94</sup> "A dramática experiência interior de Santo Agostinho, conduzindo-o à descoberta da realidade espiritual transcendente e reconduzindo-o à humanidade do Verbo Encarnado é talvez o mais célebre testemunho histórico e existencial entre Cristianismo e Filosofia" (VAZ, 1993, p.73).

<sup>95</sup> Período compreendido entre 476 e 1000 d.C., aproximadamente. O início da chamada Idade das Trevas ocorre quando os saques de Cartago e Roma pelos povos bárbaros marcam a transição da Antigüidade para a Idade Média, com o fim do Império Romano no Ocidente. Rômulo Augusto, o último imperador romano do Ocidente, é deposto por Odoacro, chefe germânico (bárbaro).

<sup>96</sup> O *livre arbítrio* concedido por Deus à humanidade é a "única coisa que torna possíveis todo o amor, toda a bondade e toda a alegria {...}. A *felicidade* que Deus destinou às criaturas superiores é a felicidade de estarem livre e voluntariamente unidas a Ele e umas às outras, num êxtase de amor e de alegria" (LEWIS, 1997, p.58).

Foi no outono de 1273, a um ano de sua morte, que Tomás de Aquino<sup>97</sup> teve uma experiência mística, com "uma visão da Verdade e da alegria da vida eterna" [...] parou de escrever e se tornou mais solitário, explicando que todos os seus argumentos intelectuais pareciam agora apenas palha ao vento" (STRATHERN, 1999e, p.58).

Considerado "o maior de todos os filósofos medievais" (STRATHERN, 1999d, p.47) Tomás de Aquino foi o responsável pela redescoberta da cultura grega pela teologia cristã, oito séculos depois de Santo Agostinho. Em sua *Suma contra os gentios* - obra enciclopédica escrita entre 1252 e 1259 enquanto lecionava na Universidade de Paris - ele incorpora o pensamento de Aristóteles na teologia da Igreja católica, de forma bem parecida com a maneira como Santo Agostinho incorporou o pensamento de Platão na doutrina cristã, 850 anos antes.

Valendo-se, simultaneamente, do estilo adotado nos diálogos de Platão e nas obras de Aristóteles, Tomás vinculou o propósito geral do mundo à "verdade última, que é o bem", esclarecendo que "a forma mais elevada de sabedoria leva-nos assim a uma compreensão desse propósito geral: a vontade de Deus" (AQUINO apud STRATHERN, 1999e, p.31).

Tomás de Aquino utilizou duas categorias fundamentais - *razão e revelação* - para provar a existência de Deus. Utilizando-se da razão, apresentou cinco vias que levam a Deus, segundo Mattos (2001) e Piclin (2001). A primeira via - a da *causa primeira* - foi extraída de Aristóteles fundamenta-se na constatação de que no universo existe movimento. Todo movimento tem uma causa que deve ser exterior ao próprio ser em movimento, até chegar o primeiro Motor, que é Deus. A segunda trabalha, de maneira similar, à idéia de causa, segundo a qual todas as coisas ou são causas ou são efeitos. Aí também admite-se uma

---

<sup>97</sup> Tomás de Aquino (1125-1274) foi criado no castelo de Roccasecca, que ainda ergue-se ao alto de uma colina junto à auto-estrada Roma-Nápoles. À semelhança de Buda, também nasceu de família nobre, num castelo montanhoso e, contra a vontade de sua família, tornou-se pregador e filósofo. Após haver cumprido sua educação secundária no mosteiro em Monte Cassino, Tomás decidiu - a contragosto da família - ingressar na ordem dos dominicanos. Na época, essa ordem monástica era formada por monges que "perambulavam pelos campos pedindo esmolas para viver" (STRATHERN, 1999e, p.16). Seguindo os passos de outro herdeiro de família nobre - Francisco de Assis que, duas décadas antes havia fundado a ordem dos franciscanos, dedicada a "cuidar dos doentes e desvalidos, classificação que incluía os pássaros e demais animais, que via como irmãos" (STRATHERN, 1999d, p.17) - Tomás percorreu quase 1600 quilômetros a pé, rumo a Paris, com o objetivo de estudar com Alberto Magno. Foi aluno daquele que, séculos depois (1931), se tornaria o santo padroeiro das ciências naturais. Posteriormente, Tomás foi professor na Universidade de Sorbonne (recém-inaugurada em 1253). Regressou à Itália em 1259, nomeado conselheiro da Cúria, no pontificado de Alexandre IV. Ao adotar e desenvolver os ensinamentos de Aristóteles, Tomás de Aquino considerava que "o conhecimento humano parte sempre dos sentidos, que revelam objetos concretos e singulares; mas através da abstração, é capaz de forjar conceitos universais" (MATTOS, 1979, p.11). Ao falecer a 7 de março de 1274, em Fossanova (Itália), com apenas 49 anos, um dos maiores filósofos e teólogos da Idade Média, legou um conjunto de obras que sacramentaram sua "prodigiosa erudição com sua maestria intelectual" (PICLIN, 2001, p.977). Dentre elas destacam-se: *Suma contra os gentios* (1252-1259); *Suma teológica* (1266-1273); *Sobre a verdade* (1256-1259); *Sobre a potência* (1256-1262); *Sobre o mal* (1263-1268); *Sobre a alma* (1269-1270); *Sobre as virtudes* (1269-1270); *Metafísica* (1265-127); *Sobre a interpretação* (1269-1272); *Ética* (1266) *O ente e a essência*.

primeira causa não causado, que é Deus. A terceira refere-se à *contingência* dos seres no mundo onde, para que o possível exista, é necessário que algo o faça existir. Ou seja: se alguma coisa existe é porque participa do necessário. Apenas Deus é esse Necessário absoluto que procuramos. A Quarta via baseia-se nos graus hierárquicos de *perfeição*. Há graus na bondade, na verdade, na nobreza e em outros atributos do gênero. No entanto, deverá existir uma verdade e um bem em si: Deus. A quinta e última via fundamenta-se na *ordem* das coisas. Uma vez que "os corpos materiais (que tendem a um fim), estão privados de conhecimento, pode-se concluir que há uma inteligência primeira, ordenadora da finalidade das coisas. Essa inteligência soberana seria Deus" (MATTOS, 2001, p.9).

Quando aborda a dimensão divina e o truísmo, o filósofo Wittgenstein<sup>98</sup> assim se expressa:

A solução do enigma da vida no espaço e no tempo está fora do espaço e do tempo. Como seja o mundo, é completamente indiferente para o Altíssimo. (Não são problemas de ciência natural o que se trata de solucionar). Deus não se revela *no* mundo. Os fatos fazem todos parte apenas do problema, não da solução. O Místico não é *como* o mundo é, mas *que* ele é[...]. Para uma resposta que não se pode formular, tampouco se pode formular a questão. O enigma não existe. Se uma questão se pode em geral levantar, a ela também se pode responder [...]. Sentimos que, mesmo que todas as questões científicas possíveis tenham obtido resposta, nossos problemas de vida não terão sido sequer tocados. É certo que não restará, nesse caso, mais nenhuma questão; e a resposta é precisamente essa. Percebe-se a solução do problema da vida no desaparecimento desse problema. (Não é por essa razão

<sup>98</sup> Ludwig Josef Johann Wittgenstein (1889-1951) nasceu em Viena numa família de grandes posses e prestígio. Educado por professores particulares em sua própria casa até os 14 anos, foi estudar na Escola Técnica Superior em Charlottenburg (Berlim), e engenharia mecânica na Universidade de Manchester (Inglaterra). Após três anos dedicando-se a pesquisas aeronáuticas, leu os *Princípios de Matemática* (de Bertrand Russell e Alfred N. Whitehead), abandonou a engenharia e foi estudar sob a supervisão de Russell no Trinity College. Lutou como voluntário na Primeira Guerra Mundial, no exército austríaco, quando começou a elaborar sua primeira filosofia redigindo o *Tractatus Logico-Philosophicus*, considerada "a primeira grande obra filosófica da era moderna" (STRATHERN, 1997h, p.32). Seu temperamento forte e excêntrico combinava com sua vida solitária. Assim é que viveu em isolamento na Noruega por dois anos, estudando lógica "numa cabana a noventa milhas do fiorde Hardanger, onde só se podia chegar por barco a remo" (STRATHERN, 1977h, p.24) e, anos mais tarde "numa cabana distante no oeste da Irlanda, onde pensava e alimentava gaivotas" (STRATHERN, 1997h, p.52). Quando ainda desfrutava de sua imensa fortuna, costumava sair de Cambridge com seu amigo David Pinsent para "fazer piqueniques na Islândia e na Noruega, correndo as despesas por conta de Wittgenstein (D'OLIVEIRA, 1999, p.6). No início dos anos 20 doou toda sua fortuna a duas irmãs, por achar que "o dinheiro poderia ser apenas uma amolação para o filósofo" (D'OLIVEIRA, 1999, p.7). A partir de então passou a ser um simples mestre-escola, lecionando para crianças de 9 a 10 anos em aldeias austríacas. Retornou a Cambridge em 1929, elaborando o ensaio *Algumas Observações sobre Forma Lógica*. Ali permaneceu até 1936, antes de seu retiro solitário na Noruega, onde começou a escrever sua segunda filosofia publicada sob o título *Investigações Filosóficas*. Retornou a Cambridge para assumir a cadeira de filosofia quando, em 1941, durante a Segunda Guerra Mundial, trabalhou como simples porteiro no Guy's Hospital e como simples ajudante no laboratório de pesquisas clínicas em Newcastle, Inglaterra. Um câncer ceifou sua vida em 1951, passando seus últimos meses produzindo "escritos filosóficos da mais alta qualidade" na casa de seu médico "pois a idéia de passar seus últimos dias em um hospital causava-lhe aversão" (D'OLIVEIRA, 1999, p.8). Além do *Tractatus* e das *Investigações Filosóficas*, deixou ainda *Observações Filosóficas* e os *Cadernos Azul e Marrom* (redigidos entre 1933 e 1935), além das *Conferências e Discussões sobre Estética, Psicologia e Crença Religiosa*, "livro constituído por uma série de notas reunidas por alguns de seus amigos, a partir de conversas ocasionais e apontamentos de aula" (D'OLIVEIRA, 1999, p.8).

que as pessoas para as quais, após longas dúvidas, o *sentido da vida* se fez claro não se tornaram capazes de dizer em que consiste esse sentido?). Há por certo o inefável. Isso se mostra, é o Místico. O método correto da filosofia seria propriamente este: nada dizer, senão o que se pode dizer: portanto, proposições da ciência natural - portanto algo que nada tem a ver com a filosofia; e então, sempre que alguém pretendesse dizer algo de metafísico, mostrar-lhe que não conferiu significado a certos sinais em suas proposições[...]. Deve sobrepujar essas proposições, e então verá o mundo corretamente. Sobre aquilo que não se pode falar, deve-se calar. (WITTGENSTEIN, 2001, p.279-281).

O embaixador Sérgio Paulo Rouanet chama a atenção para a imanência arrogante da razão, que submete o sagrado às categorias da razão humana! No sentido de "aprisionar o divino no círculo profano das necessidades sociais, descida do transcendente ao mundo [...] pela força de sucção da própria imanência (ROUANET, 1993, p.189). Em sua análise sobre a dimensão do transcendente (à luz do Iluminismo), incursiona na esfera da dialética:

A idéia de Deus, como a de alma e de mundo, é uma idéia reguladora, que embora não corresponda a nenhuma realidade sensível, impulsiona o trabalho da razão. Mas a tentação é quase irresistível de atribuir realidade a essa idéia [...]. É a esfera da dialética. Ela se perde em antinomias insolúveis, em que a cada tese corresponde uma antítese, sem nenhuma possibilidade de verificar o acerto de uma ou de outra, pois ambas escapam a toda verificação possível. As proposições que têm como conteúdo esses objetos incognoscíveis [...] são proposições errôneas que, ao contrário dos sofismas lógicos, não resultam de um modo formalmente incorreto de construir um silogismo, mas de uma tendência inevitável, radicada na natureza humana, de raciocinar sobre temas que não podem ser conhecidos. Essas proposições transcendentalmente falaciosas dão origem à ilusão transcendental, cuja análise compete à dialética transcendental (ROUANET, 1993, p.188).

Perine (1993) ressalta a importância da fé na busca do *sentido da vida*. Utiliza a linguagem aristotélica ao comentar que "o mundo é um *cosmos* e não um *caos*. Sem esta fé, ou esta esperança, a questão do sentido não poderia sequer ser posta, porque numa realidade absolutamente insensata, nenhuma ação humana seria possível" (PERINE, 1993, p.88-89). Citando Ladrière afirma que existe uma espécie de "conaturalidade entre a luz natural que existe no espírito do homem e o que se lhe revela na fé; porque essa luz natural se dirige essencialmente à ordem do ser e a ordem à qual se abre a fé inscreve-se na ordem do ser" (LADRIÈRE, apud PERINE, 1993, p.89).

Ao examinarmos o mundo que nos cerca, percebemos que "fazemos parte de uma ordem maior, de uma grande sinfonia da vida. Nosso corpo, assim como nossa mente estão "profundamente inseridos nessa teia da vida" (CAPRA, 2002, p.82):

Cada uma das moléculas do nosso corpo já fez parte de outros corpos - vivos ou não - e fará parte de outros corpos no futuro. Nesse sentido, nosso corpo não morrerá, mas continuará perpetuamente vivo, pois a vida continua. Não são só as moléculas da vida que temos em comum com o restante do mundo vivente, mas também os princípios básicos da organização vital. E como também a nossa mente é encarnada, nossos conceitos e metáforas estão

profundamente inseridos nessa *teia da vida*, junto com o nosso corpo e o nosso cérebro. Com efeito, nós fazemos parte do universo, pertencemos ao universo e nele estamos em casa; e a percepção desse pertencer, desse fazer parte, pode dar um profundo *sentido à nossa vida*.

Peter Singer<sup>99</sup> questiona sobre "as justificativas para a escolha de um modo de vida, em detrimento de outro". Pergunta então: "Será que tudo se resume a uma questão do que nos fará mais felizes, ou nos fará viver uma vida mais significativa e compensadora?" Assinala então que nesse ponto "se cruza uma imprecisa fronteira entre a filosofia e a psicologia, e já não conseguimos encontrar cadeias de raciocínio capazes de convencer qualquer indivíduo racional". E arremata: "se a emoção sem a razão é cega, então a razão sem a emoção é impotente", (SINGER, 2002, p.16).

Charles Handy estabelece quatro elementos para uma jornada em busca do significado para a vida humana. O primeiro é a busca do "**Por quê**", capaz de conduzir rumo a um objetivo, a um *sonho*.

O segundo trata da "paradoxal doutrina do *bastante* ou *suficiente*<sup>100</sup>", tanto em termos materiais como de realização pessoal". O terceiro envolve a noção do *sublime* como "algo maior que nós mesmos e das infinitas possibilidades da vida", ou seja, uma dimensão além dos aspectos materiais da vida, no domínio da espiritualidade. O quarto elemento trata do desafio da *imortalidade*<sup>101</sup> partindo do pressuposto de que "já que não podemos viver para sempre, e não podemos levar nada conosco, deveremos nos empenhar em deixar algo de nós para trás, como prova de que fizemos diferença para alguém<sup>102</sup>". Segundo o autor, ao reunir esses quatro requisitos o ser humano "terá um motivo para viver[...]. A jornada é a questão, não a chegada" (HANDY, 1999, p.89-90).

<sup>99</sup> Peter Singer (1946 -), australiano, considerado um dos mais polêmicos filósofos da atualidade é professor de bioética na Universidade de Princeton (EUA), se notabilizou por questionar alguns conceitos que permeiam a moral vigente, tais como: a defesa dos animais, o aborto, a eutanásia, as dívidas dos países ricos para com os pobres, a proteção do meio ambiente, dentre outros. É originário de uma família judia que sofreu os horrores do Holocausto.

<sup>100</sup> A concepção do ser humano como um "desejante ilimitado" nos remete a uma questão ao mesmo tempo filosófica e teológica: "Quem preenche esse vazio profundo dentro de nós? Qual é o objeto adequado ao nosso desejo infinito? Por que quero o infinito e só encontro o finito? Quero o ilimitado, a totalidade, e só encontro fragmentos?" (BOFF, 2000, p.66).

<sup>101</sup> Um dos exemplos para caracterizar a questão da imortalidade é o pintor impressionista francês Edgard Degas (1834-1917) que, a partir de 60 anos dedicou as duas últimas décadas de sua vida à criação de suas telas mais fascinantes (HANDY, 1999).

<sup>102</sup> Questão que emoldurou o grande climax do filme *About Schmidt* (2003), de Alexander Payne, com Jack Nicholson, ao interpretar magistralmente um aposentado capturado pela ideologia da sociedade industrial.

Leonardo Boff alerta para o fato de que a condição humana não contempla apenas aspectos de alegria, enlevo e transfiguração, "mas também habitamos o mundo prosaicamente, com sua opacidade, com seus limites e seu enraizamento inevitável". Dessa situação, a busca de uma identidade e o sentimento de liberdade só será possível a partir de "uma existência que saiba equilibrar *transcendência* e *imanência* como dimensões de toda existência humana" (BOFF, 2002, p.56).

Ramos examina a autorealização do ser humano a partir da busca do significado da vida em sintonia com suas potencialidades pessoais. Nessa perspectiva assinala a necessidade de se proceder "a uma cuidadosa caracterização do conceito de autorealização, para que o mesmo não venha a justificar a incapacidade do indivíduo de viver a tensão inerente à sua existência" (RAMOS, 1981a, p.100;112):

A autorealização conduz o homem na direção de uma tensão interior, no sentido da resistência à completa socialização de sua psique. É necessário que se proceda a uma cuidadosa caracterização do conceito de autorealização, para que o mesmo não venha a justificar a incapacidade do indivíduo de viver a tensão inerente à sua existência. O conflito entre o indivíduo e os sistemas sociais projetados é permanente e inevitável, e só poder ser eliminado pela morte do ser humano ou por sua paralisia, mediante exagerada adaptação às condições sociais exteriores. A autorealização individual é, na maior parte das vezes, uma conseqüência não premeditada de inúmeras ações. Paradoxalmente, constitui uma verificação posterior ao fato, em vez de ser tópico garantido de uma agenda. Quanto mais se preocupa o homem, de maneira explícita, com a autorealização, tanto mais se vê colhido no emaranhado da frustração existencial[...]. Na realidade, o desenvolvimento pessoal e a solidão pessoal são inseparáveis. O desenvolvimento pessoal desdobra-se vindo da psique individual e, com toda a probabilidade, é dificultado por processos sociais ou de realimentação grupal. Toda socialização é alienação.

Já Voegelin (1979), considera que o sonho do progresso imanente no século XVIII se transforma no movimento gnóstico<sup>103</sup> político de nosso tempo. Vai além ao afirmar que as raízes da crise política contemporânea estão na dimensão espiritual da humanidade.

---

<sup>103</sup> O gnosticismo deriva de algumas correntes filosóficas que se difundiram, no Oriente e no Ocidente, nos primeiros séculos depois de Cristo. Corresponde a uma "primeira tentativa de filosofia cristã, feita sem rigor sistemático, com a mistura de elementos cristãos míticos, neoplatônicos e orientais". Para os gnósticos, "o conhecimento era a condição para a salvação [...] bem como o caminho da purificação do homem por meio da penitência" (ABBAGANANO, 2000, p.485). Na interpretação de Voegelin (1979), as mais profundas raízes da modernidade encontram-se no gnosticismo, ou seja, um movimento filosófico-religioso iniciado ainda no século IX, com o monge cirteciano Joaquim de Fiori (1130-1202) onde o conhecimento esotérico e perfeito da divindade se transmite por tradição, contemplação e ritos de iniciação. Ao condenar todas as formas de gnosticismo, Mello (1993) rejeita concepções derivadas de "uma mera elaboração racional, sem base emocional e sem gênese numa experiência histórica autêntica, compartilhada por toda uma comunidade [...]. Sem uma assimilação verdadeira da autêntica tradição cultural européia, a humanidade não se abrirá à possibilidade de um pensamento não distorcido por algum tipo de gnosticismo, um pensamento alicerçado na liberdade interior e na transcendência, bases essenciais de uma cultura do futuro digna de uma grande civilização" (MELLO, 1993, p.176).

Numa avaliação sobre o processo de internalização do *paraíso gnóstico*, assim se expressa (VOEGELIN, 1979, p.99):

A morte do espírito é o preço do progresso. Nietzsche revelou este mistério do apocalipse ocidental quando anunciou que Deus estava morto e que fora assassinado. Esse assassinato gnóstico é cometido constantemente pelos homens que sacrificam Deus em nome da civilização. Quanto mais fervorosamente todas as energias humanas são empenhadas no grande empreendimento da salvação através da ação imanente no mundo, mais distantes da vida do espírito se colocam os seres humanos engajados na empresa. E, uma vez que a vida do espírito é a fonte da ordem no homem e na sociedade, o próprio êxito da civilização gnóstica é a causa de seu declínio.

Ao propor a criação de um estado espiritual dentro de cada humano (no contexto do problema da escravidão), Sócrates descobriu a liberdade moral do homem. Partindo dessa luminar intuição de seu mestre, Platão reconheceu que "não existe liberdade verdadeira sem essa emancipação da imanência e, conseqüentemente, não existe liberdade verdadeira sem o reconhecimento pleno da dimensão da transcendência" (MELLO, 1993, p.173).

#### **2.4 Formação eclética *versus* fragmentação do saber**

A ciência está apenas confirmando paradoxos e intuições com os quais a humanidade tem com freqüência esbarrado, mas ignoramos com obstinação. Ela nos diz que nossas instituições sociais e os próprios modos de vida violam a natureza. Fragmentamos e congelamos aquilo que deveria ser móvel e dinâmico. Montamos hierarquias de poder artificiais. Competimos quando devíamos cooperar [...]. A ciência só agora está confirmando o que a humanidade já conhece intuitivamente desde o amanhecer da História.

Marilyn Ferguson  
( *A Conspiração Aquariana*, 1980 )

A escritora e jornalista norte-americana Marilyn Ferguson (1938 - ) diz estar convencida de que "somente através de eventos, e não de instituições, é que a sociedade será modificada". Vai além ao enfatizar que "a mudança significativa só pode ser implementada ao nível da pessoa, da vizinhança, do pequeno grupo" (FERGUSON, 2000, p.196). Ramos valoriza a vida a partir de relacionamentos interpessoais: "A vida familiar, a educação dos filhos, amor, amizade, respeito, bondade, piedade, espírito de vizinhança, caridade: essas coisas dificilmente são possíveis exceto em pequenos grupos" (RAMOS, 1981a, p.183-184).

Ainda nos anos 70, o psicanalista Erich Fromm alertava que "nenhuma grande idéia radical pode sobreviver se não estiver incorporada em indivíduos cujas vidas sejam a

mensagem" (FROMM, apud FERGUSON, 2000, p.112), refletindo assim o valor do *testemunho pessoal de vida*.

Ferguson sacode e faz estremecer alguns conceitos cristalizados na sociedade contemporânea. Lembra que não podemos quantificar relacionamentos, conexões, transformações. Observa que, no nosso modo de vida atual, "fragmentamos e congelamos aquilo que deveria ser móvel e dinâmico. Montamos hierarquias de poder artificiais. Competimos quando devíamos cooperar". Chama a atenção para o hermetismo dos cientistas que, em suas descobertas, optam por um sistema de difusão que privilegiam "canais altamente especializados, por vezes truncados" quando o assunto "interessa a todos nós; são notícias a serem divulgadas e não um diário secreto" (FERGUSON, 2000, p.138). Denuncia também a tendência à superespecialização e a importância conferida pelos cientistas aos métodos quantitativos:

Na educação superior, a ciência se estreita ainda mais. As ovelhas são orientadas para as humanidades e as cabras orientadas para a ciência são conduzidas para seus respectivos redis; em muitas universidades, a ciência e as humanidades constituem blocos separados. Os estudantes, em sua maior parte, evitam qualquer ciência além do mínimo de horas exigido; as disciplinas de ciências são afuniladas sob a forma de especialidades, subespecialidades e microespecialidades [...]. Quase todos acabamos por achar que a ciência é algo especial, separado, fora do nosso alcance, como grego ou arqueologia. Uma minoria a procura mais de perto, e temos duas culturas - *ciência* e *arte* - cada uma um pouco superior, um pouco invejosa e tragicamente incompleta. Cada disciplina científica é também uma ilha. A especialização tem impedido que a maioria dos cientistas passe para 'outros' campos que não os seus próprios, não só pelo medo de parecer tolo como pela dificuldade de comunicação[...]. A maior parte dos cientistas não relaciona o conhecimento científico com o cotidiano. A pressão de seu meio os desencoraja a buscar um sentido e um significado mais amplo 'fora do seu campo'. Conservam o que sabem compartimentado e irrelevante, como uma religião praticada apenas em dias sagrados. Somente poucos têm o rigor intelectual e a coragem pessoal de procurarem integrar a ciência em suas vidas (FERGUSON, 2000, p.139;141).

Ao afirmar que "a ciência só agora está confirmando o que a humanidade já conhece intuitivamente desde o amanhecer da História"<sup>104</sup> (FERGUSON, 2000, p.142), nos faz assim refletir sobre a *fragmentação do conhecimento* tão em voga em muitos ambientes acadêmicos.

O legado clássico do pensamento grego - elaborado no cadinho intelectual de Atenas entre o final do século V e meados do século IV a.C. - já propugnava por uma formação eclética, vinculando o ensino de diversas artes e ciências: a *paideia*. Esse sistema educacional

<sup>104</sup> "Os dois centros de produção de alimentos mais antigos do mundo - Crescente Fértil e China - ainda dominam o mundo moderno, ou por meio de seus Estados sucessores, ou por meio de estados situados em regiões vizinhas [...], ou por estados repovoados ou governados por emigrantes deles [...]. A mão do curso da história em 8.000 a.C. recaí pesadamente sobre nós" (DIAMOND,2001, p.418).



exigia, para a formação do cidadão da *polis*, um modelo pedagógico integrando as seguintes disciplinas: ginástica, gramática, retórica, poesia, música, matemática, geografia, história natural, astronomia e ciências físicas, história da sociedade, ética e filosofia, Tarnas (2000).

Com a ciência assumindo o comando das ações humanas a partir do Renascimento, mais particularmente a partir do Iluminismo, a humanidade ingressou no universo de precisão. Com sua cultura técnico científica destruindo a humanística marginalizou o progresso do espírito, tão valorizado no pensamento clássico da Grécia. Ao entronizar indicadores de 'desenvolvimento' como o PIB e outros valores materiais, deslocou a atenção das necessidades existenciais (alimento, repouso, reprodução) e fundamentais (introspecção, amizade, amor, diversão, convívio) para as necessidades "induzidas" ou "alienadas"<sup>105</sup>, identificadas com a ganância pelo poder, posse, dinheiro, acúmulo quantitativo e interminável, De Masi (1999).

A maior parte dos físicos leva suas vidas como se Newton e não Einstein estivesse certo, ou seja, como se o mundo fosse fragmentado e mecânico, não percebendo as implicações filosóficas, culturais e espirituais de suas teorias, Capra (1996). Para Einstein<sup>106</sup> criar uma nova teoria é

semelhante à escalada de uma montanha, quando se alcança vistas novas e mais abrangentes e descobre-se inesperadas ligações entre o ponto de partida e seus fecundos arredores. Mas o ponto de onde partimos ainda existe e pode ser visto, ainda que pareça menor e seja apenas uma diminuta parte de nossa ampla visão (EINSTEIN, apud FERGUSON, 2000, p.142).

A construção efetiva do conhecimento só é possível "através de uma leitura abrangente, global, holística, sistêmica e crítica da realidade" (LEONARDI, 2001, p.406).

Edgar Morin revela que a "questão da condição humana" está "totalmente desintegrada na educação". Propondo "religar tudo o que foi artificialmente separado" (MORIN, 2002, p.D6), assim analisa a fragmentação do saber em especializações:

---

<sup>105</sup> Essa tripartição das necessidades humanas foi concebida pela socióloga húngara Agnes Heller.

<sup>106</sup> Albert Einstein (1879-1955) nasceu em Ulm (sul da Alemanha), numa família de judeus alemães. Enfrentou dificuldades financeiras (seu pai faliu por duas vezes) e nos estudos. "Foi expulso do ginásio porque sua presença em sala era desagregadora e perturbava os demais alunos" (STRATHERN, 1998b, p.14). Anos após foi diretor de física do Instituto Kaiser Wilhelm (Berlim), professor das Universidades de Praga, Berlim, Princeton (Estados Unidos). Considerado "o maior gênio da terra", ganhou o Prêmio Nobel (1921), por sua teoria da relatividade, tornando-se "o judeu mais famoso do mundo". Ao ser "convidado para exercer a presidência do recém-criado Estado de Israel" (1952), declinou por não ser "daqueles que se deixam absorver pelo próprio mito" (STRATHERN, 1998b, p.71;77).

As ciências humanas separaram a sociedade em economia, sociologia, psicologia, história. Na biologia também está parte do estudo do homem e do cérebro. As ciências da Terra também são importantes para entender o homem, e a cosmologia. E na literatura e na filosofia também há muitos elementos para compreender a identidade humana, mas todos esses elementos estão dispersos [...]. Estamos numa época planetária e temos muitos meios de separar esse conhecimento, mas poucos para pensar nosso destino planetário. Esse é o nosso desafio, porque temos à nossa frente uma catástrofe provável.

Um dos grandes méritos da obra de Voegelin<sup>107</sup> foi haver denunciado a danosa separação do elemento espiritual do elemento político cada vez mais presente no mundo moderno e contemporâneo, à exceção dos países escandinavos e da Inglaterra, Mello (1993).

Voegelin desmitifica o preconceito, vigente a partir do mundo moderno, de que o processo de fragmentação do conhecimento é a melhor maneira de compreender o universo. Ressalta também que "o espírito é uma coisa só e que toda ciência do espírito trai sua função quando esquece essa condição preliminar e procura compartimentalizar". Toda sua obra procura "fundir num impulso único, uma variedade de forças e tendências que se haviam dissociado [...] num mundo acostumado à catalogação de interesses distintos" (VOEGELIN, apud MELLO, 1993, p. 163-164).

## 2.5 Transavaliação da dimensão política

O homem verdadeiramente político é aquele que estudou a virtude acima de todas as coisas [...]. Entendemos por virtude humana não a do corpo, mas a da alma; e também dizemos que a felicidade é uma atividade de alma.

Aristóteles  
(*Ética a Nicômaco*, 333-320 a.C.)

A construção de um estado ideal foi idealizada por Platão em *A República*, onde reproduz possíveis diálogos de Sócrates com seus discípulos. Naquele tempo, os gregos imaginavam esse estado ideal como uma cidade bem governada, designada pela palavra grega *pólis*, representando todo o tecido social nela incluído. Na realidade, *pólis*, assim configurada, deu origem à palavra **política** em seu significado clássico, moderno e contemporâneo, Russell (2001).

Naquele contexto, Platão (1979) definia **política** como a arte de construir uma sociedade sobre a justiça e o bem, onde a filosofia tornava-se imprescindível.

---

<sup>107</sup> Ao explorar as riquezas do passado, Voegelin "nos faz sentir, mais agudamente do que qualquer outro historiador, a pobreza do presente" (MELLO, 1993, p.165).

Na interpretação da notável filósofa e cientista política Hannah Arendt "a tradição de nosso pensamento político" teve seu início nos ensinamentos de Platão e Aristóteles acreditando que tenha chegado a um fim não menos definido com as teorias de Karl Marx (ARENDR, 1968, p.43):

O início deu-se quando, na alegoria da caverna, em *A República*, Platão descreveu a esfera dos assuntos humanos, tudo aquilo que pertence ao convívio dos homens em um mundo comum, em termos de trevas, confusão e ilusão, que aqueles que aspirassem ao ser verdadeiro deveriam repudiar e abandonar, caso quisessem descobrir o céu límpido das idéias eternas. O fim veio com a declaração de Marx de que a Filosofia e sua verdade estão localizadas, não fora dos assuntos dos homens e de seu mundo comum, mas precisamente neles, podendo ser 'realizada' unicamente na esfera do convívio, por ele chamada de 'sociedade', através da emergência de 'homens socializados'<sup>108</sup> (*vergesellschaftete Menschen*).

Aristóteles já considerava o homem um ser essencialmente político. Considerava também a política como a rainha de todas as ciências: "O objetivo central da política abarca os objetivos das outras artes e ciências; e tal objetivo procura, acima de tudo o Bem do homem" (ARISTÓTELES, 1980, p.355). Esse Bem supremo era definido como a felicidade, considerando que "o bem viver e o bem agir equívalem a ser feliz" (ARISTÓTELES, 2001a, p.19). Ao vincular a felicidade à virtude<sup>109</sup> e às coisas nobres e boas da vida, bem como ao processo de aprendizagem, ele a eleva a um plano transcendental: "é razoável supor que a felicidade seja uma graça divina, e certamente o mais divino de todos os bens humanos, visto ser o melhor" (ARISTÓTELES, 2001a, p.31).

Não foi por acaso que, em seu tratado *A Política*, o filósofo grego também compreendia que "ética e política estão intimamente conectadas" (ARISTÓTELES, 1980, p.356).

Diamond (2001) analisou a história da organização política da humanidade delineando, de um modo arbitrário, quatro estágios em um *continuum* evolutivo: bando, tribo acéfala, tribo centralizada e Estado. Ao longo desse processo evolutivo - onde a produção de alimentos, o conseqüente sedentarismo e o adensamento de populações atuaram como um 'pano de fundo' - se cristalizou o fenômeno por ele chamado de *cleptocracia*. Para Diamond as *cleptocracias*, existentes em qualquer sociedade estratificada (seja ela uma tribo centralizada

<sup>108</sup> Ao analisar as distorções provocadas pelo *behaviorismo* RAMOS (1981a, p.112) afirma que "toda socialização é alienação" e que o *comportamento* é próprio de uma "psicologia que encara o homem como um animal".

<sup>109</sup> Em sua *Ética a Nicômaco* Aristóteles diz que "tanto a virtude quanto a ciência política sempre giram em torno de prazeres e sofrimentos, pois o homem que os usa bem é bom, e o que os usa mal é mau." Diz também que "é em razão dos prazeres e sofrimentos que os homens se tornam maus, buscando-os, ou deles se desvencilhando"(ARISTÓTELES, 2001a, p.44-45).

ou um Estado), agem no sentido de transferir a riqueza líquida do homem do povo para as classes sociais superiores.

A diferença entre um cleptocrata e um estadista sábio, entre um barão ladrão e um benfeitor público, é de apenas um grau: só questão de tamanho da percentagem do tributo extorquido dos produtores que é retida pela elite, e da aprovação, pelos homens do povo, das obras públicas nas quais o tributo redistribuído é aplicado, (DIAMOND, 2001, p.276).

Ao questionar "porque o povo tolera a transferência do fruto de seu trabalho árduo para os cleptocratas, questão levantada por pensadores e 'cientistas' políticos de Platão a Marx e levantada por eleitores em todas as eleições modernas, desvenda-se uma "mistura de quatro soluções" presentes em todas as épocas (DIAMOND, 2001, p.276-277):

Desarmar o populacho e armar a elite. Isso é muito mais fácil nestes tempos de armamento de alta tecnologia do que nos tempos antigos das lanças e bastões feitos em casa. Fazer a massa feliz redistribuindo boa parte do tributo recebido em coisas de apelo popular [...]. Usar o monopólio da força para promover a felicidade, mantendo a ordem pública e contendo a violência. Isso é possivelmente uma grande vantagem subestimada das sociedades centralizadas sobre as não-centralizadas [...]. O último mecanismo para os cleptocratas conquistarem o apoio público é elaborar uma *ideologia* ou uma *religião* que justifique a cleptocracia [...]. Além de justificar a transferência de riqueza para os cleptocratas, a religião institucionalizada traz dois outros benefícios importantes para as sociedades centralizadas. Primeiro, ter uma ideologia ou uma religião compartilhada por todos ajuda a solucionar o problema de como os indivíduos sem relação de parentesco podem viver juntos sem se matarem - dotando-os de um laço baseado na afinidade. Segundo ela dá às pessoas um motivo, diferente dos interesse genéticos egoístas, para sacrificarem suas vidas em nome dos outros.

O confronto entre o Estado e a nação, pode também ser observado ao longo de cinco séculos da história brasileira, na medida em que "o cidadão só percebe, no poder público, o bacamarte, no dia da eleição; o voraz cobrador de impostos, na vida diária" (FAORO<sup>110</sup>, 2000, p.388).

No contexto do julgamento de Sócrates<sup>111</sup>, descrito por Platão na sua *Apologia*, ele menciona "uma voz interior que sempre o guia. Foi essa voz que o impediu de entrar na

<sup>110</sup> Raymundo Faoro (1925 - ) nascido em Vacaria (RS) e criado em Caçador (SC), é jurista, sociólogo, historiador e cientista político. Foi presidente do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil e autor das primeiras teses apropriadas pela Constituição de 1986, contidas no livro *Assembléia Constituinte: a legitimidade recuperada* (1981).

<sup>111</sup> Sócrates (469-399a.C.) nasceu em Atenas. Para Kierkegaard ele foi o "primeiro que soube que o pensador é um 'sujeito existente' não um 'sujeito pensante'" (BOUTANG, 2001, p.928). Por nunca haver escrito nada, a vida de Sócrates é conhecida através dos relatos de dois de seus discípulos: Platão e Xenofonte. Aluno de Anaxágoras (500?-428? a.C.) e de Parmênides (século V a.C.), "para quem o mundo como o conhecemos não passa de mera ilusão" (STRATHERN, 1998d, p.19), o jovem Sócrates foi escolhido pelo Oráculo de Delfos como "o mais sábio dos homens". No entanto, Sócrates costumava dizer que "eu nada sei exceto o fato de minha própria ignorância"

política, onde ninguém permanece honesto por muito tempo [...]. Na estrutura política, ninguém conseguiria manter por muito tempo a sua independência e integridade", (PLATÃO, apud RUSSELL, 2001, p.71;73). A condenação de Sócrates à morte, fez Platão desistir da política, e dedicar sua vida à filosofia.

Ao analisar a relação entre política, economia e religião o sociólogo Michel Maffesoli assim se expressa : "O político reduz-se aos interesses econômicos. Reencontra-se o mesmo encaminhamento que transfigurou o religioso, através da extrema racionalização em político". Reconhece também que *A República* concebida por Platão "era verdadeiramente negócio de todos" e que, iniciando primeiro na Europa e, posteriormente, difundindo-se para o mundo inteiro, "suscitou o entusiasmo e a mobilização dos sentimentos coletivos" (MAFFESOLI, 1997, p.63).

E então questiona: "Como um bem coletivo se torna assunto de alguns? Como o político se banaliza na política? Como a *República* se torna um negócio de mafiosos?" Ao encaminhar essas questões, traça a seguinte linha de argumentação envolvendo a perversão do Estado-nação (MAFFESOLI, 1997, p.64-65):

A vontade de realizar a perfeição do Estado-nação, fazendo-o tudo regular, condenava a secretar uma seita de *puros*, conhecedores das implicações desse social racionalizado, mecanizado, teleológico, instituído por eles. Depois os puros são pegos, enquanto corpos, num efeito perverso do qual não são mais mestres. Sobrevêm o hábito às delícias do poder, bem como às suas recompensas bastante tangíveis. Queijos, bolos a dividir, o bom senso não se engana ao ver no poder administrativo-econômico um produto para uso de alguns, cujo monopólio cedo trataram de assegurar-se.

Em seu livro *O outro lado do poder*, Hugo Abreu (após haver vivenciado a experiência do lado de dentro do poder como Ministro da Desburocratização) se posiciona com relação à mistificação e aos malefícios advindos do poder:

A corrupção é apenas uma conseqüência, um subproduto. O grande mal é a presença autoritária de uma oligarquia inescrupulosa ocupando as posições dominantes da máquina governamental e tentando anular qualquer manifestação da vontade nacional, (ABREU, 1979, p.8).

---

(STRATHERN, 1998d, p.23). Na concepção de Boutang (2001), essa afirmativa não passa de uma certa ironia frente àqueles que julgam dominar um saber já existente. Assumia em princípio que nada sabia e pedia a seus interlocutores que expusessem precisamente tudo o que soubessem. "Durante as explicações, Sócrates ia demolindo as teses de seus oponentes com perguntas mordazes" (STRATHERN, 1998d, p.24). Esse método veio a ser conhecido, mais tarde, como *dialético*. Acusado injustamente de "inconformismo com a religião oficial e de corromper os jovens com os seus ensinamentos", Sócrates foi condenado à morte "num terrível episódio de intriga e rancor político" (RUSSELL, 2001, p.71-73). Após passar mais de um mês na prisão, pôs fim à própria vida ingerindo cicuta.

Nos meandros da *praxis* política brasileira, o patrimonialismo alavancado pelo estamento burocrático foi uma constante em todos os períodos de sua história. Numa herança lusitana, o poder político no Brasil

[...] comanda, supervisiona os negócios, como negócios privados seus, na origem, como negócios públicos depois, em linhas que se demarcam gradualmente. O súdito, a sociedade se compreendem no âmbito de um aparelhamento a explorar, a manipular, a tosquiá nos casos extremos. Dessa realidade se projeta, em florescimento natural, a forma de poder: o patrimonialismo estatal. [...] Sempre no curso dos anos sem conta, incentivando o setor especulativo da economia e predominantemente voltado ao lucro como jogo e aventura ou, na outra face, interessado no desenvolvimento econômico sob o comando político, para satisfazer imperativos ditados pelo quadro administrativo [...] o estamento burocrático, implantado na realidade estatal do patrimonialismo (FAORO, 2000, p. 733;741).

Aristóteles afirmou ser o homem, por sua natureza, um animal político: "Um homem é destinado à associação política, num nível superior àquele em que as abelhas ou outros animais gregários jamais poderão estar associados" (ARISTÓTELES,1980, p.5). Mas, em consonância com essa afirmação, salientou também que (RAMOS, 1981a, p.61):

Um bom homem não é, necessariamente um bom cidadão. O que é enfatizado por Aristóteles é o fato de que o bom homem é, sobretudo, guiado pelo que se qualifica aqui como *razão substantiva*, comum a todos os homens, em qualquer momento e em qualquer lugar, e não deve ser considerada coincidente com padrões particulares de qualquer sociedade determinada.

O significado clássico de *razão* é distorcido por Adam Smith em sua obra *Teoria dos Sentimentos Morais*<sup>112</sup>, "com objetivo de harmonizar o termo com critérios de economicidade, e a substitui pelo sentimento individual de gregarismo" (RAMOS, 1981a:61).

Dessa forma, a opinião de Adam Smith, é assim caracterizada (RAMOS, 1981a, p.62):

o indivíduo é deixado sem um piso firme, metassocial, para a responsável determinação do caráter ético de sua conduta. O homem não age, propriamente, mas comporta-se, isto é, é inclinado a conformar-se com as regras eventuais da aprovação social. Em consequência a educação não visa desenvolver o potencial do indivíduo para tornar-se um *bom homem*, no sentido aristotélico. 'O grande segredo da educação' declara Smith, 'é dirigir a vaidade a objetos adequados'.

<sup>112</sup> Adam Smith (1723-1790) nasceu em Kirkaldy, no centro da Escócia. Realizou seus estudos nas Universidades de Glasgow e Oxford. Aos 28 anos é nomeado *Professor of Logic* e pouco depois *Professor of Moral Philosophy* na Universidade de Glasgow (Escócia) onde se tornará reitor. Adam Smith elabora sua *Teoria dos Sentimentos Morais* em 1759, sete anos antes que *A Riqueza das Nações* (1776), cujo título original era *Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations*. Antes de falecer em Edimburgo (1790), "exigiu que se queimasse a totalidade de seus manuscritos, excluindo alguns ensaios selecionados: *A History of Astronomy*, *A History of Ancient Physics*, *a History of Ancient Logic and Metaphysics*, *An Essay on the Imitative Arts*, *On certain English and Italian Verses*, *On the External Senses*, que foram objeto de uma publicação póstuma em 1795" (GINESTIER, 2001, p.924).

Inspirado pela *metáfora perspectivista*<sup>113</sup> Maquiavel preocupa-se, essencialmente, com a conveniência. "Para conhecer bem a natureza dos povos, cumpre ser príncipe, e para conhecer bem a dos príncipes, cumpre ser povo", (MAQUIAVEL, 1979, p.289). Ou seja, o autor de *O Príncipe* aconselhava que o estudo da política requeria uma integração dos pontos de vista tanto do príncipe quanto do povo, o que levou Karl Mannheim considerar Maquiavel<sup>114</sup> um "relacionista". Maquiavel é o fundador de uma "teoria política de interesse".

O príncipe precisa ter sensibilidade para preservar e aumentar os seus bens", elaborando uma teoria política de *interesse*, na qual 'crueldade', 'embuste', 'logro', 'usura', 'guerra', 'assassinio em massa' são sancionados como expressões legítimas da conduta humana" (RAMOS, 1981a, p.58-59).

Inserido no contexto de sua época (140 anos após Maquiavel), Thomas Hobbes, através de sua obra prima *Leviatã* (1651) e de outros tratados tais como de *Elements of Law* (1640), e de seus *Elementa philosophiae*, composto de três partes, empreende todo seu esforço para "definir as condições e os limites do verdadeiro conhecimento, em estabelecer os princípios que fundamentam as regras do jogo político e em determinar a situação e o papel da religião no Estado" (ZARKA, 2001, p.499). Na esteira da Revolução Científica iniciada por Nicolau Copérnico e sistematizada posteriormente por Johannes Kepler, Galileu Galilei e por Isaac Newton, Hobbes articulou sua filosofia do materialismo mecânico, emoldurando assim seu cálculo utilitário de conseqüências, Tarnas (2000) ; Ramos (1981a).

---

<sup>113</sup> Movimento ocorrido no final da Idade Média primeiramente no domínio da pintura e depois estendido para a conduta humana como um todo.

<sup>114</sup> Nicolau Maquiavel (1469-1527) nasceu em Florença, numa família de posição social modesta, num momento em que a Itália estava fragmentada em pequenas cidades-estado em permanente confronto entre elas. Durante vários anos ele exerce funções ligadas aos serviços públicos florentinos, ocupando, por catorze anos, a secretaria da Chancelaria encarregada dos assuntos estrangeiros, da guerra e do interior. Posteriormente, na condição de exilado político em decorrência de um golpe de Estado que leva os Médici ao poder, ele redige, em 1513, um pequeno livro - *O Príncipe* - com a finalidade de oferecê-lo aos Médici (a obra foi dedicada a Lorenzo de Medici) e assim recobrar suas graças e recuperar seu emprego, o que só veio a ocorrer em 1526, um ano antes de seu falecimento. No período de seu exílio político foram redigidos outras importantes obras tais como os *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio*, o poema *O Asno*, o conto *O demônio que se casou*, a comédia teatral *A Mandrágora* (obra-prima do teatro italiano), o diálogo *A Arte da Guerra*, a biografia romanceada *Vida de Castruccio Castracani*, as *Histórias Florentinas*, um elogio à língua toscana *Discurso sobre a Língua*, e uma comédia *Clizia*, dentre outros dos seus livros, Lamy (2001); Martins (2000). Ao se propor a "estudar a sociedade pela análise da verdade efetiva dos fatos humanos, sem perder-se em vãs especulações" Maquiavel revolucionou a história da teorias políticas, estabelecendo como centro do seu interesse "o fenômeno do poder, formalizado na instituição do Estado. Não se trata de estudar o tipo ideal de Estado, mas compreender como as organizações políticas se fundam, se desenvolvem, persistem e decaem[...] Para Maquiavel, o essencial numa nação é que os conflitos originados em seu interior sejam controlados e regulados pelo Estado". Embora a obra de Maquiavel seja rotulada como *amoral*, ela ensina - principalmente através dos *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio* e de *O Príncipe* - "que a energia criadora de uma sociedade livre não é dádiva dos heróis fundadores ou dos políticos de *virtù*. Ela advém do sistema de oposição entre os grandes e o povo e, assim, os conflitos sociais são necessários porque próprios à natureza mesma da liberdade" (MARTINS, 2000, p.16;20;23)

Num esforço de recuperação do legado clássico e da crítica sistemática de autores como Hobbes, Adam Smith e Maquiavel, (REZENDE, 1983, p. 96-97) faz a seguinte análise:

Em Hobbes se instaura, se legitima a prevalência do econômico sobre o político. O discurso clássico é invertido ali. É em Hobbes que a racionalidade humana é reduzida ao cálculo, ao mero cálculo das conseqüências: a razão funcional, ao *logos*. Por que? Porque era necessário proteger e tutelar a organização das *oikos* e a interação das *oikos* na Inglaterra de seu tempo e, para tal, o *Leviatã* surgia como o guarda-chuva institucional a viabilizar nova proposta de organização da vida humana. E é por isso que uma redefinição do pensamento de Adam Smith é tão crucial a Guerreiro Ramos, a tal ponto que o seu livro se propõe a ser uma reconceitualização de *A Riqueza das Nações*. Porque, na medida em que se instaurava, no domínio da vida humana associada, a prevalência da dimensão econômica sobre as demais dimensões - dimensão política, cultural e social - nessa medida era preciso entender as circunstâncias históricas que criaram essa situação peculiar. Nas cidades-estado italianas, surgiu uma configuração muito interessante: se até então o econômico podia prevalecer sobre as diferentes dimensões da vida humana associada, no contexto dessa dimensão econômica havia um segmento, um sistema organizacional, que era o **mercado**, restringido, limitado ainda. Sistemas de produção os mais diversos, os mais diferentes, proliferavam e o **mercado** era um dos sistemas de alocação de recursos. Alocavam-se recursos, independentemente dos critérios alocativos inerentes, próprios do sistema de mercado. Mas é com o episódio histórico, esse que se cristaliza nas cidades-estado da Itália, que vamos defrontar-nos com uma situação muito interessante: lá, os sistemas de produção inexistiam. Era o **mercado** que provia, não só pelo processo de alocação de recursos, mas como catalizador e mobilizador de recursos. Não é à toa que o pensamento maquiavélico surge aí. Maquiavel podia despreocupar-se com os critérios de organização da *polis*, e podia preocupar-se, isto sim, com as técnicas de preservação do *poder*, porque já havia um desenho organizacional, já havia uma proposta de organização daquela *polis*, daquele espaço político, contida nos critérios organizacionais do **sistema de mercado**. Então era possível, para Maquiavel, se despreocupar. Aquela era uma questão irrelevante. Por isso é que a *virtú* de Maquiavel, que era o paradigma, que era o referente do pensamento clássico, a *virtú* se relativiza, em Maquiavel. Se através da *pólis* (está lá em *O Príncipe*), se através da organização do espaço político, nós ensinamos a cada indivíduo o processo de realização, a virtude maior é a preservação da *pólis*. Nós temos que preservar a *pólis* a qualquer custo e, nesse momento, acabou-se de relativizar a virtude. A virtude consiste na preservação da *pólis*, na sua forma organizacional, tal como é dada. E como é que ela é dada por Maquiavel? Ela é dada a partir dos critérios ordenativos do **mercado**. É por isso que é importante que se recupere o legado clássico [...] e a crítica sistemática de Hobbes, de Adam Smith, de Maquiavel.

Mello (1993) lembra que Locke e Rousseau conceberam que o homem - com seus instintos indisciplinados, com seu egoísmo mal contido e com suas paixões desordenadas - anseia, naturalmente, pela **liberdade**. No entanto, essa pretensa "liberdade natural", segundo Locke, pode ser devidamente "administrada" através de um agente exterior - um "legislador" - capaz de, a exemplo do adestramento de animais domésticos, instrumentalizar as paixões através da racionalidade (do 'legislador') na busca de objetivos 'socialmente valiosos'.

Hirschman traça um paralelo entre Maquiavel, Hobbes e Spinoza destacando que o segundo pensador "devota os primeiros dez capítulos do *Leviatã* à natureza do homem, antes de prosseguir na análise da natureza da comunidade." Já Spinoza, "reiterou com especial veemência e agudez os ataques feitos por Maquiavel aos pensadores utópicos do passado,



desta vez em relação ao comportamento humano individual", atacando em seu *Tractatus politicus* (1670) aqueles filósofos que "concebem os homens não como eles são mas como gostariam que fossem" e, posteriormente em *Ética* (1677), onde Spinoza opõe àqueles que "preferem detestar e zombar dos gostos e ações humanas sua famosa proposta de considerar as ações e apetites humanos como se eu estivesse considerando linhas, planos ou corpos" (SPINOZA, apud HIRSCHMAN, 2000, p.21).

Ramos aponta "o efeito debilitante da fragmentação disciplinar" como uma das principais causas da transfiguração da ciência política. Considera "obscurantista a balcanização em diversas disciplinas, do estudo da vida humana associada", característica dos tempos modernos e contemporâneos. Ao assinalar que a "ciência política 'disciplinarizada', profissionalizada, pode ser tudo, menos ciência", reputa sua profissionalização como um indicativo de "uma deformação epistemológica" e uma decorrência da sociedade de mercado que "prescreve o falseamento da ciência política como uma disciplina entre outras, isto é, sua transformação em mercadoria" (RAMOS, 1981i, p.3):

Um tipo de ciência política assim concebido fere a unidade orgânica do saber, e torna os seus devotos especialistas em frivolidades [...]. Política é, por excelência, ciência ordenadora da vida humana associada e, por isso mesmo, suas categorias de pensamento são abrangentes: nenhum conhecimento que diz respeito ao ser humano, enquanto membro de uma comunidade, pode ser-lhe estranho. O fato de que, nos tempos modernos, a ciência política foi vitimada pela profissionalização é, ele mesmo, indicativo de uma deformação epistemológica [...]. Ninguém se engane, o 'disciplinarismo' é parte da síndrome da cultura de massa. Afigura-se-me como oportuna, uma referência a Aristóteles. Em *A Política*, por exemplo, encontra-se uma explicação mais científica do fenômeno 'revolução' do que em toda a obra de Marx. Em comparação com Aristóteles, Karl Marx é, por assim dizer, um pagão em ciência social. O termo pagão é aqui indicativo de insuficiente escolaridade e instrução. Com efeito, em Marx, a revolução socialista é entendida como verdadeiro processo de redenção humana. Aristóteles acharia grotesca a idéia de uma revolução final, pois considerou qualquer sistema político inevitavelmente corruptível, inclusive o que conceituou como o melhor de todos. Ademais, embora lhe fosse estranha a noção religiosa e cristã de redenção, jamais admitiria que tal evento pudesse consumir-se em massa nos confins do social propriamente dito. Aristóteles teve acurada compreensão da precariedade da condição política e social do ser humano.

No entendimento de Voegelin (1979), o fundamento de toda ciência é sua história. Ao tentar encontrar os fundamentos históricos da "ciência política", Voegelin percebeu que:

uma história dessa ciência não podia simplesmente tomar como ponto de partida a pólis grega. Devia necessariamente começar tomando como ponto de partida o momento em que o homem aparece no palco da história, isto é, no momento em que nascem as grandes civilizações do Oriente Médio. Essa decisão por si só representava uma grande revolução porque significava abordar não apenas o problema do Poder como também o problema da Cultura, significava não apenas estudar a origem da autoridade governamental mas também a formação da substância comunitária, sua criação, suas limitações e suas articulações com o poder governamental (MELLO, 1993, p. 162).

Esse posicionamento ocorreu num período em que não se pensava senão em 'ideologias', Voegelin, em seu trabalho de reflexão e pesquisa, afrontou muitos intelectuais e correntes ideológicas ao falar em cultura do Oriente Médio, quando "a questão era bem interpretar *O Capital*, dentro da concepção marxista! Falar nos deuses cosmológicos, no Deus transcendente, quando era óbvio que este Deus estava morto e que o homem agora ocupava o seu lugar" (MELLO, 1993, p.163).

Para Voegelin (1995), Marx nunca se despreendeu de sua visão escatológica, enquanto imergia em seu preparo intelectual e organizacional direcionado ao movimento revolucionário. Seu mergulho ao nível do movimento revolucionário, trouxe consigo profundas implicações. Na realidade, Marx vivenciou a "morte do espírito" através de Hegel, e sua própria existência foi marcada por uma "tensão entre esta experiência (a 'morte do espírito') e a esperança de renovação do espírito num novo mundo pós-revolucionário". No entanto, a maioria dos marxistas engajados no movimento revolucionário "foram homens que não vivenciaram a morte do espírito porque eles próprios eram espíritos mortos e, conseqüentemente, a visão marxista de liberdade significava pouco, ou nada, para eles". Ao examinar o descompasso entre os ideais marxistas e os resultados pós-revolucionários, Voegelin afirma que "se a revolução não conseguiu trazer uma mudança de sentimentos - *change of heart*- e um domínio de liberdade, ainda assim ela trouxe uma mudança no campo do atendimento das necessidades e o declínio da burguesia"(VOEGELIN, 1995, p.246).

A transfiguração da política, e do poder a ela inerente, é uma questão analisada desde Platão e Aristóteles. Para Platão (1979) o bem do homem deveria ser sempre o objetivo maior de um bom governo. As perversões de um bom governo são, fundamentalmente, quatro: a **timocracia** (governo dos ambiciosos); a **oligarquia** (governo dos ricos e poderosos); a **democracia** (governo das massas); e a **tiranía** (governo de um déspota).

Aristóteles, em seu livro *A Política* já alertava para as três perversões que atingiam os regimes políticos puros:

"*Tiranía*, é a perversão da Monarquia; *Oligarquia* da Aristocracia; e *Democracia* da Política<sup>115</sup>. *Tiranía* é o governo de uma só pessoa direcionado ao seu próprio interesse; *Oligarquia* é dirigida ao interesse do abastado; *Democracia* é dirigida ao interesse das classes pobres. Nenhum dos três é direcionado a cuidar do pleno conjunto dos cidadãos", (ARISTÓTELES,1980, p.114-115).

---

<sup>115</sup> Mais apropriadamente conhecida como *Politéia*

Para Oliveira<sup>116</sup> (1998) e Castor<sup>117</sup> (2000), após mais de vinte e três séculos esse conceito aristotélico ainda prevalece no mundo contemporâneo. No caso brasileiro, obstáculos de natureza política (elitismo, fisiologismo, clientelismo), administrativa (burocracia e corporativismo), técnica (formalismo) e cultural (autoritarismo, tutela e vocação centralista do Estado) vem impedindo a superação de duas verdades deprimentes: a miséria e a desigualdade social.

No Brasil a sociedade é cativa do Estado que inclui "não só o aparato administrativo e os políticos, mas, pela sua formação patrimonialista e corporativa, subsume também outras parcelas ativas da sociedade", (OLIVEIRA, 1998, p.15).

Para Castor (2000), tanto a cúpula administrativa quanto os níveis de gerenciamento intermediário do aparato estatal brasileiro são muito mais comprometidos ideologicamente com os governos e não com o Estado por serem indicados a partir de critérios político-partidários e não como promoção por méritos dentro da carreira funcional, acentuando assim a vulnerabilidade e a descontinuidade do modelo administrativo. Como uma das decorrências desses desvios destaca-se a insegurança e a crônica dependência do funcionalismo estatal às pressões exercidas pelos políticos no poder e suas pressões clientelistas.

O predomínio dos interesses do Estado estão em dissonância com os da nação. "O conteúdo do Estado molda a fisionomia do chefe do governo, gerado e limitado pelo quadro que o cerca [...]; o chefe de governo provê, tutela os interesses particulares, concede benefícios e incentivos, distribui mercês e cargos" (FAORO, 2000, p.739). Qualquer semelhança com a realidade contemporânea, não é mera coincidência.

Organizado de forma diferenciada em relação aos modernos estados europeus e ao federalismo norte-americano, o Brasil recebeu de Portugal, já prontos, o Estado e a sociedade.

Como bem lembrou Ramos, no caso brasileiro, "o Estado chegou antes da nação, *precedeu a sociedade*, o que impregnou de maneira definitiva os contornos econômicos, sociais, políticos e culturais de nosso país" (RAMOS, 1983a, p.399).

---

<sup>116</sup> João Batista Araújo e Oliveira trabalhou com o Ministro Hélio Beltrão no Ministério Extraordinário da Desburocratização. Nos últimos anos integrou os quadros do Instituto de Desenvolvimento Econômico do Banco Mundial, em Washington, e da Organização Internacional do Trabalho, em Genebra. Foi também Secretário-Executivo do Ministério da Educação, no início do governo Fernando Henrique Cardoso, e Secretário de Planejamento em Minas Gerais (1995-1998). É professor da UFMG.

<sup>117</sup> Belmiro Valverde Jobim Castor é PhD em Administração pela University of Southern California (1980). Foi Secretário do Planejamento e Secretário da Educação do Estado do Paraná (em duas administrações) e Presidente do Banco Bamerindus. É professor titular da Universidade Federal do Paraná.

"A natureza essencialmente imediatista, predatória e extrativista da economia colonial", marcou até mesmo a agricultura que, apesar de contemplar, em sua natureza, aspectos sedentários e de fixação do homem à terra, transformou-se, no caso brasileiro, "em verdadeiro processo de bombeamento de recursos naturais do solo, numa agricultura extrativista" (PRADO JÚNIOR, 1996, p.31-34).

Esse quadro permanece até os dias atuais onde:

As elites de todas as épocas sempre foram especialmente eficientes na preservação e no avanço de suas regalias e privilégios e pouquíssimo eficazes quando se tratou de influir para que o país se modernizasse e se tornasse mais justo e equitativo na distribuição de suas riquezas e de seu progresso. A elite brasileira gravita em torno de valores e realidades totalmente exógenas à realidade nacional e, enquanto professa seu 'patriotismo' e sua 'preocupação' com o país, luta para perpetuar situações desiguais de favoritismo e privilégio, que resultam no agravamento dos níveis de atraso e pobreza no seio da população. Mesmo as chamadas elites modernizantes, aparentemente antagônicas às elites conservadoras, se aliam a elas no *formalismo*<sup>118</sup>. Essa dicotomia fatalista entre elite e população tem repercussões nefastas em nossa cultura cívica, pois a história mostra o valor das elites esclarecidas para o desenvolvimento de um país. (CASTOR, 2000, p.41-42).

Herdeira de um sistema movido pelo *formalismo*, pela *burocracia* e pelo *clientelismo*, a máquina estatal brasileira vem, nos últimos tempos, passando por um processo de depreciação por parte dos governantes. Segundo Castor (2000), entre 1991 e 1999, o quadro funcional do poder executivo sofreu uma redução em mais de 120 mil servidores. No entanto, "essa diminuição não se deve a medidas de racionalização ou aumento de eficiência, e sim a uma combinação perversa entre a não-reposição de servidores e o desestímulo salarial e profissional à permanência dos demais" (CASTOR, 2000, p.117).

Em sua abordagem sobre o aparato estatal brasileiro reconhece que, apesar dos vários programas de 'modernização administrativa', não foi possível "erradicar a *praxis* política clientelista, que é a marca registrada da administração brasileira ao longo de cinco séculos" (CASTOR, 2000, p.119).

Ao contrapor os efeitos do fenômeno da globalização sobre os países considerados "retardatários, subdesenvolvidos ou em desenvolvimento", Graziano da Silva<sup>119</sup> destaca que:

---

<sup>118</sup> *Formalismo* é um procedimento onde "a preocupação com as aparências pouco atenta à coerência entre estas e a substância dos atos e fatos" (CASTOR, 2000, p.39). Reflete "um mundo infiltrado de relativismo moral onde os fundamentos do *formalismo* tornou-se um traço da vida cotidiana, [...] e onde a observância das 'regras' substitui a preocupação pelos padrões éticos substantivos. Um mundo que concebe o indivíduo como um seguidor de regras [...] e onde a *imparcialidade* substitui a verdade" (RAMOS, 1981a, p.54;59).

<sup>119</sup> José Graziano da Silva, graduado em Agronomia, é professor titular de economia agrícola da Unicamp. Autor de vários livros sobre questões agrícolas e agrárias no Brasil, exerce atualmente as funções de Ministro de Segurança Alimentar e Combate à Fome.

Nesses países a globalização avança num contexto de perda da capacidade de regulação econômica por parte dos Estados nacionais. Ela evolui de forma combinada com a crise fiscal, que acelera a erosão da legitimidade social do Estado. O desmonte do aparato público é de natureza dupla [...]. As instituições públicas são deliberadamente sucateadas. A burocracia pública derrete. A incapacidade financeira e operacional de atender a demandas mínimas da cidadania gera um quadro de marginalização crescente de grupos desprovidos de direitos básicos. O vácuo de poder público é preenchido pelas empresas transnacionais e por bancos internacionais [...]. A exclusão se intensifica e contamina a estrutura social com *índices crescentes de violência* (SILVA, 2001a, p.69).

O contexto atual do mundo globalizado vem, segundo Oliveira (1998), colocando em xeque os fundamentos do sistema capitalista e, por extensão, do Estado e de seus papéis tanto como agente produtivo, quanto como promotor do bem-estar social ou de mero regulador de mercado. É precisamente neste contexto que se propõe um conjunto de reformas do Estado, reformulando seus papéis e as interfaces entre os três níveis de governo. Para a realização de uma reforma do Estado é imprescindível superar quatro grandes obstáculos: O primeiro é a cultura política, onde o "predomínio histórico dos donos do poder continua a caracterizar-se pela elitismo, pelo clientelismo e pelo fisiologismo". O segundo refere-se à cultura administrativa que, no caso brasileiro, mescla Estado e sociedade, bem como governo e administração. "O corporativismo e o cruzamento de interesses assumiram tal grau de interpenetração que governo e administração se confundem - o governo usa a administração como seus tentáculos e a administração envolve o governo nos tentáculos dela". O terceiro é a cultura técnica que "se tornou persistentemente auto-suficiente e formalista, vítima de sua formação e do próprio sucesso de algumas ações no contexto desenvolvimentista e fortemente intervencionista do passado". O quarto e último obstáculo é uma cultura cidadã "que se apresenta como o reverso da medalha da *cultura política*, que se educou sob a tutela do Estado e se nutre do fisiologismo e do clientelismo" (OLIVEIRA, 1998, p.23-25).

Todos os quatro obstáculos estão profundamente enraizados na formação histórica brasileira e, para superá-los ressalta-se a urgência da reforma do Estado, reestruturando o governo para governar, ou seja, para fazer ações de governo.

A estratégia e as táticas voltadas para a conquista e a permanência no poder por parte do estamento burocrático brasileiro foram desvendadas por José de Alencar (o fundador do romance nacional), ainda no século XIX:

No Brasil a burocracia não é ainda o povo brasileiro; como outrora em Roma o patriarcado foi o povo romano. Mas tem o arbítrio de fazer e desfazer das massas que habitam o Império uma nação artificial [...]. Não é menos curiosa a maneira pela qual a burocracia fabrica a opinião pública no Brasil. Os jornais, como tudo neste Império, vivem da benevolência da

administração [...]. Empresas industriais, associações mercantis, bancos, obras públicas, operações financeiras, privilégios, fornecimentos, todas essas fontes abundantes de riquezas improvisadas, emanam das alturas do *poder*. A burocracia as despeja a flux para os prediletos; e estanca para os desvalidos. Há fortunas avultadas, laboriosamente adquiridas; outras que se formam lentamente no comércio e agricultura fora do bafo protetor da administração. Essas mesmas não obterão a consideração que almejam, e o respeito a que têm direito, se não renderem preito à suserania oficial [...]. Só vive, pensa e governa no Brasil o espírito burocrático (ALENCAR, apud FAORO, 2000, p.391-392).

Todavia, a idéia da modernização representa ainda o paradigma de governos e candidatos ao governo. Esse modelo centrado na modernização e nas economias das sociedades industrializadas - onde o sistema de mercado é a agência ordenadora da vida humana - vem provocando, na opinião de Brüseke<sup>120</sup> (2001) a desestruturação da sociedade, da economia territorial e do contexto ecológico.

A contrapartida da ideologia da modernização, é a "perspectiva multidimensional, que envolva economia, ecologia e política ao mesmo tempo. Isso, no fundo, é o ponto de partida da teoria do desenvolvimento sustentável" (BRÜSEKE, 2001, p.37).

## 2.6 Fundamentos da delimitação dos sistemas sociais

A produção não é, necessariamente, um resultado de atividades desenvolvidas dentro dos limites do mercado. É constituída, antes, pelos resultados que contribuem para aumentar o gozo da vida e que, como tal, podem representar os resultados de atividades desenvolvidas no contexto de sistemas sociais não orientados para o mercado. Nesse sentido, os recursos são infinitos e não há limites à produção.

Alberto Guerreiro Ramos

( *A nova ciência das organizações: uma reconceitualização da riqueza das nações*, 1981 )

A recuperação e a interpretação crítica dos pensadores e de suas idéias foram motivos de permanente e aguçada investigação do professor e cientista social Alberto Guerreiro Ramos.

As linhas mestras de pensamento do conjunto de autores por ele estudados, levou Ramos a penetrar em inúmeros meandros do conhecimento na busca da verdade - a *verdade* como *revelação*, no conceito do filósofo e teólogo suíço Martim Heidegger<sup>121</sup> - e na

<sup>120</sup> Franz Josef Brüseke (1954 - ) nasceu na Alemanha, mestre em Sociologia e doutor em Sociologia Política (1982) é, atualmente, professor da Universidade Federal do Pará. É autor de vários artigos sobre desenvolvimento e questões epistemológicas, além dos livros *Caos e Ordem no Processo de Industrialização* (1991); *A Crítica da Razão do Caos Global* (1993).

<sup>121</sup> Martim Heidegger (1889-1976) nasceu na cidade de Messkirch, um vilarejo rural da Suíça. Graduado em teologia e filosofia na Universidade de Friburgo, estudou também matemática, ciências naturais e história. Na realidade, ao longo de sua vida procedeu a uma "metaleitura da biblioteca filosófica clássica", onde registram-se

sistematização de um novo paradigma capaz de suceder (ou até mesmo superar) o *episódio histórico da modernidade*.

Para ele, esse período da história da humanidade - cujas bases epistemológicas são delineadas a partir de Nicolau Maquiavel, ainda no século XVI - é uma distorção do legado clássico que norteou a vida humana por milênios. Nesse período - que, em seu estágio ulterior, culminou com a *sociedade industrial* - a vida humana individual e associada passou a ser cativa da dimensão econômica, na qual *o mercado*<sup>122</sup> assumiu, com sua lógica perversa e teratogênica, todos os espaços existenciais. É o que Guerreiro Ramos chama de *unidimensionalização* da condição humana, Rezende (1983).

A partir de intensas e fecundas pesquisas no universo de idéias articuladas por pensadores seminais - que segundo o próprio autor, duraram mais de 30 anos - procederemos, a seguir, à apresentação do *paradigma paraeconômico* que constitui a base conceitual e operacional da *teoria da delimitação dos sistemas sociais*, que será, em última análise, a 'espinha dorsal' desta dissertação.

Ao compreender o caráter unidimensional do atual planejamento de sistemas sociais, propõe "um modelo multidimensional para a análise e a formulação desses sistemas, no qual o mercado é considerado um enclave legítimo e necessário, mas limitado e regulado" (RAMOS, 1981a, p.140).

Em sociedade alguma do passado, "jamais os negócios foram a lógica central da vida da comunidade. Somente nas modernas sociedades de hoje o mercado desempenha o papel de força central, modeladora da mente dos cidadãos" (RAMOS, 1981a, p.114).

Ao denunciar o sistema de comunicação de massa, entende que os indivíduos estão "cedendo a influências projetadas", perdendo "a capacidade de distinguir entre o fabricado e o

---

apenas quatro lacunas: Górgias, Epicuro, D'Holbach e Hume (COTTEN, 2001, p.475). Após lecionar na Universidade de Marburgo assume, na Universidade de Friburgo, a cátedra de seu antigo mestre Edmund Husserl. Ali exerceu a reitoria (por eleição) no início do nacional-socialismo alemão: de abril de 1933 a fevereiro de 1934. Após o final da II Guerra é proibido de lecionar pelos aliados, regressando ao magistério, como professor emérito, a partir de 1951. Elaborou uma corrente de pensamento onde "o homem é um ser-em-situação, imerso em um mar de interesses, preocupações, impulsos, paixões e afetos, mas sempre está aberto para tornar-se algo novo" (MASIP, 2001, p.317). Faleceu em sua cidade natal em 27 de maio de 1976, após deixar um legado clássico de obras do porte de *Sein und Zeit* (O Ser e o Tempo, de 1927); *Da essência do fundamento* (1929); *Kant e o problema da metafísica* (1929); *Que é metafísica?* (1929); *A doutrina de Platão sobre a verdade* (1942); *Sobre o humanismo* (1949); *Caminho do bosque* (1950); *Exegese da poesia de Hölderling* (1951); *Introdução à metafísica* (1953); *A caminho da linguagem* (1959); e *Nietzsche* (1961), Masip (2001); Nunes (2002); Rorty (1999).

<sup>122</sup> Embora tenha contribuído, de forma decisiva, para maximizar as capacidades humanas de inovação e produção, Ramos (1981a, 1983a, 1984), a lógica inexorável do mercado "avança e redefine as paisagens, produz outros elementos e os decompõe" na corrida pela competitividade e poder (SANTOS, 2000, p.21).

real e, em vez disso, aprendendo a reprimir padrões substantivos de *racionalidade, beleza e moralidade*, inerentes ao senso comum", (RAMOS, 1981a, p.114).

Um dos aspectos das influências projetadas é a importância consignada ao **marketing** nos tempos atuais. "O marketing torna-se tão importante quanto o conteúdo" (HANDY, 1999, p.12) , denunciando o crescente mercado internacional das conferências e consultorias de negócios.

Foi a partir da Revolução Industrial que o marketing iniciou sua curva ascendente, intensificando-a a partir da Segunda Guerra Mundial e, especialmente da década de 1950, "com a expansão do mercado de produtos infantis - *baby boomer* - e com a expansão econômica decorrente da recuperação da Europa - Plano Marshall - e Japão" (COBRA, apud CUNHA, 2002).

Cunha<sup>123</sup>(2002) justifica a existência e a sobrevivência das organizações a partir do atendimento das necessidades, da conquista e da fidelização de clientes.

Assinala também que o marketing converge seu foco para a criação de desejos<sup>124</sup> alicerçados no *marketing mix*, constituído por quatro elementos fundamentais: produto (consumidor), preço (custo), ponto de distribuição (conveniência) e promoção (comunicação).

Na busca da conquista e da fidelização do cliente (consumidor), Sheth<sup>125</sup> estabelece toda uma linha de tipos, papéis e comportamentos do consumidor, partindo do diferencial entre *necessidade* e *desejo* (SHETH, 2001, p.139):

A diferença entre uma necessidade e um desejo é que o surgimento da necessidade é guiado pelo desconforto nas condições físicas e psicológicas da pessoas, enquanto que o

---

<sup>123</sup> Carlos Eduardo Freitas da Cunha (1962 - ), doutor em Engenharia de Produção pela UFSC, é professor da Univali, Unisul e em cursos (mestrados) ministrados pelos Departamentos de Engenharia de Produção e de Administração da UFSC, no Centro-Sul brasileiro.

<sup>124</sup> *Desejos* são "bens e serviços específicos [...] que vão além das necessidades de sobrevivência", enquanto que *necessidades* correspondem aos "bens ou serviços requeridos para a sobrevivência". Os especialistas em marketing não criam necessidades; elas já existem antes deles. Os especialistas em marketing, junto com outros influenciadores da sociedade, criam desejos" (CHURCHILL; PETER, apud CUNHA, 2002, p.21). O *marketing* e o *show bizz* pertencem a um conjunto de experiências frustrantes (onde a droga é a mais degradante) que constituem o domínio da pseudotranscendência. Nesse contexto, a experiência mais imediata do ser humano é o *desejo*, e "a grande chave da pseudotranscendência é manipular nossa estrutura de desejo e canalizar toda potencialidade de desejo para uma coisa ilimitada e identificar essa coisa com a totalidade da realidade. É então que nos frustramos, porque o desejo quer o todo e só alcançamos a parte" BOFF, 2000, p.60).

<sup>125</sup> Jagdish N. Sheth, PhD pela University of Pittsburgh (USA), foi professor da University of Southern California (USC), da University of Illinois, da Columbia University e do Massachusetts Institute of Technology (MIT). Atualmente é professor na Goizueta Business School e na Emory University. Foi premiado como "professor-destaque" de marketing da Academy of Marketing Science, em 1989 e agraciado com a medalha Viktor Mataja, da Austrian Research Society, de Viena (Áustria).



desejo acontece quando as pessoas querem levar suas condições físicas e psicológicas além do estado de conforto mínimo. Assim, o alimento satisfaz uma necessidade, e a gastronomia satisfaz um desejo[...]. As necessidades do consumidor são determinadas também pelas *características físicas do indivíduo e do meio ambiente*. Em contraste, os desejos do consumidor são determinados pelo *contexto socioeconômico do indivíduo e do meio ambiente*.

O grau de esclarecimento de uma civilização é, freqüentemente, medido pela ética que subjaz a ela. "Quando os códigos éticos ruem, a sociedade entra em colapso (o declínio do Império Romano, o colapso dos sistemas comunistas) ou é desestruturada pelas pressões externas, como foi o caso da derrota do Terceiro Reich" (DICKSON, 2001, p.59). Mesmo reconhecendo a importância da dimensão ética para as sociedades humanas, Dikson<sup>126</sup> recorre a Adam Smith para justificar e respaldar uma presumível correlação entre *marketing* e *ética*:

Ninguém menos que Adam Smith mostrou que buscar o seu próprio interesse pessoal acima do interesse dos outros promove o bem geral. Isso soa como uma permissão ética para superestimar o bem que você receberá acima do bem e do mal que resultará para os outros (DICKSON, 2001, p.59).

Ao entronizar a idéia de que "o bem estar material de *toda a sociedade* é promovido no momento em que cada um é deixado livre para seguir seu próprio interesse privado" (HIRSCHMAN, 2000, p.104), Adam Smith cria o conceito da *mão invisível do mercado*, valendo-se de uma "poderosa justificativa econômica para a busca desimpedida de interesse próprio individual". Para ele, "aumento de riqueza e diminuição de poder andam de mãos dadas", (HIRSCHMAN, 2000, p.95;104). Ao citar um trecho da obra *A Riqueza das Nações* (capítulo 4 do livro III )Hirschman<sup>127</sup> analisa a erosão do regime feudal:

O comércio e as manufaturas gradualmente introduziram a ordem e o bom governo, e com eles, a liberdade e segurança dos indivíduos, entre os habitantes do campo, que tinham até então vivido quase num contínuo estado de guerra com seus vizinhos, e na servil dependência de seus superiores (SMITH, apud HIRSCHMAN, 2000, p.96).

---

<sup>126</sup> Peter R. Dikson, PhD pela University of Florida (USA), foi contemplado por uma bolsa de estudos Fullbright-Hays e lecionou, como professor titular de Marketing Estratégico, na Ohio State University. Atualmente é professor na University of Wisconsin-Madison.

<sup>127</sup> Albert O. Hirschman foi professor de Economia Política da Universidade de Harvard até 1974. É membro permanente do Instituto de Estudos Avançados, na Universidade de Princeton (EUA).

Harman alerta para os riscos de se "tomar decisões<sup>128</sup> que vão afetar o futuro de uma pessoa, da sociedade ou do planeta, com base numa percepção não-verdadeira da realidade" (HARMAN, 1993, p.8), o que corresponde exatamente ao *modus operandi* da moderna sociedade.

Ao imergir numa análise crítica sobre o papel da mídia na moldagem das mentes humanas e na apreensão de uma realidade fictícia, Cunha<sup>129</sup> destaca que:

Uma hora de televisão é suficiente para que qualquer um perceba que a política cognitiva<sup>130</sup> é um fato preponderante na vida contemporânea. A bem sucedida venda de um produto hoje em dia, não é tanto o resultado de uma exata compreensão de suas verdadeiras propriedades, mas a consequência de uma verdadeira batalha velada contra o bom senso, (RAMOS, apud CUNHA, 2002, p.20).

Essa política cognitiva é "um dos mecanismos mais incisivos na criação de valores postivos". Esses valores subordinam-se ao *ethos* do mercado que "além de ocupar espaços privilegiados, é também o fator de maior peso nas decisões que afetam grande parte de nossas vidas. Mesmo em momentos de lazer ou diversão ele está presente" (CUNHA, 2002, p.19).

Na sociedade de mercado "não existe produto sem uma imagem que o torne conhecido", importando "menos o conteúdo, o fazer, o fundo, do que a aparência, a forma [...] nada escapa a essa colocação em forma, o produto industrial, evidentemente, mas também o produto literário, religioso, cultural". (MAFFESOLI, apud CUNHA, 2002, p.19-20).

Imerso no provimento de seu próprio sustento e impelido pelos imperativos da sociedade de mercado - onde dinheiro e prosperidade assumem o significado maior da vida - o homem contemporâneo assumiu a condição de *animal laborans*<sup>131</sup>.

<sup>128</sup> A tradição dos iroqueses (nação indígena em torno dos Grandes Lagos na América do Norte) levava em conta o bem estar das próximas sete gerações no processo de tomada de decisões. Na mundo atual, elas são "ditadas pelo balancete do próximo trimestre ou pelo modo com que os eleitores vão considerar a situação da economia" (HARMAN; HORMANN, 1993, p.6).

<sup>129</sup> Cláudio Rodrigo Freitas da Cunha (1976- ) é bacharel em artes plásticas pela UDESC, professor de artes no ensino fundamental e orientador cultural no SESC-SENAC.

<sup>130</sup> Na condição de um fenômeno histórico perene, já abordado por Platão quando "manifestava aversão pela retórica, tal como a praticavam os sofistas", a *política cognitiva* "consiste no uso consciente ou inconsciente e uma linguagem distorcida, cuja finalidade é levar as pessoas a interpretarem a realidade em termos adequados aos interesses dos agentes diretos e/ou indiretos de tal distorção" (RAMOS, 1981a, p.87). Eric Voegelin a chama de *comunicação pragmática*, utilizada para "induzir no alvo humano um estado mental que resulte em comportamento de conformidade com a intenção do comunicador". (VOEGELIN, 1956, p.2).

<sup>131</sup> Ao conceituar o *animal laborans*, Hannah Arendt parte do conceito clássico onde 'laborar significava ser escravizado pela necessidade, escravidão essa inerente às condições da vida humana'. Vinculado ao *labor* do nosso corpo (ao contrário da vinculação do *homo faber* ao trabalho de nossas mãos), o *animal laborans*, "com o próprio corpo e a ajuda de animais domésticos e de máquinas, nutre o processo da vida [...] mas ainda é servo da

A única exceção é o artista. Mesmo assim, seu trabalho é reduzido a lazer, a um *hobby*. Para Hannah Arendt "a era moderna, ainda mais que o cristianismo, provocou - juntamente com sua glorificação do *labor* - enorme degradação do verdadeiro conteúdo da arte". A emancipação do homem em relação ao trabalho era tido por Marx como objetivo maior da revolução socialista, implicando, em última análise, como "emancipação em relação ao próprio consumo, isto é, ao metabolismo com a natureza que é a própria condição da vida humana". Ela já vislumbrava que, um século e meio depois de Marx "as horas vagas do *animal laborans* jamais são gastas em outra coisa senão em consumir: quanto maior é o tempo que ele dispõe, mais ávidos e insaciáveis são os seus apetites"(ARENDR, 1981b, p.6).

Leonardo Boff considera que o ser humano, na condição de "um projeto ilimitado, transcendente" resiste, em princípio a qualquer enquadramento:

Não há nada que possa enquadrá-lo, nenhuma fórmula científica, nenhum modo de produção, nenhum sistema de convivialidade. Nem mesmo o nosso moderno sistema globalizado [...] reforçado pelo fundamentalismo da economia de hoje, que garante que 'só existe o modo de produção capitalista global, com sua ideologia política, o neoliberalismo, não há outro caminho a seguir'. Essa concepção supõe um conceito pobre do ser humano. Transforma-o, no fundo, num mero consumidor [...]. Quem defende e pratica essa concepção não está interessado em formar um cidadão criativo, capaz de pensar por si e plasmar o seu próprio destino" (BOFF, 2000, p.38-39).

Abraham Maslow estabeleceu critérios hierárquicos para a constelação de necessidades humanas. Para ele, a prioridade máxima é para a satisfação das necessidades fisiológicas, seguida do atendimento às necessidades de segurança física. Quando os meios de sustento e segurança são atendidos, o surgem então as necessidades sociais (sensação de pertencer, de amor); de estima (autoestima, reconhecimento); e de autorealização: correspondendo à concretização das potencialidades individuais e variando de pessoa para pessoa e ao longo do tempo, Cruz Júnior (2001b); Shet (2001); Handy (1999); Rush (1976).

A socióloga húngara Agnes Heler dividiu as necessidades humanas em dois grupos: existenciais ou fundamentais, correspondendo às necessidades de alimento, repouso, reprodução, introspecção, amizade, amor, diversão, convívio; e as induzidas ou alienadas, determinadas pela exigência de poder, posse, dinheiro, "de acúmulo quantitativo e interminável [...] provocando uma espiral sem fim", (HANDY, 1999, p.205).

Alguns dos pressupostos do *paradigma paraeconômico* envolvem, *a priori*, uma visão da sociedade como sendo constituída de uma variedade de enclaves - dos quais o mercado é

---

natureza e da terra"; já o *homo faber*, em seu utilitarismo antropocêntrico, se porta como amo e senhor da natureza e da terra, (ARENDR,1981, p.94;168).

apenas um - " e de um sistema de governo social capaz de formular as políticas e decisões distributivas requeridas para a promoção do tipo ótimo de transações entre tais enclaves sociais" (RAMOS, 1981a, p140).

Os modelos alocativos predominantes na sociedade ocidental contemporânea são cativos de uma concepção reducionista de *recursos* e de *produção*. Ao tratar desses dois conceitos (RAMOS, 1981a, p.180) assim se expressa:

Recursos e produção são entendidos como insumos e produtos de atividades de natureza econômica. Em outras palavras, é o mercado que, em última análise, determina o que deve ser considerado como recursos e como produção. Assim sendo, não considera formalmente como fatores contributivos da riqueza nacional aquilo que resulta da iniciativa de membros de uma unidade doméstica que, sem perceberem um salário, se ocupam de atividades como cozinhar, limpar, costurar, cultivar verduras, preparar conservas, cuidar de jardins, decorar a casa, tratar dos doentes, promover consertos e instalações, educar as crianças e exercer a supervisão delas. Da mesma forma, o cidadão que, sem ser pago para isso, participa das reuniões da igreja local, de conjuntos artísticos e educacionais da vizinhança e de esforços de auxílio de todo tipo, não é considerado como recurso. Nos países periféricos, uma grande parte da população que trabalha como camponesa do ponto de vista convencional não é considerada como produtiva, na medida em que o produto de suas atividades não é comercializado. Não obstante, os membros da família, o cidadão participante e os camponeses que provêem o próprio sustento *produzem* efetivamente. Tem sido estimado que o valor do trabalho doméstico nos Estados Unidos, representa cerca de um terço do produto nacional bruto e a metade da renda disponível do consumidor.

Esse quadro de atividades paraeconômicas delineado por Ramos evoluiu, pelo menos em termos parciais, para o que atualmente se conhece por *terceiro setor*<sup>132</sup>.

Torna-se assim evidente que "a disciplina econômica, marxista, clássica ou neoclássica, não oferece uma explicação cabal do processo de criação de *riqueza real* (grifos nossos), principalmente porque no cálculo desta não se consideram importantes variáveis sociais." (RAMOS, 1981e, p. 5).

Valendo-se de elaborações heurísticas, Ramos (1981a) detalha as diversas categorias e orientações do *paradigma paraeconômico* tais como: *economia, isolado, fénomia, anomia, motim e isonomia*.

Esses espaços existenciais correspondem às dimensões política, social e biológica do ser humano, inerente à sua condição de ser multidimensional, Salm (1993). A dimensão política, por exemplo, requer um espaço - *fénomia* - onde o ser humano age, na busca de autorealização, no sentido da real liberdade, Arendt (1981a); Ramos (1981a).

---

<sup>132</sup> O *terceiro setor* envolve "organizações sem fins lucrativos" atuando nas áreas "ambiental, de desenvolvimento comunitário, educacional, de saúde, de recreação e lazer", buscando soluções para necessidades e problemas da sociedade civil organizada, "fora da lógica do Estado e fora da lógica do mercado"(SALM, 2001, p.47;55).

A *fenonomia* é o espaço apropriado ao *homem parentético*<sup>133</sup> que, busca "maximizar sua compreensão da vida [...] eticamente comprometido com valores que conduzem ao primado da razão - no sentido *noético*<sup>134</sup> - na vida social e particular, onde sua relação com o trabalho e com a organização é muito peculiar" (RAMOS, 1984, p.8-9). Os dois outros modelos de homem, operacional e reativo, correspondem às dimensões biológica e social, respectivamente (figura 1).

Na perspectiva de Ramos (1981a), a atual teoria organizacional só sobreviverá se, de forma viável, assumir bases substantivas capazes de transcender à ideologia da sociedade de mercado, considerando o seguinte conjunto de cinco diretrizes:

a) Estabelecimento de múltiplos cenários sociais, compatíveis com as diferentes necessidades da vida humana.

b) Entendimento de que o comportamento administrativo é, em última análise, condicionado por imperativos econômicos peculiares às organizações que praticam a comunicação do tipo operacional, Voegelin (1956).

c) Compatibilização de diferentes categorias de *tempo* - serial, linear, convivial, salto (*leap time*) e tempo errante - e *espaço* a diferentes cenários organizacionais. Ao enfatizar a substancial distinção entre o tempo de salto (*kairos*, que na concepção dos clássicos gregos implica em vivenciar momentos de profundo significado onde o tempo não é quantificável) e o tempo serial (*chronos*, onde a quantificação do tempo é aplicável), Ramos nos faz lembrar de uma experiência existencial do psicanalista suíço Carl Gustav Jung<sup>135</sup> que, ao realizar uma viagem à África nos idos de 1925 vivenciou, num trecho desolado de Mobaça a Nairobi, um momento existencial descrito como um intenso *sentiment du déjà vu*: uma forte impressão de que "já vivera aquele instante e que sempre conhecera aquele mundo separado apenas pelo tempo". Ou seja, uma estranha sensação envolvendo a psique humana ocorrendo "fora do tempo" e pertencendo ao "reino desprovido de espaço" (JUNG, 1963, p.225-226). Em sua abordagem sobre a questão do tempo, Heidegger entende que "o presente é

---

<sup>133</sup> A exemplo de Sócrates, Bacon, Maquiavel e outros pensadores, o homem parentético "está apto a graduar o fluxo da vida diária para examiná-lo e avaliá-lo como um espectador [...]. É um estranho em seu próprio meio social, de maneira a maximizar sua compreensão da vida [...] a partir da diferenciação entre o ego do ambiente interno e o ego do ambiente externo" (RAMOS, 1984, p.8).

<sup>134</sup> Relativo à *vida do espírito*, (ARENDETT, 2000).

<sup>135</sup> Entre as grandes contribuições de Carl Jung para a compreensão da vida humana destaca-se "a idéia do *inconsciente coletivo*: uma dimensão de símbolos, memórias raciais e conhecimento armazenado e compartilhado pela espécie humana. Jung referiu-se ao *daimon*, que impele aquele que procura o todo", (FERGUSON, 2000, p.47).

determinado por planos futuros. O hoje transcorre em função do amanhã. E essa abertura é a existência propriamente dita" (HEIDEGGER, apud MASIP, 2001, p.317). Quanto à categoria *espaço*, Ramos conceitua os espaços sócio-afastadores (típicos das organizações de cunho econômico) e sócio-aproximadores, próprios das isonomias e fenomenias. Correlaciona a deterioração da convivialidade humana aos critérios utilizados pelo sistema de mercado no tocante ao planejamento e uso do espaço:

A revolução industrial obrigou populações a se mudarem de amplas residências e chalés para apartamentos e pavimentos exíguos, e para edifícios e guetos entupidos de gente, perto dos centros urbanos. Nesse processo, as pessoas perderam tempo, dinheiro e seu relacionamento direto com os verdadeiros contextos naturais [...]. o espaço afeta e, em certa medida, chega a moldar a vida das pessoas (RAMOS, 1981a, p.161-162).

d) Planejamento de cenários organizacionais levando em conta um arcabouço teórico multidimensional, entendendo que diferentes cenários organizacionais comportam diferentes sistemas de cognição.

e) Planejamento de cenários sociais situados em enclaves distintos, com vínculos que os tornam interrelacionados, onde as redes - Schon (1973) - e seus respectivos papéis deverão viabilizar tal abordagem.

Donald Schon sugere que é necessário deixar mais espaço para implementar, de forma descentralizada, o elenco de políticas públicas. Para transformar o governo num sistema público de aprendizagem sugere "o planejamento, o desenvolvimento e a administração de redes" no sentido de se posicionar como "facilitador da aprendizagem social, e não como treinador da sociedade", (SCHON, 1973, p.178;190).

Na perspectiva de uma profunda modificação social, objetivando a humanização de um mundo centrado em valores materiais, Fromm (1975) desqualifica o Estado, os partidos políticos e as religiões organizadas como instituições capazes de proporcionar abrigo a esse movimento, por serem demasiadamente burocráticos e impessoais.

A ausência de uma cosmovisão capaz de transcender ao *mundo imanente* decorre fundamentalmente da "prevalência do mito econômico que colore tudo o que fazemos [...] e pelos falsos chamarizes das certezas oferecidas pelas tradições competitivas da *ciência*, da *economia* e da *religião*". Essa é a interpretação de Charles Handy ao apresentar a trilogia do descarrilamento da vida humana, (HANDY, 1999, p.XIII):

A *ciência* parece sugerir que somos moldados por forças além do nosso controle e que o melhor é relaxar e tirar o máximo proveito. A *economia* oferece prosperidade material como o único objetivo universal e, se aceitamos essa premissa, todo o resto segue inevitavelmente

de acordo com a leis do mercado e dos ditames da eficiência. As *religiões* também oferecem sua própria forma de falsa certeza, promovendo a idéia de que, se você se ater às regras, ou se confiar num poder superior, tudo estará bem - se não neste mundo, em algum outro mundo imaginário.

Cruz Júnior<sup>136</sup> (1988) examina a questão do consumismo - um dos traços marcantes da sociedade de mercado - valendo-se de dois conceitos articulados por Ramos(1981a): *bens primaciais e bens demonstrativos*. Lembra Ramos, em sua investigação em torno de detalhes técnicos de tal distinção, ao observar que o objetivo maior de qualquer sistema econômico, ao longo dos séculos, sempre foi a produção do suficiente para a manutenção da vida.

É precisamente nesse contexto que "os *bens primaciais* constituem o domínio do *suficiente* e abrangem todos os meios necessários para a preservação e a salvaguarda da vida física e espiritual do ser humano" (CRUZ JÚNIOR, 1988, p.8).

Ramos (1981a) reformula a tradicional divisão das atividades produtivas enquadradas nos setores primário, secundário e terciário, presente nos manuais de economia, substituindo-a pela noção de *bens primaciais e demonstrativos* (explicitados em *Categorias*).

Ou seja, como dizia Erich Fromm ao propor uma mudança radical nos estilos de consumo: as pessoas devem satisfazer "as necessidades da vida e não as necessidades dos produtores", (FROMM, 1979, p.56).

A angústia da insatisfação - também conhecida como sentimento de "privação relativa"- foi um dos temas abordados por Lao Tse que assim se manifesta, num texto escrito há mais de 25 séculos na China da dinastia Tchou (1030 a.C.-231a.C.):

Deixai o povo voltar ao espírito dos velhos dias, quando usava cordas cheias de nós para manter seus registros. Quando se deliciava com comida simples e orgulhava-se de suas rústicas roupas, contentava-se com suas casas e sentia-se alegre com seus costumes. Os Estados vizinhos podiam estar próximos uns dos outros, podíamos vê-los com toda a nitidez e ouvir cantar seus galos e os seus cães latir, mas o povo não tinha o desejo de partir até o fim de suas vidas (LAO TSÉ, 1998, p.150).

Na visão de Ramos (1981a) o sentimento de "privação relativa" decorre fundamentalmente da prevalência dos bens demonstrativos sobre os bens primaciais,

---

<sup>136</sup> João Benjamim da Cruz Júnior (1948 -) é graduado em Administração pela ESAG/UDESC (1971); MSc e PhD em Administração Pública pela University of Southern California (1981); Pós-Doutorado pela Universidade do Minho, Portugal (1990). Foi professor (graduação e pós-graduação) em Administração na ESAG/UDESC (1972-1993); na Fundação Getúlio Vargas, São Paulo (1973-1974); na University of Southern California, Los Angeles (1979-1980); nas Universidades do Minho e do Porto, em Portugal ( desde 1988) e na PUC de Curitiba. Consultor de diversas empresas públicas e privadas e desempenha atualmente as funções de professor titular da graduação e mestrado em Administração na Universidade Federal de Santa Catarina -UFSC.

fomentada pelo aparato do marketing. O consumismo conduz à "mais abrangente forma de alienação", conforme (CRUZ JÚNIOR, 1988, p.11):

Nas modernas economias de produção de massa, centradas no mercado, exige-se que o homem comporte-se, fundamentalmente, como consumidor, um mero acumulador de bens. E o resultado disto é o desequilíbrio, uma abordagem não-valorativa da existência, que reprime propensões e instintos do homem, como amor, amizade, verdade, beleza, estabilidade, repouso e segurança. Assim como o crescimento econômico e tecnológico ilimitado e descontrolado destrói o todo equilibrado e interdependente dos sistemas ecológicos, também o consumismo descontrolado e a promessa de "fatura nacional bruta", inerentes ao mercado, destroem a viabilidade social da vida humana.

Numa crítica contundente ao perfil clássico dos 'planos de desenvolvimento' formulados por agências internacionais e por governos de países periféricos, o professor e diretor geral do *Bureau International du Travail*, em Genebra (Suíça), Albert Tévoédjrè (1929 - ) denuncia que "sempre falta em todos esses planos o seu fim social, particularmente na agricultura". Ao reconhecer que as propostas técnicas de aumento da produção e de produtividade de culturas e criações constituem os objetivos centrais desses planos, demonstra a desconexão desses incrementos com o atendimento das necessidades essenciais de alimentação, moradia, saúde, educação de um determinado número de famílias camponesas", remetendo essas questões "às rubricas do orçamento previstas pela previdência social, nome mágico para reforçar e ocultar os privilégios" (TÉVOÉDJRÈ, 1981, p.57).

Para o ex-diretor do Departamento de Política e Revisão do Programa do Banco Mundial, o paquistanês Mahbud Ul Haq, "chegou a hora de colocarmos a ciência econômica de pernas para o ar, uma vez que a elevação da taxa de crescimento não resulta em nenhuma garantia contra o aumento da pobreza" (UL HAQ, 1978, p.55).

A epistemologia inerente à sociedade centrada no mercado conduziu os formuladores de políticas públicas e os planejadores de sistemas a quatro pontos cegos, Ramos, (1981a):

a) O conceito de racionalidade condicionado por "fortes implicações ideológicas, identificando o comportamento econômico como constituindo a totalidade da natureza humana" (RAMOS, 1981a, p.121).

b) A pseudo identificação do significado substantivo com o significado formal da organização. A organização econômica formal não pode ser considerada um paradigma. A família, por exemplo, "numa sociedade primitiva era uma organização substantiva [...] no entanto, graças à natureza da sociedade global contemporânea, a família está antes se transformando num fenômeno de organização formal" (RAMOS 1981a, p.124). A maximização de recursos - ou o cálculo utilitário de conseqüências - é a base conceitual das organizações formais, enquanto que nas sociedades pré-industriais, "a maior parte do espaço



vital humano mantinha-se disponível sobretudo para a interação social, livre das repressões da organização formal" (RAMOS, 1981a, p.125).

c) Ao tratar da *interação simbólica* (aqui entendida como o significado da existência para o ser humano) e sua vinculação ao conjunto dos relacionamentos interpessoais (o terceiro ponto cego), Ramos questiona o pressuposto de que a ciência seja a única forma correta de conhecimento.

A ciência, em si, constitui uma das várias formas simbólicas [...]. Arte<sup>137</sup>, mito, religião e história são formas de conhecimento, legando diferentes tipos de experiência, cada um deles válido nos limites da realidade a que corresponde (CASSIRER, apud RAMOS 1981a, p.127).

Ao considerar que "a realidade social se faz inteligível ao indivíduo através de experiências livres de repressões operacionais formais" e que "pontos como o amor, a confiança, a honestidade, a verdade e a autorealização não deveriam estar incluídos no campo de ação da organização econômica" (RAMOS, 1981a, p.127;129) descarta-se a *interação simbólica* - tão necessária à realização pessoal - da esfera das organizações de caráter econômico.

d) O quarto e último dos pontos cegos apontados por Ramos aborda a questão do trabalho e ocupação. O "*trabalho* é a prática de um esforço subordinada às necessidades objetivas inerentes ao processo de produção em si", enquanto que a "*ocupação* é a prática de esforços livremente produzidos pelo indivíduo em busca de sua atualização pessoal" (RAMOS, 1981a, p.130) que, em última análise, significa uma agenda comprometida com a autorealização. Numa abordagem envolvendo conceitos pertinentes ao *trabalho, ocupação e lazer*, a professora Maria Ester Menegasso<sup>138</sup> observa que "na tradição judaico-cristã, o trabalho associa-se também à noção de punição, maldição, como está registrado no Antigo Testamento (punição pelo pecado original)" (MENEGASSO, 1998, p.70). Hannah Arendt assinala a distinção que a Antigüidade fazia entre trabalho e labor, ao tratar da *vita activa* esclarecendo que "o labor é a atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano." E que "a condição humana do labor é a própria vida", ou seja, no labor o homem revela as suas necessidades corporais. Já no que concerne ao trabalho, o conceitua como "a

---

<sup>137</sup> As artes, em suas diversas modalidades (teatro, pintura, escultura, dança, música, literatura, cinema, fotografia, dentre outras) constituem um "instrumento do sublime e colocam o resto de nossa vida em perspectiva". A arte, já dizia Picasso, "sopra e remove as teias diárias da alma" (HANDY, 1999, p.103).

<sup>138</sup> Com mestrado em Serviço Social (PUC-RS) e em Administração (CPGA-UFSC) é doutora em Engenharia da Produção pela UFSC; professora dos Centros Sócio-Econômico e Tecnológico da UFSC; e coordenadora do Núcleo de Estudos sobre Trabalho, Organizações e Gestão Social/Gerasol.

atividade correspondente ao artificialismo da existência humana", produzindo um "mundo 'artificial' de coisas, nitidamente diferente de qualquer ambiente natural", concluindo que "a condição humana do trabalho é a mundanidade". Um terceiro elemento - a *ação*<sup>139</sup> - representa para Hannah Arendt a "única atividade que se exerce diretamente entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria", correspondendo assim à "condição humana da pluralidade" e que esta última característica - a pluralidade - "é especificamente a condição [...] de toda vida política" (ARENDR, 1981, p.15).

A inversão do significado originalmente conferido ao lazer, foi gradualmente disseminada através da ética do sistema de mercado.

Ramos também entende que o sistema de mercado levou a uma transvaliação do sentido original do lazer:

a ociosidade, no velho sentido da palavra, longe de ser sinônimo de lazer é, mais aproximadamente, o requisito indispensável e secreto que torna o lazer impossível: poderia ser descrita como a total ausência de lazer, ou exato oposto do lazer. O lazer só é possível quando o homem se sente unido a si próprio. A ociosidade e a incapacidade de lazer entre si se correspondem. Lazer é o contrário de ambas" (PIEPER, apud RAMOS, 1981a, p.130).

Domênico de Masi também alerta para um desvirtuamento do tempo livre resultante da redução do trabalho, uma das características da sociedade pós-industrial:

Seria legítimo pensar que o progresso científico, tecnológico e organizacional, a globalização, a escolarização, os *mass média* conduzam a um mundo mais feliz. Mas os seres humanos são capazes de torcer o sentido até mesmo das melhores invenções e condições. Assim, a redução do trabalho é traduzida em desocupação; o tempo livre é traduzido em consumismo, enfado, malandragem; a longevidade é traduzida na inércia forçada da aposentadoria. É possível evitar essas degenerações? (DE MASI, 1999c, p.226-227).

---

<sup>139</sup> Ao conceituar *o saber* - pertencente ao domínio da *cultura* - Ramon M. Garcia evoca Lukács ao afirmar que "o homem é um homem no sentido pleno da palavra quando *age*". Diz ainda que "*o saber culto* só se adquire descendo aos infernos ou mordendo a maçã, como Adão". Lembra Guerreiro Ramos que, em seu livro *Administração e Estratégia do Desenvolvimento* comentou que "só lidando sem fim o homem se prova" e, em entrevista para a revista *Marco* confessava que seu lema sempre foi o de Napoleão: "*on s'engage et puis on voit*", ressaltando ainda que "a melhor maneira de fazer ciência é *a partir da vida*, ou ainda, *a partir da necessidade* de responder aos desafios da realidade (RAMOS, apud GARCIA, 1983, p. 109-110).

## 2.7 O rural e o urbano: dominação ou sinergia?

"A ampliação das diferenças de prosperidade entre regiões, assim como o alargamento da histórica fenda entre o progresso urbano e a decadência de diversos modos de vida rural, são duas das mais evidentes manifestações da desigualdade intrínseca à economia de mercado."

José Eli da Veiga

(*A face rural do desenvolvimento: natureza, território e agricultura*, 2000)

Em 1940 (o primeiro censo brasileiro a dividir a população entre rural e urbana), 68,9% dos brasileiros viviam no meio rural. Seis décadas após (2000) o percentual caiu para 18,5% (IBGE, 2002), revelando o vertiginoso processo de urbanização que também atinge o Brasil.

Uma das contradições espaciais observadas por Veiga<sup>140</sup> (2000, 2002a) desse processo é o ritmo frenético de esvaziamento do meio rural. No entanto, vale assinalar que, no período intercensitário 1991-2000, uma quarta parte dos municípios pertencentes ao Brasil essencialmente rural, registrou um aumento populacional de 31,3%, mais que o dobro do crescimento de 15,5% ocorrido na população brasileira, no mesmo período.

A modernização da agricultura vem, ao lado de outros fatores, provocando o esvaziamento demográfico do meio rural em todos os quadrantes do planeta. Embora de forma paulatina, os países desenvolvidos também sofreram uma drástica redução de suas populações rurais ao longo do século passado, na esteira do processo de modernização. Em apenas duas décadas (1950-1970), à medida em que dobrava sua produção de alimentos, o pessoal ocupado na agricultura norte-americana sofreu uma redução de 23 milhões para 10 milhões e, na agricultura europeia<sup>141</sup>, de 42 milhões para 22,6 milhões. Neste início do século

<sup>140</sup> José Eli da Veiga é graduado em agronomia e doutor em economia pela Universidade de Paris-I; professor titular da Faculdade de Economia e Administração e do Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental, ambos da Universidade de São Paulo; secretário do Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável. Valendo-se de uma tipologia completamente diferente do critério oficial adotado pelo IBGE para definir o que é rural e urbano (onde, por força do decreto lei 311, de 02 de março de 1938, consideram-se urbanas todas as sedes de municípios e de distritos), Veiga (2002) entende que *apenas 57%* da população brasileira é, inequivocamente, urbana. Sua tipologia combinou três critérios: o do tamanho populacional do município; sua densidade demográfica e sua localização (dentro ou fora de áreas metropolitanas) definindo assim uma "teia urbana formada pelos 455 municípios dos três tipos de concentração" (VEIGA, 2002a, p.33). Os demais cinco mil municípios são enquadrados como relativamente urbanos, ou ambivalentes (567 municípios abrigando 13% dos habitantes); e essencialmente rurais (4.485 municípios onde residem 30% da população brasileira).

<sup>141</sup> A Alemanha de 1945 contava com 1,5 milhões de agricultores. No final do século eram apenas 500 mil, com a determinação explícita da União Europeia de "encurtar esta população a 300 mil, no médio prazo" (MACHADO; RIBAS, 2002, p.4).

XXI, os Estados Unidos - o principal celeiro do mundo - possuem apenas 1,9% de seus habitantes morando em *farms* (4,6 milhões de pessoas em 2 milhões de estabelecimentos agrícolas), Veiga (2002).

Machado e Ribas (2002) desqualificam a produção familiar como a principal fonte de alimentos para a cesta básica da população brasileira:

Se tomarmos alguns itens na dieta popular [...] encontraremos, entre outros: arroz, feijão, açúcar, leite (em pó), farinha de trigo, óleo de soja, carne de frango ou suíno. Nenhum destes alimentos é oferecido ao mercado pela pequena unidade de produção agrícola em escala capaz de satisfazer mesmo uma parcela da demanda. Muito pelo contrário, são produzidos por gigantescos complexos agroindustriais, nacionais ou multinacionais, quando não são simplesmente importados, como acontece com o feijão, o arroz, o leite em pó e o trigo (MACHADO;RIBAS, 2002, p.2)

Valendo-se do Censo Agropecuário do IBGE (1995-1996), Machado e Ribas demonstram que 82% da produção brasileira de leite tem origem em propriedades médias e grandes (com mais de 5 vacas leiteiras em ordenha); 71% do arroz, 57,5% do milho e 54,6% do trigo (colhidos em estabelecimentos com mais de 100 hectares de área). Reportando-se a um trabalho de Stédile (1999), Pinheiro Machado (2002) comenta que, entre 1980 e 1995, o valor das importações de produtos agrícolas cresceu 800%, enquanto o valor da produção brasileira de grãos aumentou apenas 1,16%, correspondendo a um aumento efetivo de 11,4% no volume colhido.

Na década de 1990 a demanda da força de trabalho nos canaviais brasileiros caiu pela metade, apesar de uma expansão de área de 10%. A partir de cenário construído pela equipe do pesquisador Otávio Balsadi, da Fundação Seade, estima-se que, quando a modernização nas grandes lavouras (canaviais, cafezais, laranjais, dentre outras) abranger todas as regiões do país, "o enxugamento poderá atingir entre 45% e 62% da força de trabalho", correspondendo à liberação de mais de 2 milhões de pessoas "substituídas por forças mecânicas" (VEIGA, 2002b, p.B2).

No caso catarinense, uma quinta parte (21,3%) dos 5,33 milhões de habitantes do território catarinense vive no meio rural. Há quarenta anos, eram mais de dois terços (67,7%). A migração de contingentes populacionais do campo para a cidade foi intensificada, no caso catarinense, a partir dos anos 60 do século passado, quando o processo de colonização ainda não se havia completado.

Na última década o fenômeno do êxodo rural foi ainda mais intenso: entre 1991 e 2000, a população rural catarinense sofreu uma redução, em termos absolutos, de 194,3 mil

habitantes, correspondendo a uma taxa média anual de migração rural-urbana da ordem de 3,2% (TORESAN e OLIVEIRA, 2001).

Para Oliveira, Varaschin e Varaschin (2001), nas décadas anteriores, um dos fatores determinantes do êxodo rural era o poder de atração e o fascínio que os centros urbanos exerciam sobre as comunidades rurais. No entanto, nos anos 90 foram as condições intrínsecas da vida rural e a busca de melhores oportunidades e de acesso a bens culturais que provocaram a aceleração dos fluxos migratórios.

Dentre as evidências que caracterizam o esvaziamento dos campos e o comprometimento da qualidade da vida rural destacam-se: a masculinização, o envelhecimento e o empobrecimento da população rural.

De acordo com um levantamento da ONU, nos próximos três anos "a quantidade de sexagenários no mundo já será maior do que as crianças abaixo de 14 anos" (REBOUÇAS, 2002, p.72). Valendo-se de projeções do IBGE e da Organização Mundial da Saúde (OMS), Miranda (2002) prevê que o número de pessoas acima de 60 anos ultrapassará a cifra dos 2 bilhões, em 2050. No caso brasileiro, o IBGE estima que "nos próximos 20 anos a população idosa poderá ultrapassar os 30 milhões de pessoas, equivalente a 13% do total de habitantes. O censo de 2000 registrou 14,5 milhões de idosos no país, representando 8,6% da população" (ALVES, 2002, p.19). Segundo o pesquisador da USP James Wright, "o poder aquisitivo dos brasileiros com mais de 50 anos de idade deverá crescer 2,5% ao ano na próxima década", resultando num "mercado anual de 325 milhões de reais em 2010" (REBOUÇAS, 2002, p.74).

Cálculos realizados por Oliveira, Veraschin e Veraschin (2001) indicam que, em 1960, 48,9% da população rural catarinense tinha menos de 15 anos e 3,8% mais de 60 anos. Trinta e seis anos depois (1996) a pirâmide etária sofreu uma expressiva variação: 30,1% com menos de 15 anos e 8,1% com mais de 60. É provável que a redução da taxa de natalidade, associada ao aumento da expectativa de vida e à migração dos jovens (especialmente as mulheres) tenham contribuído para essa alteração.

Um grupo de pesquisadores encontrou no município de Saudades (oeste catarinense), uma expressiva rejeição no tocante à vida rural. Essa rejeição é bem mais acentuada entre as moças: 75% delas não gostariam de permanecer no meio rural, Testa et al. (1998). Essa fuga do gênero feminino do meio rural é, em parte, responsável pelo envelhecimento de sua população. Os jovens rapazes não se sujeitam a permanecer num meio rural masculinizado.

Os resultados de um censo realizado pela Epagri e Instituto Cepa<sup>142</sup> em 17 municípios do oeste catarinense (1997-1999), revelam que 71% dos agricultores estão em pleno processo ou em risco de exclusão do meio rural em função da baixa rentabilidade econômica de seus empreendimentos agrícolas.

Como fazer para recrudescer essa espiral descendente de renda e perspectivas de uma vida melhor para os agricultores, especialmente para os jovens rurais?

Dois professores do Institut National Agronomique Paris-Grignon, Marcel Mazoyer e Laurence Roudart, afirmam que a resposta a essa questão está nas agriculturas dos países subdesenvolvidos, desde que se articule um novo arranjo internacional que permita sua inserção no mercado mundial em condições mais vantajosas. Eles propõem um aumento gradativo dos principais preços agrícolas<sup>143</sup> mediante uma organização dos mercados em blocos de países com níveis semelhantes de produtividade, onde o grau de proteção de cada um desses blocos viesse a ser estabelecido na razão inversa de sua produtividade, Mazoyer; Roudart (1997).

Em seu trabalho de tese para doutorado, o agrônomo Élio Holz realizou uma ampla conexão de mapas cognitivos junto a comunidades rurais nos contrafortes da serra geral catarinense. Essa conexão resultou na elaboração de uma 'árvore' com os valores fundamentais para a agricultura familiar da região contemplando nada menos que 24 itens como pontos de vista fundamentais:

Tecnologia<sup>144</sup>, uso da terra, eficiência no uso da mão-de-obra, organização comercial, qualidade, crescimento contínuo, segurança financeira e patrimonial, sobrevivência familiar, saúde, conforto, facilidades comuns, abordagem do problema ambiental, uso de recursos solo e água, desmatamento, diminuição das espécies, riscos ao agricultor por uso de agrotóxicos, riscos ao consumidor, riscos à fauna pelo uso de agrotóxicos, riscos de agressão por permanência de agrotóxicos, riscos de poluição por adubos, poluição de despejos orgânicos, custos às futuras gerações e custos governamentais (HOLZ, 1999, p.138).

---

<sup>142</sup> O censo indicou que 42% dos produtores obtiveram um valor agregado (diferença entre o valor bruto da produção e os custos variáveis) inferior a um salário mínimo mensal; 29% de um a três salários mínimos; 13% mais que três salários mínimos; 14,5% com predomínio de rendas não agrícolas e 1,5% de agricultores patronais Silvestro (2001). Em nível de Brasil, cerca de 70% dos 4,3 milhões de estabelecimentos rurais com menos de 100 hectares auferem renda familiar inferior a dois salários mínimos mensais, Veiga (2002).

<sup>143</sup> Os preços dos recursos naturais, em especial dos alimentos, caíram quase 60% entre meados de dos anos 1970 e meados dos anos 1990 (THUROW, 1997).

<sup>144</sup> Para CASTOR (1980) existem seis critérios fundamentais para caracterizar uma tecnologia como apropriada: economicidade; escala; simplicidade e não-sofisticação; densidade de capital e trabalho; não violência e exploração de recursos naturais; nível de autoctonia (detalhamento em **Categorias**).

Apesar do significativo esvaziamento do espaço rural (em função dos movimentos migratórios) os volumes de produção e os níveis de produtividade têm, paradoxalmente, crescido ao longo dos anos.

Dois exemplos de 'agricultura fora do solo' comprovam esse 'aparente paradoxo': a suinocultura e a avicultura. Em 1985, Santa Catarina contava com 45 mil famílias rurais que tinham na suinocultura sua principal fonte de renda. Elas ofertavam anualmente 4 milhões de suínos ao mercado. Dez anos depois (1995) o número de suinocultores sofreu uma retração de quase 30%, (30 mil) enquanto a oferta de suínos atingia o patamar de 6 milhões de cabeças (aumento de 50%). A estimativa para a virada do século era de que o número de suinocultores não ultrapassaria a 25 mil (OLIVEIRA, 1999). No setor avícola o fenômeno se repete. Nos anos 90 ocorreu uma redução de, aproximadamente, 10% no número de produtores integrados e, nos próximos anos "as oportunidades para pequenos produtores na produção integrada e intensiva de frangos deverá continuar limitada, haja vista a continuidade do processo de concentração da produção" (INSTITUTO CEPA, 2002, p.72).

A intensa migração rural-urbana, a concentração da produção, o uso de tecnologias inadequadas vem, de forma simultânea, provocando o esvaziamento dos campos e a degradação dos recursos naturais.

O despejo de dejetos suínos no ambiente rural; o uso de agrotóxicos e fertilizantes químicos; o manejo inadequado dos solos, vem intensificando a erosão, o assoreamento dos rios e a contaminação das fontes e cursos d'água. Cerca de "80% das águas em Santa Catarina estão, de alguma forma, comprometidas em termos de qualidade" (INSTITUTO CEPA, 2002, p.58).

Além da exclusão de milhares de produtores do processo produtivo e da degradação ambiental, o regime intensivo e concentrado utilizado pelos sistemas integrados de criações de suínos e aves respondem por um balanço energético altamente negativo.

A qualidade das carnes também é afetada por esses sistemas de produção, alerta Machado (2002). Para adequar-se às exigências do mercado mundial de alimentos, muitas agroindústrias estão intensificando seus esforços no controle de qualidade até porque "há um deslocamento da noção de *food security* (segurança alimentar) para a noção de *food safety* (alimento seguro) (CASTRO, 1998, p.206).

A área da educação é uma outra área carente, apesar do significativo avanço registrado no Brasil, ao longo da década de 1990. Segundo recentes estudos realizados por uma empresa de consultoria da Universidade de Harvard, o Monitor Group, o Brasil conseguiu diminuir o atraso de décadas que mantinha em relação aos países emergentes. No entanto, apesar de

"todo o empuxo da última década, o Brasil ainda é o último da fila quando se compara o tempo médio de escolaridade dos adultos. Enquanto, na média, um brasileiro tem 4,88 anos de estudo, um coreano tem 10,84" (LIMA; SALGADO, 2003, p.44). Esse atraso relativo reflete-se também na capacidade tecnológica e de inovação do país. Os indicadores relativos a investimentos em tecnologia e patentes registradas no mercado, colocam o Brasil em penúltimo lugar no salto do conhecimento. Os líderes do ranking de cientistas e engenheiros em pesquisa e desenvolvimento (nos 23 países emergentes pesquisados) são a Rússia (com 3.397 cientistas por milhão de pessoas) a Coreia do Sul (2.139) e a China (459), contra 158 registrados no Brasil.

Estudos realizados pelo projeto Microbacias II, Instituto Cepa (1999), indicam ainda graves deficiências na área da educação<sup>145</sup> no espaço rural: enquanto 10,72% das pessoas que habitam as cidades tinham 8 anos de estudo (equivalente ao primeiro grau completo), no meio rural esse percentual era de apenas 6,67%. Ao se comparar os índices de escolaridade relativos ao ensino médio (11 anos, equivalentes ao primeiro e segundo graus) , os percentuais, na cidade e no campo, são ainda mais discrepantes: 10,76% e 2,27%, respectivamente. Essa análise não contempla a evidente inadequação dos currículos urbanos aplicados ao ensino nas áreas rurais.

O filósofo e educador francês Edgar Morin<sup>146</sup> entende que, para a educação se inserir na religação dos saberes e na construção de uma nova forma de pensar, é "preciso reunir o que foi artificialmente separado". Neste sentido, o problema maior é a "reeducar os educadores" que, para o cientista francês trata-se de uma "missão logicamente impossível". (MORIN, 2002, p.D6).

---

<sup>145</sup> Ao criar em Atenas (387 a.C.) sua lendária Academia, Platão estabeleceu as bases epistemológicas da educação. Sobreviveu por mais de 900 anos, e "foi a precursora das universidades que se desenvolveram a partir da Idade Média." Tendo por objetivo primordial "inculcar nos alunos hábitos de exame crítico e a compreensão de cânones e critérios referentes a todas as matérias", a Academia definia o processo educativo como aquele em que "o papel do professor era o de orientador, capaz de levar o aluno a ver e pensar por si mesmo", (RUSSELL, 2001, p.73;89). "Aprender sem pensar é inútil" dizia Confúcio ao elegeer o modo de aprender e de ensinar como uma questão fundamental. "Sem uma verdadeira aprendizagem todas as outras virtudes são obscurecidas e degeneradas: sem a aprendizagem, sinceridade transforma-se em vulgaridade; coragem em desobediência, firmeza em excentricidade; humanidade em estupidez; sabedoria em leviandade; autenticidade em flagelo" (CONFÚCIO, apud JASPERS, 1962a, p.44).

<sup>146</sup> Edgar Morin (1921 - ) é pesquisador emérito do Centre National de Recherches Scientifique da França. Participou ativamente da Resistência ao nazismo durante a Segunda Guerra Mundial. Graduado em história, geografia e direito, migrou posteriormente para a filosofia, sociologia e epistemologia. Autor de mais de 40 livros, é diretor emérito do Centro de Estudos Transdisciplinares, ligado à Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris, sua cidade natal. Preside atualmente a Associação pelo Pensamento Complexo e, em setembro de 2000, foi agraciado com o título de Doutor Honoris Causa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e pelas universidades de Genebra, Bruxelas, Perugia, Palermo e Praga..



Parte expressiva do sistema educacional brasileiro está na contramão da criatividade. "Não ensinamos nossos jovens a pensar". Num mundo, onde "o volume de informações dobra a cada dezoito meses", são raras as escolas e os professores que, no Brasil, são "treinados no método de estudo de caso, onde se analisam problemas, se incentivam observações de dados originais e a discussão de alternativas" (KANITZ, 2002b, p.20).

Um exame na área da saúde<sup>147</sup> e saneamento básico revela também deficiências mais agudas no espaço rural, em contraposição aos serviços ofertados no mundo urbano. No entanto, vale considerar que o estilo de vida rural, em princípio mais saudável e menos estressante, pode contribuir para uma melhor qualidade de vida. Ainda mais considerando a associação da "medicalização da vida" e do "terrorismo médico" que vem "sabotando o sabor da existência"(LONDRES, 2002, p.14).

Esse médico, diretor de uma das mais conceituadas clínicas cariocas, observa que a medicina brasileira adotou como modelo a medicina americana, "a mais cara do planeta". Observa também que "os médicos perderam o contato com os pacientes, não os ouvem como deveriam" e que os "novos candidatos a médicos têm características cada vez mais técnicas e menos humanitárias", refletindo assim o "tecnicismo que domina a prática médica hoje em dia", onde "o paciente é tratado como um número de estatística, um corpo desprovido de vontade e de história [...] numa indústria que alimenta o *terrorismo médico*" preconizando, num efeito bola de neve, "o maior número possível de exames e internações hospitalares". (LONDRES, 2002, p.14-15).

Inserida no episódio histórico da modernidade a medicina científica está capturada por um conceito sociomórfico e antropomórfico traduzindo, em sua essência, "o darwinismo social, resumindo que a saúde é o resultado da adaptação do homem ao meio" (MORIGUTI, 1985, p.43). Reconhece também que a medicina científica emergiu a partir da Revolução Industrial, na esteira da sociedade centrada no mercado.

Uma deterioração semelhante, associada ao ethos da sociedade de mercado, vem atingindo outras dimensões da vida humana individual e associada, tais como o lazer, a

---

<sup>147</sup>A área da saúde, incluindo o seguro médico, corresponde à "terceira maior indústria dos Estados Unidos [...] representando aproximadamente 9% do produto interno bruto". No entanto, fruto de uma política subordinada ao "velho paradigma da medicina (baseado no tratamento especializado de sintomas) e não no novo paradigma da saúde (preocupado com o paciente como um todo, com ênfase à busca de padrões e causas mais tratamento de sintomas, dentre outras significativas diferenças)", é cada vez mais comum a *doença iatrogênica*, resultante de "complicações cirúrgicas, medicação errada, efeitos colaterais de remédios e outros tratamentos e dos debilitantes efeitos da hospitalização"(FERGUSON, p.231-232). A *iatrogenia* - toda afecção provocada pelo mau uso de medicamentos - está mais presente do que nunca na chamada *agricultura moderna* conduzida à base de agrotóxicos e fertilizantes de síntese química onde "as relações entre substâncias nitrogenadas e glicídios determinam a susceptibilidade das plantas ao ataque de patógenos", Machado (2002).

cultura local, a autoestima, o exercício da cidadania, a preservação e restauração dos recursos naturais, dentre outras, Pinheiro et al., (2001).

A modernização da agricultura e seu desdobramento no êxodo rural e na degradação da vida nas cidades é tema do agrônomo Glauco Olinger<sup>148</sup>, para quem:

a modernização da agricultura favoreceu a indústria e comércio urbanos, e não a massa dos agricultores, principalmente os pequenos produtores [...] acelerou a proletarização e agudeceu a pobreza absoluta e a relativa da população trabalhadora dos campos. Em decorrência das políticas de desenvolvimento adotadas, um fato é sempre visível: a extinção da pequena propriedade. Principalmente do tipo familiar, e o êxodo de milhões de trabalhadores rurais para os centros urbanos [...] gerando dolorosas situações sociais (OLINGER, 1991, p.69).

Ao tratar da estratégia de ocupação do território, Milton Santos torna-se enfático ao afirmar que "é perverso condenar um menino a uma educação pior, a um atendimento médico menos cuidadoso e a uma informação limitada e, conseqüentemente, a uma politização limitada" (SANTOS, 2000, p.58).

Em sua análise sobre "o declínio do individualismo nas sociedades de massa", Maffesoli<sup>149</sup> confirma que:

Assim como as cidades deram o tom aos modos de vida do conjunto dos países, a sinergia tecnologias-megalópoles faz do mundo inteiro uma 'aldeia global'<sup>150</sup>, onde as modas, os pensamentos, as músicas e os esportes são partilhados sem que as diferenças de classe, as especificidades locais ou culturais determinem mudanças notáveis. Com a ajuda da televisão, está-se na presença de um *melting-pot* gigante, espécie de sincretismo geral em que cada um, indivíduo, país, regiões, 'tribos', encontra as suas marcas e onde, sobretudo, se busca a excitação dos sentidos que parece ser a droga necessária ao espírito do tempo [...].A cidade tornou-se então um cadinho gerador de grupos miméticos, matriz que favorece a superação da autonomia e reforça o fato de que só existo em relação ao outro, na relação com o outro, sob o olhar do outro (MAFFESOLI, 1997, p.244-245).

---

<sup>148</sup> Glauco Olinger (1922 - ), Graduado em Agronomia pela Universidade Federal de Viçosa (1946), professor aposentado da UFSC, foi o responsável, em 1956, pela criação do Serviço de Extensão Rural em Santa Catarina (Acaresc, hoje Epagri). Em 1975 criou o Centro de Ciências Agrárias da UFSC. Autor de vários livros sobre questões agrícolas e agrárias, foi Secretário de Agricultura de Santa Catarina (1969-1974); Presidente da Embrater (1979-1984), além de presidente da Cidasc e Pró-Reitor de Planejamento da UFSC. Sua vida profissional é ligada à história da agricultura catarinense e brasileira ao longo das últimas 6 décadas.

<sup>149</sup> Michel Maffesoli (1944 - ) sociólogo francês, é professor na Sorbonne; diretor do Centro de Estudos sobre o Atual e o Cotidiano (Paris V) e diretor do Centro de Pesquisas sobre o Imaginário.

<sup>150</sup> Expressão cunhada por Marshall Mc Luhan na década de 1960 e explorada em seu livro *Do clichê ao arquétipo* (1973).

Aliás, Karl Marx<sup>151</sup> e Friedrich Engels<sup>152</sup> afirmaram, em seu *Manifesto Comunista* escrito em 1848, que: "A burguesia submeteu o campo ao domínio da cidade. Criou cidades enormes, aumentou imensamente a população urbana em relação à rural e arrancou assim uma parte considerável da população do embrutecimento da vida rural", (MARX e ENGELS, 2002, p.49).

José Eli da Veiga contextualiza as afirmações de Marx e Engels observando que o desenvolvimento sustentável "leva à revalorização do ambiente natural e não à urbanização do campo visualizada por Marx e Engels". Acrescenta ainda que "foi-se o tempo em que a virtude das enormes cidades era 'arrancar grande parte da população rural do *embrutecimento da vida do campo*', como escreveram há mais de 150 anos no fascinante *Manifesto Comunista*", (VEIGA, 2000, p.83). Face a seu caráter multifacetado e complexo, "o desenvolvimento rural, não pode ser separado e independente do desenvolvimento urbano", (VEIGA, 2000, p.12).

Vale sempre lembrar que "o princípio fundamental da agricultura é lidar com a vida, ou seja, com substâncias vivas"; já a indústria tem por seu ideal "a eliminação de substâncias vivas" (SCHUMACHER, 1977, p.95-96). Ao reforçar a incompatibilidade dos princípios

---

<sup>151</sup> Karl Marx (1818-1883) nasceu em Trier (Vale do Mosella), na Renânia, Alemanha. Estudou direito e filosofia na Universidade de Berlim. Além de revolucionário, Marx era também sociólogo, economista, filósofo, historiador e, "antes de mais nada um homem muito culto" (SCHUMPETER, apud GALBRAITH, 1980, p.72). Mas foi no exercício do jornalismo que Marx conseguiu o seu sustento financeiro. Por seu caráter revolucionário sua vida resultou numa sucessão de exílios (Paris, Bruxelas, Londres). Juntamente com o amigo, aliado vitalício e patrocinador Friedrich Engels, Marx foi autor 'da propaganda política mais bem sucedida de todos os tempos'. Em sua *Crítica do Programa de Gotha* afirmava que 'depois dos trabalhadores terem assumido o poder, a cicatriz dos hábitos e do pensamento capitalistas teria que desaparecer primeiro. Só então viria o grande dia em que a sociedade 'inscreveria em suas bandeiras: de cada um segundo a sua capacidade, a cada um segundo as suas necessidades!' (GALBRAITH, 1980, p.84;102). Sua obra dirigiu-se "para denunciar as ilusões do tempo" (*Sagrada Família*, 1845; *Miséria da Filosofia*, 1847), "para analisar acontecimentos políticos decisivos" (*Lutas de Classes na França*, 1850; *O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte*, 1852; *A Guerra Civil na França*, 1871)," para enunciar as bases de uma doutrina revolucionária" (*Manifesto do Partido Comunista*, 1848; *Trabalho Assalariado e Capital*, 1848; *Salário, Preço e Lucro*, 1865); além de empreender uma "explicação do sistema econômico contra o qual se bate e no qual se desenvolve o movimento operário (*Para a Crítica da Economia Política*, 1859; *O Capital*, volume I - os dois últimos volumes foram publicados por Engels, após sua morte em Londres ) (ROUSSET, 2001, p.672).

<sup>152</sup> Friedrich Engels (1820-1895) originário de uma família de ricos empresários, nasceu em Barmen, na Renânia prussiana. Ao estudar filosofia na Universidade de Berlim, suas primeiras leituras foram *A Vida de Jesus*, de David Strauss, e o curso sobre *A Filosofia da História*, de Georg W.F. Hegel. Em 1841 participou ativamente do grupo dos jovens hegelianos de esquerda e, em 1844 conheceu Karl Marx dando início a uma grande amizade que os acompanha pelo resto de suas vidas. Além de participar dos principais movimentos revolucionários de sua época foi, de forma isolada ou junto a Marx, responsável por uma produção intelectual propondo "uma nova concepção do mundo". Dentre seus principais livros destacam-se: *A Dialética da Natureza* (de 1873 a 1883); *Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado* (1884); *Ludwig Feuerbach e o fim da Filosofia Clássica Alemã* (1886-1888); *História do Cristianismo em suas Origens* (1894); *Anti-Dühring* (1878); *O Processo de Circulação do Capital* (1885); e o terceiro livro sobre *O Processo da Produção Capitalista* (1894). Morreu em Londres a 5 de agosto de 1895, Barrère (2001).

fundamentais que regem a agricultura e a indústria, dentro de um quadro necessário de tensões inerentes à convivência entre opostos, define a indústria moderna "como uma ofensiva contra a imprevisibilidade, impontualidade, inconstância e mau gênio generalizados da natureza viva, incluindo o homem (SCHUMACHER, 1977, p.96).

Já o professor Alcides Abreu<sup>153</sup> considera que "em termos de cidade e campo, Santa Catarina é uma coisa só. As variáveis que, pretensamente, são do homem que vive na cidade, são também rurais, no caso catarinense. Nós temos uma grande cidade no campo ou um grande campo na cidade", (ABREU, 1999, p.55).

Outros autores comungam dessa mesma visão, onde as fronteiras entre o *rural* e o *urbano* tornam-se cada vez mais tênues. Ao examinar a interação do campo e cidade no imaginário do jovem rural, a pesquisadora do CNPq Maria José Carneiro entende que novas identidades no meio rural não são mais sustentadas exclusivamente na atividade agrícola. "A terra, deixando de ser meio de produção para se transformar em bem de consumo, passa a ocupar outro lugar nas preocupações e nos projetos da juventude rural de origem agrícola" (CARNEIRO, 1998, p.114-115).

A incorporação de valores e ícones rurais pelas cidades é um fenômeno bem atual no caso do *country* brasileiro. "Uma imagem do rural que vem ocupando espaço no mundo urbano: o rural como experiência urbana[...].O *country* configura um padrão urbano", decorrente de "um deslizamento de imagem que desvincula o campo da noção de labor", situando "o rural no âmbito de uma construção imaginária". Inspirada em Baudrillard, assim se expressa (PAULA, 1998, p.142):

À maneira dos simuladores do histórico terremoto de São Francisco existentes no Pier 39 daquela cidade; à presença do Egito e da Roma antigos na cidade de Las Vegas; à reunião da França, do Marrocos e da Itália no Epcot Center na Flórida e tantos outros exemplos, o *country* também é uma experiência de tematização e de simulacro (Baudrillard, 1988).

Existe uma tendência para que um expressivo número de agricultores, desvinculados das cadeias dos complexos agroindustriais, passem a atuar no agroturismo, no artesanato e no mercado de produtos agropecuários diferenciados.

Neste sentido "a dinâmica da economia rural já não é mais determinada por veneradas 'riquezas naturais' como solo fértil, madeira ou minérios". Nos países considerados do

---

<sup>153</sup> Alcides Abreu (1926 -) é bacharel em direito e filosofia e doutor em direito e economia pela Universidade de Paris (1952). Foi Professor Catedrático de teoria geral do Estado e de ética na UFSC e de sociologia na UDESC. É um dos responsáveis pela implantação do BESC, SENAI, TEDESC, PLAMEG, dentre outros empreendimentos. Atualmente é assessor para assuntos estratégicos no Governo de Santa Catarina (1999-2002) e professor do Programa de Pós-Graduação em International Business, da Florida Atlantic University (EUA).

Primeiro Mundo, está em curso uma "terceira onda desse processo, com uma volta às riquezas naturais, mas de outro tipo: os encantos da vida rural - beleza, tranquilidade e segurança - muito valorizados por aposentados, turistas e alguns tipos de empresários, que se tornaram a principal fonte de vantagens comparativas" (VEIGA, 2000, p. 182).

Ou seja, o aporte crescente dos idosos (aposentados), dos habitantes temporários do meio rural (chácaras de recreio) e participantes do agroturismo vem incrementando as atividades não-agrícolas no campo e mudando radicalmente as relações cidade-campo. A agricultura familiar traz em seu âmago um leque diversificado de atividades, tanto antes como depois da porteira. Veiga (2002), destaca a importância de uma política diferenciada, privilegiando a alocação de recursos no segmento da agricultura familiar em vez da agricultura patronal, e sua respectiva produção de commodities.

Um modelo de geração de emprego concebido pelo BNDES apontou, dentre 41 setores da economia, a agricultura como o segundo de melhor estímulo-resposta, perdendo apenas para a indústria de vestuário. Numa simulação realizada pela Fundação Seade, um aumento de produção da ordem de R\$ 10 milhões (a preços de junho de 2001) na agricultura "é capaz de gerar 1.193 postos de trabalho (620 diretos, 186 indiretos e 387 como efeito-renda), enquanto a mesma expansão produtiva na indústria têxtil, por exemplo, só gera 514 vagas", (VEIGA, 2002, p.B2).

É importante ressaltar, uma vez mais, a forte interligação entre os problemas rurais e urbanos, notadamente quando se pressupõem novas políticas e estratégias fundamentadas numa visão multicêntrica e perdurável. Até porque, "a pluralidade é a lei da Terra" (ARENDR, 2000, p.17).

## 2.8 A questão da sustentabilidade

Há uma dimensão histórica na natureza de Deus, como do universo em geral [...]. Por isso mesmo jamais é possível capturar o universo numa teoria. Na sua história, o universo passa por sucessivas épocas, e as próprias leis naturais são leis históricas [...]. O universo é uma sociedade de sociedades e não uma explicação mecanomórfica. Elas requerem ordem no ambiente de que participam, a fim de que possam consumir sua atualização. Esta ordem ou caráter são uma espécie de 'costumes comunais'. Assim, toda entidade atual cuja atividade deteriora o seu ambiente, comete suicídio".

Alfred North Whitehead  
( *Adventure of Ideas*, 1967 )

Alfred North Whitehead associou a física clássica ao que chamou de teoria da bifurcação da natureza, contida em seu livro *Conceito da Natureza*, publicado inicialmente em 1920. Para ele existem dois sistemas da realidade: um que pertence ao domínio da física especulativa e que, no entanto, jamais pode ser verdadeiramente conhecido; e um segundo, construído das elucubrações da mente que, embora causadas pelo primeiro sistema, não é mais do que aparente realidade. Assim "do ponto de vista pragmático, falar do conhecimento não equivale a falar da realidade, embora as conjecturas da física especulativa como, por exemplo, elétrons e moléculas, sejam percepções mais acuradas do que as fantasias da mente" (WHITEHEAD, 1993, p.31).

Numa outra abordagem sobre o infinito caleidoscópico da vida e do universo assegura que Deus é "a imagem ao espelho do arcabouço do mundo (material). O mundo é incompleto; por sua própria natureza, ele necessita de uma essência na base de todas as coisas, a fim de completá-lo. Essa é a essência de Deus, a natureza primordial" (WHITEHEAD, apud CLARET, 1999, p.49).

"Um bom ambiente é a primeira condição para o desenvolvimento, porque nos permite viver em equilíbrio" (TÉVOÉDJRÈ, 1981, p.65).

Há quem defenda uma simbiose entre progresso econômico e riqueza ambiental. Stephan Schmidheiny<sup>154</sup> entende que "o truque não é 'preservar' - manter a natureza como era em 1800 ou 1900 -, mas sim manejar a natureza, administra-la.". Cita a Costa Rica<sup>155</sup> como exemplo de boa gestão do desenvolvimento e dos recursos naturais, onde "conseguem zelar por ecossistemas selvagens que atraem turistas e trazem mais investimentos estrangeiros", transformando o país "de uma *república de bananas* numa *república de microchips e turismo*", (SCHMIDHEINY, 2002, p.103).

Lester Thurow adota um padrão de pensamento semelhante. Para ele, os recursos naturais garantem as fundações da nossa riqueza, sobrevivência e constituem até mesmo a base das nossas civilizações. No entanto, a civilização contemporânea criou seu equivalente do Vale do Nilo, em lugares como o Vale do Silício, na Califórnia. Argumenta que "a

---

<sup>154</sup> Bilionário suíço, Stephan Schmidheiny (1946 - ) é presidente do Grupo Nueva, formado por 40 empresas que atuam em 15 países da América Latina nos ramos de material de construção, madeira e agricultura. É também presidente honorário do WBCDS - Conselho Empresarial Mundial para o Desenvolvimento Sustentável - com sede em Genebra (Suíça). Em 1994 investiu US\$ 200 milhões do seu patrimônio pessoal na criação da Fundação Avina, apoiando líderes e projetos de desenvolvimento sustentável ao redor do mundo.

<sup>155</sup> Com 51 mil km<sup>2</sup> e 4,1 milhões de habitantes, Costa Rica detém o segundo melhor IDH da América Central. Além de duas planícies costeiras - uma banhada pelo Pacífico e outra pelo Caribe - o país possui vulcões ativos, além de uma flora e fauna preservadas em parques nacionais que ocupam 11% de seu território, estimulando o turismo que se tornou a principal fonte de riqueza, (ALMANAQUE ABRIL-MUNDO, 2002).

tecnologia cria um ambiente humano melhor, em que há maior disponibilidade de recursos naturais." No escopo de uma profunda revolução em andamento<sup>156</sup>, "pela primeira vez na história, a humanidade possui a capacidade de criar novos materiais e entidades biológicas [...]. A tecnologia não é uma ameaça ao meio ambiente. Ao contrário, ela será a sua salvadora". Observa ainda que "o mundo de hoje é um lugar ambientalmente mais favorável do que há vinte ou trinta anos" e assegura que "o ar e a água estão muito mais limpos do que há um século"; que nos últimos 25 anos "o consumo de energia por unidade de PIB se reduziu em um terço [...] e o consumo de água *per capita* caiu 25 por cento"; e, tenta demonstrar que várias espécies animais<sup>157</sup>, tais como "águias, pumas, baleias, crocodilos, lobos, estão aumentando", (THUROW, 2001, p.159; 163;172).

Reconhece, entretanto, que "existem grandes problemas não resolvidos", citando, dentre eles, o aquecimento global<sup>158</sup>; a crise de alimentos nos oceanos provocadas pela pesca predatória; a África subsaariana<sup>159</sup> como "o único lugar no mundo em desenvolvimento em que nenhum progresso está sendo feito", reflexo de uma falta de organização social local, "onde o caos resultante torna impossível o desenvolvimento interno e retira o significado de qualquer ajuda externa", (THUROW, 2001, p.161;166).

Em toda sua linha de argumentação o autor destaca que, longe do crescimento ser inimigo do ambientalismo, "ele é necessário para que se possa melhorar o ambiente. Somente com crescimento e padrões de vida mais elevados é que as pessoas passam a se interessar pelo meio ambiente". Defende também a idéia de que "a disponibilidade de recursos naturais está crescendo muito mais rápido que a demanda", bem como procura

---

<sup>156</sup> Foi Thurow quem se utilizou de fenômenos biológicos (*equilíbrio interrompido*) e geológicos (*forças tectônicas*) para construir a metáfora explicando o *salto de época* que caracteriza os tempos atuais, Thurow (1997); De Masi (2000).

<sup>157</sup> De acordo com a União Mundial pela Conservação (IUCN), há 37 anos coletando dados sobre biodiversidade (com a participação de mais de 7 mil cientistas ao redor do mundo), sua *Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas de Extinção* (versão 2002) registrou um aumento de 121 espécies ameaçadas no decorrer dos últimos dois anos. O total de espécies ameaçadas é de 11.167, onde o Brasil ocupa a terceira posição em relação a mamíferos e pássaros na categoria "em perigo crítico", logo após a Indonésia e Índia, Kishinami (2002).

<sup>158</sup> Ao eleger o sistema econômico como o cerne dos atuais problemas ambientais e sociais, Fritjof Capra alerta para o risco do *aquecimento global* que, no decorrer do século XX, provocou uma elevação de 20 centímetros no nível dos oceanos. Ao prosseguir essa tendência os meteorologistas prevêem enormes enchentes nos principais deltas do mundo (Amazonas, Mississipi e Bangladesh), e até mesmo a inundação do sistema de metrô de Nova York, Capra (2002). Algumas alterações na paisagem são atribuídas ao *efeito estufa*, a exemplo do Kilimanjaro, "a montanha das neves eternas", que perdeu 82% da cobertura de gelo desde 1912 e, "ao se manter o ritmo da emissão de carbono, em 20 anos não restará nada exceto a rocha nua", (TEICH, 2002a, p.85).

<sup>159</sup> A renda per capita nos países africanos caiu 20% desde 1975: mais de 50% da população está abaixo da linha de pobreza, resultando, como uma das conseqüências, em 194 milhões de subnutridos, Novaes (2002).

demonstrar que a revolução advinda da nova ciência dos materiais está possibilitando o acesso a um "mundo no qual materiais de alto valor são sintetizados - não extraídos da terra", tais como a "areia transformada em lâminas de silício e em chips semicondutores", além de novos materiais de uso na medicina "que estão tornando possível a substituição de muitas partes do corpo", (THUROW, 2001, p.160-161).

A tecnologia poderá contribuir para aumentar sensivelmente o manancial disponível de água potável<sup>160</sup>.

Quando as tecnologias de dessalinização puderem ser barateadas, aos 2,5 por cento de nossos suprimentos totais de água que são potáveis (dois terços dos quais na forma de gelo) seriam de repente acrescentados 97,5 por cento de água salgada. Metade das 600 maiores cidades da China não teriam déficits de água e a Islândia não teria 30 vezes mais água *per capita* que Djibouti<sup>161</sup>, ou 9 vezes mais que o Kuwait (THUROW, 2001, p.163).

Um dos exemplos mais marcantes do "impacto da terceira revolução industrial"<sup>162</sup>, apresentado por Lester Thurow, é o caso do petróleo que, de um setor "dependente de sorte e vigor (veja o filme *Assim Caminha a Humanidade*) teve suas reservas e seus suprimentos exponencialmente aumentados, graças a novas tecnologias de perfuração em águas profundas" (THUROW, 2001, p.40).

O pesquisador invoca o exemplo da Noruega - há dois anos seguidos detentora do mais elevado IDH<sup>163</sup> do planeta - cujos "índices de acerto na descoberta de novos campos de petróleo cresceram dez vezes; os índices de extração dobraram", tornando aquele país

---

<sup>160</sup> A água doce de fácil acesso em lagos, rios e lençóis subterrâneos, constitui menos de 1% do total de água do planeta. Além disso, ela raramente se encontra onde é mais necessária. As bacias hidrográficas sofrem com a superexploração e poluição (NATIONAL GEOGRAPHIC, 2002b).

<sup>161</sup> República do Djibuti, última colônia francesa a conquistar sua independência na África, é um dos países mais quentes e áridos do planeta, localizado na região conhecida como 'Chifre da África' entre o Mediterrâneo e o oceano Índico (ALMANAQUE Abril Mundo, 2002)

<sup>162</sup> A primeira revolução industrial corresponde àquela que se seguiu à descoberta da máquina a vapor, explicitada por Adam Smith em seu livro *Wealth of Nations* (1776); e a segunda, no final do século XIX e início do século XX, resultou da descoberta da eletrificação por Thomas Edison (1847-1931) associada à pesquisa e desenvolvimento industriais sistemáticos, Thurow (2001).

<sup>163</sup> No último relatório do desenvolvimento humano divulgado pela ONU (relativo ao ano 2000), a Noruega ficou novamente em 1º lugar, seguido pela Suécia, Canadá, Bélgica e Austrália. O Brasil ficou em 73º lugar, atrás de países como a Argentina (34º), Chile (38º), Uruguai (40º), Costa Rica (43º), Colômbia (68º) e Venezuela (69º) (BAHIA, 2002, p.4-5).



escandinavo no segundo maior exportador mundial de petróleo<sup>164</sup>, "em vez de esgotá-lo, como fora previsto vinte anos atrás" (THUROW, 2001, p.40;160).

O autor chama a atenção para a necessidade de se criar formas criativas de valorizar e preservar a riqueza ambiental do planeta lembrando sempre que "uso sustentável é diferente de não usar" (THUROW, 2001, p.166). Reportando-se à agricultura assim se expressa, (THUROW, 2001, p.164):

Como todas as plantas e espécies animais, os seres humanos irão afetar o mundo em que vivem. A agricultura provavelmente tem tido o maior efeito sobre o nosso mundo natural. Porém, com o aumento da produtividade agrícola, áreas que eram cultivadas poderão ser devolvidas à natureza. A Nova Inglaterra<sup>165</sup> tem hoje mais florestas do que nos tempos coloniais. Parques para veados estão sendo criados em antigas fazendas de gado e trigo.

Uma abordagem diferente é feita por Al Gore, vice-presidente dos Estados Unidos na administração Bill Clinton (1993-2000), apontando graves conseqüências do uso predatório e indiscriminado dos recursos naturais, de compostos hormonalmente ativos e de agentes químicos sintéticos.

Dentre elas destaca o buraco na camada de ozônio (efeito dos clorofluorcarbonetos - CFC); desenvolvimento sexual aberrante (infertilidade, deformações genitais), desordens neurológicas em crianças (hiperatividade e déficit de atenção), cânceres desencadeados por hormônios (na mama e na próstata), além de problemas de desenvolvimento e reprodução em animais silvestres, dentre outros, Colborn; Dumanoski; Myers (2002).

Os distúrbios reprodutivos em animais silvestres que vivem na ilha Kongsoya, pertencente ao arquipélago norueguês de Svalbard<sup>166</sup>, bem ao norte do Círculo Ártico

<sup>164</sup> Em 2001, a Noruega foi o 8º produtor mundial de petróleo, com 3,4 milhões de barris diários. Os cinco maiores são, por ordem decrescente: Arábia Saudita (8,5 milhões de barris/dia); Estados Unidos (8,1); Rússia (7,0); Irã (3,8) e México (3,6). O Brasil é o 15º produtor mundial, com 1,6 milhões de barris/dia, equivalente a 82% de seu consumo de petróleo, Veja (2003).

<sup>165</sup> A *Nova Inglaterra* abriga um dos panoramas mais cênicos e deslumbrantes de todo o território continental dos EUA. Vales verdejantes, montanhas com neves eternas, florestas onde ocorre o mais belo espetáculo outonal da Terra - "*foliage*" - além de um belo, rico e recortado litoral, onde a lagosta é um dos pratos típicos. É formada por seis estados da costa nordeste dos EUA: Connecticut, Rhode Island, Massachusetts, New Hampshire, Vermont e Maine. A região, mais especificamente a cidade de Boston, é considerada o berço da Revolução Americana que, em 1776 culminou com a Independência dos Estados Unidos, além de abrigar, atualmente, algumas das mais conceituadas universidades e centros de pesquisa do mundo (MICHELIN, 1995; CURTIS et al.1998, ARNOLD & WADE, 1997; JERMANOK,1999).

<sup>166</sup> Com uma área semelhante à da Irlanda, o arquipélago norueguês de Svalbard é um dos mais espetaculares lugares que se possa imaginar. Numa latitude situada entre 74°N e 80°N é circundado por geleiras, montanhas com neves eternas, líquens, delicadas flores silvestres. É um verdadeiro berçário para baleias, focas, ursos polares, raposas do Ártico, caribus, renas, morsas e belugas" constituindo-se num cenário de sonhos para quem aprecia lugares exóticos emoldurados por uma beleza selvagem, Swaney (1999).

demonstram a gravidade do problema. Esta ilha (a 79° de latitude norte) era um dos mais ricos ambientes para procriação de focas e ursos polares (uma espécie de maternidade).

"Apesar de Svalbard ser um lugar remoto e de aparência pristina, os ursos que vivem lá são altamente contaminados com agentes químicos industriais, inclusive PCBs, o agrotóxico DDT e vários outros compostos sintéticos persistentes" (COLBORN et al., p.109). Populações de ursos polares e focas estão sendo disseminadas por conta de distúrbios reprodutivos e supressão do sistema imunológico causados por essas substâncias.

Dos 51 agentes químicos sintéticos já identificados como alteradores hormonais, pelo menos a metade, inclusive os PCBs, são agentes 'persistentes', que resistem aos processos naturais de decomposição que os tornariam inofensivos. Lançados no final da década de 1920 por uma elite de engenheiros químicos norte-americanos, os PCBs (bifenilos policlorados) foram utilizados - com estrondoso 'sucesso' comercial - na linha de lubrificantes, fluidos hidráulicos, fluidos para resfriamento e lubrificação de máquinas industriais, protetores de borrachas, rebocos madeiras e plásticos, além de serem ingredientes de corantes, vernizes, tintas, venenos domésticos e agrotóxicos. Embora banidos dos Estados Unidos desde 1976, os PCBs, pelo seu caráter *persistente*, estão disseminados e contaminando o solo, ar e água; no lodo dos lagos, rios e estuários; no oceano; em peixes, aves e outros animais (COLBORN et al. 2002, p.111-112).

Pesquisas realizadas em diferentes pontos do planeta, comprovaram como os PCBs viajam pelos ecossistemas e migram por grandes distâncias.

Exemplos similares também foram constatados junto a população de águias americanas no Golfo do México (1952); de lontras na Inglaterra (final da década de 1950); de visons no Lago Michigan (meados dos anos 60); de gaivotas no Lago Ontário e nas Ilhas do Canal, no sul da Califórnia (1970); de jacarés no Lago Apokpa, na Flórida (década de 1980); de focas na Escandinávia (1988); de golfinhos raiados no Mar Mediterrâneo (década de 1990); além de afetar também seres humanos como a explosão de câncer testicular na Dinamarca (1992). Todos esses casos díspares e bizarros estavam conectados entre si através da poluição por agentes químicos, Colborn et al. (2002).

Os autores de *O futuro roubado* garantem que "pelo menos 250 contaminadores químicos" podem ser encontrados na gordura de humanos "não importa se vivam nos Estados Unidos ou em uma ilha remota do Pacífico. É impossível escapar deles" (COLBORN et al., 2002, p.128). Ao demonstrar o efeito pernicioso dos agentes químicos sintéticos, Theo Colborn, Dianne Dumanoski e John Peterson Myers<sup>167</sup> alertam para sua virulência e

---

<sup>167</sup> Colborn é uma reconhecida cientista dedicada a distúrbios endócrinos provocados por produtos químicos. Tem PhD em Zoologia pela Universidade de Winconsin (EUA); Dumanoski é jornalista voltada para questões ambientais, tendo recebido o prestigiado *Knight Fellowship* em Ciência do Jornalismo no MIT; Myers, PhD em Zoologia pela Universidade da Califórnia (Berkeley) foi vice-presidente da National Audubon Society e dirige uma organização privada que patrocina projetos de proteção ao meio ambiente: W. Alton Jones Foundation.

mobilidade atingindo os mais remotos lugares do mundo - como a Ilha Broughton<sup>168</sup>, no Ártico canadense - e "até mesmo a barreira placentária e para dentro do útero expondo os que ainda não nasceram durante os estágios mais vulneráveis de seu desenvolvimento" (COLBORN et al., 2002, p.129).

Oficiais de saúde canadenses observaram que "pequenas comunidades Inuit (esquimós) sofrem, por conta de agentes químicos sintéticos, (como a dioxina) de infecções crônicas no ouvido e apresentam deficiências em seus sistemas imunológicos". A contaminação do leite materno - infectados por esses produtos - "é particularmente severa entre os nativos no Ártico, onde muitas pessoas ainda se alimentam do que a terra e o mar fornecem" (COLBORN et al., 2002, p.128-129).

Uma outra ameaça que paira sobre a vida animal no planeta deriva das espécies invasoras que, de forma acidental ou intencional foram disseminadas pela atividade produtiva do homem. É o caso do Havaí, onde "metade de sua área terrestre está dominada por espécies vindas de fora e que causam prejuízos de quase 140 bilhões de dólares por ano para a agricultura e outros segmentos" (NATIONAL GEOGRAPHIC, 2002b).

Ao tentar compatibilizar dilemas emergentes da encruzilhada entre *desenvolvimento e preservação ambiental*, a ONU preparou um relatório para a Conferência Rio+10, realizada em Johannesburg (África do Sul) no final de agosto de 2002, com a presença de mais de 100 chefes de Estado e de 60.000 delegados.

Esse relatório reconhece que, entre a Eco 92 e a atual de Johannesburg, apenas quarenta nações adotaram algum tipo de estratégia preservacionista. No mundo industrializado somente a Alemanha, Inglaterra e Luxemburgo mantiveram estáveis suas emissões de carbono. Os efeitos do crescimento econômico na degradação do meio ambiente teve um balanço extremamente negativo (TEICH, 2002a, p. 84-85):

a) 2,4% das florestas foram destruídas nos anos 90, uma área equivalente ao território de Mato Grosso. O desmatamento é maior na África, que perdeu 7% de sua cobertura vegetal, e na América Latina, com 5% [...]; b) A proporção de recifes de coral ameaçados saltou de 10% para 27%, apesar de protegidos pela Convenção da Biodiversidade [...]; c) O consumo global de combustíveis fósseis cresceu 10%.

---

<sup>168</sup> Localizada entre a Groelândia e a costa nordeste do Canadá, bem próxima à Ilha de Baffin (10 mil habitantes) é considerada a maior e detentora dos mais espetaculares cenários do arquipélago Ártico canadense. Habitada majoritariamente por inuits, abriga o Parque Nacional Auyuittuq (de onde é possível o acesso às Ilhas Broughton) é rica em focas, ursos polares, caribus e narvais - pequenas baleias com um dente espiral na cabeça, Abend (1992); Colborn et al. (2002); Michelin (1993); Atlas of the world (1994).

A trajetória humana no decorrer dos últimos dez milênios evoluiu do nomadismo ao sedentarismo como fruto da produção de alimentos que, em seus estágios posteriores, desaguaram nas estruturas urbanas e industriais, Dansereau (1999); Diamond (2001).

A tomada de consciência da *crise do meio ambiente* demanda, segundo o agrônomo Pierre Dansereau<sup>169</sup>, "uma convergência da ciência e da sabedoria voltada concepção de uma nova modalidade de gestão inspirada na *solidariedade* e voltada para a dimensão da *qualidade de vida*" (DANSEREAU, 1999, p.373-374).

É também necessário "se inserir a análise econômica de opções de internalização de externalidades", dentro do enfoque do Ecodesenvolvimento, no sentido de "promover um enfrentamento simultâneo dos desafios ligados à repartição equitativa da riqueza, à preservação do pluralismo cultural e à reprodução, no longo prazo, do meio ambiente biofísico [...] a ser transmitido às futuras gerações" (VIEIRA, 1998, p.228).

Ao vislumbrar, num hipotético futuro, uma nova Constituição para o Brasil, o jornalista e escritor Ruy Castro preconiza que, em um dos seus artigos, ela assegurará o direito a que "todo brasileiro tenha um cantinho e um violão, a cidades saudáveis, matas verdes, céus azuis, mares limpos e seis meses de verão" (CASTRO, 2001, p.19), numa alusão à plataforma da Bossa Nova que, nos anos 60 do século passado, quando ninguém falava em paz, saúde e ecologia, esse movimento da música popular brasileira já associava esses temas ao da beleza<sup>170</sup> e da inteligência.

Antes de assumir uma posição proeminente nos debates em torno de propostas e visões de desenvolvimento, a questão da *sustentabilidade* permaneceu na penumbra nas esferas científica e política por séculos. Foi no início dos anos 70<sup>171</sup> do século passado que, pesquisadores (liderados por Dennis L. Meadows) publicaram o estudo *Limites do Crescimento* (1972), abordando os riscos da degradação do meio ambiente. Esse grupo ficou

---

<sup>169</sup> Pierre Dansereau nasceu em Montreal (Canadá), em 1911. Graduado em Agronomia, obteve seu doutorado em Botânica, na Universidade de Genebra (Suíça), em 1939. Foi professor de botânica, geografia e ecologia em diversas universidades: Michigan, Vermont, Stanford e Columbia,(EUA); Waterloo e McGill (Canadá); Porto Rico e Lisboa. Participou de missões científicas no Brasil, Argentina, Venezuela, México e Nicarágua. Desde 1971 é professor emérito da Universidade do Quebec, em Montreal, vinculado ao *Institut des Sciences de l'Environnement*.

<sup>170</sup> "Platão articula o seu pensamento em linguagem artística [...] ele confere à beleza o caráter da categoria cardinal do entendimento da realidade. O que é correto e bom é necessariamente belo", (RAMOS, 1981g, p.2)

<sup>171</sup> Foi também no início da década de 1970 que o filósofo norueguês Arne Naess criou uma escola filosófica com sua distinção entre "ecologia rasa" (antropocêntrica, que atribui apenas um valor instrumental à natureza) e a *ecologia profunda*. Esta última, dentro de uma percepção espiritual ou religiosa, "concebe os seres humanos apenas como um fio particular na teia da vida" numa filosofia perene na qual "o indivíduo tem uma sensação de pertinência, de conexão, com o cosmos como um todo" (CAPRA, 1999, p.26).

conhecido como o Clube de Roma. Dez anos antes a escritora e ambientalista norte-americana Rachel Carson já havia publicado o livro *Silent Spring* (1962), denunciando os impactos ambientais provocados pelas monoculturas (e seu aparato tecnológico) em seu país. No mesmo ano de publicação do Clube de Roma ocorreu a conferência de Estocolmo sobre meio ambiente. No ano de 1973, baseado no conceito de ecodesenvolvimento concebido pelo canadense Maurice Strong, o pesquisador francês Ignacy Sachs formulou os seis princípios básicos de uma nova política de desenvolvimento centrada na *sustentabilidade* (SACHS, apud BRÜSEKE, 2001, p.31):

a) a satisfação das necessidades básicas; b) a solidariedade com as gerações futuras; c) a participação da população envolvida; d) a preservação dos recursos naturais e do meio ambiente em geral; e) a elaboração de um sistema social garantindo emprego, segurança social e respeito a outras culturas, e f) programas de educação.

Em 1974, Brüseke (2001) ressalta que uma reunião conjunta da UNCTAD e do UNEP incorporou ao conceito de *desenvolvimento sustentável* questões como explosão demográfica, pobreza endêmica e consumismo nos países industrializados.

Essa reunião, conhecida como Declaração de Cocoyok, alertou sobre a necessidade dos países industrializados baixar seu consumo e sua participação na poluição da biosfera.

Com a participação de pesquisadores e políticos de 48 países, a Fundação Dag-Hammarskjöld apontou, em 1975, para o problema do abuso de poder e sua interligação com a degradação ambiental.

Em 1987 o Relatório Brundtland sublinhou "a interligação entre economia, tecnologia, sociedade e política e chamou a atenção para uma nova postura ética, caracterizada pela responsabilidade tanto entre as gerações quanto entre os membros contemporâneos da sociedade atual", sugerindo as seguintes medidas "a serem tomadas no nível do Estado nacional (BRÜSEKE, 2001, p.33):

a) limitação do crescimento populacional; b) garantia da alimentação a longo prazo; c) preservação da biodiversidade e dos ecossistemas; d) diminuição do consumo de energia e desenvolvimento de tecnologias que admitem o uso de fontes energéticas renováveis; e) aumento da produção industrial nos países não-industrializados à base de tecnologias ecologicamente adaptadas; f) controle da urbanização selvagem e integração entre campo e cidades menores; g) satisfação das necessidades básicas; h) as organizações do desenvolvimento devem adotar a estratégia do *desenvolvimento sustentável*; i) a comunidade internacional deve proteger os ecossistemas supra nacionais como a Antártica, os oceanos, o espaço; j) guerras devem ser banidas; k) a ONU deve implantar um *programa de desenvolvimento sustentável*.

Em junho de 1992, 20 anos depois da Conferência de Estocolmo, ocorreu a UNCED - Eco 92 - reunindo, no Rio de Janeiro, 35 mil participantes e 106 chefes de governos. Foi a partir da Rio 92 que a maioria dos governos assumiu as interações entre desenvolvimento e meio ambiente, Brüseke (2001).

Dez anos após, foi a vez da África do Sul reunir 100 chefes de Estado e 60 mil delegados para avaliar os resultados da política global de desenvolvimento sustentável e avançar nas discussões iniciadas na Eco 92, no Rio de Janeiro. O encontro, realizado em Johannesburg foi, numa certa medida, frustrante já que não houve acordo para a maioria dos temas debatidos, Veja (2002a).

Apesar da miríade de definições, a **sustentabilidade** vai muito além de um simples atributo de um certo tipo de desenvolvimento. É um projeto de sociedade alicerçado "na consciência crítica do que existe" bem como num "processo de construção do futuro que leva em conta o ser humano [...] e o mundo natural". Trata-se, portanto, de uma "força fundadora e instauradora de uma nova ordem, de um novo paradigma" (KRAUSE, 2001, p.16).

Já em 1883, Friedrich Engels alertava, em sua *Dialética da Natureza* para as distorções do relacionamento homem-natureza, (ENGELS, 1974, p.182):

Não nos lisonjeemos demasiado com as nossas vitórias sobre a natureza. A cada uma delas, ela vingá-se[...]. Não reinamos sobre a natureza como conquistadores, como alguém que estaria além da natureza, mas lhe pertencemos; nós e a natureza formamos um todo, e mais impossível se tornará a idéia absurda e contra-natura de uma oposição entre espírito e matéria, homem e natureza, alma e corpo.

Na realidade somos do mundo e não apenas estamos nele; e a teoria dos dois mundos - corpo e espírito - é uma das mais persistentes das falácias metafísicas, assinala Arendt e Heidegger (2001).

Nesta dissertação, o conceito de **sustentabilidade** assume não somente as dimensões técnico e ambiental, mas também as dimensões social, cultural e política.

Desenvolvimento sustentável deve ser interpretado como "um processo de aprendizagem e construção social, envolvendo todos os atores sociais na construção do bem-estar das gerações atuais e futuras" (PINHEIRO et al., 2001, p.5).

Ao abordar o processo de desenvolvimento dentro do conceito de sustentabilidade, o pesquisador e economista ecológico Clóvis Cavalcanti incorpora as coordenadas da homeostase<sup>172</sup>, da sobriedade e da eficiência ecológica em seu arcabouço, destacando que o desenvolvimento sustentável tem que impulsionar "renda real, emprego, bem-estar, ambiente

limpo, paisagem bela, segurança pessoal e um uso balanceado dos recursos naturais" (CAVALCANTI, 2001b, p.30).

A socióloga e pesquisadora em educação ambiental Maria Lúcia Leonardi evidencia quatro dos quinze princípios estabelecidos pelo Fórum Global realizado por ocasião da UNCED (Rio-92) ao tratar da questão sobre *educação ambiental* para sociedades sustentáveis e responsabilidade global (LEONARDI, 2001, p.394) :

a) A educação ambiental deve ser crítica e inovadora[...]. Ela é tanto individual como coletiva. Não é neutra: é um ato político, voltado para a transformação social; b) A educação ambiental deve buscar uma perspectiva holística, relacionando homem, natureza e universo, e também ser interdisciplinar. Deve buscar a solidariedade, igualdade e respeito através de formas democráticas de atuação, bem como promover o diálogo; c) A educação ambiental deve valorizar as diversas culturas, etnias e sociedades, principalmente aquelas dos povos tradicionais; d) A educação ambiental deve criar novos estilos de vida, desenvolver uma consciência ética, trabalhar pela democratização dos meios de comunicação de massa. Objetiva formar cidadãos.

Hans Binswanger, economista suíço e especialista em desenvolvimento rural do Banco Mundial, observa que o conceito de *sustentabilidade* deve ser entendido como uma alternativa ao crescimento econômico que, em sua percepção atual, restringe-se ao crescimento quantitativo.

Admitindo-se, antes, que "a natureza é a base necessária e indispensável da economia moderna, bem como das vidas das gerações presentes e futuras", desenvolvimento sustentável significa "qualificar o crescimento e reconciliar desenvolvimento econômico com a necessidade de se preservar o meio ambiente" (BINSWANGER, 2001, p.41). Dando seqüência a essa abordagem, o professor da Universidade de St. Gallen (Suíça) salienta que a essência do conceito de sustentabilidade deve compensar a depleção que arruina o capital natural, através de duas alternativas: A primeira propõe que uma fatia do produto social seja devolvida à natureza, através da manutenção de serviços naturais, e a segunda sugere que se preserve a substância da natureza sacrificando parte das possibilidades de se usar recursos naturais, esta última implicando na redução do consumo de matéria e energia e de alterações substanciais no estilo de vida da sociedade contemporânea, Binswanger (2001); Cavalcanti (2001).

Richard Norgaard, professor da Universidade da Califórnia, em Berkeley, enfatiza que a *sustentabilidade* "é, em última instância, um problema distributivo e não uma questão de elevação de eficiência". Para se alcançar a *sustentabilidade*, destaca o professor, "mais ativos

---

<sup>172</sup> Propriedade autoreguladora de um sistema ou organismo que permite manter o estado de equilíbrio de suas variáveis essenciais ou de seu meio ambiente, Novo Aurélio (1999).

físicos têm de ser repassados às futuras gerações e, para tornar esse repasse possível, as atuais desigualdades no seio das gerações têm de ser reduzidas" (NORGAARD, 2001, p.91).

Em seu componente estratégico, a **sustentabilidade** envolve considerações ambientais que devem ser misturadas com propostas de equidade social (medidas pela geração de emprego e renda), eficiência econômica e factibilidade política.

Segundo John Rawls, "o objetivo final de uma sociedade é ser justa e todos os valores sociais - liberdade, oportunidade, renda, riqueza e as bases do respeito próprio devem ser distribuídos igualmente (RAWLS, apud CASTOR, 2000, p.7).

Ao conceituar a agricultura numa perspectiva do desenvolvimento rural sustentável, o professor Luis Carlos Pinheiro Machado assinala que tal conceito "implica, previamente, na sustentabilidade do ser humano, isto é, ao exercício pleno da sua cidadania, o que se entende por dispor de trabalho, habitação, saúde, educação, cultura e lazer, como condições mínimas a serem atendidas"(MACHADO, 1998, p.1).

Schumacher (1977) entende que a agricultura deve ter um enfoque mais amplo, que transcenda a produção de alimentos e de matérias primas. A partir dessa visão, considera que a agricultura é o vetor para ligar o homem mais intimamente à natureza; é o habitat capaz de humanizar a vida individual e comunitária; e - *the last but not the least* - a atividade produtiva capaz de proporcionar alimentos saudáveis para uma vida condigna.

"A administração da terra deve ser orientada primordialmente para três metas - *saúde, beleza e permanência* . A quarta meta - a única aceita pelos técnicos - *produtividade*, será alcançada quase como um subproduto" (SCHUMACHER, 1977, p.98).

Dentro desse arcabouço conceitual, a formulação de **políticas para a sustentabilidade** deve apoiar-se, primeiro, em critérios biofísicos de uso sustentável da natureza, combinados com instrumentos para correção dos desequilíbrios socioeconômicos e a promoção do bem-estar da população. Daly (2001), sugere quatro políticas interrelacionadas - apresentadas em ordem crescente de radicalismo - interrelacionadas, visando o desenvolvimento sustentável:

- a) Parar de contar o consumo de capital natural como renda;
- b) tributar menos a renda e taxar mais o uso de recursos naturais na produção;
- c) maximizar a produtividade do capital natural e investir no crescimento de sua oferta a longo prazo;
- d) sair da ideologia da integração econômica global do livre comércio, do livre movimento de capitais e do crescimento promovido por exportações, voltando-se para uma orientação mais nacionalista que busque desenvolver a produção doméstica para mercados



internos como primeira opção, recorrendo ao comércio internacional apenas quando claramente muito eficiente.

A complexidade da *questão da sustentabilidade*, deve considerar uma multiplicidade de abordagens e ações, devidamente articuladas, voltadas para a conquista e manutenção da sustentabilidade em suas dimensões econômica, ambiental, social, cultural e política, Norgaard (2001).

"Sustentabilidade não implica em imutabilidade das coisas. Não é um estado estático, mas um processo dinâmico de coevolução", diz Fritjof Capra para quem a definição de sustentabilidade, em termos operativos exige, como primeiro passo, "a alfabetização ecológica (*ecoliteracy*), ou seja, a compreensão dos princípios de organização, comuns a todos sistemas vivos, que os ecossistemas desenvolveram para sustentar a teia da vida". Esse trabalho é a base para o esforço de construção de comunidades humanas sustentáveis, levando em conta "seis princípios básicos da ecologia que dizem respeito à sustentação da vida: redes, ciclos, energia solar, alianças (parcerias), diversidade e equilíbrio dinâmico" (CAPRA, 2002, p.238).

O segundo passo, é o projeto ecológico. "Precisamos aplicar nossos conhecimentos ecológicos a uma reformulação fundamental de nossas tecnologias e instituições sociais, de modo a transpor o abismo que atualmente separa as criações do ser humano dos sistemas ecologicamente sustentáveis da natureza". No seu entendimento, o significado de "projeto (*designs*), em seu sentido mais amplo é a moldagem dos fluxos de energia e de materiais feita em vista dos fins humanos". Os princípios do projeto ecológico refletem "os princípios de organização que a natureza desenvolveu para sustentar a teia da vida". Citando a escritora Janine Benyus, Capra assinala que o projeto ecológico "dá início a uma era baseada não no que podemos *extrair* da natureza, mas no que podemos *aprender* com ela", (CAPRA, 2002, p.241).

Os professores Willis Harman e John Hormann (1993) analisam a incapacidade da política econômica convencional de conduzir a humanidade a um processo de desenvolvimento global sustentável. Eles apontam quatro problemas de nível profundo, pertinentes a um novo paradigma, que poderão superar os muitos e graves desafios do tempo em que vivemos: a racionalidade econômica; o advento do Estado nacional; poder e governo nas mãos de minorias privilegiadas; a alienação.

Ao alertar para os riscos de uma aceleração do colapso termodinâmico do planeta Georgescu-Roegen (1976) chama a atenção para os limites da energia sob a forma de baixa

entropia (petróleo, minerais ...) que, na sociedade orientada para o mercado, representa o principal insumo para a produção de bens e serviços.

Ramos também alerta para os limites dos recursos naturais não-renováveis, observando que "o caráter exauridor dos macrossistemas contemporâneos" vinculados ao processo de produção da sociedade industrial é uma "ilustração da regra utilitário-hedonista do *après moi le déluge*". Revelando o caráter enganador e degenerativo da economia convencional, propõe seu *paradigma paraeconômico* como uma alternativa para "os modelos alocativos clássicos (quer derivados de Smith, quer de Marx)" constituindo-se também no "arcabouço abrangente para uma nova ciência das organizações" (RAMOS, 1981a, p.190).

As abordagens convencionais que tratam do processo de desenvolvimento desconsideram os seguintes *pressupostos essenciais* (RAMOS, 1981a, p.184-185):

a) O mercado deve ser politicamente regulado e delimitado, como um enclave entre outros enclaves que constituem o conjunto da tessitura social. Em outras palavras, o mercado tem critérios próprios que não são os mesmos dos outros enclaves, nem da sociedade como um todo. Assim, a qualidade da vida social de uma nação resulta das atividades produtivas que elevam o sentido de comunidade de seus cidadãos. Nessa conformidade, tais atividades não devem, necessariamente, ser avaliadas do ponto de vista inerente ao mercado. b) A natureza do homem realiza-se através de várias atividades, entre as quais estão aquelas requeridas pela sua condição incidental de detentor de emprego. A realização humana é inversamente proporcional ao consumo individual de produtos e artigos do mercado e, mais particularmente, ao tempo exigido por esse tipo de consumo. Tal concepção significa que um indivíduo completamente socializado é, necessariamente, menos daquilo que uma pessoa deveria ser e pode ser. Significa também que o sistema educacional deveria, sobretudo, estar interessado no crescimento dos indivíduos como pessoas e, só secundariamente, como detentores de emprego. Além disso, na medida em que o consumo ilimitado de produtos do mercado é poluidor e conduz ao esgotamento dos recursos naturais, em última análise deve ser considerado contrário à ética; c) O desenvolvimento de adequadas organizações e instituições, em geral, é avaliado do ponto de vista de sua contribuição direta ou indireta para o fortalecimento do senso de comunidade do indivíduo. Isso conduz ao tipo multidimensional de teoria política e organizacional conceptual e operacionalmente qualificada para o encorajamento, tanto das atividades produtivas dos cidadãos quanto de seu senso de significativa realização pessoal e social.

Esses pressupostos deverão emoldurar a condução da pesquisa com vistas aos objetivos geral e específicos desta dissertação de mestrado.

O estudo realizado nesta pesquisa contemplou, em suas diferentes etapas, um conjunto de **categorias** (explicitadas nas páginas 22 a 30 desta dissertação), no contexto de uma agricultura e de uma vida rural, ambas na perspectiva da *sustentabilidade*.

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Que belo tema de disputa sofisticada tu nos trazes, Menon; é a teoria segundo a qual não se pode procurar nem o que se conhece, nem o que não se conhece. O que se conhece porque, conhecendo-o, não se tem necessidade de procurá-lo; o que não se conhece porque não se sabe o que se deve procurar.

Platão  
( *Diálogos: Menon* )

#### 3.1 Natureza da pesquisa

Não podemos quantificar relacionamentos, conexões, transformações. Nada no método científico pode competir com a riqueza e a complexidade das *mudanças qualitativas*.

Marilyn Ferguson  
(*A Conspiração Aquariana*, 1980)

Para a investigação de uma realidade torna-se necessário - além da pesquisa bibliográfica e das reflexões e conclusões dela advindas - escolher e utilizar procedimentos metodológicos capazes de melhor conhecer essa realidade. Numa macroabordagem, a pesquisa ordena-se através de duas grandes vertentes metodológicas: a quantitativa e a qualitativa. A natureza do problema de pesquisa, seu grau de complexidade e aprofundamento, determinam a escolha do método, Richardson et al. (1999).

A ciência contemporânea vale-se da pesquisa para clarificar questionamentos que põem em dúvida o conhecimento já produzido, Köche (1997). É neste sentido que toda discussão científica deve partir de um problema, ao qual se ofereça "uma espécie de solução provisória, passando-se depois a criticar a solução, com vistas à eliminação do erro e, tal como no caso da dialética, esse processo se renova a si mesmo, dando surgimento a novos problemas" (POPPER, apud KÖCHE, 1997, p.71).

Ao estabelecer uma semelhança entre ciência e arte, onde o elemento central é o espírito humano, Bachelard afirma que

A ciência suscita um mundo, não mais por um impulso mágico, imanente à realidade, mas antes por um impulso racional imanente ao espírito. Após ter formado, nos primeiros esforços do espírito científico, uma razão à imagem do mundo, a atividade espiritual da ciência moderna dedica-se a construir um mundo à imagem da razão. A atividade científica realiza, em toda a força do termo, conjuntos racionais (BACHELARD, apud KÖCHE, 1997, p.78).

A atitude científica é sempre deve ser sempre uma atitude crítica, contemplando dois aspectos: um subjetivo e outro objetivo. Como corolário a essa atitude, rejeita-se qualquer posição dogmática em relação a critérios e métodos de investigação, até porque "os cientistas trabalham muito perto da fronteira entre o espanto e a compreensão" (MEDAWAR, apud KÖCHE, 1997, p.69).

O entendimento corrente de que, na sociedade ocidental, a ciência é considerada como "forma hegemônica de construção da realidade" é contestado por Minayo<sup>173</sup>. Ela contrapõe que "para problemas essenciais, como a pobreza, a miséria, a fome, a violência, a ciência continua sem respostas e sem propostas". Entende que a criatividade é "o sopro divino do potencial do pesquisador", e que a metodologia<sup>174</sup> é "o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade" (MINAYO, 1994, p.10).

A realidade, na percepção de Minayo, encerra um "universo de significados, motivos, aspirações, valores e atitudes [...] que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis". Daí recomendar, para o campo das ciências sociais, a *abordagem qualitativa* como sendo a mais adequada ao aprofundamento "no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas" (MINAYO, 1994, p.21-22).

A *pesquisa qualitativa* trabalha, portanto, com um universo de significados (paradigmas, crenças, valores, aspirações e atitudes) e processos que não podem ser quantificados e nem "reduzidos à operacionalização de variáveis" (MINAYO; HAGUETTE; GODOY, apud MENEGASSO, 2001, p.66).

Marilyn Ferguson assim se posiciona com relação à abordagem qualitativa do método científico:

Em nossas vidas e instituições culturais, temos remexido em qualidades com instrumentos destinados a detectar quantidades. Com que padrão de medida se avalia uma sombra, a chama de uma vela? O que é avaliado num teste de inteligência? Onde, no equipamento à disposição do médico, está a vontade de viver? Qual o tamanho de uma intenção? Qual é o peso de um aborrecimento, a profundidade de um amor? Não podemos quantificar relacionamentos, conexões, transformações. Nada no método científico pode competir com a riqueza e a complexidade das *mudanças qualitativas* (FERGUSON, 2000, p.167).

<sup>173</sup> Maria Cecília de Souza Minayo, professora adjunta e pesquisadora da Escola Nacional de Saúde Pública da FIOCRUZ (Rio de Janeiro), socióloga; antropóloga e sanitária.

<sup>174</sup> Para Ramos (1957), a postura metodológica autêntica é aquela em que há um equilíbrio dialético entre teoria e prática: "não dou primado sistemático nem à teoria, nem à prática. Em toda prática há uma teoria imanente. Em toda teoria há uma prática imanente" (RAMOS, 1957, p. 210).

Numa cultura de sustentabilidade, "impõe-se, gradual, porém sistematicamente, a noção do qualitativo sobre o quantitativo e a noção do equilíbrio sobre os máximos econômicos" (KRAUSE, 2001, p.18).

Há mais de trinta anos a pesquisa qualitativa vem sendo intensamente utilizada nos cursos de Administração, em virtude de sua "estreita relação com uma visão de ciência que assume os fenômenos numa rede de fatores interconectados, tais como a organização e o ser humano" (MENEGASSO, 2001, p.65).

No processo ensino-aprendizagem e de descoberta científica "existe um lugar importante para a incerteza e para a insegurança, de que é preciso desconfiar de certezas reificadas", enaltecendo a "humildade do saber e a possibilidade de se trabalhar em equipe respeitando as diferenças [...] todos os saberes são necessários para estudar-se o meio ambiente" (LEONARDI, 2001, p.4).

Diamond (2001), médico fisiologista com importantes trabalhos nas áreas da biologia da evolução e da biogeografia, afirma que as humanidades, em seu sentido mais abrangente, diferenciam-se das ciências (física, química, biologia molecular) através de quatro características: metodologia, causalção, predição e complexidade. No tocante à metodologia destaca que nas humanidades o conhecimento é obtido através de meios como a observação, a comparação e as experiências naturais, ao contrário das experiências laboratoriais e outros métodos de natureza quantitativa inerentes à física, química e outras ciências similares.

### 3.2 Caracterização da pesquisa

Ao se considerar o espaço rural ( o agricultor - e sua família - em interação com a natureza e a sociedade) como a fonte para coleta de dados na dimensão empírica e, a complexidade teórica e conceitual do tema, a abordagem qualitativa<sup>175</sup> foi o fio condutor deste estudo de caso.

Dessa forma, os resultados desta pesquisa, em função da natureza, profundidade e complexidade do tema, emergiram tanto da pesquisa teórico-empírica propriamente dita, quanto da observação não participante.

Nessa perspectiva, os dados, informações e registros coletados foram coletados e analisados conforme as técnicas de *pesquisa qualitativa*. Do ponto de vista dos fins ela foi

---

<sup>175</sup> "A pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como uma tentativa de compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentados pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características comportamentais (RICHARDSON, 1999, p.90).

conduzida na forma de um *estudo exploratório e descritivo* utilizando como meios a pesquisa de campo, além da pesquisa documental, bibliográfica e análise de conteúdo, Vergara (1998) e Bardin (1977).

Na concepção de Minayo (1994), a pesquisa exploratória<sup>176</sup> sugere vários critérios em sua condução: pesquisa bibliográfica (disciplinada, crítica, ampla); articulação criativa; postura de humildade, reconhecendo que todo conhecimento científico tem um caráter aproximado, provisório, parcial, vinculado a um contexto e condicionado historicamente.

Ao utilizar técnicas de pesquisa bibliográfica e documental, o pesquisador sempre valorizou critérios de confiabilidade, credibilidade e de postura dialética, ao tratar das questões fundamentais inerentes ao tema central.

Bogdan e Biklen, apud Triviños (1992) delinearão as bases para a pesquisa qualitativa que serviram de balizamento para este estudo exploratório:

- a) A pesquisa qualitativa tem como fonte direta dos dados o ambiente natural e o pesquisador como instrumento-chave;
- b) Os dados coletados são, na sua maioria, descritivos;
- c) Os pesquisadores qualitativos preocupam-se muito com o processo e não apenas com os resultados e o produto;
- d) Os pesquisadores qualitativos tendem a analisar os dados de forma indutiva;
- e) O "significado" que as pessoas dão às coisas, aos fatos e à sua vida é uma questão fundamental na abordagem qualitativa.

Em nível de campo (espaço rural), o método utilizado foi o *estudo de caso*, cujo foco dirige-se a "uma ou poucas unidades, entendidas essas como uma pessoa, uma família, um produto, uma empresa, um órgão público, uma comunidade ou mesmo um país. Tem caráter de profundidade e detalhamento" (VERGARA, 1998, p.47).

Conforme Yin (1987), o estudo de caso é o método mais adequado quando o fenômeno de interesse não pode ser adequadamente estudado e compreendido fora de seu ambiente natural. Ao focalizar eventos contemporâneos, dispensa a necessidade de manipulação de sujeitos ou eventos.

A maior utilidade do método estudo de caso ocorre nas pesquisas exploratórias que "se fundamenta na idéia de que a análise de uma unidade de determinado universo possibilita a

---

<sup>176</sup> O processo de identificação do arcabouço das crenças e valores capazes de "orientar as ações do presente e do futuro [...] será sempre caracterizado como estudo exploratório" (SALM, 1993, p.20).

compreensão da generalidade do mesmo ou, pelo menos, o estabelecimento de bases para uma investigação posterior, mais sistemática e precisa" (GIL, 1999, p.79).

O estudo de caso, segundo Nibet e Watt apud Lüdeke e André (1986) envolve três fases. A primeira - fase exploratória - compreende a formulação de questões iniciais originárias da pesquisa bibliográfica e documental, bem como da experiência pessoal do próprio pesquisador<sup>177</sup> visando um aprofundamento do objeto em estudo. A segunda fase compreende a coleta de dados através de instrumentos e técnicas inerentes ao estudo exploratório. A terceira e última fase corresponde à análise sistemática dos dados coletados na pesquisa de campo - correlacionando à fundamentação teórica, alimentada pela pesquisa bibliográfica e documental - culminando na elaboração do relatório final de pesquisa.

Para Triviños (1992), uma das principais características do estudo de caso é poder conhecer uma determinada realidade em profundidade e poder também, a partir dos resultados obtidos, orientar o encaminhamento de futuras pesquisas.

Dessa forma, o pesquisador não elaborou um plano pré-estabelecido. Ao contrário, partiu do problema de pesquisa, delimitando-o à medida que tomou contato com a realidade, procurando compreender o contexto e as múltiplas interfaces dos diferentes enclaves sociais, conforme a perspectiva dos agricultores, de seus familiares e de lideranças comunitárias.

O caráter de interação que deve permear as entrevistas num estudo exploratório é assinalado por (LÜDEKE e ANDRÉ, 1986, p.35):

Ao lado do respeito pela cultura e pelos valores do entrevistado, o entrevistador tem que desenvolver uma grande capacidade de ouvir atentamente e de estimular o fluxo natural de informações por parte do entrevistado. Essa estimulação não deve, entretanto, forçar o rumo das respostas para determinada direção. Deve apenas garantir um clima de confiança, para que o informante se sinta à vontade para se expressar livremente.

Nesse procedimento valorizou-se sobremaneira a capacidade de ouvir os entrevistados. Para tanto, assumiu-se uma predisposição a ouvir não apenas com o sentido da audição, mas com os demais sentidos (visão e, quando necessário, o olfato), além de observar atentamente os sinais da linguagem corporal, em boas condições ambientais, na busca da empatia, segundo preconiza Secretan (1989).

O tipo de entrevista semi-estruturada estimulou o ambiente informal, resultando em descontração, liberdade e espontaneidade entre entrevistador e entrevistado. Selltiz et al.

---

<sup>177</sup> O autor desta pesquisa atua no setor público agrícola brasileiro há 42 anos, exercendo funções técnicas (açudagem e irrigação; extensão rural, comunicação e marketing, jornalismo agrícola), administrativas (coordenação de comunicação, de planejamento) e didáticas (no Sistema Brasileiro de Extensão Rural e na UFSC).

(1974) afirmam que a entrevista conduzida de forma semi-estruturada deve ser privilegiada na condução de estudos que enfatizam as percepções, atitudes, motivações das pessoas em relação a determinados assuntos, contribuindo para realçar os aspectos afetivos e valorativos das respostas dos entrevistados, bem como para verificar a significação pessoal de suas atitudes.

A entrevista semi-estruturada e a observação não participante foram os principais instrumentos utilizados na pesquisa de campo, junto a 24 entrevistados (líderes formais e de opinião; técnicos e agricultores): 14 em Santa Rosa do Lima e 10 em Rancho Queimado. O período de realização dessa pesquisa de campo compreendeu os meses de dezembro de 2002 a fevereiro de 2003.

O modelo conceitual que orientou a pesquisa foi a *teoria da delimitação dos sistemas sociais*, articulada por Ramos (1981a). Foi uma pesquisa do tipo longitudinal, já que o pesquisador permaneceu por um tempo nas comunidades rurais estudadas.

### 3.3 Delimitação do universo de pesquisa

As áreas mais periféricas do meio rural, onde o sistema de mercado e seu componente "dinamismo econômico" ainda não se instalou, são, a princípio, territórios ainda parcialmente resguardados da lógica perversa do cálculo utilitário de conseqüências. Algumas dessas áreas podem oferecer condições para a valorização de *amenidades* - fragmentos de natureza intocada, paisagens, água limpa, ar puro, relíquias históricas, tradições culturais, gastronomia típica, artesanato, dentre outras - capazes de refrear forças altamente destrutivas e poluentes Veiga (2000); Ramos (1981a).

Esses foram alguns dos pressupostos utilizados na condução desta pesquisa ao selecionar lideranças, famílias e comunidades rurais pertencentes aos municípios de Santa Rosa de Lima e Rancho Queimado, localizados nos contrafortes da serra geral catarinense, como cenário para seu *estudo de caso*.

Em Santa Rosa de Lima foram entrevistadas 14 pessoas, desde o prefeito e secretários municipais, até professores e técnicos vinculados a organizações atuantes no município (UFSC, Agreco, Acolhida na Colônia), além de agricultores de diferentes faixas etárias e gêneros.

Os mesmos critérios foram utilizados para selecionar os 10 entrevistados em Rancho Queimado. Este município, possui uma peculiaridade. Nos últimos anos, vários habitantes de cidades próximas são atraídos no contexto do turismo de segunda residência (chácaras e sítios



para fins de semana e férias), bem como para fixar residência no meio rural. A pesquisa de campo contemplou esse aspecto, cada vez mais freqüente em determinadas regiões do país e em várias outras nações.

### **3.4 Análise e interpretação dos dados**

A coleta e a interpretação de dados nesta pesquisa ocorreu, muitas vezes, de forma simultânea, através de um fluxo constante onde, após o levantamento as informações eram analisadas e interpretadas, podendo (ou não) surgir novas questões requerendo uma busca complementar de dados.

A análise de conteúdo utilizou como referencial os seguintes pontos, Triviños (1992):

- a) os resultados alcançados no estudo exploratório, a partir das respostas obtidas nas entrevistas semi-estruturadas e nas pesquisas bibliográfica e documental;
- b) a fundamentação teórica-conceitual;
- c) a experiência pessoal e a intuição do pesquisador.

A análise e interpretação dos resultados da pesquisa observou aspectos de coerência, consistência, originalidade e objetivação, Triviños (1992). Procurou também ir além das aparências expressas através das respostas dos entrevistados, enfatizando o caráter contraditório de algumas idéias e assertivas, sempre correlacionando-as com o arcabouço teórico-conceitual contido nesta dissertação.

### **3.5 Limitações da pesquisa**

A natureza e a complexidade do tema ensejou uma ampla abordagem na fundamentação teórica-conceitual que, por sua magnitude, deixou muitas lacunas em sua abordagem interdisciplinar. Trata-se de um tema complexo e inserido no contexto de um paradigma em transição.

Apesar dos cuidados nos procedimentos metodológicos utilizados, um estudo de caráter exploratório-descritivo apresenta dificuldades na comprovação empírica de muitos dos seus pressupostos e das categorias selecionadas. O próprio estudo de caso não permite também a replicagem pura e simples de seus resultados e conclusões, Yin (1990); Triviños (1992); Gil (1999).

#### 4. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO

Não há método de pesquisa que não acabe por perder a sua fecundidade inicial.[...] Os próprios conceitos científicos podem perder sua universalidade. Os conceitos e os métodos, tudo é função do domínio da experiência; todo o pensamento científico será sempre um discurso de circunstâncias. [...] Os métodos científicos se desenvolvem à margem - por vezes em oposição - dos preceitos do senso comum, dos ensinamentos tranqüilos da experiência vulgar.

Gaston Bachelard  
(*A formação do espírito científico* - 1938)

Este capítulo contextualiza a área da pesquisa de campo - Santa Rosa de Lima e Rancho Queimado - além de apresentar, analisar e interpretar conceitos, informações e sensações observadas junto aos 24 entrevistados e às fontes secundárias de dados.

O arcabouço teórico-conceitual desta dissertação permeia e procura qualificar o trabalho de análise e interpretação dos resultados da pesquisa de campo.

##### 4.1 Caracterização das áreas de pesquisa

Onde está a sabedoria que perdemos no conhecimento; onde está o conhecimento perdido na informação?

T. S. Elitot

A pesquisa de campo foi realizada em dois municípios localizados nas encostas da serra geral catarinense: Santa Rosa de Lima e Rancho Queimado (Figura 4 e 5; Anexo 2).

Três aspectos geopolíticos contribuíram para a escolha dos municípios pesquisados: o primeiro diz respeito à proximidade com o litoral catarinense, onde localizam-se a capital (Florianópolis) e os principais centros urbano-industriais do Estado (Joinville, Blumenau, São José, Criciúma, Itajaí, Jaraguá do Sul, Brusque, Tubarão), cuja influência estende-se às áreas pesquisadas.

O segundo remete à inserção da área de pesquisa a uma região essencialmente rural, com aspectos bem diferenciados das áreas essencialmente urbanas. Os dois municípios pesquisados, além de alguns outros localizados no seu entorno, não foram submetidos (ou seduzidos) ao intenso processo de modernização da agricultura<sup>178</sup>.

<sup>178</sup> Veiga (2000) entende que o dinamismo de uma região rural está vinculado à formação de um *virtuoso triângulo* formado pela *exploração das riquezas naturais* (raramente abundantes e nem sempre renováveis), a *agroindustrialização* (dependente de empreendedores e de capital) e a *valorização territorial*. Esta última dimensão corresponde à valorização das *amenidades*, naqueles territórios que - a exemplo de Santa Rosa de

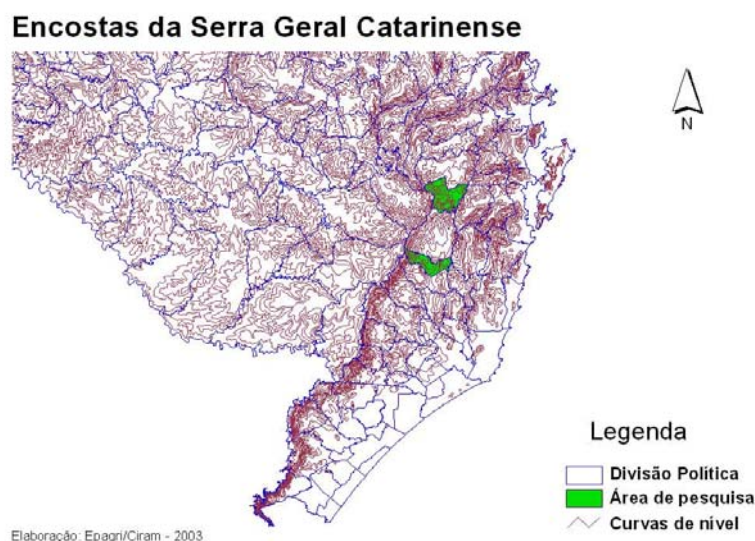
O terceiro vincula-se à existência de projetos pioneiros - *Agreco* e *Acolhida na Colônia* - articulando a organização comunitária para a produção de alimentos orgânicos, seu processamento, além do agroturismo em unidades agrícolas familiares.

**Figura 4 - Localização dos municípios estudados**



Fonte: Secretaria de Estado do Planejamento, Orçamento e Gestão

**Figura 5 - Encostas da Serra Geral Catarinense: localização do território pesquisado**



Fonte: EPAGRI/CIRAN

Lima e Rancho Queimado (e outros municípios em seu entorno) - não sofreram uma degradação mais intensa de seus patrimônios natural e cultural. O leque de *amenidades* contempla desde "fragmentos de natureza intocada a paisagens minuciosamente manejadas, quanto das mais antigas relíquias históricas às mais vivas tradições culturais" (VEIGA, 2000, p.10).

#### 4.1.1 Santa Rosa de Lima: revitalização do território

Até a primeira década do século XX as terras onde hoje se localiza Santa Rosa de Lima eram habitadas por índios da tribo Xokleng, na condição de caçadores-coletores. O primeiros colonos (da família Wagner, de origem germânica) chegaram em 1905. A partir do final da Primeira Guerra Mundial (1918), três novas famílias - Becker, Hermesmeier e Kobas - juntaram-se aos Wagner, ampliando a colonização da região. Vale assinalar que, à medida em que os colonos adentravam na floresta, ocorriam combates com os índios. Tempos após foram contratados alguns "bugreiros" para exterminar os índios, sob a liderança de Henrique Vandresen, Wiemes (2002); Dall'Alba (.1973).

Sua ascensão à categoria de distrito (município de Rio Fortuna) ocorreu em 1957. Em 10 de junho de 1962 foi criado o município de Santa Rosa de Lima, limitando-se ao norte com Anitápolis, ao sul com Rio Fortuna (de onde foi desmembrado), a leste com São Martinho e São Bonifácio e a oeste com Rio Fortuna e Urubici (ver Anexo 2).

Com uma área física de 151,8 km<sup>2</sup> localiza-se no Vale do Rio Tubarão, a uma latitude de 29° 08' 10" Sul, longitude de 49° 42' 00" W do meridiano de Greenwich, numa altitude média de 240 metros. Na nova divisão política do Estado, efetivada a partir de 2003, Santa Rosa de Lima é um dos 14 municípios congregados em torno da cidade pólo de Tubarão<sup>179</sup> (ver Anexo 2).

O rio Braço de Norte - e seus afluentes rios dos Bugres, Santo Antônio, dos Índios e do Meio - representam, além, do potencial energético, uma das atrações para o agroturismo, em virtude da prodigalidade em pequenas quedas d'água e cachoeiras.

Durante algumas décadas Santa Rosa de Lima foi considerado o menor município brasileiro, em termos populacionais. Em 1960 possuía 1.891 habitantes, regredindo para 1.773 (1970), 1.708 (1980) e retomando um ligeiro crescimento populacional nas duas últimas décadas: 1.896 (1991) e 2.007 (no censo de 2000). Segundo o IBGE (2001), a taxa geométrica média de incremento anual da população oscilou de -0,37% (entre 1970 e 1980), passando a 0,92% (1980-1991), caindo novamente à razão de -0,23% (1991-1996), e retomando um discreto crescimento de 0,31%, (entre 1996<sup>180</sup> e 2000). Nos dois últimos decênios (1980-2000) a 'população urbana' aferida pelos censos saltou de 7,08% para 21,08%, IBGE (2001).

---

<sup>179</sup> A Secretaria de Desenvolvimento Regional de Tubarão é formada pelos 14 seguintes municípios: Santa Rosa de Lima, Tubarão, Rio Fortuna, São Martinho, Grão Pará, Braço do Norte, Armazém, Orleans, São Ludgero, Gravatal, Capivari de Baixo, Pedras Grandes, Treze de Maio e Sangão, (SANTA CATARINA, 2003).

<sup>180</sup> A AGRECO foi criada em dezembro de 1996.

Esse "salto estatístico" escamoteia, na realidade, a natureza dos fluxos migratórios, desqualificando o aparente êxodo rural. Reflete muito mais um viés da metodologia utilizada pelo IBGE para enquadrar o que é rural e o que é urbano, definida pelo decreto-lei 311 de 1938 (da época do Estado Novo). Por esse decreto, que ainda norteia a metodologia utilizada pelo IBGE, toda sede de município (cidade) e de distrito (vila) é considerada urbana, sejam quais forem as suas características.

Ao utilizar uma associação de três outros critérios<sup>181</sup> para categorizar o que é realmente urbano, o próprio IBGE, numa pesquisa conjunta com o IPEA e a Unicamp, chegou, em nível de país, a um resultado muito mais verossímil: a teia efetivamente urbana representa 57% da população brasileira (correspondendo a 455 municípios), contra 81,2% registrados oficialmente no último censo (2000); 30% (4.485 municípios) são essencialmente rurais (na estatística oficial o Brasil rural corresponde a tão somente 18,8%); e 13% (567 municípios) são considerados relativamente rurais.

Não é admissível que se considere mais de 90% do território brasileiro, 80% de seus municípios e 30% de sua população como mero resíduo deixado pela epopéia urbano-industrial da segunda metade do século XX. Pior, não é possível tratá-lo como se nele existissem entre 4.500 e 5.000 cidades imaginárias. [...] O mais bizarro é que a vigente delimitação de caráter inframunicipal dos territórios urbanos só é adotada por um pequeno punhado de países como El Salvador, Equador, Guatemala e República Dominicana. Na companhia desses quatro pequenos países, O Brasil considera urbanos os habitantes de qualquer sede municipal, mesmo que tais localidades pertençam a ecossistemas dos menos artificializados (VEIGA, 2002, p.36;65).

A partir desse marco conceitual, seria uma veleidade enquadrar os 420 habitantes (censo 2000) da sede municipal de Santa Rosa de Lima, como 'urbanos'. E menos ainda as 121 pessoas que ali residiam, em 1980! Ainda mais se considerarmos que, apesar de localizar-se a 123 km da capital do Estado, o entorno de Santa Rosa de Lima é *essencialmente rural*, pelos três critérios acima considerados.

Com seu relevo ondulado e montanhoso - nos contrafortes da Serra Geral, onde estão as maiores elevações do Estado - o clima classifica-se como mesotérmico úmido, sem estação seca, predominando verões quentes, com uma temperatura média anual de 18° a 30° C e uma precipitação média anual entre 1.450 a 1.650 milímetros de chuva, Epagri (1998).

---

<sup>181</sup> O primeiro critério é o tamanho populacional (cidades com mais de 50.000 habitantes); o segundo a densidade demográfica (mais de 80 habitantes por km<sup>2</sup>); e o terceiro é que a cidade pertença a um aglomerado urbano em regiões metropolitanas ou outras aglomerações, Veiga (2002).

Sua economia é atualmente centrada principalmente no 'setor primário'<sup>182</sup>, através da produção de alimentos e da extração de minérios, com destaque para a fluorita. Possui várias fontes de água mineral (termais e não termais). A sede do município é abastecida por uma das fontes de água mineral. O 'setor secundário' de sua economia é representado por indústrias de cerâmica vermelha, de madeira e de móveis, além do processamento e industrialização de hortaliças, frutas, cana-de-açúcar, mandioca (aipim), leite, mel, suínos e aves. O setor 'terciário' gera cerca de 300 empregos diretos, desde supermercados, restaurantes, lojas de confecções, agências bancárias (BESC e Credicolônia), agroturismo, até serviços vinculados à administração pública (municipal e estadual).

A agricultura é praticada no contexto de fortes limitações de aptidão do solo. Cerca de 35% das terras de Santa Rosa de Lima pertencem às classes 4 (recomendadas, com restrições, para fruticultura, pastagens e reflorestamento) e 5 (impróprias para qualquer tipo de cultivo, destinadas apenas à proteção e abrigo da flora e da fauna silvestres, recreação e armazenamento de água). Cerca de 45% das terras pertencem à classe 3, onde as culturas anuais adaptadas necessitam de intensas e complexas medidas de manejo e conservação do solo. Apenas 6% das terras do município são indicadas para lavouras anuais (classe 1) e 14% podem ser utilizadas desde que aplicadas tecnologias apropriadas de manejo e conservação do solo (classe 2), Epagri (1998).

Ainda é intenso o uso indiscriminado de agrotóxicos e fertilizantes de síntese química, comprometendo a qualidade da água utilizada para o consumo humano e de animais. Também é comum - um dos principais problemas apontados por alguns dos entrevistados - a devastação de florestas e de matas ciliares, utilizadas para proteção dos ecossistemas ao longo dos cursos d'água.

A taxa de alfabetização para a população acima de 15 anos é de 91%, com melhores índices no meio rural. Cerca de 36% das crianças menores de 6 anos são atendidas pela educação infantil. A taxa de atendimento aos jovens no ensino fundamental (com cerca de 400 alunos) é de 98% e no ensino médio (com cerca de 100 alunos) é de 76%, IBGE (2001). A

---

<sup>182</sup> A classificação das atividades econômicas em três setores "já deixou de ter serventia, uma vez que o desafio é justamente entender as complexas relações que ligam inúmeras novas formas de serviços aos investimentos em atividades primárias e secundárias. Mas é inegável que as ocupações ditas 'terciárias' são indicadoras de maior dinamismo" (VEIGA, 2002, p.92). Para De Masi (1999) a divisão do mercado em primário, secundário e terciário, está diluído numa rede de atividades interdependentes, onde a agricultura está industrializada pela biotecnologia e pela motomecanização, numa relação que conduz à produção de bens que incorporam serviços e a imaterialidade do *software* ocorrendo o mesmo com a materialidade do *hardware*. Para Ramos (1981a) a noção de *bens primaciais* e de *bens demonstrativos* (ver em **Categorias**) substitui a tradicional tripartição do mercado nos setores primário, secundário e terciário.

prefeitura mantém um serviço de transporte escolar, gratuito tanto para os alunos, quanto para os demais residentes no meio rural.

O município conta com uma unidade de referência na área da saúde, além de um consultório médico, dois odontológicos, uma farmácia e uma unidade voltada ao programa de saúde da família, concebido pelo governo municipal. A mortalidade infantil (aferida no primeiro ano de vida) é de 19 por mil nascimentos, contra 32,7 registrados em nível de país. As principais causas relacionam-se a problemas congênitos, diarreias, pneumonia e desnutrição. Não existe rede de esgoto sanitário, adotando-se o sistema de fossa e sumidouro individual. A prefeitura realiza a coleta do lixo três vezes por semana, restrita ao 'perímetro urbano'. O abastecimento de água na sede é de responsabilidade da Casan (existe um reservatório com capacidade para 25 m<sup>3</sup>) e no interior a água é captada através de poços e nascentes, onde poucas são protegidas.

A sede conta com 139 terminais telefônicos e apenas 30% das residências rurais têm acesso a um serviço de telefonia celular. A distribuição da energia elétrica, extensiva aos 525 consumidores do município (incluindo a área rural) é realizada pela Cooperativa de Eletrificação Rural de Anitápolis, com freqüentes problemas de queda de tensão e interrupção de fornecimento (apontados nas entrevistas).

Santa Rosa de Lima conta com um efetivo de três soldados e dois cabos da polícia militar, encarregados da segurança e do trânsito. Em termos de poder judiciário, o município pertence à comarca de Braço do Norte, distante 38 km da sede.

Todo o sistema viário é formado por estradas de terra sob a responsabilidade dos governos municipal e estadual.

O índice de desenvolvimento humano<sup>183</sup> (IDH) registrado no município em 2002 atingiu a 0,795, situando-se na 147<sup>a</sup> posição em nível estadual (no penúltimo levantamento ocupava o 152<sup>o</sup> lugar no *ranking* estadual do IDH). Nesse levantamento destacam-se indicadores sociais como a esperança de vida ao nascer (75 anos); o índice de esperança de vida (83,5 anos) a taxa de alfabetização de adultos (93,7%); e a taxa bruta de freqüência escolar (78,1%).

---

<sup>183</sup> O IDH resulta de pesquisa realizada pela ONU /PNUD e do IPEA, aferindo critérios como renda, educação e longevidade da população, atribuindo notas de zero a um. No último levantamento Santa Catarina com o índice de 0,806, conquistou a quarta colocação, abaixo do Distrito Federal (índice de 0,844), São Paulo (0,814) e Rio Grande do Sul (0,809). Os cinco municípios melhores classificados no Estado foram: Florianópolis (0,964), com a quarta colocação geral no país (a capital melhor avaliada), Balneário Camboriú (0,970), Joaçaba (0,866) Joinville (0,857) e Blumenau (0,856), Bastos (2002).

Para o governo municipal (opinião manifesta nas entrevistas 4, 5 e 6), o agroturismo representa atualmente o principal potencial para o desenvolvimento de Santa Rosa de Lima, através da valorização de sua paisagem, de sua gastronomia (de origem germânica e colonial), de seus recursos naturais (matas, rios, cachoeiras, fauna). Um agroturismo assentado, principalmente, na agricultura familiar e em suas formas de organização comunitária: a Agreco e a Acolhida na Colônia. Um agroturismo realizado num espaço rural mais profundo, emancipado da generalizada e desastrosa obsessão pelo agroindustrialismo. Um agroturismo capaz de promover uma "simbiose entre a imagem de um território que promove uma certa gama de produtos e a promoção desse mesmo território pela comercialização de tais produtos" (VEIGA, 2000, p.190).

Trata-se de uma nova visão de desenvolvimento territorial capaz de ampliar as oportunidades e a qualidade das relações comunitárias - *isonomias* - a partir da valorização da natureza e do modo de vida rural, onde pontifica elementos cada vez mais valorizados tais como: silêncio, ar puro, paisagens encantadoras, contatos humanos mais substantivos, esportes ligados à natureza, alimentos saudáveis, dentre outros. Uma vertente de amenidades derivadas da pluriatividade e multifuncionalidade, capaz de conduzir a uma vida rural sustentável, no contexto de um processo de desenvolvimento territorial.

#### **4.1.2 Rancho Queimado: reserva da biosfera.**

Ainda no século XVIII, o planalto catarinense passou a fazer parte da rota que por onde passavam os "caminhos do gado", ligando a região produtora de carne bovina (Vacarias, no Rio Grande do Sul) à cidade paulista de Sorocaba, onde funcionava um grande entreposto das atividades de mineração. Esses "caminho do gado" (correspondentes, com ligeiras alterações, ao atual trajeto da BR 116) ainda mantinham o planalto catarinense isolado dos três núcleos litorâneos pioneiros do Estado: São Francisco do Sul, Laguna e Desterro (hoje Florianópolis). Desde o final do século XVIII, os governadores da então Capitania de Santa Catarina, decidiram pela construção de uma via que ligasse o litoral ao planalto catarinense. Foi a construção desse caminho que possibilitou o surgimento da colônia de São Pedro de Alcântara, em 1829, segundo relatos de Branco, Dirksen e Faria, apud Doniak (2002).

As origens do município de Rancho Queimado estão vinculadas ao processo de colonização da região compreendida entre o litoral catarinense e os campos de Lages para "abertura de um caminho por onde seriam transportadas cargas e bovinos, originários de Lages e São Joaquim" (SANTA CATARINA, 1990 p.7). A colônia Santa Isabel, hoje



pertencente a Rancho Queimado, resulta do processo de colonização da região com imigrantes alemães oriundos de São Pedro de Alcântara. [...] "que encontraram, na confluência dos rios dos Bugres e Cubatão, o canteiro propício ao estabelecimento dos imigrantes evangélicos, a partir de 1845" (MACHADO, 1998, p.43). Com a finalidade de civilizar o caminho do litoral ao planalto, o governo federal continuou fomentando iniciativas de colonização na região.

Na segunda metade do século XIX foram assentados colonos de origem alemã, todos praticantes da religião evangélica, egressos das lavouras de café (Minas Gerais), onde trabalhavam como diaristas. Além das dificuldades inerentes aos conflitos com índios, ataques de animais selvagens, os colonos se viam também envolvidos com mútuas provocações entre duas religiões derivadas do credo judaico-cristão: os evangélicos e os católicos. Essa rivalidade se tornou mais evidente a partir de 1869, quando a freguesia de Santa Isabel assumiu a condição de distrito de São José. "Os batizados e casamentos eram realizados na sede do município por um padre católico, pois o casamento evangélico não era reconhecido perante as leis brasileiras" (MACHADO, 1998, p.44). Os evangélicos restringiram o culto à religião na esfera restrita de suas comunidades e dos núcleos familiares. A ação dos pastores evangélicos privilegiava o bem-estar da comunidade, notadamente na manutenção de escolas voltadas à formação dos jovens e mantidas com ajuda de instituições religiosas alemãs e suíças. Tanto a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), quanto a Revolução de 1930<sup>184</sup> e o surgimento do Estado Novo (1937) trouxeram reflexos negativos na relação político institucional entre os imigrantes de origem alemã e o governo brasileiro, resultando em atitudes discricionárias e persecutórias por parte do governo Vargas, Almanaque Abril-Brasil (2002); Machado (1998); Doniak (2002).

Rancho Queimado desmembra-se de São José e assume a condição de município em 8 de novembro de 1962. A origem de seu nome deve-se à ocorrência de um incêndio em um rancho onde os tropeiros costumavam pernoitar, em suas viagens entre o litoral e o planalto catarinense, Souto Maior, apud Doniak (2002). Naquele ano (1962) abrigava "1.268 habitantes, boas estradas para a época, algumas edificações, 26 engenhos de mandioca, 2 de cana, 7 de fubá, 3 fábricas de cerveja, 3 cortumes, uma olaria e alguns outros estabelecimentos menores" (DANTAS, apud DONIAK, 2002, p.82).

Com uma área de 240 km<sup>2</sup>, Rancho Queimado localiza-se junto às encostas de Serra Geral, na latitude 27°42'30" Sul e longitude de 48°52'11" W. numa altitude média de 820 metros, atingindo até 1.280 metros acima do nível do mar no campos da Boa Vista. Ao sul faz

---

<sup>184</sup> Movimento de cunho político-militar que depõe o presidente eleito Washington Luís e conduz Getúlio Vargas (candidato derrotado pela Aliança Liberal) ao poder, em 3 de novembro de 1930.

divisa com Anitápolis, a leste com Águas Mornas e São Pedro de Alcântara, a oeste com Alfredo Wagner e Leoberto Leal e ao norte com Angelina. Na nova divisão territorial, faz parte da XVIII região<sup>185</sup>, com sede em São José (ver Anexo 2).

Com clima mesotérmico úmido, suas temperaturas médias anuais oscilam entre 14° C e 18° C. No período de inverno ficam entre 10° e 12° C, e nos meses de verão as médias ficam entre 18° e 22° C, Brüggmann, apud Doniak, (2003). A pluviosidade média anual é de 1.600 milímetros, e seu relevo é formado por algumas áreas planas, outras onduladas e a maioria montanhosas, formadas por serras cristalinas de embasamento cristalino, proporcionando uma diversidade paisagística. O solo possui "baixa fertilidade, com baixos teores, de base trocáveis e teores de alumínio trocáveis em níveis prejudiciais às plantas; textura argilosa e muito argilosa, com restrições ao cultivo de ciclo anual, (SANTA CATARINA, 1990).

Rancho Queimado exerce importante papel como divisor geográfico das águas de quatro bacias hidrográficas formadas pelos rios Itajaí-Açú, Tubarão, Cubatão e Tijucas. As nascentes desses quatro rios encontram-se nas encostas e montanhas do município. Os vários rios e cachoeiras distribuídos em todo o território constituem um dos especiais atrativos para o turismo de segunda residência e para o agroturismo. A retirada de madeiras de lei e o desmatamento tem alterado o perfil da floresta ombrófila mista (rica em espécies como a imbuia, a canela lajeana, a canela amarela, a araucária e a erva-mate), que dominava as encostas de Rancho Queimado até a prática indiscriminada do extrativismo vegetal, Machado (1998).

O último censo (2000) registrou uma população de 2.637 habitantes, 42% no 'meio urbano', segundo a classificação oficial (metodologia ultrapassada e distorcida da realidade). Três décadas atrás (1970) a população era de 2.371 habitantes, com 26,6% no 'perímetro urbano' do município. No censo de 1991 a população era de 2.359 habitantes, com 39,72% na zona urbana (SANTA CATARINA, 1990; MACHADO, 1998; IBGE, 2001). Na análise das questões demográficas de Santa Rosa de Lima (item anterior) demonstrou-se que, a exemplo de Rancho Queimado, esse crescimento da população enquadrada, de forma equivocada, como urbana, não é indicativo de êxodo rural inframunicipal.

A taxa de alfabetização da população com idade superior a 10 anos é de 87,8% . Do total de 666 estudantes, 73 estão na educação infantil, 507 no ensino fundamental e 86 no ensino médio.

---

<sup>185</sup> Essa região é formada por 13 municípios: Rancho Queimado São José, Florianópolis, Governador Celso Ramos, Biguaçu, Antônio Carlos, Angelina, São Pedro de Alcântara, Águas Mornas, Santo Amaro da Imperatriz, São Bonifácio, Palhoça e Anitápolis (SANTA CATARINA,2003).

A Ceasa/SC registrou (2001) um montante de R\$ 2,12 milhões relativos à comercialização de 4.357 toneladas de hortifrutigranjeiros, produzidos em Rancho Queimado. O município conquistou o título de Capital Catarinense do Morango que, na última safra colocou 129 toneladas dessa fruta no mercado, no valor de R\$ 772 mil. Outras culturas de relevância são a cebola, a batata inglesa, o tomate e o repolho. Ainda é intenso o uso de agrotóxicos e adubos químicos, Doniak (2002); Machado (1998).

O município conta com 144 empresas (48 com uma a quatro pessoas ocupadas), 19 das quais sob a forma de associação.

O lixo urbano vem sendo coletado na maioria das residências da sede, mas o destino inadequado dos dejetos e das águas usadas contaminam parte das águas superficiais, conforme análises realizadas pela UFSC, em 1997.

No último levantamento do índice de desenvolvimento humano (IDH) Rancho Queimado ficou na 209ª posição entre os 293 municípios catarinenses, com o índice geral de 0,773, formado pelos seguintes indicadores sociais e econômicos: esperança de vida ao nascer (74,2 anos), taxa de alfabetização de adultos (86,3%), taxa bruta de frequência escolar (73,8%), índice de esperança de vida (82,1 anos), renda per capita (211,434), Bastos (2002).

#### **4.2 Fluxos migratórios: sinergia ou exclusão?**

Ao incorporar a população inteira do país ao sistema de mercado, o resultado geral [...] é bastante conhecido: a má formação urbana ou a exagerada concentração de população nas grandes cidades, o aumento da taxa de anomia, o agravamento da síndrome behaviorista, com todas suas deformadoras conotações psicológicas, a diluição da identidade cultural dos cidadãos e a destruição da competência artesanal que os capacitava a garantir, autonomamente, a própria e significativa sobrevivência.

Alberto Guerreiro Ramos

*(A nova ciência das organizações: uma reconceituação da Riqueza das Nações)*

Após o advento histórico da modernidade os formuladores de política passaram a eleger o mercado como a referência central do processo de alocação de recursos. Tanto é que o montante dos negócios e a expansão do mercado assumiram a o *status* de desenvolvimento. Esse é o marco conceitual a partir do qual os governos - e a sociedade como um todo - definem graus diferenciados de progresso e desenvolvimento. Aquelas nações, ou parte delas, que não estejam incluídas nessa expansão do mercado são consideradas subdesenvolvidas ou

em desenvolvimento. Os formuladores de política as consideram, portanto, como *atrasadas*. Na perspectiva de uma *economia dual* esses segmentos devem ser incorporados ao sistema de mercado, legitimando assim " primazia do aumento do PNB sobre a justiça social e a distribuição de renda". A "estrema estreiteza" dessa orientação política - centrada em valores quantitativos e pelos "vícios da economia em seu atual estado de distrofia"- remete o fenômeno da economia dual para um nível de polarização onde coexistem, numa nação, "ambientes rurais auto-suficientes e sistemas orientados para o lucro". Esta dicotomia é um traço comum ao mundo contemporâneo, estabelecendo dois tipos de sistemas de produção: "o sistema de orientação para o lucro e os sistemas de orientação mútua" (RAMOS, 1981a, p.185-186).

"Os jovens do meio rural procuram as cidades por falta de dinheiro. Na roça, eles não tem como ganhar o seu próprio dinheiro. Daí vão embora para as cidades. Se aqui tivesse um jeito de ganhar dinheiro, eles não sairiam da colônia" (entrevistado 21).

Esse é o entendimento de um agricultor de 60 anos, ao ser questionado sobre as razões que pressionam a migração de jovens do meio rural rumo aos centros urbanos. Ele reflete o predomínio da dimensão econômica - corporificada no sistema de mercado - sobre as demais dimensões constitutivas do ser humano.

Em sua análise sobre a sociedade de consumo, Baudrillard<sup>186</sup> aponta a *alienação* como um dos principais sintomas da atualidade.

É legítimo afirmar que a era do consumo [...] surge igualmente como a era da alienação radical. Generalizou-se a lógica do mercado, que regula hoje não só os processos de trabalho e os produtos materiais, mas a cultura inteira, a sexualidade, as relações humanas e os próprios fantasmas e pulsões individuais. Tudo foi reassumido por esta lógica, não apenas no sentido de que todas as necessidades se encontram objetivadas e manipuladas em termos de lucro, mas ainda no sentido mais profundo de que tudo é *espetacularizado*, quer dizer, evocado, provocado, orquestrado em imagens, em signos, em modelos consumíveis (BAUDRILLARD,1995, p.205).

---

<sup>186</sup> Jean Baudrillard (1929 - ), sociólogo francês, defendeu tese de terceiro ciclo em 1966 e tornou-se professor na Universidade de Paris X- Nanterre, onde leciona até hoje. Um dos intelectuais franceses mais lidos no estrangeiro, a partir de seu primeiro livro *O Sistema de Objetos* (1968), Baudrillard é difícil de classificar. "Os sociólogos nem sempre reconhecem sua obra como sociológica, uma vez que seus principais livros versam sobre múltiplos campos disciplinares" (HESS, 2001, p.120). Aquém e além do pessimismo e do otimismo, ele "desestabiliza em permanência a eterna vontade intelectual de introduzir certezas nas células de sociedades consumidas pelo vírus do aleatório. [...] À sombra do iluminismo quase defunto, Baudrillard ironiza, ri, desconcerta, relativiza, zomba e estraga os esquemas explicativos do *prêt-à-porter* teórico" (SILVA, 1999, p.10). Seus principais livros são: *A Sociedade de Consumo* (1970), *Para uma Crítica da Economia Política do Signo* (1972), *O Espelho da Produção* (1973), *Troca Simbólica e Morte* (1976), *Da Sedução*(1979), *As Estratégias Fatais* (1084), Hess (2001).

A supervalorização da dimensão econômica constitui, dentre outras questões fundamentais, um dos principais desvios teratogênicos da sociedade centrada no mercado. "A predominância da visão de mundo materialista e o conseqüente debilitamento de valores e significados levaram àquilo que talvez seja o maior dos problemas de nível profundo: *a alienação*" (HARMAN; HORMANN, 1983, p.8).

Quando indagado sobre as principais razões da migração de agricultores para as cidades, um aposentado de 73 anos (3 filhos e 3 netos), 40 anos vividos no meio rural como agricultor, hoje residente na sede de Rancho Queimado dá a sua versão:

A principal causa do êxodo rural foi a busca de mais dinheiro. Os agricultores já não conseguiam mais obter bons rendimentos financeiros. Muitos passavam até por dificuldades. O pessoal da cidade, com dinheiro na mão, só perguntam 'quer vender a propriedade?', quanto custa?' Muitos colonos achavam que, ao vender, iriam viver uma vida melhor na cidade. Mas muitos se deram mal. Venderam as propriedades, foram morar na cidade, o dinheiro acabou e não conseguiram nem emprego e nem trabalho. E já não tinham mais como voltar! (entrevistado 19).

Ao estabelecer um paralelo entre o mundo urbano e o meio rural, Baudrillard vale-se de sua sofisticada ironia para elaborar uma reflexão impiedosa sobre uma possível dicotomia entre os dois. Num primeiro momento ele faz ilações, através de sua lógica binária, sobre a Terra do Fogo, localizada nos confins do continente sul-americano, na extremidade mais meridional da Patagônia:

Por toda a parte, o nada, o deserto, o horizonte estéril, as perspectivas ilimitadas. [...] Todo o inumano daqui é sublime, na sua desolação natural [...] Para dizer a verdade, aqui não há natureza nem cultura, mas selvagem rejeição de ambas - refutação da paisagem no vácuo do vento, do céu fuliginoso, da inútil baía - rejeição da cultura no vazio das cidades [...] O fantasma do fim do mundo. Cremos ter posto fim ao mundo e cortado o cordão umbilical. Nada disso. O outro mundo já está ali com seu tempo real - sobre essa terra irreal e intemporal. Recebe-se lá o fax de um artigo publicado na mesma manhã em Paris. Portanto não há mais fim do mundo. Ou então o fim do mundo está em toda a parte (BAUDRILLARD, 1999, p.96-97).

Vale dizer que esse texto foi escrito em janeiro de 1996, quando o fax ainda não havia sido ultrapassado pelo *Email* e pela Internet, de forma generalizada. No contraponto, o autor desloca-se da Terra do Fogo para uma das metrópoles mais sofisticadas do Planeta, Nova York:

Após o fim do mundo, o centro do mundo. Dupla extremidade: onde a curva da terra chega ao fim e onde a técnica e a verticalidade dos homens foram mais longe. A imobilidade arqueológica do tempo na Terra do Fogo, sua profundidade, e aqui, em Nova York, sua aceleração artificial - as duas são intemporais. [...] No tumulto das metrópoles, nove em dez seres humanos são mortos-vivos, zumbis. A evidência física que apresentam é enganadora.

Pois os seres ditos humanos que não têm mais contato físico fora da promiscuidade e de relação humana fora da comunicação<sup>187</sup>, são realmente mortos virtuais ou fantasmas. Apenas algumas centenas, alguns milhares, talvez, mantenham entre eles um vínculo secreto. [...] Cidade de toda pressa, definitiva e sem amanhã. Em Nova York as pessoas só representam a si mesmas, e não o resto da sociedade. Aqui, nada de vínculo social, nada de convívio, nada de sentimentalismo coletivo, nada de responsabilidade em relação ao passado ou ao futuro; não se trata de uma cidade feita para abrigar a reprodução. Tudo nela se produz, ponto, nada mais. De onde o pressentimento da catástrofe por toda a parte, mas pressentimento exaltado. Lá nos confins da terra, na solidão antártica, é um sentimento opressivo de catástrofe natural vinda do fundo dos tempos e de genocídio vindo da história recente. Universo devastado pelo vento, a geada, os predadores humanos, o esgotamento do tempo anterior. [...] O sentimento de catástrofe que temos em Nova York é bem diferente. É o da catástrofe vital, do que só chega ao fim pelo excesso e pela prodigalidade. Imanência máxima do tempo presente, e logo o esgotamento de todo o futuro (BAUDRILLARD, 1999, p.99-100).

Os dois municípios pesquisados apresentam fluxos migratórios nos dois sentidos: do campo para as cidades e vice-versa. O entrevistado 15 (44 anos, casado, 3 filhos) representa o segmento que, na busca por uma vida mais telúrica e significativa, migrou da cidade (Blumenau) para o meio rural (Rancho Queimado), onde produz alimentos dentro dos princípios da agroecologia. "Desde que iniciei meu curso de Agronomia, em 1978, alimentei um sonho de viver no meio rural". Ao ser questionado sobre os aspectos mais relevantes da vida rural, destaca "a simplicidade e o calor humano no convívio entre as pessoas". O autor desta pesquisa também vivenciou um tipo de experiência existencial semelhante. Quando trabalhava e residia em Rio das Antas, pequeno município *essencialmente rural* (Veiga, 2002), no Vale do Rio do Peixe, encontrou um nível de convivialidade jamais reproduzido em centros maiores onde fixou residência antes (Fortaleza e Recife) e depois (Florianópolis e São José). Quando indagado sobre possíveis dificuldades na adaptação ao modo de vida rural diz que "a maior dificuldade diz respeito à renúncia de algumas atividades ligadas à vida urbana tais como a prática de surf, do basquete, do tênis, além do cinema, teatro e outras formas de lazer que não existem do meio rural" (entrevistado 15).

Já outro agrônomo (casado, 3 filhos), também graduado pela UFSC (Florianópolis), após exercer a profissão por dois anos em pequenas sedes de municípios nas encostas da Serra Geral observa:

Nos dias de hoje não existe, na prática, diferenças no lazer do meio rural e da sede do município. É claro que, quando comparado com Florianópolis, são de natureza diferente. Mas posso passar sem muitas das diversões que existem nas médias e grandes cidades. Posso muito bem passar sem um cinema, já que tenho TV por assinatura em casa, onde acesso a vários tipos de filmes. Mas não é uma coisa que valorizo tanto! (entrevistado 23).

<sup>187</sup> Ao categorizar os três sentidos da comunicação - substantivo, pragmático e intoxicante - Voegelin (1956) observa que a comunicação do sentido *pragmático* objetiva criar um estado mental nos seres humanos, capaz de induzir um tipo de comportamento que atenda aos interesses do comunicador.

Em entrevista o professor Alcides Abreu assinala que "em termos de cidade e campo, Santa Catarina é uma coisa só. As variáveis que, pretensamente, são do homem que vive na cidade, são também rurais, no caso catarinense". Dando seqüência à sua linha de argumentação entende que "nós temos uma grande cidade no campo ou um grande campo na cidade. É uma questão apenas de se introduzirem alguns poucos elementos, tais como uma escolarização mais intensa em nível de 2º grau". Diz o professor que se o índice de escolaridade dos jovens rurais no ensino médio alcançar 90%, "teremos a cidade no campo, definitivamente. Se fizermos uma ofensiva para colocar o campo na Internet, ele acessaria o último grito da tecnologia" (ABREU, 1999, p.55).

O entrevistado 23 estabelece diferenciações entre os dois modos de vida: o rural e o urbano. E relata parte de sua experiência pessoal:

Quando casei, passei os primeiros anos morando na sede do município, como secretário municipal de agricultura. O primeiro filho viveu uma experiência, de certa forma traumática, pelas restrições da vida em apartamento. Ainda hoje não pode ver uma porta fechada. Aqui no meio rural, ele e os dois irmãos ficam livres, à vontade, em contato com animais, com a natureza, enfim. Sempre que possível levo meus filhos para me acompanhar nas atividades agrícolas. Depois que vim morar no meio rural passo muito mais tempo com a esposa e com os filhos. Um tempo de qualidade! A agricultura familiar ainda é um dos poucos espaços onde existe, de fato, uma convivência familiar saudável. E isso não tem preço! Estou certo de que esse tipo de relação familiar, trará resultados positivos na formação e no próprio caráter dos filhos, no futuro (entrevistado 23).

Outro agricultor, com 73 anos (4 filhos e netos), ainda residente no interior de Santa Rosa de Lima, faz um alerta com relação a um possível comprometimento do caráter de jovens rurais, submetidos a "influências urbanas. Ao responder sobre seus sentimentos em relação ao convívio familiar, na condição de idoso assim se expressa:

Não posso reclamar de minha família. Ela dá muito valor tanto para mim quanto para minha mulher. Os nossos filhos aprenderam a ser educados com os mais velhos. Mas os nossos netos estão vindo de um jeito!... A gente tem que se cuidar, fazer uma segurança muito boa, senão... Tem muitos netos que vão chutar os velhos! **A mocidade não respeita mais os velhos!** Mas essa coisa vem de fora da colônia. Vem principalmente daqueles que vão para as aulas nas cidades ! (entrevistado 9).

O entrevistado 14 (casado, uma filha) é o terceiro caso que envolve a migração de agrônomo para o campo. Também graduado na UFSC, é produtor rural há sete anos, no interior de Rancho Queimado e fala sobre sua ruralização:

Tem um pouco de sonho nessa minha vinda para o interior. Sempre imaginei, após concluir o curso de agronomia, trabalhar como autônomo, na agricultura. Era um

sonho muito distante da minha realidade. De origem urbana, sem recursos para comprar qualquer tipo de terra. Trabalhei por alguns anos em cooperativas e organizações não governamentais até que, um dia, encontrei um casal de amigos, também agrônomos, que acenou com a possibilidade de explorar, em parceria, uma propriedade rural que já possuíam. Após um ano e meio amadurecendo a idéia, aceitei a oferta e passei a morar no interior de Rancho Queimado, produzindo frangos caipiras e cogumelos shitaki, dentro dos princípios da agroecologia. Naquele estágio, as condições de trabalho eram muito desgastantes para quem estava produzindo. Tentamos um financiamento junto à rede bancária, para aumentar o empreendimento, mas não possuíamos garantia suficiente para bancar a operação de crédito rural. A propriedade tem apenas 4,8 hectares. Não consigo mais de R\$ 20 mil em financiamento. Por não ser de origem rural, por não ser agricultor, iniciei dois processos de produção que diferenciavam do leque de atividades da comunidade e não lograram êxito! Em parte por competência, um pouco por falta de recursos financeiros, além da própria inexperiência do processo de produção e comercialização. No caso do frango caipira, dominava a técnica de produção, mas me envolvi com quase toda a cadeia produtiva: produção, transporte e comercialização diretamente aos consumidores. Não se consegue atirar em várias pontas simultaneamente. Numa propriedade diversificada ou se produz, ou se transforma ou se distribui (entrevistado 14).

Uma situação previsível de acordo com alguns dos entrevistados. Um deles, nascido e criado no meio rural veio, ainda jovem, cursar a universidade no meio urbano, onde permaneceu. Embora ainda cultive suas raízes no interior, ele antevê dificuldades para um profissional do meio urbano ser bem sucedido na agricultura. "Um agrônomo que decidir viver nas condições do agricultor familiar corre um sério risco de não dar conta do recado, até mesmo para assegurar sua sobrevivência". E faz uma generalização maior: "nenhum urbano que queira se meter a agricultor, dificilmente se estabelecerá, se não tiver o conhecimento do agricultor" (entrevistado 1).

Trata-se de um conhecimento apreendido em cima da experiência, da prática, com seus erros e acertos. É um conhecimento diferente daquele adquirido no mundo acadêmico. Este último quase sempre dissociado da realidade, do mundo imanente. Alguns autores elegeram o conhecimento como uma das principais vantagens comparativas do atual milênio, Thurow (1997; 2001); DeMasi (1999), Drucker (1999). Outros autores o qualificam: "conhecimento e verdade parecem evoluir em direções opostas. Quanto maior o conhecimento, bem ilustrado na atualidade pela revolução da informática, menor a compreensão da existência. Salvo engano, apenas o erro está garantido" (SILVA, 1999, p.10). Ao denunciar as armadilhas da política cognitiva, Ramos alerta para o credo de uma espécie de profissionalismo que, "se protege do debate racional, através da imposição de um consenso profissional opinático como uma condição de aceitação acadêmica". Um tipo de profissionalismo que, "cedendo a influências projetadas", conduz os seus seguidores à perda da "capacidade de distinguir entre o fabricado e o real e, em vez disso, aprende a reprimir padrões substantivos de racionalidade, beleza e moralidade, inerentes ao senso comum" (RAMOS, 1981a, p.114).



Muitos dos profissionais em ciências agrárias cultivam um preconceito de que "precisam ensinar o agricultor a produzir". São poucos os que visualizam a cadeia produtiva e, mais ainda, as implicações ambientais, sanitárias, energéticas, econômicas e culturais dela decorrentes. O entrevistado 1 - uma das lideranças da Agreco - acredita que o novo paradigma produtivo parte primeiro da venda para o sistema de produção. Em sua visão, "a agricultura que não considerar primeiro a perspectiva de quem vai consumir, é uma agricultura arcaica". E denuncia, na condição de professor universitário, que "na visão das escolas de agronomia, primeiro se produz para depois vender, quando na realidade se deve produzir aquilo que se vende". Alerta também para a questão dos limites ao lembrar que "se o mundo continuar produzindo da forma atual e, consumir de forma indiscriminada, o planeta se tornará inviável. Ou seja, o modelo atual de produção e consumo confronta com a idéia de *sustentabilidade*".

Os conceitos de *produção* e de *recursos* são articulados por Ramos a partir de uma abordagem diferenciada. Para ele, a teoria ultrapassada é aquela que pressupõe a produção como apenas um assunto técnico. Na realidade a "produção não é apenas uma atividade mecanomórfica", ela deve também resultar numa "criativa satisfação que os homens encontram em si mesmo". Ou seja, vai além da tarefa de propiciar a quantidade de bens e serviços necessárias a uma vida sadia. Ela deve contemplar uma dimensão ética, tendo em vista que "como consumidor ilimitado, o homem exaure seu próprio ser." Corresponde também a uma questão moral "em razão de seu impacto sobre a natureza como um todo. Na realidade [...] a natureza é um sistema vivo, que só pode perdurar na medida em que não se violem os freios biofísicos impostos a seus processos de recuperação" (RAMOS, 1991a, p.199).

Ao tratar da questão dos recursos, Ramos denuncia a compreensão dominante e deformada do problema. Entende que "um sadio conceito de recursos" transcende à concepção inerente ao mercado. "Inclui dimensões ecológicas e psíquicas, para as quais a epistemologia-mecanística inerente à lei clássica de oferta e da procura não tem sensibilidade". Desse posicionamento deriva uma abordagem sobre *limites ao crescimento* bem diferenciada das usuais. Para Ramos o conceito apropriado de recursos resulta numa certa abundância a partir de "substancial capacidade produtiva" que permanece ociosa, por não estar incorporada ao sistema de mercado. Preconiza uma retirada dos "antolhos conceituais inerentes aos modelos alocativos centrados no mercado" e assegura que, "do ponto de vista paraeconômico, os recursos são infinitos e não há limites ao crescimento" (RAMOS, 1981a, p.181).

Em sua conhecida obra *Small is Beautiful*, o professor Schumacher chama a atenção para outros aspectos envolvidos nas operações agrícolas, além da produção de rendas e a diminuição dos custos. "O que está envolvido é todo o relacionamento entre homem e natureza, o inteiro estilo de vida de uma sociedade, a saúde, felicidade e harmonia do homem, assim como a beleza de seu *habitat*" (SCHUMACHER, 1977, p.97).

Na perspectiva do entrevistado 15, a relação homem-natureza está sendo comprometida pelo modelo de utilizado. "A agricultura química dissocia o homem da natureza. Passa a ser uma relação fria, mecânica, sem companheirismo ou bem querer". Comenta que o processo de difusão das idéias da agroecologia na educação e na formação de uma consciência ecológica<sup>188</sup>, depara-se com uma questão de ordem prática: a falta de oportunidades para os jovens no meio rural, principal razão do êxodo rural. O acesso ao lazer, à educação, aos serviços básicos de saúde, à energia de qualidade são fatores imprescindíveis para a permanência dos jovens no espaço rural. O asfaltamento da rodovia BR 282, que cruza o município, "ampliou as oportunidades para a horticultura, contribuindo para o aumento da renda na atividade agrícola. O poder público municipal tem uma visão e uma ação voltadas à valorização do meio rural. Esses fatores contribuem para a redução do êxodo" (entrevistado 15).

Uma outra razão que estimula a saída de jovens do campo, apontada pelo entrevistado 6 (casado, com filhos, técnico agrícola e produtor rural), é a falta de uma linha de crédito para bancar os investimentos iniciais daqueles que optam pela agricultura como um modo de vida. "Quando dois jovens se casam no meio rural, geralmente o terreno está no nome dos pais e não existe uma linha de crédito acessível para iniciar o seu próprio negócio agrícola".

Casados há dois anos, ainda sem filhos, os entrevistados 17 (21 anos) e 18 (17 anos) estão vivendo numa propriedade com apenas 9 hectares. Cultivam hortaliças (tomate, cebola, pimentão, beringela, abóbora), milho e criam uma vaca para produção de leite.

Estamos lidando na base da coragem! Há dois anos comprei esses 9 hectares de terra, por 40 mil reais. Tinha só um pouco de dinheiro. Ainda estou pagando o terreno financiado no Banco. O gerente é meu amigo e me emprestou o restante do dinheiro. Em março vai vencer a dívida mas já tenho tudo pronto para pagar. Mas o pessoal confia em mim. A agropecuária vende fiado e quando tenho dinheiro pago logo a dívida. E assim vamos tocando, na base de muita coragem e muito trabalho (entrevistado 17).

<sup>188</sup> A educação ambiental considera a natureza "não mais como algo a ser conquistado e dominado, próprio da maneira de ver do iluminismo, da revolução industrial e do capitalismo". A partir de quatro grandes conjuntos de temas - biológicos, espirituais/culturais, políticos e econômicos - a educação ambiental assumiu o seguinte objetivo central: "contribuir para a conservação da biodiversidade, para a autorealização individual e comunitária e para a autogestão política e econômica, mediante processos educativos que promovam a melhoria do meio ambiente e da qualidade de vida (LEONARDI, 1997, p.393;397).

Quando questionado se permaneceram no meio rural por gosto ou por falta de oportunidades na cidade garantiu que "foi por gosto; até poderia ter ido para a cidade depois que terminei o 2º grau. Mas apareceu a oportunidade de comprar esse terreno e resolvi ficar" (entrevistado 17). Sua esposa comentou sobre o destino dos jovens de sua geração: "As moças e os rapazes da nossa idade e que estudaram conosco ficaram todos aqui no Mato Francês. Ficaram todos na colônia. Mas por fora ... não sei!" (entrevistada 18).

Ao cotejar os posicionamentos dos entrevistados 17 e 18 com o entrevistado 6, surge uma questão: até que ponto um programa de crédito fundiário poderia, por si só, ampliar as oportunidades dos jovens casais no meio rural da região?

Outros entrevistados apontam diferentes razões para a migração de jovens rurais para as cidades. É o caso da entrevistada 10 (casada, 3 filhos e uma neta, todos morando na cidade), proprietária de uma das pousadas do programa de agroturismo em Santa Rosa de Lima. Em sua opinião a migração de jovens rumo aos centros urbanos deve-se à busca por *melhores oportunidades e melhores salários*. "Os jovens vão estudar fora e não tem como ganhar no interior o que ganham na cidade. Aqui se trabalha muito e se ganha muito pouco. A vida na colônia tem suas vantagens, mas para os filhos que estudaram, fica bem mais difícil ficar".

O depoimento caracteriza o êxodo estudantil, fenômeno usual no meio rural.

Produzindo dentro dos princípios da agricultura orgânica, o entrevistado 13 (37 anos, solteiro, proprietário de 112 há, um terço cobertos com floresta) aponta a reação negativa das mulheres à vida rural, como um fator determinante da evasão de jovens rumo às cidades. "O que realmente faz falta é o fato da mulher não querer mais trabalhar nem viver na agricultura. Eu não me casei porque todas as gurias com quem namorei não queriam saber de viver no meio rural. E eram nascidas e criadas aqui na colônia".

Um censo realizado pela Epagri e Icepa em 15.293 estabelecimentos rurais pertencentes a 17 municípios do oeste catarinense<sup>189</sup> revela que somente uma terça parte das moças do meio rural "manifestaram o desejo de organizar suas vidas profissionais em torno da gestão de uma unidade produtiva agropecuária" (SILVESTRO et al., 2001, p.21).

---

<sup>189</sup> O oeste catarinense é formado por 95 municípios e concentra mais da metade do valor da produção agrícola estadual. São 88 mil estabelecimentos rurais - 93,8% com menos de 50 ha, cada (IBGE, 1996). Cerca de 67% de sua população de 1,17 milhão de habitantes concentra-se no espaço que o IBGE classifica como urbano. Uma classificação que não condiz com a realidade, superestimando o percentual dos urbanos, em função de critérios ultrapassados, Veiga (2002).

Com 17 anos, secretária da associação de agroturismo *Acolhida na Colônia* e preparando-se para concorrer ao vestibular de agronomia na UFSC, a entrevistada 20 não reluta em apontar os principais motivos da evasão de jovens do meio rural.

O serviço na agricultura é muito pesado. Muitas atividades como a do fumo e do carvão não são nada saudáveis. Eu mesma, quando minha família trabalhava com fumo, cheguei a 'baixar no hospital', intoxicada com veneno usado na lavoura. Ainda ontem conversava com um agricultor, hoje trabalhando na linha ecológica, que ouviu da médica que o consultava: '*seu corpo é como um depósito de veneno!*' Se ele tivesse continuado a trabalhar com agrotóxicos, talvez não estivesse vivo para contar sua estória. Com o carvão vegetal acontece o mesmo. Um outro problema que levam os jovens a morar nas cidades é a *falta de diversão no meio rural*. O estudo aqui também é limitado. E tem a questão financeira. Muitos jovens que trabalham duro ajudando os pais na lavoura gostariam de ter sua própria renda. A maioria não consegue, e muitos partem em busca de melhores oportunidades nas cidades! (entrevistada 20).

O professor Milton Santos, um dos precursores na noção de *território* como unidade de planejamento, ressalta o papel da cidade como o *locus* onde "as sementes políticas germinam, porque é nela que se dá o encontro entre a parcela técnica e a parcela política da produção, entre a tendência à homogeneização rural e a emergência de novas heterogeneidades urbanas" (SANTOS, 2000, p.56). Ao ser indagado sobre a forma de pensar o campo e a cidade, o professor faz as seguintes considerações sobre o modo de vida rural: "Acho um negócio horrível condenar o sujeito a morar no campo. É a maior perversidade que pode existir. Na verdade pode-se viver na cidadezinha e trabalhar no campo, que é a tendência brasileira recente". E arremata, de forma contundente:

O fundamental são as pessoas e suas necessidades e direitos e não onde elas estão. [...] O remédio é promover a redistribuição da urbanização, o que, de certo modo, espontaneamente já se dá. A história brasileira já mostra uma redistribuição da urbanização concentrada. As cidades médias nascem como cogumelos. Temos de aproveitar a tendência, mas imprimindo-lhe um conteúdo social. Porque é isso que vai segurar as pessoas não no campo, mas próximas dele, em lugares onde é possível oferecer educação, saúde, informação. Mas nas cidades vizinhas, não no campo propriamente dito. (SANTOS, 2000, P.57-58).

O agrônomo José Eli da Veiga estabelece um contraponto ao lembrar que países densamente povoados, como a Suíça<sup>190</sup>, ainda têm expressivos contingentes populacionais vivendo em torno de regiões rurais. Ressalta que a riqueza das áreas rurais estão vinculadas "a peculiaridades dos patrimônios natural e cultural, o que só reafirma o contraste entre os

<sup>190</sup> A Suíça tem 13% de sua população em regiões essencialmente rurais e 25% em regiões relativamente rurais. "Estendendo-se do Jura, da Plaine e dos Alpes, as zonas rurais contribuem de maneira significativa à economia nacional, para não falar da imagem do país no exterior." (VEIGA, 2002, p.85).

contextos ambientais do campo e da cidade". E rejeita a idéia da urbanização como única via para o desenvolvimento rural que "só pode ser considerada plausível por quem desconhece a imensa diversidade que caracteriza as relações entre espaços rurais e urbanos dos países que mais se desenvolveram" (VEIGA, 2002, p.86).

Existe um outro fenômeno comum em determinadas áreas rurais da região Sul brasileira: o fenômeno rurano. São agricultores que dedicam parte do tempo em ocupações rurais e outra parte em atividades urbanas. Fenômeno muito presente em regiões como o Vale do Itajaí, Baixada Norte Catarinense, Vale do Caí (RS), dentre outras. A pesquisadora Maria José Carneiro faz uma outra análise do fenômeno da rurbanização:

É importante registrar que o desejo de permanecer no campo não pressupõe assumir a profissão de agricultor. [...] Surgem novas identidades no meio rural não mais sustentadas exclusivamente na atividade agrícola. A terra deixando de ser um meio de produção para se transformar em um bem de consumo, passa a ocupar outro lugar nas preocupações e nos projetos da juventude rural de origem agrícola. Esses jovens são atores dessa reconstrução cultural a partir de uma releitura dos valores urbanos, onde papéis sociais são redefinidos e projetos são formulados sob novos paradigmas, partindo-se de uma ruptura (parcial) com os velhos moldes adotados tradicionalmente pela sociedade local. [...] Sendo assim estariam abertas as alternativas de sermos 'rurais' na cidade e 'urbanos' no campo (De Paula, 1998). No entanto, ambos os lugares comportam jovens com identidades e projetos distintos, o que vem reiterar a heterogeneidade cultural, diluída de um lado e reafirmada de outro, pelo processo de globalização, o que nos impede de traçar recortes homogeneizadores e fronteiras rígidas entre, não somente o rural *versus* o urbano, mas também dentro de cada um desses pólos. [...] disso resulta a afirmação da sociedade local a partir de definições e redefinições de identidades sustentadas não mais na homogeneidade de padrões culturais, mas na diversidade e, principalmente, na maneira específica de combinar práticas e valores originários de universos culturais distintos, o que identificamos como *rurbanização* (CARNEIRO, 1998, p.113-115).

Embora os jovens sejam os mais susceptíveis à gregariedade<sup>191</sup> intrínseca à condição humana, o fluxo migratório também atinge outra faixa etária: a dos idosos. Após viver e trabalhar durante 40 anos no meio rural, o entrevistado 19 (73 anos) fixou residência na sede de Rancho Queimado.

Um outro agricultor (66 anos, casado, 7 filhos e 17 netos) vivenciou a experiência de migrar para a cidade, após 56 anos na condição de pequeno agricultor, na comunidade de Rio Pequeno, em Rancho Queimado. Após 7 anos vivendo na cidade retornou ao meio rural, para morar com uma filha. "Até que gostei de morar na cidade. Só não fiquei por causa da saúde da mulher. Estávamos sozinhos e a nossa filha nos convidou para morar ao lado. Resolvemos voltar" (entrevistado 16). Não sentiu nenhuma discriminação por parte dos moradores da cidade. Garantiu que foram muito bem recebidos (ele e a esposa). "Fizemos muitos amigos na

<sup>191</sup> No filme *Doutor Jivago* (de David Lean, 1965) um personagem de Boris Pasternak disse que "o espírito gregário é sempre o refúgio da falta de dons".

vizinhança. Onde morávamos, só tinha gente vindo da colônia. Era o bairro Monte Alegre, em Camboriú que, naquela época, já tinha mais de 9 mil eleitores!" E faz a seguinte comparação entre as duas experiências:

Aqui é bem melhor para morar. Não tem mais aquela preocupação de trancar as portas por causa dos 'malandros da cidade'. O clima é bem melhor. As noites são sempre fresquinhas. Lá o calor é demais, e era obrigado a fechar as portas por causa dos pernilongos. Aqui se dorme com as janelas abertas. Somos sempre bem atendidos pela prefeitura. E tem o grupo de idosos que reúne-se a cada 15 dias no centro comunitário de Taquaras. Já são mais de 30 participantes. As mulheres conversam, fazem crochê, e os homens também ficam proseando, jogando cartas. Estamos até programando um passeio para visitar a igreja de madre Paulina" (entrevistado 16).

Um outro agricultor (73 anos, morando no meio rural) faz questão de dizer: "Se um filho me convidasse para morar na cidade, mesmo ali na praça de Santa Rosa, eu não iria. Até tenho um lote lá, , mas nem pensar! Quero passar o resto da minha vida aqui no meu potreiro ajudando a criar o meu gado!". Manifesta sua esperança na nova atividade de agroturismo. É considerado um excelente contador de casos e estórias que resgatam e valorizam o patrimônio cultural de Santa Rosa de Lima. Mas faz um alerta: É preciso preservar as águas e os matos nativos. Se poluir a água, como é que fica o povo? E derrubar o mato nativo, aquilo fica de um jeito...!" (entrevistado 9).

A questão da autonomia, do relacionamento com a natureza e espaços de convivialidade<sup>192</sup> são ressaltados pelo entrevistado 14, como elementos peculiares ao modo de vida rural.

A autonomia é um fator chave para a qualidade de vida rural. O contato com a natureza, no próprio ambiente em que moramos, o clima extraordinário... não existe calor nem no verão e estamos praticamente à beira da praia. Eu não conheço muita gente aqui, apesar de já estar morando há sete anos. O trabalho na agricultura é altamente absorvente. Mas quando ocorrem os encontros comunitários, vivemos, eu e minha mulher, bons momentos de relacionamento humano. Agricultura não quer dizer sacrifício. Deve resultar, acima de tudo, em bem estar. É nessa perspectiva que estamos, eu e minha família, traçando nossas vidas! (entrevistado 14).

Movido talvez pela intuição e pelo senso comum, o entrevistado 11 visualiza o desenvolvimento sustentável como um processo que leve em conta os recursos naturais e o

<sup>192</sup> "A *isonomia* é sítio para o exercício da convivência, e seu principal requisito temporal é uma experiência de tempo em que aquilo que o indivíduo ganha em seus relacionamentos com as outras pessoas não é medido quantitativamente, mas representa uma gratificação profunda por se ver liberado de pressões que lhe impedem a realização pessoal. O tempo convivial é catártico". O espaço de convivialidade está numa direção oposta às prescrições inerentes ao mercado, onde prevalece o tempo cronológico (ver Figura 1). "O tempo, em seu sentido serial, é esquecido, quando a pessoa se envolve na experiência do tempo convivial" (RAMOS, 1991a, p.169).

patrimônio histórico e cultural. Na sua opinião o fascínio exercido pelo município junto aos centros urbanos próximos, tem razões peculiares:

Rancho Queimado exerce essa atração pelo seu clima, relevo, hospitalidade, culinária (alemã e tropeira), artesanato. Aqui tem muita espiritualidade, energização. Seu clima ameno, sua proximidade com o céu. Aqui na sede estamos a 850 metros de altitude. Na localidade de Boa Vista são 1.200 metros. E estamos a apenas 65 km de Florianópolis. Quer dizer, em apenas 65 km sobe-se um quilômetro rumo ao céu. A nossa comida é gostosa e saudável. Frutas temperadas como o morango, o figo, a pêra, a uva. Temos o privilégio de abrigar a nascente de quatro bacias hidrográficas: do Itajaí-Açú, do Tubarão, do Cubatão e do Tijucas. Daí a importância de limpar e preservar a fonte de todas as águas. Aqui reina a paz, não há violência. Junte-se ao frio uma montanha, uma cachoeira, um chalé, uma lareira, um bom vinho e uma sanfona ... tudo isso traz o *romantismo*. O município, a exemplo de Gramado e Canela possui um astral esotérico. [...] Porque dar um choque de desenvolvimento industrial para o município? Se uma indústria poluente oferecer pelo preço da lenha mais que o preço do morango, vão derrubar as nossas matas! Até que ponto um choque via industrialização será bom para a população? Precisamos preservar o que temos de bom e valioso. Afinal somos uma *reserva da biosfera* ! (entrevistado 11).

"Aprendemos e mudamos à medida em que percebemos o mundo em que vivemos". Essa afirmação é do entrevistado 1, ao comentar sobre a primeira vez que viu o mar, aos 16 anos. Seu irmão, ao lado, exclamou: "Puxa, é tão grande que não dá para ver o outro lado!" Ambos viviam em Santa Rosa de Lima, a 123 km de Florianópolis.

Numa situação reversa, são muitos os jovens urbanos, que nunca viram uma ordenha ao vivo. Acham que o leite, à semelhança do refrigerante, vem do saquinho ou da caixinha. Estão alienados desse e de outros processos que ocorrem no cultivo da terra e nos fenômenos da natureza.

"O rural e o urbano são duas realidades tão distintas: tão próximos e tão distantes!". Mas ambos fazem parte de uma teia de relacionamento, como comprova a questão da água.

A água consumida pelas cidades catarinenses entre Tubarão e Itajaí de um lado, e parte do Planalto de Lages, de outro, é captada em rios cujas nascentes<sup>193</sup> localizam-se nas encostas da serra geral. No entanto, a maioria dos cultivos a montante dessas bacias hidrográficas, continuam usando agrotóxicos e adubos químicos, comprometendo a qualidade da água consumida por cerca de 600 mil pessoas.

"Apesar de todo o tratamento a Casan não consegue eliminar os resíduos dos agrotóxicos. Ou se dá condições para o agricultor participar de um projeto agroecológico, ou vamos continuar bebendo água contaminada" (entrevistado 1). Mas para permanecer no meio

<sup>193</sup> Num raio de 50 km a região abriga as nascentes dos rios *Tijucas, Itajaí, Canoas, Tubarão, Cubatão e Capivari*.

rural, no contexto de uma vida rural sustentável, precisa romper com "a idolatria do economismo", assumindo uma forma de gerenciamento voltada primordialmente para três metas:

saúde, beleza e permanência. A quarta meta - a produtividade - será alcançada quase como um subproduto. [...] A natureza detesta o vácuo, e quando o 'espaço espiritual' disponível não é preenchido por uma motivação superior, então será ocupado por algo inferior, pela atitude mesquinha e calculista, diante da vida que é racionalizada no cálculo econômico (SCHUMACHER, 1977, p.98-101).

Embora entenda que a dimensão da renda é uma questão vital para a agricultura familiar, o entrevistado 1 ressalta que "não se pode pensar só no lucro imediato e inconseqüente. É indispensável considerar o lado social e ambiental. Como o Chico Mendes costumava dizer: 'natureza preservada vale mais que detonada!'"

### 4.3 Sustentabilidade rural: uma abordagem multidimensional

Uma vez que todas as coisas são causadas e causadoras, ajudadas e ajudantes, mediatas e imediatas, e todas estão presas por um elo natural e imperceptível, que liga as mais distantes e as mais diferentes, considero impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, tanto quanto conhecer o todo sem conhecer, particularmente, as partes.

Blaise Pascal  
(*Pensamentos*, 1670)

#### 4.3.1 Território: um espaço multicêntrico

O ser humano tem diferentes tipos de necessidades, cuja satisfação requer múltiplos tipos de cenários sociais, diferentes categorias de tempo e espaço, diferentes sistemas cognitivos.

Alberto Guerreiro Ramos  
(*A nova ciência das organizações: uma reconceituação da Riqueza das Nações*, 1981)

Após uma reunião com agricultores analisando o processo de transição de uma agricultura do tipo convencional para o sistema agroecológico<sup>194</sup>, o entrevistado 15 relata um debate sobre a diversificação de atividades.

<sup>194</sup> "Nosso mundo organizado é um universo de sistemas no oceano da desordem" (MORIN, 2002, p.128).



Ouvi depoimentos de agricultores dizendo que o cultivo solitário do morango, por exemplo, é um fator de *stress*. 'Plantar, cultivar, colher morango, todos os dias, chega a um ponto em que não se pode mais nem ver morango', dizia um agricultor. Já numa agricultura diversificada, é uma satisfação alternar atividades no repolho, na cenoura, no tomate, na beringela, e assim por diante. Sai da rotina e realiza atividades que a cada hora se renovam (entrevistado 15).

Na condição de agrônomo, o entrevistado 15 está ingressando no mestrado em agroecossistemas, na UFSC, sem se desvincular da vida e das atividades rurais, em Rancho Queimado.

O entrevistado 13 (produtor rural em Taquaras ) dá a sua versão sobre a agroecologia e a diversidade como seu componente:

"Acho muito gostoso trabalhar com a terra, os animais e as plantas. A agroecologia é o nosso futuro. Eu mesmo estou no processo de transição, onde a diversificação merece toda ênfase. Ainda ontem entreguei no mercado 11 diferentes tipos de hortaliças". Em seus 114 hectares esse agricultor lida com cerca de 50 diferentes produtos, todos na linha orgânica. E, quando necessário, conta apenas com a ajuda de sua mãe e de dois irmãos que moram na vizinhança.

A *diversidade* é um dos princípios da agroecologia e elemento indispensável à *vida rural sustentável*:

A prioridade central no manejo do sistema como um todo é criar um agroecossistema mais complexo e diversificado, porque somente com alta diversidade poderá existir potencial para interações benéficas [...]. Desenvolvem-se qualidades emergentes que permitem ao sistema - com manejo apropriado de seus componentes específicos - um funcionamento que mantém a fertilidade e a produtividade, e regula as populações de pragas. [...] Os agroecossistemas mais sustentáveis podem ser aqueles que têm algum tipo de padrão de mosaico na sua estrutura e desenvolvimento, no qual o sistema é uma 'colcha de retalhos' de níveis de diversidade, misturando culturas anuais, perenes, arbustos, árvores e animais" (GLIESSMAN, 2001, p.439;473).

O entrevistado 23, agrônomo e produtor rural no interior de Santa Rosa de Lima, cria e processa pequenos animais como aves (galinhas, marrecos, no sistema 'colonial') javalis e coelhos; cria ovelhas e gado leiteiro (num sistema rotativo de pastagens, consorciando gramíneas e leguminosas), abelhas, além de cultivar frutas, hortaliças e formar bosques com essências nativas. "Uma propriedade rural que não dispõe de leite, de ovos, de carne, de frutas e hortaliças, é uma miséria! Compromete a tradicional 'fartura' que caracteriza a vida na colônia e passa a gastar sua renda exígua em supermercados" comenta, com um certo ar de indignação. "Quero aprofundar a questão da diversificação na pequena propriedade, num mestrado na Engenharia de Produção da UFSC, mas sem me desligar das atividades aqui no meio rural", complementa.

O entrevistado 12, fundador do *Projeto Lacharis*, em Taquaras, interior de Rancho Queimado, um dos pioneiros da agroecologia, elegeu a diversidade como um dos seus princípios. Fica visivelmente indignado ao comentar: "Aqui também chegou a moda do leite esterilizado em caixinhas. O colono compra leite em caixinha e tem uma vaca na propriedade... meu Deus! Não aceita o fato de muitos agricultores trabalhar pesado na roça e gastar seus poucos recursos financeiros comprando alimentos em supermercados. "Como se explica agricultores empurrando os carrinhos com um monte de refrigerantes e sucos artificiais!" Lembra ainda que um teólogo de destaque, ao visitá-lo enfatizou que "nós somos seres dependentes do mundo das plantas". E, num mergulho na dimensão transcendente elabora a seguinte reflexão:

É preciso correlacionar *agricultura e espiritualidade*. A propriedade rural deve ser espiritualizada. O agricultor não é mais feliz em sua vida, porque está a serviço de 'outros senhores' que ele nunca viu, alguns nunca puseram o pé no Brasil. Se ele se submete a essas pessoas, pondo em risco a vida de seus próprios filhos, ou reduzindo o *prazer de viver*, então tem coisa muito errada! Como pode uma agricultora, ao por a mesa, servir aquele suco artificial que vem da indústria, enquanto no seu quintal rodam laranjas ! É preciso entender que existe uma tremenda espiritualidade a construir na vida rural. A vida é uma expressão de Deus. Então, se a dona de casa não colhe o pé de alface de sua própria horta, livre de venenos e de adubos químicos, e o marido não traz da roça aquele feijão, o arroz e o apim cultivados de forma saudável, esse lar é uma tragédia. Está vivendo sem vibrações espirituais e por essa razão, se deixa *massificar*, concentrando seus interesses exclusivamente no dinheiro e outras coisas efêmeras (entrevistado12).

A vida constitui o elemento central da agricultura enquanto que o escopo do processo industrial é a eliminação de substâncias vivas. A vida humana exige um certo equilíbrio entre os dois princípios. Entretanto, esse equilíbrio é desfeito "quando as pessoas deixam de apreciar a diferença *essencial* entre agricultura e indústria - uma diferença tão grande quanto aquela entre a vida e a morte - e tentam tratar a agricultura simplesmente como outra indústria" (SCHUMACHER, 1977, p.96).

A modernização da agricultura desencadeada pela *Revolução Verde*<sup>195</sup> canalizou para a indústria e o comércio a fatia maior dos resultados financeiros derivados das atividades que envolvem produção, manipulação e distribuição dos alimentos. Restou ao agricultor os riscos e as incertezas próprias de seu trabalho.

<sup>195</sup> A Revolução Verde foi concebida por pesquisadores (destacando-se Norman Borlaug, Nobel da Paz) financiados pela Fundação Rockefeller que, em 1943, realizaram um programa de melhoramento genético no milho e trigo, fundando o Centro Internacional de Melhoramento de Milho e Trigo, em Chapingo (México). Esse programa criou variedades de alta produtividade, mas dependentes de insumos químicos e mecânicos, criando assim, uma demanda para as agroindústrias a montante do processo produtivo. Anos mais tarde (1962), iniciativa semelhante foi empreendida nas Filipinas, criando variedades novas de arroz, no Instituto Internacional de Pesquisas sobre o Arroz, igualmente condicionadas ao uso daqueles insumos, George (1978); Guimarães (1979).

O agrônomo José Lutzenberger define o agricultor moderno como uma minúscula peça dominado por uma macroestrutura técnica, financeira, administrativa e legislativa. Essa macroestrutura estende seus tentáculos desde os complexos petrolíferos, passando pelas indústrias química, metalúrgica, de alimentos e matérias primas, até o mercado financeiro, supermercados, centros comerciais, com o suporte de universidades, serviços de pesquisa e extensão rural, e uma gigantesca infra-estrutura de transportes, armazéns, energia e telecomunicações.

Reconhece que os atuais conhecimentos científicos e os novos avanços da tecnologia *podem* fazer com que a vida no campo seja muito mais saudável e confortável que a vida nos grandes conglomerados urbanos. No entanto, acrescenta, "é preciso repensar o sistema todo, para que volte a ser sustentável [...] não é apenas com retoques no sistema existente que vamos garantir futuro para nossos filhos, netos e descendentes remotos" (LUTZEMBERGER, 2002, p.6).

A industrialização de produtos primários ainda cativa e estimula formuladores de política e governantes em adotá-la como força motriz do decantado desenvolvimento rural, apesar de estarmos entrando numa época *pós-industrial*, De Masi (1999); Drucker (1999).

Acontece que, a exemplo do que vem ocorrendo em Rancho Queimado e, até mesmo, em Santa Rosa de Lima, a dinamização de espaços rurais, ainda não submetidos ao fetichismo industrial, está sendo impulsionada através de outras vertentes.

Agroturismo, turismo de segunda residência (chácaras e sítios de recreio, chalés de montanha), condomínios de produção e beneficiamento de alimentos e artesanatos são algumas dessas vertentes. Todas voltadas à valorização do leque de "amenidades" disponível naqueles territórios que não foram dilapidados por processos degradantes de exploração dos recursos naturais, nem por processos poluentes decorrentes da industrialização.

A valorização dessas amenidades - ar puro, clima agradável, água limpa, belas paisagens, gastronomia regional e de qualidade, hospitalidade, tranqüilidade, segurança - depende, fundamentalmente, da preservação do patrimônio natural e cultural presente nessas áreas rurais 'esquecidas', Veiga (2000: 2002).

"Muitos municípios estão iludidos com a febre da industrialização. Ela traz consigo miséria, promiscuidade e poluição. Operários demitidos passam a formar favelas, poluindo os rios e criando um ambiente propício ao traficante, ao vagabundo, à prostituta" . Com esse posicionamento, talvez até elitista, o entrevistado 11 apoia a rejeição de grandes empresas por parte da comunidade e lembra que, ao preservar o patrimônio histórico e cultural e ao cuidar e

valorizar os recursos naturais, o município de Rancho Queimado já conta com mais de 400 casas e condomínios integrantes do turismo de segunda residência.

Quem está vindo para Rancho Queimado são pessoas com bom poder aquisitivo, profissionais bem sucedidos como médicos, advogados, engenheiros, dentistas, alguns já aposentados. Gente que vem somar, gente que gosta do bom vinho, da boa comida, da boa música. Gente que diz para nosso agricultor: 'não derrube aquela mata, ali está a nascente!' Gente que contribui para a consciência ecológica, ajudando a preservar a fauna, a flora, o meio ambiente. Eles vem em busca da paisagem, da hospitalidade e do romantismo. São pessoas que se interessam e agregam idéias ao Plano Municipal de Desenvolvimento Sustentável. São cerca de 400 proprietários de casas de campo que passam os fins de semana e as férias aqui em Rancho Queimado (entrevistado 11).

Além de cuidar da paisagem e das belezas naturais, a prefeitura de Rancho Queimado mobiliza a comunidade e proprietários das casas de campo para dar o suporte necessário a dois eventos: a Festa do Morango (novembro) e a Festa do Tropeiro (julho). O coral do município possui projeção nacional difundindo a cultura de origem germânica. O programa de agroturismo - a cargo da *Acolhida na Colônia* - está começando "embalado pelo clima de entusiasmo e credibilidade, envolvendo nosso tradicional artesanato em madeira, a fabricação de doces, geleias e pães caseiros, a produção de hortaliças orgânicas e frutas temperadas".

Na área da educação o município está organizando um curso profissionalizante em agroecologia voltado àqueles que já concluíram o 2º grau. "Talvez possamos reduzir o êxodo estudantil, até porque nem todos nasceram para ser doutores. Durante um ano e meio os alunos se capacitarão na área da agroecologia, cada vez mais presente no município." (entrevistado 11).

O entrevistado 14 julga que o ensino fundamental (1ª a 8ª séries) "não fica nada a dever para qualquer bom colégio particular, inclusive de Florianópolis". Refere-se ao colégio público localizado na comunidade rural de Taquaras. "O colégio anima o excelente espírito comunitário aqui existente. Os professores moram na própria localidade e, junto com os pais e alunos, participam da formação do caráter de cada jovem" (entrevistado 14). A opinião de outro agrônomo e produtor rural em Rancho Queimado reforça o pronunciamento anterior sobre a qualidade do ensino público no município.

Nos últimos tempos, foi muito valorizado o acesso à educação. A prefeitura mantém um bom sistema de transporte escolar no interior, e incentiva os jovens a permanecerem na escola até o final do 2º grau. Apesar do currículo das escolas rurais ainda estar muito dissociado da realidade do meio, a escola pública rural em Rancho Queimado é de boa qualidade. Especialmente no comprometimento e no envolvimento dos professores com a comunidade. Mesmo sem formação acadêmica tão especializada e aprofundada, os professores, principalmente na comunidade de

Taquaras, conhecem as famílias dos alunos e participam, de fato, da vida comunitária. Os nossos alunos saem preparados para competir em qualquer centro. Meu filho mais velho acaba de ser bem classificado no vestibular da UFSC, na área de ciências da computação (entrevistado 15).

O jovem casal residente na comunidade de Mato Francês também aprova o bom nível de ensino no meio rural do município. "Se o aluno tiver interesse, estudar e pesquisar, ele aprende bastante" (entrevistada 18).

Paulo Freire em seu livro *Educação como prática de liberdade* (1965), escrito no exílio (Santiago, Chile), analisou criticamente a questão da educação. Denuncia o desligamento do sistema educacional com a realidade vivida pelo educando e assinala que "a nossa cultura fixada na palavra, corresponde a nossa inexperiência do diálogo, da investigação, da pesquisa [...] profundamente ligados à criticidade". Vai além ao entender que a educação "é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate, a análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa" (FREIRE, 1967, p.96). Profundamente conhecedor da questão educacional, Freire traça um perfil da educação impositiva e alienadora, ainda bem presente na realidade brasileira:

Ditamos idéias. Não trocamos idéias. Discursamos aulas. Não debatemos temas. Trabalhamos *sobre* o educando. Não trabalhamos *com* ele. Impomos-lhe uma ordem a que ele não adere, mas se acomoda. Não lhe propiciamos meios para o pensar autêntico, porque recebendo as fórmulas que lhe damos, simplesmente as guarda. Não as incorpora porque a incorporação é o resultado de busca de algo que exige. De quem o tenta, esforço de recriação e de procura. Exige reinvenção [...] E isso em todos os seus graus, do primário, ao médio e universitário.[...] Daí a necessidade de uma educação corajosa, que enfrentasse a discussão com o homem comum, de seu direito à participação. De uma educação que levasse o homem a uma nova postura diante dos problemas de seu tempo e de seu espaço. A da pesquisa ao invés da mera, perigosa e enfadonha repetição de trechos e de afirmações desconectadas das suas condições mesmas de vida. A educação do 'eu me maravilho' e não apenas do 'eu fabrico'. A da vitalidade ao invés daquela que insiste na transmissão do que Whitehead chama de *inert ideas* - idéias inertes - quer dizer, 'idéias que a mente se limita a receber sem que as utilize, verifique ou as transforme em novas combinações' " (FREIRE, 1967, p.93;96-97).

O administrador americano William Arthur Ward faz o seguinte julgamento de mérito sobre as diferentes *performances* dos educadores: "O professor medíocre expõe. O bom professor explica. O professor superior demonstra. O grande professor inspira" (WARD, apud DUALIBI, 2000). A informação e o saber são também fontes de status e poder. "O status na universidade, por exemplo, atua como uma parede de aço, impedindo a articulação professor - aluno - comunidade, embotando o processo de aprendizagem". (entrevistado 24).

Sócrates e Platão (há quase 2.500 anos) já se opunham aos sofistas por serem "meros fornecedores de conhecimentos úteis; seus ensinamentos eram superficiais, podiam instruir

um homem em certa medida, mas esse acúmulo de informações não tinha base nem reflexão" (RUSSELL, 2001, p.90).

O objetivo de um "grande professor", engajado num processo de educação autêntica, não é o de repassar informações - e mesmo conhecimentos - em volume cada vez mais numeroso nesse universo globalizado, mas sim o de criar no educando, "um estado interior e profundo, uma espécie de polaridade de espírito que o oriente em um sentido definido [...] por toda a vida". Na sublime missão de educar para a vida, é fundamental "transformar as informações em conhecimento e o conhecimento em sapiência" (DURKHEIM, 2001, p.38). Vale sempre refletir sobre "qual o conhecimento que perdemos na informação, qual a sapiência (*wisdom*) que perdemos no conhecimento?" (ELIOT, apud MORIN, 2002, p.47).

O ensino não é um processo de transmitir informação. Em parte, é claro, deve haver isso. Mas não é a única função do professor, nem a mais importante. [...] O papel do professor é de orientador, de levar o aluno a ver por si mesmo. Mas aprender a pensar independentemente não é habilidade que venha de uma só vez. Precisa ser adquirida à custa de esforço pessoal e com a ajuda de um mentor que possa dirigir esses esforços. É o método de pesquisa sob supervisão, tal como o conhecemos hoje nas nossas universidades. Quando uma universidade falha nessa tarefa, desce para o nível da doutrinação. Ao mesmo tempo, esse fracasso tem conseqüências ainda mais sérias. Pois onde se extingue o pensamento independente, seja por falta de coragem ou ausência de disciplina, a erva daninha da propaganda e do autoritarismo prolifera livremente. Asfixiar a crítica é, portanto, algo mais sério do que muita gente supõe. Longe de criar uma viva unidade de propósitos numa sociedade, impõe ao corpo político uma espécie de uniformidade insípida e frágil [...]. Educação é, pois, aprender a pensar por si, sob a orientação de um professor (RUSSELL, 2001, p.89).

Não é por acaso que Alex Periscinoto, considerado um dos mais talentosos e criativos publicitários brasileiros (com projeção internacional), insiste na tese de que "mais vale o que se aprende que o que te ensinam" (PERISCINOTO, 1995, p.1).

A questão do conhecimento e da aprendizagem, é abordada por outros autores de forma pouco usual e até contundente:

Se não questionarmos a suposição de que o conhecimento é uma mercadoria que, sob certas circunstâncias, pode ser infringida ao consumidor, a sociedade será cada vez mais dominada por *sinistras pseudo-escolas* e *totalitários gerentes de informação*. Os terapeutas pedagógicos doparão sempre mais seus alunos com a finalidade de ensiná-los melhor; os estudantes tomarão mais drogas para se aliviarem das pressões dos professores e da corrida para os diplomas. Número crescente de burocratas vai arvorar-se em professores. A linguagem do homem de escola já foi escolhida pelo publicitário. [...] Nossa opção é suficientemente clara. Ou continuamos a acreditar que a aprendizagem institucionalizada é um produto que justifica investimentos ilimitados<sup>196</sup>, ou redescobrimos que a legislação, planejamento e investimento - se for possível dar-lhes um lugar na educação formal - devem ser usados principalmente para derrubar as barreiras que travam as oportunidades de

<sup>196</sup> No Brasil, o negócio da educação representa 9% do PIB - R\$ 90 bilhões, dos quais R\$ 44 bilhões do setor privado - equivalente à soma do faturamento dos setores de telecomunicações e energia, Rosenberg (2002).

aprendizagem. Estas últimas são exclusivamente atividades pessoais (ILLICH<sup>197</sup>, 1973, p.91).

O processo de aprendizagem deve, portanto, manter um estreito vínculo com a realidade onde o educando está inserido, bem como envolver aspectos conceituais e metodológicos que o prepare para a vida. "A aprendizagem da compreensão e da lucidez, além de nunca ser concluída, deve ser continuamente recomeçada (regenerada)" (MORIN, 2002, p.53).

Ao responder uma pergunta sobre a questão da saúde no meio rural, o entrevistado 16 valorizou um antigo farmacêutico na comunidade de Taquaras (Rancho Queimado). "em certas coisas o farmacêutico é bem melhor do que esses médicos do posto de saúde. Quer ver para atender as crianças... ele dá de dez a zero!" O jovem casal (entrevistados 17 e 18) complementa: "se for para depender de médico e dentista aqui no município leva uma eternidade". O entrevistado 15 considera que a política de saúde pública no município ainda segue o modelo tradicional. Ou seja, preocupa-se em "curar as doenças através de medicamentos alopáticos tais como antibióticos, anti-inflamatórios, calmantes. O governo municipal está introduzindo um modelo de medicina alternativa, como a homeopatia e o programa de saúde da família" (entrevistado 15). Ele reconhece que ainda é expressivo o número de agricultores intoxicados pelo uso de agrotóxicos, embora os médicos no município não consigam ainda identificar uma doença crônica provocada pela agricultura química.

O foco do projeto *Lacharis* derivou do fato de presenciar tristes episódios aqui na comunidade de Taquaras. Ao encomendar, como pastor evangélico, os enterros de vários agricultores que faleciam vitimados pela agricultura química, eu dizia, para maior conforto de suas famílias, que 'Deus os havia chamado desta para uma outra vida'. Mas, na realidade, eu estava impedido de dizer que, de fato, eles não foram chamados, mas sim destruídos, como vítimas dos agrotóxicos! Muitos deles eram agricultores jovens que deixavam viúva e filhos pequenos. Isso foi me dando uma revolta, uma indignação! A partir de então centrei meu trabalho eclesial e minha experiência de vida numa proposta capaz de confrontar aquelas atrocidades. (entrevistado 12).

Apesar de sofrer com 'dores na coluna, o entrevistado 9 demonstra gozar de boa saúde e de uma perspicaz lucidez, apesar dos 73 anos "trabalhando dias inteiros na roça, sem ter nem como se defender da chuva". Em seu comentário sobre sua vida na colônia lembra que

---

<sup>197</sup> Ivan Illich (1926-2002) nasceu em Viena e graduou-se em Filosofia, História e Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma. PhD em História pela Universidade de Salzburg (Áustria), fixou residência em Nova York a partir de 1951, onde atuou como padre na comunidade porto-riquenha até 1968, quando abandonou a batina. Foi um dos pioneiros da Teologia da Libertação e um dos ícones do movimento da contracultura dos anos 1970. Dentre suas principais obras destacam-se *Deschooling Society*, *Tools for Conviviality*, *Energy and Equity* e *Medical Nemesis*. Foi vice-reitor da Universidade de Porto Rico e co-fundador do Centro Intercultural de Documentação, no México, referência internacional na análise crítica da sociedade industrial. Faleceu em 2 de dezembro de 2002, na Alemanha, vitimado por um câncer, Almanaque Abril - Mundo (2003).

naquele tempo "engordava os porcos e vendia para o comércio. Com a lida do porco criei minha família. Mas quando entrou 'uma lei' dizendo que a banha de porco fazia muito mal, ficamos sem comércio para o porco. De lá para cá, a lavoura está cada dia mais difícil".

Um dos prazeres da vida foi reprimido por conta de recomendações médicas restringindo alimentos, tais como bifés suculentos, devido à gordura animal. O mesmo com relação à manteiga, ovos e outros alimentos que contêm colesterol. Mas uma nova liberdade nutricional - desencadeada principalmente por químicos e bioquímicos orgânicos, disponibilizando complementos vitamínicos e minerais - manteve basicamente duas restrições: a ingestão do açúcar da sacarose e de grandes quantidades (volume) de alimentos, Pauling<sup>198</sup> (1988). Para esse cientista, os profissionais da saúde estão distantes de alcançar o conceito estabelecido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) que diz: "A saúde é um estado total de bem-estar físico, mental e social, e não meramente a ausência de doença e enfermidade" (PAULING, 1988, p.20). Alertando que a principal ocupação do médico é tentar curar o paciente com uma enfermidade específica e que, normalmente, o médico não se dedica à medicina dentro do que preconiza a OMS, faz a seguinte denúncia:

A classe médica e as poderosas instituições médicas passaram a chamar a si próprias de profissionais da saúde, de centros de saúde e de empresas de saúde. É uma designação incorreta para o que é, de fato, a indústria da doença. [...] Eugene Robin, professor de medicina e fisiologia na Universidade de Stanford [...] discute as desvantagens e a eficácia da medicina atual. Robin diz que 'existem falhas sérias nos processos básicos pelos quais os critérios terapêuticos e de diagnóstico são estabelecidos e usados na medicina [...]. Você será alertado a evitar a hospitalização, a menos que esteja gravemente enfermo e somente um hospital possua os recursos necessários para seu tratamento. Muitas hospitalizações são desnecessárias. Os hospitais podem ser locais perigosos' " (PAULING, 1988, p.18-19).

Em artigo no *Journal of American Medical Association*, um ex-editor escreveu: "Desconfio que ocorreu alguma atrofia de nossos sentidos de diagnose, quando a observação subjetiva foi substituída pelas informações objetivas dos laboratórios". A microespecialização, o relacionamento frio, impessoal e mecanomórfico com o paciente transformou, dentre outros desvios, a saúde na terceira maior indústria dos Estados Unidos, com os custos médicos representando, aproximadamente, 9% do seu Produto Interno Bruto (US\$ 9,15 trilhões, em 1999) , Ferguson (2000); Enciclopédia Abril-Mundo (2002).

---

<sup>198</sup> Linus Pauling (1901 - ), nasceu nos Estados Unidos e foi agraciado duas vezes com o prêmio Nobel: Química, em 1954 e da Paz, em 1962, quando vivia na Noruega por ter seu passaporte americano suspenso por sua militância em prol do desarmamento. Considera-se um profissional polidisciplinar: "Sou cientista, físico, cristalógrafo, biólogo molecular, químico e pesquisador médico (PAULING, 1988, p.9).



A associação da *medicalização da vida* e do *terrorismo médico* vem "sabotando o sabor da existência". Ao adotar o modelo norte-americano, os médicos brasileiros "perderam o contato com os pacientes, não os ouvem como deveriam e os novos candidatos a médicos têm características cada vez mais técnicas e menos humanitárias". O paciente é tratado como uma estatística, como alguém desprovido de vontade e de uma existência, numa medicina que segue o padrão da indústria médica dos Estados Unidos preconizando, "num efeito bola de neve, o maior número possível de exames e internações hospitalares" (LONDRES, 2002, p.14-15).

Um outro aspecto dessa medicina industrial, imersa na dimensão perdida da cura, é a *doença iatrogênica* resultante de "complicações cirúrgicas, medicação errada, efeitos colaterais de remédios e outros tratamentos, e dos debilitantes efeitos da hospitalização" (FERGUSON, p.231-232). A iatrogenia também atinge a chamada 'moderna agricultura' movida à base de agrotóxicos e fertilizantes de síntese química onde "as relações entre substâncias nitrogenadas e glicídios determinam a susceptibilidade das plantas ao ataque de patógenos" (MACHADO, 2002).

O entrevistado 5 tem consciência de que a saúde é um dos fatores que podem contribuir para a permanência dos jovens no meio rural. Acredita que um bom programa de saúde preventiva para as famílias (rurais e da sede) do município, além da ampliação das oportunidades de recreação e lazer, possam contribuir para a consolidação do projeto de agroturismo no município. E que deficiências na área de saneamento básico comprometem o bem estar da população e a evolução do trabalho realizado pela *Acolhida na Colônia* em Santa Rosa de Lima.

Uma das prioridades do Plano Municipal de Desenvolvimento Sustentável, em Rancho Queimado, é a questão do saneamento básico. Desde o tratamento do lixo orgânico na sede e no interior, até um sistema para tratar os dejetos sanitários, a partir de fossas sépticas e do "tratamento por zonas de raízes", adotado em caráter piloto no município de São Carlos (oeste catarinense), com orientação de técnicos da Epagri.

"Esse projeto de saneamento básico deverá fazer de Rancho Queimado um município modelo na área de agroturismo" ressalta o entrevistado 24.

#### **4.3.2 Agreco: agroindústrias modulares em rede**

Uma outra dimensão pertinente a uma vida rural sustentável é a econômica. "O nosso Plano Municipal de Desenvolvimento Sustentável assume que o desenvolvimento de Rancho

Queimado depende do equilíbrio de um tripé: o econômico, o social e o ambiental" (entrevistado11). O entrevistado 5 elegeu os projetos de agroecologia e de agroturismo como os dois grandes suportes para revitalizar o município de Santa Rosa de Lima. "Já estamos com cerca 13 pequenas agroindústrias coloniais no município que processam somente produtos orgânicos", comenta com visível euforia. "A Agreco é um projeto radical, um projeto de vida, que parte da idéia da sustentabilidade, envolvendo vários aspectos na área social, cultural e ambiental. Não se trata simplesmente de um projeto agroecológico" (entrevistado 1).

Os dois municípios pesquisados participam de dois projetos singulares - *Agreco* e *Acolhida na Colônia* - onde a dimensão econômica, legítima e indispensável à vida humana, adquire algumas das características *paraeconômicas* contidas na Teoria da Delimitação dos Sistemas Sociais, articulada por Ramos. Essa teoria se propõe a preservar as "capacidades sem precedentes do mecanismo de mercado" mas de forma a atender aos requisitos de um "modelo multidimensional de existência humana"<sup>199</sup>, numa sociedade multicêntrica" (RAMOS, 1981a, p.155). Nesses projetos, o tradicional caráter unidimensional - onde o mercado assume o caráter determinante e ordenador da vida humana - adotado por formuladores de política está, de forma gradual, sendo substituído pela "lei dos requisitos adequados", inerente à delimitação organizacional, e que contempla as seguintes dimensões dos sistemas sociais: tecnologia, tamanho, espaço, cognição e tempo, Ramos (1981a).

a) *Tecnologia* - Na concepção de Ramos (1981), tecnologia é um fenômeno que permeia toda a sociedade, quer sob a forma de uma igreja, uma prisão, uma família, uma vizinhança, uma escola, uma fábrica. Castor (1980) estabelece sete critérios para uma tecnologia ser apropriada: eficiência econômica, impactos sobre as escalas de funcionamento ou produção, grau de simplicidade, densidade de capital e trabalho, nível de agressividade ambiental, demanda de recursos finitos, grau de autoctonia e auto-sustentação.

b) *Tamanho* - Ramos (1981a) apresenta um marco referencial adequando a questão do tamanho ao contexto e às necessidades dos membros de um sistema social. As economias inseridas na competição de mercado podem, por exemplo, adotar o grande tamanho. As economias de caráter isonômico, correspondentes a associações de pequeno e médio porte em que a administração e a propriedade são de caráter coletivo, suscitam tamanhos moderados. Já

---

<sup>199</sup> "Existir ultrapassa viver porque é mais do que estar no mundo. É estar nele e com ele. Transcender, discernir, dialogar (comunicar e participar) são exclusividades do existir" (JASPERS apud FREIRE, 1967, p.40-41). O existir deve confrontar a metáfora do *rinoceronte* de Ionesco, onde o ser humano adota uma carapaça para não visualizar a tragédia de se submeter às mudanças e manipulações da sociedade em que está "mais imerso do que emerso". Paulo Freire invoca Guerreiro Ramos para contrapor a figura do "*homem parentético*" ao "*rinocerontismo*". "O homem parentético não é um cético nem um tímido. É crítico. Há uma certa relação entre o homem parentético de Guerreiro Ramos e a 'imaginação sociológica' de Wright Mills" (FREIRE, 1967, p.45).

as fenomenias (detalhamento em **Categorias**) que, em alguns casos, comporta uma só pessoa, implica, necessariamente em pequenos tamanhos para garantir sua sobrevivência.

c) *Cognição* - Os sistemas cognitivos devem se adequar aos sistemas sociais. Embora possam coexistir de maneira simultânea, as economias demandam um sistema cognitivo funcional; nas isonomias predomina o sistema cognitivo político; nas fenomenias o sistema cognitivo personalístico; e nos indivíduos ou grupos anômicos vinga o sistema cognitivo deformado ( Figura 1). Há casos em que ocorrem, paralelamente, vários sistemas cognitivos, onde um predomina. É o caso das "economias de natureza isonômica e de muitas instituições educacionais, em que a informação pessoal e o fomento do bem, na sociedade, se revestem de fundamental importância" (RAMOS, 1981a, p.161). É o caso do terceiro setor.

d) *Espaço* - "O espaço afeta e, em certa medida, chega a moldar a vida das pessoas [...]. Pode ser um fator que facilite ou que iniba a descarga de tensões, assim como um determinador de estresse". Também aqui, a questão do espaço deve corresponder a cada tipo de cenário social, "levando em conta a arte de combinar espaço e necessidades humanas. [...] Tópicos como solidão, privacidade, reserva, intimidade, anonimidade, território pessoal, órbita individual e outros" devem ser considerados na adequação do espaço aos diferentes sistemas sociais, "particularmente nas isonomias e fenomenias" (RAMOS, 1981a, p.162-166). Os espaços sócio-aproximadores devem prevalecer nas isonomias e fenomenias e os espaços sócio-afastadores nas economias formais.

e) *Tempo* - As organizações formais utilizam um critério temporal bem diferente dos sistemas sociais onde predominam a convivialidade, a criatividade e a autorealização. Dessa forma, aqui também Ramos (1981a) estabeleceu uma tipologia do tempo e sua correspondência aos diferentes sistemas sociais. O tempo serial (cronológico) prevalece nas economias; o tempo convivial, nas isonomias; o tempo de salto<sup>200</sup> é o impulso temporal das fenomenias"; e o tempo errante, nas anomias.

A Agreco (Associação de Agricultores Ecológicos das Encostas da Serra Geral) foi concebida a partir da relação urbano-rural entre pessoas nascidas em Santa Rosa de Lima.

Por ocasião de uma festa típica da colonização alemã - *Gemüsefest* - alguns profissionais e empresários residentes em cidades do litoral catarinense, com raízes no município, idealizaram um tipo de projeto que pudesse valorizar o agricultor e os seus

---

<sup>200</sup> Correspondente a momentos existentes na vida de muitos artistas, escritores e pessoas perscrutadoras. É um tempo não quantificável, no domínio do *Kairos*, em contraposição ao *Chronos*, onde o tempo é regulado pelo relógio, Ramos (1981a).

produtos, dentro de uma linha agroecológica e, ao mesmo tempo, promover a revitalização do município que, na época (1996) continuava em franco declínio e processo de esvaziamento.

"Na realidade não se trata apenas de desenvolver o meio rural. É um projeto de *desenvolvimento territorial*, abrangendo as áreas urbanas e rurais. Foi concebida a partir da relação dos que nasceram lá e lá ficaram como agricultores e aqueles que vieram para as cidades" (entrevistado 1).

Como um dos precursores da abordagem territorial como "área de vivência e de reprodução", Milton Santos assim se expressa:

O território, visto como unidade e diversidade, é uma questão central da história humana e de cada país e constitui o pano de fundo do estudo das suas diversas etapas e do momento atual. [...] Ele só se torna um conceito utilizável para análise social quando o consideramos a partir do seu uso, a partir do momento em que o pensamos juntamente com os *atores* que dele se utilizam [...] Há um uso privilegiado do território em função das forças hegemônicas que comandam verticalmente o território e a vida social, relegando o Estado a uma posição de coadjuvante ou de testemunha, sempre que ele se retira, como no caso brasileiro, do processo de ordenação do uso do território (SANTOS, 2001, p. 20; 2000, p.22-23).

O entrevistado 1, com base no que observou numa viagem à França, enfatiza que a noção de "*desenvolvimento territorial* utilizada em países europeus, considera as cidades e também nos espaços que as cerca. Pensa a região por inteiro, onde a segurança alimentar contempla as populações rurais e urbanas". Em muitos países a noção da segurança alimentar (*food security*) está sendo substituída pela de alimentos seguros (*food safety*), cada vez mais presente nos novos processos utilizados pela indústria de alimentos:

Quanto aos novos processos na indústria de alimentos derivam, por um lado, dos avanços da biotecnologia[...], e por outro lado, derivam também de exigências genericamente ligadas a questões ambientais: redução de efluentes do processo industrial, conservação de energia, redução da poluição provocada, introdução de maiores controles de qualidade, entre outros (CASTRO, 1998, p.205-206).

Foi da relação urbano-rural, na perspectiva do *desenvolvimento territorial*, onde nasceu o projeto da Agreco. "O que poderemos fazer para que Santa Rosa não seja só um lugar onde a gente, que mora na cidade, vai matar as saudades e experimentar a boa comida que está desaparecendo? Essa foi uma indagação formulada na época pelo entrevistado 1 que mobilizou alguns do *atores* locais para a concepção e implementação do projeto.

Um dono de supermercado, natural de Santa Rosa, fez um desafio: se os agricultores produzissem o alimento colonial, sem agrotóxicos e outros produtos de síntese química, ele venderia toda a produção. Essa visão foi concebida em suas viagens ao exterior, onde o alimento de qualidade (saudável) apresentava uma demanda crescente.

O projeto começou, no final de 1996, com apenas 4 produtores, evoluiu para 12 e hoje mobiliza cerca de 300 agricultores num processo que vai da produção orgânica de alimentos - valorizando sua origem e a identidade de quem os produz - até sua distribuição num *território* formado por 26 municípios do litoral catarinense, passando por uma *rede* de 28 agroindústrias coloniais, organizadas sob a forma de condomínios rurais localizados em 10 municípios das encostas da serra geral.

"A riqueza e a radicalidade do projeto está em juntar a necessidade do consumidor em alimentos de qualidade, com a perspectiva que se abriu para os agricultores familiares que haviam ficado em Santa Rosa, com sua autoestima lá embaixo!" (entrevistado 1).

Os 28 condomínios rurais (agroindústrias modulares em rede) estão processando e beneficiando hortaliças (10 condomínios), mel (3), cana-de-açúcar (5), leite (2), pequenos animais (3), ovos coloniais (1), conservas (2), suínos (1) e 3 panificadoras. Está sendo organizado uma nova linha para a área de plantas medicinais "já que a região é riquíssima em espécies medicinais nativas", no depoimento de um estudante de agronomia da Unisul, estagiário na Agreco. Cada condomínio é constituído por grupos de até 12 agricultores familiares "uns já com produtos orgânicos certificados, outros ainda em fase de transição" (entrevistado 7).

O processo de aprendizagem por parte dos produtores rurais se deu a partir de um agrônomo, associado à Agreco, e que hoje reside no meio rural. À medida em que o projeto evoluía e ganhava visibilidade, passaram a apoiá-lo entidades como o CNPq, UFSC, Sebrae, Epagri, "de forma localizada, em alguns municípios" (entrevistado 7).

Antes da Agreco, "a região não tinha nem a tradição na área de hortaliças, nem mesmo na forma convencional. Hoje, grupos de produtores e técnicos de vários Estados, e até mesmo do exterior<sup>201</sup> vêm conhecer nossa experiência, juntamente com a da *Acolhida*, nossa parceira" (entrevistado 7).

Os condomínios comercializam seus produtos através de três modalidades: via merenda escolar, envolvendo cerca de 100 instituições públicas de ensino de Praia Grande a Itajaí; através de cestas com produtos coloniais, distribuídas a 100 famílias urbanas; e via supermercados. "Pretendemos conquistar e ampliar outros mercados institucionais" (entrevistado 7).

---

<sup>201</sup> A Agreco e a Acolhida na Colônia já receberam grupos de Alagoas, Mato Grosso, Pernambuco, Rio Grande do Sul, bem como visitantes dos seguintes países: França, Canadá, Índia, Estados Unidos (Texas), Austrália, Argentina, Uruguai e Bolívia.

O entrevistado 21 foi um dos fundadores da Agreco mas, por problemas ocorridos na comercialização das hortaliças, deixou de operar através dessa associação. Mesmo reconhecendo o valor da Agreco na questão de preservação ambiental, ele tece severas críticas ao seu sistema de comercialização:

Falta alguém que entenda realmente de comercialização. Eu mesmo passei a vender minhas hortaliças para uma empresa concorrente da Agreco. No começo da Agreco, ganhava até 2 mil reais livres por mês. Financiamos uma agroindústria para beneficiar as hortaliças com a garantia de que *eles* (Agreco) venderiam toda a nossa produção. Mas a coisa foi piorando e no ano passado (2001) teve um mês de vender apenas 400 reais brutos! Nos primeiros tempos eram apenas 12 famílias envolvidas com a produção orgânica de hortaliças; hoje já são mais de 200. Duas empresas que compravam o produto faliram e, só no meu caso, tive um prejuízo de 2.000 reais numa e 1.600 reais noutra. Muitos voltaram a lidar com o fumo, com o veneno, porque não dava para sobreviver só com as hortaliças. Estou pagando o financiamento da agroindústria com a aposentadoria minha e da minha mulher e com o pouco que ganho como vereador. Se dependesse só da verdura não dava para cumprir nem com o compromisso do financiamento! A Agreco passou a dar atenção às conservas, doces, açúcar mascavo ... nessa linha estão vendendo tudo, mas quando se trata de hortaliças, principalmente as folhosas, não tem jeito! Ela também se envolveu com o Sebrae, no *Projeto Vida Rural Sustentável* e se esqueceu de outras partes. Com o projeto do Sebrae é dinheiro e mais dinheiro para treinamentos, cursos, consultorias. Mas se esqueceram dos colonos! (entrevistado 21).

O entrevistado 4, agrônomo, professor aposentado da UFSC e residente no meio rural de Santa Rosa de Lima alerta para as armadilhas do mercado e para problemas na logística de comercialização utilizada pela Agreco:

A escala de produção não foi bem avaliada. Parte-se de um mercado garantido e, sem critérios mais condizentes com a realidade, aumenta-se o volume de produção e o número de participantes. Saltaram de 12 para 200 produtores! Passaram a agregar valor ao produto. Uma outra dificuldade em nível de mercado. Quem costumava comprar o aipim orgânico por um preço, não se sujeita a pagar bem mais caro, após as operações que agregam valor: corte, descasca e embalagem a vácuo. O consumidor para esse produto beneficiado já não é o mesmo do anterior! Faltam noções de marketing! Eu vejo algumas saídas para a Agreco: a primeira, corrigir os canais de comercialização. Em segundo, os técnicos que atuam na Agreco precisam sair da *síndrome da poltrona* e orientar os produtores na busca de tecnologias apropriadas e inovações realmente úteis para eles e suas agroindústrias. A prefeitura poderia ajudar mais a desatar o gargalo da comercialização. Mas é preciso que alguns dos dirigentes da Agreco tenham mais humildade. Humildade para ouvir, debater e analisar novas posições e novas idéias! (entrevistado 4).

Esses dois depoimentos revelam dimensões de conflitos e falta de sintonia entre a coalizão dominante na Agreco e um segmento do corpo de associados.

"O termo coalizão dominante é utilizado para caracterizar aqueles que definem os rumos da organização, através de suas escolhas estratégicas. Ela é o centro de poder da organização [...]. As mudanças também são um produto de processos que têm como forças

motoras as lutas históricas e contínuas por poder e *status*". A definição de poder, no contexto organizacional, implica na "habilidade de um ator para induzir outro a seguir sua orientação. O poder constitui um dos elementos básicos de qualquer organização complexa, onde existem pessoas que possuem mais ou menos poder" (VARASCHIN<sup>202</sup>, 1998, p.39-42).

Numa organização formal, o poder do indivíduo se manifesta a partir de três das cinco bases de poder: a) recursos ; b) habilidades; c) conhecimento. A quarta base deriva de prerrogativas legais (poder formal) e a quinta envolve 'fatores negociados', onde predomina a reciprocidade de interesses, Mintzberg (1983).

Alguns dos problemas na linha de comercialização das hortaliças minimamente processadas são reconhecidos por um ou outro membro da coalizão dominante existente na Agreco.

Nossa dificuldade competitiva situa-se principalmente em nível de localização. Existe um quadro de forte concorrência localizada bem mais próxima do mercado consumidor. São pequenas organizações que por estarem bem mais próxima do mercado, conseguem um alto nível de atendimento, com produtos de alta qualidade, que chega sempre fresquinho. Embora nossa logística tenha sido organizada em torno das hortaliças, já estamos superando, aos poucos, problemas que ocorrem com outros produtos como o mel, queijos, embutidos e conservas. Os primeiros anos constituíram um quadro de aprendizagem. Vale lembrar que a Agreco possibilitou que o agricultor passasse de um processo de integração com agroindústrias poderosas - a do fumo, por exemplo - para uma nova condição onde ele administra a cadeia produtiva da produção, a nível de campo, até a relação com o mercado que ele tem que dominar, através de um sistema de agroindústrias modulares em rede" (entrevistado 8).

O entrevistado 1 também concorda que existem "enormes problemas na área de comercialização". Um especialista da Universidade de São Carlos (São Paulo) foi contratado para analisar e discutir com a Agreco questões inerentes à logística. "É algo novo, complexo e difícil, com uma série de pontos a melhorar. O mais importante é o agricultor compreender que faz parte de uma rede e que ele é o protagonista. É ele quem decide sobre o processo" (entrevistado 1).

A importância estratégica da logística no sistema de mercado é visível, dentre outros exemplos, na floricultura. Quem se apropria da maior parte dos resultados financeiros são os holandeses que dominam a *logística* no negócio mundial das flores. Não são nem os que cultivam, nem mesmo aqueles que vendem o produto. "Somente os holandeses podem

---

<sup>202</sup> Márcia Janice Freitas da Cunha Varaschin, economista no Icepa, com mestrado em Engenharia da Produção pela UFSC, e cursos de pós-graduação em Desenvolvimento Rural pela Universidade George Washington (2001) e Universidade da Califórnia - *Campus* Davis (2002-2003), como bolsista da Fullbright-Hays.

entregar um lírio-da-Páscoa cultivado na Colômbia a um comprador no Maine (EUA) e garantir que ele irá florescer na Páscoa" (THUROW, 2001, p.41).

No sistema de mercado existem "razões que a própria razão desconhece"<sup>203</sup>. O entrevistado 1 não aceita o fato do "mercado catarinense ser abastecido com a cenoura de Minas Gerais". Não admite também que grandes redes de supermercados de Santa Catarina procurem o Ceagesp (São Paulo) para comprar hortigranjeiros. Percebe que esse é o jogo "quando a lógica maior é a do lucro". Rejeita qualquer tentativa dos supermercados em criar um "sistema de integração com os produtores de hortaliças, dentro do *tipo de integração* realizado pelos grandes complexos agroindustriais". E apresenta como exemplo de distorção desse sistema, a atual crise que mutila a suinocultura catarinense: "É um absurdo o que ocorre com o preço do suíno. Tem muitos suinocultores indo à falência! Mas quando tiverem que buscar o suíno no Centro-Oeste<sup>204</sup>, com certeza vai aumentar o preço ao consumidor que 'vai pagar o pato' " (entrevistado 1).

Lester Thurow demonstra que "pela primeira vez na história humana, qualquer coisa pode ser feita em qualquer parte e vendida em toda a parte". Na esteira do processo de globalização, o pesquisador do MIT também alerta para a retirada dos recursos naturais da equação competitiva. Da relação das doze maiores empresas nos Estados Unidos no início do século XX, "dez delas eram empresas de recursos naturais. Mas somente uma delas - a General Electric - ainda está viva". Além de demonstrar, com esse e outros exemplos, que "o capitalismo é um processo de destruição criativa", ele afirma que "a posse de recursos naturais saiu da equação competitiva. Os produtos modernos simplesmente usam menos recursos naturais [...] hoje em dia, o conhecimento e as habilidades constituem a única fonte de vantagem competitiva" (THUROW, 1997, p.94-96;154).

Thurow reflete bem a ideologia do sistema de mercado que predomina na civilização contemporânea. A concepção - do planejamento à execução - de cenários alternativos capazes de privilegiar espaços isonômicos e fenonômicos requer projetos capazes de se inserir numa abordagem multidimensional. A experiência comunitária da Agreco poderá vir a se constituir num desses projetos, onde os conceitos de produção, recursos, espaço, tempo, tecnologia, cognição, escala venham a promover uma sincronização do mercado às exigências daqueles

---

<sup>203</sup> Trecho da canção *Aos Pés da Cruz* (1942), de autoria de Marino Pinto e Zé da Zilda, Mello; Severiano (1997).

<sup>204</sup> Das 692 mil toneladas de carne suína produzidas em Santa Catarina, apenas 112 mil (16,6%) são consumidas no Estado, O restante destina-se ao mercado brasileiro (250 mil toneladas) e ao mercado externo (330 mil toneladas), Instituto Cepa (2002).



sistemas sociais que privilegiam a qualidade da vida comunitária, a convivência e a realização pessoal dos cidadãos envolvidos.

### 4.3.3 Acolhida na Colônia: valorização do espaço rural

Numa abordagem multifuncional, o espaço rural não pode mais ser visto quase que exclusivamente pela visão setorial, onde lhe caberia a produção agrícola. Abordagem multifuncional significa reconhecer novas ocupações dos agricultores e de suas famílias como desdobramentos de suas atividades tradicionais. A agricultura é multifuncional na medida em que "mediante seu ato de produção, ela assegura outras funções territoriais, ambientais e sociais, cada vez mais exigidas pela sociedade" (BRINBAUM, apud VEIGA, 2002, p.90).

"Houve uma época em que Santa Rosa tinha um dos maiores êxodos daqui da região. Hoje, tem gente que foi embora e está voltando. Em parte por causa dos projetos Acolhida na Colônia e Agreco. Muitos estão trabalhando com produtos orgânicos" (entrevistado 22).

Uma das conquistas do projeto de agroturismo é a elevação da autoestima da família rural. "Antigamente, quando nos perguntavam de onde éramos, sentíamos um constrangimento dizer Santa Rosa de Lima. E torcíamos para que não perguntassem o que a gente fazia.. A verdade é que nos sentíamos rebaixado quando nos identificavam como um *colono!*" (entrevistado 22).

Segundo o entrevistado 23 (agrônomo e agricultor), uma mestrandia em Engenharia da Produção na UFSC, ao realizar uma pesquisa sobre agroturismo em Anitápolis, perguntou no colégio (2º grau) 'quem era filho de agricultor'. Apenas dois levantaram a mão. Checando com o sistema de transporte escolar, ela verificou que mais de 70% da turma morava no meio rural.

"Era a crise de identidade intimidando e constrangendo o jovem rural. Em Santa Rosa, por conta do trabalho da Agreco e da Acolhida, muitos rapazes e moças do meio rural já elevaram o nível de autoestima" (entrevistado 23).

A visita de pessoas da cidade às pousadas, propriedades rurais e condomínios vem possibilitando uma rica aproximação entre os urbanos e os rurais. Alguns agricultores têm tido a oportunidade de receber visitantes de outros países como a Austrália, Índia, França, trocando idéias e experiências.

"O turismo valoriza as atividades do dia-a-dia da família rural e a convivência com os jovens da cidade amplia horizontes e traz ganhos recíprocos. Existem casos de jovens que já

havam decidido ir embora para as cidades e desistiram após a chegada do projeto Acolhida" (entrevistada 2).

O agroturismo representa, uma das boas alternativas para reduzir o êxodo rural e ampliar as oportunidades<sup>205</sup> para os jovens. "É uma pena que ainda são poucos que têm, atualmente, condições para ingressar no projeto" ressalta o entrevistado 6, na condição de técnico agrícola e produtor rural.

O entrevistado 23 admite que existe ainda muito a evoluir:

Outro dia fui a uma festa natalina na sede de Santa Rosa. Ouvi um coral organizado com recursos financeiros do Ministério da Cultura. Dos 20 componentes do coral, não existia um só do meio rural: todos eram da pracinha! E vale dizer que, na realidade, não existe o 'urbano' em Santa Rosa. Todos vivem, no seu cotidiano, o ambiente e os valores rurais. Um outro fato comprova essa discriminação. Devido ao grande número de alunos da 6ª série do ensino fundamental no colégio público da sede, constituíram duas turmas: uma só de 'urbanos' e outra só com jovens do interior. São atitudes como essas que fomentam a separação do rural e do pseudo-urbano. Mas com as agroindústrias coloniais ligadas em rede, o agroturismo em crescimento, a difusão da telefonia celular no meio rural, a disseminação da televisão (parabólicas) e, logo mais, a Internet ... qual será a diferença entre morar na praça ou aqui no meio rural? Possivelmente as vantagens beneficiarão a vida rural (entrevistado 23).

O conceito de sustentabilidade foi também apropriado pelo turismo no espaço rural, que tem como suporte dois elementos básicos, já destacados pelo entrevistado 11: o patrimônio natural e cultural de um território. A Organização Mundial de Turismo aplica o conceito de sustentabilidade ao *turismo no espaço rural*, por ela assim definido:

É aquele que satisfaz as necessidades presentes dos turistas, ao mesmo tempo que preserva as regiões de destino e incrementa novas oportunidades para o futuro. Ele deve ser concebido de modo a conduzir à gestão de todos os recursos existentes, tanto do ponto de vista de satisfação das necessidades econômicas, sociais e estéticas, quanto da manutenção da integridade cultural, dos processos ecológicos essenciais, da diversidade biológica e dos sistemas de suporte à vida (OMT, 1998, p.21).

Joaquim (2001) distingue o agroturismo de outras modalidades do setor (turismo ecológico, turismo verde, turismo de aventura, ecoturismo e outros) por sua *especificidade familiar*.

A Acolhida na Colônia foi fundada em 18 de junho de 1999, em decorrência do expressivo contingente de grupos que aportavam em Santa Rosa de Lima, com a finalidade de conhecer a experiência pioneira da Agreco. Trata-se de uma associação de agricultores

familiares voltada ao agroturismo. Conta atualmente com 15 famílias associadas, além dos grupos organizados em torno dos 28 condomínios da Agreco (num total de 40 famílias), com quem mantém estreitos vínculos de parceria. Das 15 famílias, sete moram no meio rural de Santa Rosa de Lima e as oito restantes distribuídas nos municípios de Anitápolis, Rancho Queimado, Rio Fortuna e Gravatal. Além dessas 40 famílias, participam da Acolhida mais 4 pousadas, um restaurante - "Quedas d'Água - e um café colonial.

Na perspectiva da *especificidade familiar*, a Acolhida estabelece duas condições básicas para os associados: a) O agroturismo deve complementar o conjunto de atividades já existentes na agricultura familiar; b) Pelo menos 70% das refeições servidas aos turistas devem se valer de produtos orgânicos obtidos na propriedade rural.

"O trabalho do agricultor e de sua família constitui uma fonte de atração para os turistas, assim como o beneficiamento e o consumo dos produtos coloniais nas agroindústrias filiadas à Agreco" (entrevistado 23).

A preocupação e o cuidado com o meio ambiente é um traço característico de todos os associados da Acolhida.

É uma pena que alguns agricultores do município ainda não adquiriram essa consciência. Continuam a fazer 'besteiras' como as queimadas e as carvoeiras, o que não é legal para o turista! Uma coisa é certo: as pessoas que vêm de fora valorizam mais o município de Santa Rosa do que muitos daqueles que aqui vivem. E dizem admirados: 'Como é que vocês conseguem?'. E nos parabenizam. Enquanto que alguns moradores comentam: 'Não sei o que esse pessoal de fora vem ver aqui em Santa Rosa. Não vejo nada de bonito aqui!' Somente neste ano (2002), já recebemos mais de 2.000 turistas. Mais que toda a população do município. E tem outra coisa. Com o trabalho da Agreco e da Acolhida, o valor do terreno aqui no interior de Santa Rosa passou de R\$ 250,00 o hectare para R\$ 2.000,00. Algumas pessoas da capital e de outras cidades do litoral estão construindo condomínios no meio rural, empregando filhos de agricultores. Alguns estão até produzindo alimentos orgânicos (entrevistado 22).

Algumas pousadas no interior de Santa Rosa de Lima recebem grupos de estudantes de Florianópolis. São colônias de férias onde os jovens do meio urbano "vêm para conhecer o sabor diferente de nossa comida, ver como o colono trabalha e acompanhar a lida com os animais e com as lavouras. Tem crianças que nunca viram tirar o leite das vacas e nem o cultivo das hortaliças e outras plantas. Elas adoram!" (entrevistada 10).

O "código cultural" de algumas motivações inerentes ao turismo no espaço rural é examinado por (JOAQUIM, 2001, p.41):

---

<sup>205</sup> Segundo previsões da Organização Mundial de Turismo (OMT), no ano de 2020 cerca de 1,6 bilhão de turistas gastarão mais de US\$ 2 trilhões por ano, na atividade, ao redor do mundo. Atualmente envolve mais de 700 milhões de pessoas, gerando uma receita de US\$ 620 bilhões e 385 milhões de empregos, Theobald (2001).

O turismo no espaço rural é uma complementaridade da agricultura em termos econômicos. [...]além de poderem estar num sítio agradável, os turistas participam, ajudando até, em algumas tarefas que os agricultores vão mantendo, além de tomarem contato com a cultura local e compreendendo que os agricultores são, de fato, pessoas com costumes e valores bastante enraizados e que, através de conversas, elas são capazes de transmitir um conjunto de informações importantes a quem os visita .

O programa de agroturismo já chegou em Rancho Queimado. Antes mesmo do projeto Acolhida na Colônia, a comunidade de Taquaras já cuidava do meio ambiente, com esmero.

Desde 1975 o pessoal de Taquaras tomou a iniciativa de plantar flores na beira das estradas: são hortênsias, grinaldas de noiva, azaléias, extremosas embelezando os caminhos. O pastor Silvino, com seu projeto *Lacharis*, preservou um lindo vale com Araucárias. Existe ali uma tradição de auto-ajuda. As pessoas se preocupam com a cultura. Uma senhora, com quase 90 anos, ainda dá aulas de violão, violino, harpa e de confecção de bordados. Tem o Geraldo Jardim, com sua produção de plantas medicinais, dona Solange com suas maravilhosas compotas, doces e geleias, o rico artesanato de madeira, a faca quilômetro 100 com cabo de chifre de boi. Todos cuidam muito bem de suas casas, de seus jardins. Não foi por acaso que o ex-governador Hercílio Luz escolheu Taquaras para construir sua casa de campo. Durante a Festa do Morango ocorre desfile com carros alegóricos. As apresentações do grupo folclórico alemão, com 52 participantes. Tudo isso num clima de muita hospitalidade, espiritualidade, energização! Um ambiente diferenciado, decorrente do nosso patrimônio histórico e cultural, e dos recursos naturais. Comida gostosa e de qualidade, frutas como o morango - com o vermelho da paixão - um clima frio que propicia o apetite, uma boa dormida ... tudo isso envolve o romantismo! (entrevistado 11).

A evocação do passado, dosada por um clima de romantismo, é um dos sentimentos emergentes, cada vez mais valorizados, no tipo de sociedade que De Masi (1999) e Drucker (1999) caracterizam como sociedade pós-industrial. As regiões rurais preservam, de um certo modo, o estilo de vida dos 'velhos tempos'. Suas especificidades como um lugar seguro, tranqüilo, ar puro, paisagens silvestres ou cultivadas, águas limpas - as chamadas amenidades (*amenity values*) - evocam uma dimensão romântica, criando um tipo de imaginário nostálgico que nos remete à infância e aos bons tempos de antigamente, Dann (2001); Veiga (2002).

"A manutenção da curiosidade, da alegria interior, do interesse pela natureza e da paixão pela vida, podem contribuir em muito para uma vida plena ao longo de nossa existência" (GUERREIRO; RODRIGUES,1999, p.68).

O projeto Acolhida na Colônia além de promover a tradição, as amenidades do espaço rural, a valorização do trabalho e do modo de vida das famílias, também irradia a visão agroecológica. Os agricultores de Rancho Queimado, por exemplo, estão, de forma gradativa, incorporando essa nova mentalidade. "O projeto Microbacias II, realizado em caráter pioneiro

na comunidade de Rio Pequeno, provocou, na prática, uma tomada de consciência ecológica por parte de muitos agricultores em seu entorno " (entrevistado15).

Dentre as organizações que dão apoio ao trabalho da Acolhida na Colônia destacam-se: Cepagro, Sebrae, Senac, Ministério da Agricultura, Epagri e a Agreco (parceira).

#### 4.4 Políticas e diretrizes: resgate da multidimensionalidade

As políticas alocativas do governo têm sido incapazes de ultrapassar o círculo vicioso do sistema de mercado, para tirar vantagem das possibilidades de uma variedade de ambientes produtivos, que não dispõem de dinheiro, como parte de uma sociedade multicêntrica. [...] O *paradigma paraeconômico* advoga uma sociedade suficientemente diversificada para permitir que seus membros cuidem de tópicos substantivos de vida, na conformidade de seus critérios intrínsecos, e no contexto dos cenários específicos a que esses tópicos pertencem. [...] Da mesma forma que as economias, as *isonomias* e *fenonomias* devem também ser consideradas agências legítimas, necessárias à viabilidade da sociedade em seu conjunto.

Alberto Guerreiro Ramos

(*A nova ciência das organizações: uma reconceituação da Riqueza das Nações*)

A conexão entre o arcabouço conceitual da dissertação - fundamentado na *delimitação dos sistemas sociais* - e os resultados obtidos na pesquisa de campo constitui o pano de fundo para a formulação de algumas políticas e diretrizes voltadas a uma vida rural sustentável.

A partir de uma visão de realidade percebida nos municípios de Santa Rosa de Lima e Rancho Queimado consolida-se um pensamento confrontativo e delimitativo no sentido de vislumbrar caminhos alternativos para questões substantivas e funcionais das pessoas que ali vivem, na perspectiva de uma *política paraeconômica* no contexto do territorial.

As necessidades genuínas das pessoas que habitam esse território - as encostas da serra geral - tanto em nível individual como comunitário, devem constituir o marco inicial de um processo capaz de viabilizar projetos de vida pessoal e coletiva, considerando a economia como uma das várias dimensões que caracterizam uma sociedade multicêntrica.

Do ponto de vista da política paraeconômica, não apenas as economias que já constituem o enclave do mercado, mas também as isonomias e fenonomias e suas diversas formas mistas, devem ser consideradas agências, através das quais se deve efetivar a alocação de mão-de-obra e de recursos. É neste último sentido que a delimitação dos sistemas sociais é aplicável tanto no nível da sociedade quanto a nível macroorganizacional (RAMOS, 1981a, p.178).

O entrevistado 12, após assistir a vários funerais de jovens agricultores vitimados por agrotóxicos, canalizou sua indignação para estruturar um projeto - *Lacharis* - voltado a uma reformulação conceitual do estilo de vida e do modo de produção agrícola de Rancho Queimado. "Sinto uma energia vibrando dentro do meu ser, uma fé - Deus - que, se não for corporificada na vida prática, então trata-se de uma ilusão. As idéias devem, sempre que possível, atuar como forças mobilizadoras de ações concretas". Diz ainda que "as vibrações positivas que sempre acompanharam o projeto, estão em harmonia com a *grande sinfonia do cosmos* que todos os visitantes sentem que está no ar" (entrevistado 12).

Outro cidadão, no mesmo município, considera que a qualidade de vida mantém estreitos laços com um clima de espiritualidade, romantismo, energização. Um terceiro, que mudou da cidade para o meio rural, destaca "o espírito comunitário, os bons momentos de relacionamento humano<sup>206</sup> e o lado estético das pessoas" como algumas das fortes razões pelas quais "posso dizer com todas as letras que sou feliz aqui e, minha vida no meio rural tem tudo para ser permanente" (entrevistado 14). Um quarto, que também trocou a cidade pelo campo, aponta "a relação mais simples com as pessoas e o calor humano que predomina na convivência, como os aspectos que mais valoriza na vida rural (entrevistado 15). Um quinto agricultor, residente no meio rural de Santa Rosa de Lima, considera que "a agricultura familiar é um dos poucos espaços onde existe uma convivência familiar saudável<sup>207</sup>", entrevistado 23. E a entrevistada 20, uma jovem do meio rural que disputa o vestibular de agronomia na UFSC, faz a seguinte reflexão:

"o serviço da agricultura é muito pesado. Muitas atividades - como a do fumo e carvão - não são nada saudáveis. Os jovens não estão mais querendo trabalhar em serviços pesados na colônia. Preferem ir morar nas cidades em busca de melhores oportunidades. Acham que na cidade tudo é mais fácil. O estudo disponível no meio rural ainda é limitado. Daí os jovens procurarem os centros maiores, na busca de prosseguir seus estudos, geralmente nas universidades. Gostariam de ganhar seu próprio dinheiro, Ter sua própria renda. Para outros a falta de diversão é um grande problema da vida rural (entrevistada 20).

Serão exemplos de possíveis encontros entre os mundos transcendente e imanente, analisado desde Platão por vários pensadores?

---

<sup>206</sup> Algumas das características das *isonomias*.

O sentido de transcendência conduz, em Platão, a uma indissolúvel unidade entre o espiritual e o político. A ordenação da pólis tem como fundamento uma ordenação ética na consciência e na prática dos homens. A idéia do Bem é individualmente ética e coletivamente política. Essa íntima associação entre o ético e o político [...] foi perdida, notadamente, com o positivismo cientificista e o racionalismo analítico (JAGUARIBE, 1993, P.29).

Ou, quem sabe, são manifestações que buscam superar a imanência em seu estado puro, ao articular uma nova transcendência capaz de conectar as dimensões política e religiosa? O imanetismo, em seu estado puro desconhece, no plano do sagrado, "as fronteiras entre o humano e o divino", e no plano divino "significa fechar-se à grande esperança utópica, substituindo a revolta pela resignação. E uma atitude meramente transcendentalista nos levaria a renunciar à modernidade" (ROUANET, 1993, p.192).

Sérgio Paulo Rouanet propõe uma categoria que ele chama de transimanência e a concebe a partir de dois movimentos entrecruzados: "a secularização de Deus e incorporação da utopia à cidade dos homens", dialeticamente articulada com "a ascensão do espírito para uma transcendência que impõe limites ao homem, e uma visão de ordem utópica que o impede de aceitar esses limites" (ROUANET, 1993, p.192).

Leonardo Boff lembra que a dimensão da transcendência é inerente ao ser humano a partir de "sua singularidade no processo cosmogênico, no conjunto dos seres". Propõe que, através da experiência de transcendência, o ser humano seja capaz de conquistar "um estado permanente de consciência" alimentando um projeto e cultivando um espaço onde, nos planos social, cultural e político, haja "espaços de contemplação, de interiorização e de integração da transcendência que está em nós" (BOFF, 2000, p. 76). E valendo-se de sua formação cristã argumenta:

Para o cristianismo, o importante não é a transcendência nem a imanência. É a transparência, que é a presença da transcendência dentro da imanência. Não é a *epifania*, o Deus que vem e se anuncia. É a *diafania*, o Deus que, de dentro, emerge para fora, de dentro da realidade, do universo, do outro e do empobrecido (BOFF, 2000, p.89).

Os cuidados para com a natureza, o vínculo entre espiritualidade e agricultura, a valorização dos espaços de convivialidade, a busca da identidade, os critérios para organização comunitária, a harmonização do ser humano com a grande sinfonia do cosmo

---

<sup>207</sup> Traço marcante das *fenonomias*. Somente em pequenos grupos é que "a maior parte das pessoas se apoia para conseguir amor, afeição, amizade, 'o senso de beleza' e respeito" (DAHL; LINDBLOM, apud RAMOS, 1981a, p.183).

são, dentre outras, evidências de que o fenômeno da interação simbólica<sup>208</sup> se torna possível em alguns enclaves residuais, Ramos (1981a).

Quando o entrevistado 8 coloca que o trabalho da Agreco está assentado num "projeto de agroindústrias modulares em rede" e o entrevistado 1 assegura que "o mais importante é o agricultor compreender que faz parte de uma rede, onde ele é o protagonista", estão em sintonia com a idéia articulada por Donald Schon que preconiza o "planejamento, o desenvolvimento e a administração de *redes*" para habilitar governos supercentralizados a funcionarem como "facilitadores da aprendizagem social e não como treinadores da sociedade" (SCHON, apud RAMOS, 1981a, p.179).

As *redes* constituem um bom exemplo de agência paraeconômica, capaz de atender aos anseios e expectativas dos modelos conviviais característicos da isonomias.

A redefinição dos conceitos de *produção* e *recursos* é fundamental para implementar políticas paraeconômicas. A economia de mercado desconsidera, por exemplo, as atividades do trabalho doméstico - *household economy* - e o consumo doméstico nas propriedades rurais, como contribuições para a *riqueza das nações*. No entanto, na nação mais rica e poderosa do planeta (EUA), a metade da renda disponível do consumidor e cerca de uma terça parte do produto nacional bruto sobrevivem das atividades domésticas, Burns (1971).

Quando o entrevistado 1 faz observações do tipo "o que integra efetivamente o sujeito a um empreendimento é a venda!" ou então, ao denunciar o despreparo dos cursos de agronomia na área de comercialização, diz que "no mundo capitalista de hoje, primeiro se vende para depois produzir" ele está refletindo um dos pontos cegos do paradigma dominante, centrado no mercado. "O mercado não considera [...] aquilo que as pessoas necessitam e apenas sabe o que é que as pessoas são levadas a comprar". O modelo de sociedade centrado no mercado só contabiliza aquilo que é vendido e comprado, ou seja, "o mercado produz apenas aquilo que pode vender" (DE GRAZIA, apud RAMOS, 1981a, p.180).

Para Ramos, os recursos são abundantes e não há limites ao crescimento dentro da abordagem paraeconômica:

Ironicamente, a tese dos limites ao crescimento pode muito bem representar a oportunidade para revelação de um vasto horizonte de possibilidades para uma explosão de crescimento, tanto em termos de produção quanto de consumo. Para tomarem reais essas possibilidades,

---

<sup>208</sup> O ser humano se defronta com duas grandes questões em sua vida: o significado de sua existência e sua sobrevivência biológica. A dimensão biológica está subordinada a um sistema social e econômico, cuja avaliação atende a resultados extrínsecos, de ordem prática. Já a dimensão existencial - *interação simbólica* - implica em "ações condicionadas, sobretudo, pela experiência do significado e da busca da verdade. "O primeiro tipo de atividade é um meio para conseguir um fim; o segundo um fim em si mesmo" (RAMOS, 1981a, p.126).



os indivíduos, as instituições e os governos precisam livrar-se dos *antolhos conceituais* inerentes aos modelos alocativos centrados no mercado (RAMOS, 1981a, p.181).

Ramos (1981a) aponta três antolhos conceituais (pontos cegos) que caracterizam o modelo político predominante no que concerne a mecanismos alocativos, sujeitos ao cálculo econômico clássico:

- a) Os indicadores clássicos de desenvolvimento privilegiam a dinâmica do mercado tais como: PIB (contabilizando apenas os resultados da economia formal); a taxa de urbanização; o percentual empregado no setor terciário da economia, dentre outros indicadores econômicos.
- b) A redução da condição humana à identidade do indivíduo como "detentor de emprego e como comprador insaciável".
- c) A "maximização das atividades do mercado" direciona as organizações e instituições para a unidimensionalização das ciências sociais (cientificismo) e a modelos de ciência e análises políticas de onde derivam "a teoria convencional da *escolha pública* e a atual teoria econômica" (RAMOS, 1981a, p.181-182).

Políticas públicas comprometidas com a viabilização de sistemas conviviais - a exemplo de alguns dos encontrados no território pesquisado - pressupõem dimensões e mecanismos alocativos fora do modelo centrado no mercado. A co-produção do bem público deve contemplar questões de natureza biológica, social e política (figura 1) utilizando o paradigma paraeconômico como seu marco conceitual, Salm (2002).

Ao analisar a questão do êxodo rural, o entrevistado 5 fez questão de ressaltar que a evasão de jovens do meio rural não será revertida apenas através de projetos como a Agreco e Acolhida. "É necessário também um atendimento social, um bom programa de saúde preventiva, de melhorias educacionais, da criação de opções de lazer, principalmente no interior".

O entrevistado 1 comenta que ao se tratar de "políticas públicas não vale apenas criar condições para o empreendedorismo, mas de construir um novo modelo. Um modelo que, amplie as oportunidades para o conjunto de agricultores familiares, preservando o ambiente e produzindo alimentos saudáveis".

O entrevistado 6 denuncia o desmatamento que continua a "abrir crateras" em Santa Rosa de Lima.

O desmatamento poderá comprometer todo o esforço que estamos fazendo para dar uma nova perspectiva a Santa Rosa de Lima. Estão derrubando a mata nativa para

reflorestar, com incentivos do próprio Ibama. É preciso encontrar uma alternativa para o agricultor familiar. O agroturismo, por exemplo, com suas trilhas ecológicas, suas pousadas e restaurantes coloniais. É preciso também tornar o produto orgânico mais acessível àqueles com menor poder aquisitivo. Não se concebe a linha elitista que atingiu, mesmo com custos de produção menores que os produtos convencionais (entrevistado 6).

O *objetivo geral* e os *objetivos específicos* desta dissertação (página 42) estão diretamente vinculados a um processo de formulação de políticas e diretrizes estratégicas, orientado para uma sociedade multicêntrica - onde insere-se a vida rural, no contexto da sustentabilidade - sincronizado aos seguintes pressupostos, derivados do *paradigma paraeconômico*:

- a) Orientar as atividades produtivas para o sentido de comunidade e não, apenas, em função do sistema de mercado. Este - o mercado - deve ser "politicamente regulado e delimitado". Os processos alocativos devem prever transferências bidirecionais (numa estrutura convencional de custo/benefício, bem como transferências de sentido único (*grants*), ou economia de subvenções, Boulding, apud Ramos (1981a). Por se tratar de uma abordagem não convencional, é necessário a formação de uma perícia especializada, "destinada à formulação de políticas públicas, ao planejamento [...] e à elaboração orçamentária adequadas à delimitação dos sistemas sociais".
- b) Considerar que a realização humana "é inversamente proporcional ao consumo individual de produtos e artigos do mercado". A síndrome consumista estimulada por mecanismos do mercado compromete os recursos naturais e a própria ética. O mercado, na sua vertente industrial do tipo convencional, "é dotado de uma carga de fatores patogênicos, sem precedentes, que afetam a condição humana e a capacidade auto-regenerativa do ecossistema, em escala planetária" (RAMOS, 1981c, p.5) Promover o redirecionamento do sistema educacional para o crescimento dos indivíduos como pessoas e, só secundariamente, como detentores de emprego.
- c) Eleger o sistema convivial (presente nas isonomias e fenonomias) e a orientação comunitária como marcos referenciais para conduzir "ao tipo multidimensional de teoria política e organizacional (e de sua prática). Conceitual e operacionalmente qualificada para o encorajamento das atividades produtivas do cidadão e de sua autorealização" (RAMOS, 1981a, p.184-185).

O entrevistado 21 (agricultor e vereador em Santa Rosa de Lima), na sua visão unidimensional da vida rural considera que "o grande problema da colônia é a dificuldade

para vender nossos produtos; não existem outros problemas". E faz a seguinte avaliação das políticas de governo:

A prefeitura tem nos ajudado muito. Ela colocou brita, areia, barro e fez a terraplanagem para construir as agroindústrias. E não cobrou nada! Já para Santa Rosa, o governo do Estado foi o pior de todos que já passaram. Acabou com a Cidasc, e com a Epagri no município. O dinheiro que veio para a agricultura de Santa Rosa foi por intermédio do governo federal. Ele ajudou com mais de um milhão de reais! Seria bem melhor se o dinheiro que o Sebrae destinou para o Projeto Vida Rural Sustentável, fosse utilizado para pagar as agroindústrias construídas com o dinheiro do colono! Em lugar de destinar o dinheiro para treinamentos, cursos e consultorias, deveria ter financiado as agroindústrias a fundo perdido (entrevistado 21).

O entrevistado 23 (agrônomo e produtor rural em Santa Rosa de Lima) traça o seguinte quadro dos serviços públicos voltados ao desenvolvimento rural:

A pesquisa agropecuária ainda está ausente em muitos dos empreendimentos vinculados à agroecologia. Veja o exemplo da avicultura colonial. O Centro Nacional de Pesquisa em Suínos e Aves da Embrapa (Concórdia) ainda conserva uma visão essencialmente industrial para a atividade. Ela propõe um tipo de *pacote verde* para aqueles que se dedicam à produção de aves 'caipiras'. Um sistema de produção altamente dependente de insumos externos à propriedade rural e modulado para grande escala! Um outro problema decorre da absoluta falta de integração entre as organizações públicas que atuam aqui no município. Há uma disputa entre elas, prejudicando o atendimento ao agricultor. Chega a ser ridículo o tipo de relacionamento, por exemplo, entre a Epagri e a Prefeitura de Santa Rosa. Não se entendem, e cada uma puxa para seu lado, sempre no sentido de tirar vantagens. Afinal essas organizações têm um papel importante no apoio à agricultura familiar. Problemas na área da saúde humana conduzem a um despertar da consciência ecológica. Aqui mesmo existem exemplos de contaminação ambiental por dejetos de suínos. São granjas de grande escala que poluem as águas. Hoje o município apresenta um sério problema de *borrachudos*, infernizando a vida de muitos agricultores. [...] Um problema grave, que, literalmente, 'se sente na pele!' (entrevistado 23).

Em lugar do fenômeno da economia dual, Ramos propõe uma distinção entre mercado formal e informal, ressaltando que ambos "são espaços legítimos e permanentes de produção, que requerem tratamento governamental, sistemático e específico, como instrumentos que são de ocupação de mão-de-obra e de criação de riqueza" (RAMOS, 1981e, p.4). Propõe uma reformulação de diretrizes governamentais voltadas ao prestigamento dos sistemas comunitários ou conviviais:

A categorização dos sistemas comunais ou conviviais de produção e prestação de serviços vão se tornando mais importantes no provimento de oportunidades de ocupação aos indivíduos e, conseqüentemente, de atualização de sua capacidade criativa do que o sistema de empregos inerente ao mercado formal. [...] Torna-se hoje evidente que a disciplina

econômica marxista, clássica ou neoclássica, não oferece uma explicação cabal do processo de criação de riqueza real, principalmente porque no cálculo desta, não considera importantes variáveis sociais. [...] Contrariamente à teoria marxista, Polanyi<sup>209</sup> considerou o advento da sociedade regulada pelo mercado não como uma etapa necessária do processo histórico e, assim, um avanço ou progresso, mas como uma deformação da vida humana associada. Taxativamente, diz ele: 'A fraqueza genital da sociedade do século XIX não consiste em que foi industrial, mas em que foi uma sociedade regulada pelo mercado' (RAMOS, 1981e, p.4).

Ramos reconhece que ambientes rurais auto-suficientes e sistemas orientados para o lucro coexistem em todas as nações. Preconiza que "as *condições da vida rural* devem ser consideradas em seus próprios termos e protegidas contra a indiscriminada e destrutiva penetração do mercado", procurando assegurar o seu bem estar e aumentar "suas potencialidades de auto confiança" (RAMOS, 1981a, p.188-189).

Em sociedade alguma do passado, jamais os negócios foram a lógica central da vida da comunidade. Somente nas modernas sociedades de hoje o mercado desempenha o papel de força central, modeladora da mente dos cidadãos. [...] A sincronização da vida humana às exigências do sistema de mercado, dominante nas sociedades industriais contemporâneas, é fator crônico de uma patologia muito bem identificada, isto é, a alta incidência de apatia, alcoolismo, vício de drogas, insônia, colapso nervoso, estresse, suicídio, ansiedade, hipertensão, úlceras e doenças cardíacas. Deveríamos tentar entender a mensagem dessa patologia normal. (RAMOS, 1981a, p.172).

O *paradigma paraeconômico* constitui, portanto, uma alternativa para salvaguardar a vida rural dessa destrutiva penetração do mercado, delimitando-o, e possibilitando assim a construção da sustentabilidade.

Ao atender ao quarto *objetivo específico* desta dissertação, relaciona-se a seguir um conjunto de sete diretrizes estratégicas - derivado do arcabouço conceitual delimitativo e da política paraeconômica - capaz de viabilizar condições objetivas de sustentabilidade, no contexto dos municípios localizados nas encostas da serra geral catarinense:

- a) Formular políticas e alocar recursos públicos no sentido de privilegiar iniciativas voltadas à multidimensionalidade e à pluriatividade da vida no espaço rural. Isto significa contemplar as múltiplas dimensões constitutivas da condição humana: política, econômica, social e cultural. Implica também em apoiar as iniciativas comunitárias voltadas à ampliação do leque de atividades no espaço rural tais como: agroturismo, agroindústrias coloniais em rede, ensino profissionalizante, diversidade e ampliação das alternativas de produção agrícola (a exemplo de plantas medicinais e aromáticas, floricultura, aquicultura, apicultura, silvicultura, criação de aves,

---

<sup>209</sup> Karl Polanyi, em seu livro *A Grande Transformação: as origens da nossa época*.

javalis e outros pequenos e médios animais, dentro de princípios da agroecologia); programas de saúde à família; ampliação das oportunidades de cultura e lazer.

- b) Promover e criar condições para a diversidade multisetorial envolvendo ocupações agrícolas e não agrícolas, a partir da abordagem paraeconômica de produção e recursos, assim concebida (RAMOS, 1981a, p.197):

*A produção não é, necessariamente, um resultado de atividades desenvolvidas dentro dos limites do mercado. É constituída, antes, pelos resultados que contribuem para aumentar o gozo da vida e que, como tal, podem representar os resultados de atividades desenvolvidas no contexto de sistemas sociais não orientados para o mercado. Nesse sentido, os recursos são infinitos e não há limites à produção.*

- c) Preservar o patrimônio natural e cultural do território em estudo como uma das formas de atender à crescente valorização, das amenidades - *amenity values* - peculiares do espaço rural tais como as paisagens, segurança, águas limpas, ar puro, tranquilidade, silêncio, comida típica, alimentos saudáveis, clima agradável, hospitalidade, estilo de vida, retorno (nostálgico) às 'raízes', religiosidade, artesanato típico regional, manifestações folclóricas, dentre outras.
- d) Valorizar a produção e o consumo de produtos e alimentos orgânicos através do uso de tecnologias apropriadas. Numa primeira vertente, essa diretriz traz consigo a rejeição de agrotóxicos e de outros produtos de síntese química. Numa segunda, pressupõe a valorização do território, ao ressaltar a qualidade desses produtos e vincula-los à sua origem (com sabores, fragrâncias, formas e cores específicas), utilizando o marketing, em sua conceituação abrangente.
- e) Estimular e apoiar espaços de convivialidade - *isonomias* - voltados à satisfação de tópicos substantivos da vida comunitária e pessoal, bem como à formação e administração de *redes* de cooperação, atuantes nas múltiplas dimensões da vida humana associada.
- f) Ampliar as oportunidades de trabalho e ocupação para jovens e idosos<sup>210</sup> no espaço rural, bem como as alternativas de lazer e de valorização da cultura.
- g) Promover uma alavancagem institucional, no contexto das unidades familiares de produção, voltada ao processo de aprendizagem, acessando conhecimento e habilidades capazes de fazer do agricultor um pequeno empreendedor, resguardando os fundamentos da *paraeconomia*.

---

<sup>210</sup> Uma pesquisa revelou que metade dos idosos realizam uma média de três viagens anuais, derrubando o mito de falta de mobilidade dos mais velhos e destruindo a 'proposta de hotéis e clínicas geriátricas, Blecher (2003).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

Política é, por excelência, ciência ordenadora da vida humana associada e, por isso mesmo, suas categorias de pensamento são abrangentes: nenhum conhecimento que diz respeito ao ser humano, enquanto membro de uma comunidade, pode ser-lhe estranho. O fato de que, nos tempos modernos, a ciência política foi vitimada pela profissionalização é, ele mesmo, indicativo de uma deformação epistemológica.

Alberto Guerreiro Ramos  
(*Um conceito impopular em Ciência Social*, 1981)

Este estudo elegeu como tema central o resgate da multidimensionalidade inerente à vida humana em face da viabilização de uma vida rural sustentável. Realizou-se uma extensa (e intensa) pesquisa sobre o *estado da arte* envolvendo os fundamentos e pressupostos relativos ao tema central, abrangendo aspectos macrosociedade no geral e a vida rural no particular, numa abordagem transdisciplinar, atendendo ao primeiro *objetivo específico*.

Em estágio posterior procedeu-se a uma pesquisa de campo (estudo multicaso) nos municípios de Santa Rosa de Lima e Rancho Queimado, localizados nas encostas da serra geral catarinense, no contexto de uma abordagem territorial. A teoria da delimitação dos sistemas sociais constituiu o pano de fundo em todos os estágios desta dissertação.

No resgate histórico das raízes da civilização contemporânea, esta dissertação buscou as bases epistemológicas que, há quatro séculos, fundamentaram a sociedade centrada no mercado. Um fenômeno social e político conhecido como *perspectivismo*, utilizado inicialmente no domínio da pintura, criou o conceito de propriedade intelectual, desconhecido na Idade Média, e transformou o artista numa modalidade de empresário que passou a vender seus trabalhos de acordo com o preço de mercado.

A partir de Maquiavel - e na configuração das cidades-estado italianas de sua época - essa *metáfora perspectivista* estende-se para a conduta humana como um todo, ampliando o domínio do mercado que, até então, era restrito e limitado. Os valores humanos tornam-se *valores econômicos*, corroendo as bases substantivas - o *nous* - que até então haviam sido a referência maior para a condição humana. O mercado passa então a ordenar o processo de alocação de recursos e penetra em todas as dimensões do ser humano. O objetivo de civilizar é substituído então pelo objetivo de consumir, disfarçado sob o manto da modernização e, posteriormente, do 'desenvolvimento econômico', Arendt (1981a; 2000), Polanyi (1980), Ramos (1979; 1981a), Rezende (1983), Salm (2002).

O resgate das raízes do mundo contemporâneo permeou todo o arcabouço teórico-conceitual desta dissertação, ao contemplar os seguintes temas: transcendência e imanência, razão e racionalidade, cidadania e sistemas conviviais, tradição e modernidade, paixões e interesses, ética e felicidade, natureza e sentido da vida, dentre outros. Esse estudo, correspondente ao primeiro objetivo específico da dissertação, procurou relacionar esses temas com duas questões fundamentais para o ser humano: o significado de sua existência e a viabilidade de sua sobrevivência biológica.

Na busca de alternativas para o desafio da sustentabilidade, no contexto da vida rural, vários autores contribuíram para a clarificação de conceitos, tais como os de perduração, sustentabilidade, educação, saúde, lazer, qualidade de vida, territorialidade, agroecologia, pluriatividade, trabalho, ocupação, multidimensionalidade, conhecimento, sabedoria, tecnologia apropriada, política, poder, produção, recursos, bens primaciais, bens demonstrativos, entre outros.

No contraponto de uma sociedade unidimensional, e capturada pela ideologia do mercado, foram analisados novos fundamentos epistemológicos contidos na *Teoria da Delimitação dos Sistemas Sociais*, articulada por Ramos (1981a).

A partir da abordagem delimitativa, vários temas foram também estudados e posteriormente submetidos ao contexto da pesquisa de campo. Dentre eles destacam-se o paradigma paraeconômico (economia, isonomia, fenonomia, anomia, isolado) e seus conseqüentes desdobramentos: racionalidade substantiva e instrumental, modelos de homem (operacional, reativo e parentético) e teoria administrativa, paraeconomia, lei dos requisitos adequados, interação simbólica, política cognitiva, emprego e identidade, síndrome comportamentalista e outros pontos contidos na *nova ciência das organizações*<sup>211</sup>.

A pesquisa de campo - um *estudo exploratório* em dois municípios das encostas da serra geral catarinense - utilizou métodos qualitativos para verificar, em nível empírico, as circunstâncias e a possível viabilização de uma *política paraeconômica* no território estudado.

Foram realizadas 24 entrevistas em Santa Rosa de Lima (14) e Rancho Queimado (10), ocasião em que todos os sentidos do entrevistador foram canalizados para estimular e fluxo natural e espontâneo das informações coletadas.

Nesse período (dezembro de 2002 a fevereiro de 2003), as entrevistas semi-estruturadas, no contexto da observação não participante, procuraram captar percepções,

---

<sup>211</sup> Na concepção de Ramos (1981a), a *nova ciência das organizações* abrange temas vinculados à *administração pública, administração de empresas privadas*, bem como ao campo da *economia, ciência política*, e outras áreas das *ciências sociais* (humanidades)

atitudes, crenças, valores e visões de mundo e de vida por parte dos 24 entrevistados: líderes formais e informais, técnicos, professores e pequenos agricultores (jovens e idosos) que vivem ou mantêm fortes vínculos com o espaço rural pesquisado.

O pressuposto de que a política, como ciência reguladora e ordenadora da vida humana, implica em abrangentes categorias de pensamento, Ramos (1981i), orientou a pesquisa de campo, bem como sua posterior análise e interpretação, a contemplar os seguintes tópicos, inerentes aos *objetivos geral e específicos* desta dissertação: fluxos migratórios (êxodo rural e urbano), sociedade de consumo, educação, saúde, saneamento, lazer, meio ambiente, cultura, relações urbano-rurais, identidade (ênfatisando jovens e idosos), organização comunitária, produção e comercialização agrícolas, geração de emprego e renda, diversidade rural, agroturismo e turismo de segunda residência, poder, conflito, crédito rural, transferências uni e bi-direcionais, pesquisa agrícola, extensão rural, modernização agrícola, 'revolução verde', economia dual, desenvolvimento territorial, autonomia, perduração, qualidade de vida, educação, aprendizagem, comunicação, qualidade dos recursos hídricos, agroecologia, produção orgânica, espiritualidade, energização, romantismo, nostalgia, transcendência, imanência, lei dos requisitos adequados (tecnologia, tamanho, cognição, espaço e tempo), política paraeconômica, sistemas comunitários e conviviais, oportunidades para os jovens e vida afluenta para os idosos, espaços isonômicos e fenonômicos.

Ao se confrontar os resultados da pesquisa de campo e o arcabouço teórico-conceitual da dissertação, verifica-se que o estudo exploratório revela um certo grau de sincronicidade entre categorias do paradigma paraeconômico e o modo de vida existente no território pesquisado, refletindo assim a perspectiva de *resgate da multidimensionalidade da vida humana e a viabilidade de uma vida rural sustentável (objetivo geral)*.

Ao lado de visíveis manifestações do caráter unidimensional da sociedade entrada no mercado, coexistem posições que ampliam a dimensão existencial para além do mundo exclusivamente imanente.

Depoimentos afirmando que "o que integra efetivamente o sujeito é a venda de seus produtos"; ou correlacionando o êxodo rural à dimensão econômica: "a principal causa foi a busca de mais dinheiro"; ou ainda, referindo-se aos desafios inerentes à vida rural: "não existem outros problemas além da renda. A nossa dificuldade é uma só: vender nossos produtos". Todos eles configuram uma tendência para o caráter unidimensional da vida.

Por outro lado, há inúmeros entrevistados que, ao expressar opiniões, crenças e valores - reforçados, inclusive, com o testemunho de suas existências - demonstram existir espaços e



sensibilidades capazes de viabilizar uma vida rural sustentável, a partir de critérios multidimensionais (*objetivo geral*).

São entrevistados que revelam uma integração de caráter transmanente à agricultura: "a propriedade rural deve ser espiritualizada [...] a partir de uma fé corporificada na vida prática"; ou "a gente sente uma força divina em tudo que há no mundo"; outros que acenam com o romantismo e a nostalgia como elementos que valorizam o meio rural: "junte-se ao frio, uma montanha, uma cachoeira, um chalé, uma lareira, um bom vinho e uma sanfona, tudo isso traz o romantismo"; ou então aqueles que, mesmo desprovidos das categorias do paradigma paraeconômico, estão vivenciando espaços isonômicos e fenonômicos: "Aqui existe um fenômeno que dificilmente ocorre em cidades maiores - a relação afetuosa de comunidade" (isonomia); "A agricultura familiar ainda é um dos poucos espaços onde existe, de fato, uma convivência familiar saudável" (fenonomia).

Aqueles primeiros - encapsulados pelo unidimensionalismo - acreditam que o dinheiro (um dos valores contidos na ideologia do mercado) é o denominador comum para a vida das pessoas e das sociedades.

Os últimos - com a perspectiva multidimensional - estão, talvez, inseridos num processo em que uma *boa vida*<sup>212</sup> deve ser direcionada na busca de valores como a virtude, a ética, a espiritualidade, a felicidade, a conexividade (convivialidade) a perduração, e outros que não são do domínio e nem aferidos pelo sistema de mercado, Aristóteles (1980), Whitehead (1967). Esse grupo de entrevistados ensejam a possibilidade de implementação das políticas e diretrizes (páginas 196-197) voltadas à construção de uma *sociedade multicêntrica*.

No que diz respeito a uma vida sustentável, não basta viver. É imperativo *viver bem*, onde "a vida cívica é um fim em si mesma, ao qual subordina-se a produção de bens e serviços" (RAMOS, 1979, p.11).

Um dos componentes da vida cívica é a relação homem-natureza. A análise da questão ambiental (páginas 33 a 37 e 125 a 138) revela que, as chamadas *externalidades*, decorrem da ação deletéria do homem *sobre* a natureza. Essas externalidades já superaram os limites suportáveis, provocando danos irreparáveis na biosfera, inclusive para os seres humanos (terceiro *objetivo específico*).

Além das alterações climáticas provocadas pelo fenômeno do *aquecimento global*, agentes químicos sintéticos vem alterando delicados sistemas hormonais que têm um papel

---

<sup>212</sup> Boa vida, virtude, ética, felicidade, compreendidos a partir de categorias elaboradas por clássicos gregos como Sócrates, Platão e Aristóteles .

fundamental desde o desenvolvimento sexual humano, até suas funções neurológicas, inteligência e o sistema imunológico, Colborn et al. (2002).

Juntamente com os componentes econômico, social, cultural e político, a questão ambiental é essencial para a construção da *sustentabilidade*. A busca da *perduração*<sup>213</sup>, com suas implicações no território estudado, demanda um conjunto de políticas (quarto *objetivo específico*) que transcende à questão ambiental tais como, Ramos (1981a), Sachs (1986), Capra (2002):

- a) a satisfação das necessidades básicas (diferente dos desejos) do ser humano, correspondentes aos *bens primaciais* e não aos *bens demonstrativos*;
- b) a solidariedade e o compromisso com as gerações futuras;
- c) a participação dos diferentes enclaves sociais na análise e encaminhamento de soluções;
- d) a preservação dos recursos naturais e do meio ambiente em geral restando e, se possível, delimitando o caráter exauridor dos macrossistemas contemporâneos centrados no mercado;
- e) a utilização da *paraeconomia* como modelo multicêntrico de alocação de recursos, garantindo a empregabilidade, a segurança, o respeito às diferentes culturas e outras dimensões que possibilitem uma estimulação qualitativa da vida humana;
- f) programas de educação baseados em redes, ciclos, energia solar, alianças (parcerias), diversidade e equilíbrio dinâmico, princípios ecológicos básicos relacionados à sustentação da vida;

Vale finalmente ressaltar que a *boa vida* é essencialmente encontrada nos pequenos grupos (*isonomias* e *fenonomias*). Nesses espaços torna-se possível a decantada harmonia entre gerações, onde os jovens possam conviver com as gerações que os antecederam, e os mais idosos encontrem na vida familiar e na comunidade testemunhos de amor, amizade, respeito, bondade, caridade e solidariedade, Dahl e Lindblom (1963). Dessa forma ampliam-se as oportunidades e a qualidade da vida no espaço rural, reduzindo o fluxo migratório rural-urbano (segundo *objetivo específico*).

O caráter abrangente do tema, longe de esgotar-se nos limites desta dissertação, descortina uma agenda ampla e diversificada suscitando pesquisas e estudos. Dentre eles, destacam-se os seguintes:

---

<sup>213</sup> "A *perduração* é a retenção, através do tempo, de uma realização de valor. O que persiste é a identidade de padrão, autolegada. A *perduração* requer ambiente favorável. Toda a ciência gira em torno de organismos que perduram" (WHITEHEAD, apud RAMOS, 1981a, p.199).

- a) Aprofundar políticas e mecanismos institucionais capazes de oportunizar uma existência mais substantiva junto aos jovens e idosos do meio rural.
- b) Viabilizar a geração e o uso sustentável de energias alternativas no espaço rural: eólica, solar, pequenas hidroelétricas, uso da biomassa, dentre outras.
- c) Adequar o aparato público institucional à viabilização de uma vida rural sustentável, em conformidade com o paradigma paraeconômico: sistema financeiro (crédito rural, Pronaf), sistemas de pesquisa e extensão rural, sistema educacional, sistema de saúde, sistema de transporte e armazenagem, sistema tributário e fiscal, logística da produção ao abastecimento, dentre outros.
- d) Pesquisar modelos alternativos de formulação, implementação e avaliação de políticas e *escolhas públicas* voltados à preservação e viabilização de sistemas conviviais no espaço rural catarinense, dentro do arcabouço conceitual de uma sociedade multicêntrica, protegida contra a indiscriminada e destrutiva penetração do mercado.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ABEND, B et al. **Canada**. Stuttgart: Baedeker, 1992.
- ABREU, A. Professor Alcides Abreu: um construtor do futuro. **Revista Agropecuária Catarinense**, Florianópolis, v. 12, n. 3, p. 54-57, set. 1999. Entrevista concedida a Francisco da Cunha Silva.
- ABREU, A. **Economia de mercados emergentes: exercício de futuro de pessoa com renda de até US\$ 1/ dia**. Florianópolis: Unisul; Flórida: University of Atlantic Coast (EUA), 2002. (não publicado).
- ABREU, H. **O outro lado do poder**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.
- ADLER, M. J. **Ten philosophical mistakes**. New York: Collier Books, 1987.
- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 2002.
- ALCÂNTARA, E.; SALGADO, E. A vitória dos ricos na globalização. **Veja**, São Paulo, ed. 1753, p. 96-103, 29 mai 2002.
- ALCÂNTARA, E.; LORES, R. J. O império está nu. **Veja**, ed. 1762, p.86-91, 31 jul. 2002.
- ALCÂNTARA, E. A máquina de guerra. **Veja**, ed. 1795, p. 59-62, 26 mar. 2003a.
- \_\_\_\_\_. A hora dos radicais. **Veja**, ed.1796, p.62-67, 2 abr. 2003b.
- ALMANAQUE Brasil Abril. São Paulo: Abril, 2002.
- ALMANAQUE Mundo Abril. São Paulo: Abril, 2002.
- ALMANAQUE Mundo Abril. São Paulo: Abril, 2003.
- ALMEIDA, J.; NAVARRO, Z. (organizadores) **Reconstruindo a agricultura: idéias e ideais na perspectiva do desenvolvimento rural sustentável**. Porto Alegre: UFRGS, 1998.
- ALVES, M. M. Aposentados de SC abaixo da média. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 26 jul. 2002, p. 19.
- ANDRADE, G. E. Cultura, arte e lazer. In: **Terceira Idade: alternativas para uma sociedade em transição**. Organização Renato Peixoto Veras. Rio de Janeiro: Relume Dumará; EERJ, 1999, p.191-200.
- A ORIGEM do homem. Direção Andrew Piddington. Londres: Granada : Dist. Discovery Channel, 2000: 1 filme (110 min): son., color.
- APPLEBY, J. O. **Economic thought and ideology in seventeenth-century England**. London: Princeton University Press, 1980.
- AQUINO, S. T. **O ente e a essência; Questões discutidas sobre a verdade; Súmula contra os gentios; Compêndio de teologia; Textos sobre a súmula teológica**. São Paulo: Nova Cultural, 2000. Coleção Os Pensadores.

ARANA, L. V. **Aquicultura e desenvolvimento sustentável**: subsídios para a formulação de políticas de desenvolvimento da aquicultura brasileira. Florianópolis: UFSC, 1999.

ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. 4. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1968

\_\_\_\_\_. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Rio de Janeiro: Salamandra; São Paulo: Editora da USP, 1981a.

\_\_\_\_\_. A sociedade dos consumidores. **O Estado de São Paulo**, 12 abr. 1981b. Cultura, v. 1, n. 44, p. 6-7.

\_\_\_\_\_. **As origens do totalitarismo**: imperialismo, a expansão do poder. Rio de Janeiro: Documentário, 1976.

\_\_\_\_\_. **As origens do totalitarismo**: o paroxismo do poder. Rio de Janeiro: Documentário, 1979.

\_\_\_\_\_. **A vida do espírito**: o pensar, o querer, o julgar. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2000.

\_\_\_\_\_. **Hannah Arendt-Martin Heidegger**: correspondência 1925/1975. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

ARISTÓTELES. **A política**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Martin Claret, 2001a.

\_\_\_\_\_. **Metafísica: livro 1 e livro 2; Ética a Nicômaco; Poética**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

\_\_\_\_\_. **Política**. São Paulo: Martin Claret, 2001b.

\_\_\_\_\_. **The Politics**. Oxford (England): Oxford University Press, 1980.

ARNOLD K.; WADE, P. **New England's best-loved driving tours**. New York: Macmillan Travel, 1997.

ATLAS of the World. London: Times Books & Bartholomew, 1994.

AUBENQUE, P. Aristóteles. In: HUISMAN, D. **Dicionário dos filósofos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 61-72.

AUBERT, C. **A industrialização da agricultura**: salvação os suicídio da humanidade? Porto (Portugal): Afrontamento, 1977.

AZEVEDO, F. Educação e progresso segundo Whitehead. **Revista da Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro, v. 7, p. 299-314, mai. 1966.

AZEVEDO, M. N. Tao Té Ching. In: LAO TSÉ, **O livro do caminho perfeito**. São Paulo: Editora Pensamento, 1998. p.xi-xii.

\_\_\_\_\_. Perspectiva budista na virada do século. In: **Transcendência e mundo na virada do século**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993. p. 135-150.

BACHELARD, G. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

\_\_\_\_\_. **Epistemologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

BAHIA, C. Brasil melhora desenvolvimento social. Florianópolis, **Diário Catarinense**, 24 jul. 2002, p. 4-5.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

BARKER, E. **The historical background of *The Politics***. Oxford (England): Oxford University Press, 1980.

\_\_\_\_\_. **Teoria política grega: Platão e seus predecessores**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1978.

BARRÈRE, J. J. Friedrich Engels. In: HUISMAN, D. **Dicionário dos filósofos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p.327-333.

BARZUN, J. **Da alvorada à decadência: a história da cultura ocidental de 1500 aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BASTOS, A. Estado tem alto desempenho social. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 30 dez. 2002, p.18-19.

BAUDELAIRE, C. **A modernidade de Baudelaire**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

\_\_\_\_\_. **Tela total: mito-ironias da era virtual e da imagem**. Porto Alegre: Sulina, 1999.

\_\_\_\_\_. **A troca simbólica e a morte - I**. Lisboa: Edições 70, 1996.

BAYLEY, K. D. **Methods of social research**. 2. ed. New York: The Free Press, 1982.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Schwarcz, 1986.

BERTAGNOLI, A. Prefácio da obra *Ecce Homo*. In: NIETZSCHE, F. **Ecce Homo**. São Paulo: Martin Claret, 2000, p. 25-30.

BETING, J. A sombra asiática. **O Estado de São Paulo**, 30 ago. 2002, p. B2.

BÍBLIA, A. T. Profetas. **Bíblia Sagrada**: Trad. De João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Editora Vida, 1988. Cap. 12, vers. 5.

BINSWANGER, H. C. Fazendo a sustentabilidade funcionar. In: CAVALCANTI, C. (org.). **Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas**. 3. ed. São Paulo: Cortez: Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2001, p. 41-55.

BLECHER, N. Mitos encanecidos. **Exame**, São Paulo, ed. 787, p;81, 12 mar. 2003.

BOBBIO, N. **Tratado geral da política: a filosofia política e as lições dos clássicos**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

BOFF, L. **São Francisco de Assis: ternura e vigor, uma leitura a partir dos pobres**. 8 ed. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2000a.

\_\_\_\_\_. **Tempo de transcendência: o ser humano como um projeto infinito.** 2. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000b.

BOUTANG, P. Sócrates. In: HUISMAN, D. **Dicionário dos filósofos.** São Paulo: Martin Claret, 2001, p. 927-938.

BOYTE, H. C. **The backyard revolution: understanding the new citizen movement.** Philadelphia (USA): Temple University Press, 1980.

BRAFMAN, L.; PAULA, N. Um país rico, com muitos pobres. **Jornal do Brasil,** Rio de Janeiro, 21 abr. 2002.

BROCKWAY, G. P. **A morte do homem econômico: princípios para uma economia no futuro.** São Paulo: Nobel, 1995.

BRÜSEKE, F. J. O problema do desenvolvimento sustentável. In: CAVALCANTI, C. (org.) **Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável.** São Paulo: Cortez; Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2001. p. 29-40.

BUARQUE, C. **O colapso da modernidade brasileira e uma proposta alternativa.** 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

BUCHALA, A. P. O preço da gordura. **Veja,** São Paulo, ed.1797, p.102-103, 9 abr. 2003.

BUCK, S.; HOHENSTATT, P. **Rafael: grandes maestros del arte italiano.** Colônia (Alemanha): Könemann Verlagsgesellschaft mbH, 2000.

BURNS, S. **The household economy: its shape, origins and future.** Boston (USA): Bacon Press, 1971.

CAMPOS, E. **Sociologia da burocracia.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

CAMPOS, R. R. et al. Turismo em Santa Catarina. In: VIEIRA, P. F. **A pequena produção e o modelo catarinense de desenvolvimento.** Florianópolis: APED, 2002. p. 209-261.

CAPRA, F. **O tao da física: um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental.** São Paulo: Cultrix, 1984.

\_\_\_\_\_. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos seres vivos.** São Paulo: Cultrix, 1999.

\_\_\_\_\_. **As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável.** São Paulo: Cultrix, 2002.

CARDOSO, F. H. Ontem, hoje e amanhã. **Exame.** São Paulo: ed. 766, n. 10, p. 44-49, 15 mai. 2002.

CARDOSO, F. H.; MBEKI, T.; PERSSON, G. Podemos trabalhar juntos. **Folha de São Paulo,** 01 set. 2002, p. A3.

CARNEIRO, M. J. O ideal *rurbano*: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: **Mundo rural e política: ensaios interdisciplinares.** Rio de Janeiro: Campus, 1998, p. 95-117.

CARRANCA, A. Estudo da ONU mostra como o Brasil melhorou. **O Estado de São Paulo,** 28 dez. 2002, p. A11.

CARVALHO, M. et al. **Território e sociedade: entrevista com Milton Santos.** 2. ed. São Paulo. Ed. Fundação Perseu Abramo, 2000.

CASTOR, B. V. J. **Tecnologia apropriada e estratégias de desenvolvimento**. Florianópolis: Fundação Itep, 1980.

\_\_\_\_\_. **O Brasil não é para amadores: estado, governo e burocracia na terra do jeitinho**. Curitiba: EBEL; IBQP-PR, 2000.

CASTRO, A. C. *Agribusiness* brasileiro e o papel do sistema de transportes intermodal. In: **Mundo rural e política: ensaios interdisciplinares**. Rio de Janeiro: Campus, 1998, p.177-208.

CASTRO, C. M. Em defesa da baixa tecnologia. **Veja**, São Paulo, p. 22, 28 out. 1998.

CASTRO, J. **Geopolítica da fome: ensaio sobre os problemas de alimentação e população do mundo**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961.

CASTRO, R. **A onda que se ergueu no mar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CAVALCANTI, C. (org.). **Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável**. 3. ed. São Paulo: Cortez; Recife, PE: Fundação Joaquim Nabuco, 2001a.

\_\_\_\_\_. Breve introdução à economia da sustentabilidade. In: CAVALCANTI, C. (org.). **Desenvolvimento e natureza**. 3. ed. São Paulo: Cortez; Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2001a. p. 17-25.

\_\_\_\_\_. Sustentabilidade da economia. In: CAVALCANTI, C. (org.). **Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável**. 3. ed. São Paulo: Cortez; Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2001a. p. 153-174.

\_\_\_\_\_. **Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas**. 3 ed. São Paulo: Cortez: Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2001b.

CAZELLA, A. A. **Développement local et agriculture familiale: les enjeux territoriaux dans le département de l'Aude, Tours (France)**, 2000, 390 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas e Sociais) - École Doctorale Science de l'Homme et de la Societé - Université François Rabelais (France).

CAZELA, A. A. et al. Associativismo e cooperativismo: o terceiro setor no desenvolvimento rural catarinense. In: VIEIRA, P. F. (org.) **A pequena produção e o modelo catarinense de desenvolvimento**. Florianópolis: APED, 2002. p.59-110.

CERRI, C. Orgânicos: o sabor do século 21. **Globo Rural**, n.189, p.47-55, jun. 2001.

CHADWICK, D. H. O reino dos corais. **National Geographic**, São Paulo v. 1, n. 9, p.80-109, jan. 2001.

CHANLAT, J. F. **O indivíduo na organização: dimensões esquecidas**. São Paulo, Atlas, 1992.

\_\_\_\_\_. **Ciências sociais e management** São Paulo: Atlas, 2000.

CHARDIN, P. T. **O fenômeno humano**. 3. ed. Porto (Portugal): Livraria Tavares Martins, 1970.

CIVITA, V. **Rafael**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. Coleção Mestres da Pintura.

CLARET, M. **A essência do espírito**. São Paulo: Martin Claret, 1999.

\_\_\_\_\_. **A essência do poder**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2001.



\_\_\_\_\_. **A essência da sabedoria**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

COHEN, D. O risco Estados Unidos. **Exame**, São Paulo ed. 771, p. 42-51, 24 jul. 2002.

COLBORN, T.; DUMANOSKI, D.; MYERS, J. P. **O futuro roubado**. Porto Alegre: L&PM, 2002.

COTTEN, J. P. Martim Heidegger. In: HUISMAN, D. **Dicionário dos filósofos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p.472-479.

COURTOIS et al. **O livro negro do comunismo: crimes, terror e repressão**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CRUZ JÚNIOR, J. B. Organização e administração: aspectos econômicos, políticos e sociais de um paradigma emergente. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro v. 22, n. 3, p. 3-21, jul/set 1988a.

\_\_\_\_\_. Apontamentos de aulas na disciplina **História do Pensamento Administrativo** (Mestrado em Administração - UFSC), 2001a.

\_\_\_\_\_. O descrédito da filosofia política. **Factos & Idéias**. Braga (Portugal) n. 6-7, p. 175-194, dez. 1988b.

CRUZ JÚNIOR, J. B.; TACHIZAWA, T.; ROCHA, J. A. O. **Gestão de negócios: visões e dimensões empresariais da organização**. São Paulo: Atlas, 2001b.

CUNHA, C. E. F. **Planejamento estratégico em empresa pública versus empresa privada: estudo de caso Epagri e Macedo Koerich S. A.** Florianópolis, 1998. 142 f. Dissertação (mestrado em engenharia da produção) - Departamento de Engenharia de Produção e Sistemas, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.

CUNHA, C. E. F. **Agências de propaganda x mercado anunciante: adaptação de agências de propaganda de Florianópolis às novas tecnologias, mídias e mudanças no mercado anunciante**. Florianópolis, 2002. 226 f. Tese (doutorado em Engenharia de Produção) - Departamento de Engenharia de Produção e Sistemas, Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC.

CUNHA, C. R. F. **Exuberante passividade: um estudo do indivíduo na pós-modernidade, a partir de sua representação na obra de Lucien Freud**. Florianópolis, 2002. 102 f. Monografia (graduação no Bacharelado de Artes Plásticas - Pintura e Gravura), Departamento de Artes Plásticas, Universidade do Estado de Santa Catarina -UDESC.

CUNHA, I. J. Dinâmica geográfica e desenvolvimento industrial em Santa Catarina. In: SIEBERT, C. **Desenvolvimento regional em Santa Catarina: reflexões, tendência e perspectivas**. Blumenau: Edifurb, 2001, p.119-138.

CUNHA, M. J. F. **Mudança estratégica em uma organização do setor público agrícola do Estado de Santa Catarina**. Florianópolis, 1998. 172 f. Dissertação (mestrado em Engenharia de Produção)- Departamento de Engenharia de Produção e Sistemas, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.

CURTIS et al. **New England**. New York: Macmillan Travel, 1998.

CZINKOTA, M. R. **Marketing: as melhores práticas**. Porto Alegre: Bookman, 2001.

DAHL, R. A.; LINDBLOM, C. E. **Politics, Economies and welfare**. New York, Harper & Row, 1963.

DALL'ALBA, J. L. **O vale do Braço do Norte**. Orleans: Ed. do autor, 1973.

DALY, H. E. Políticas para o desenvolvimento sustentável. In: CAVALCANTI, C. (org). **Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas**. 3 ed. São Paulo: Cortez; Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2001, p. 179-192.

D'ALLONNES, M. R. Hannah Arendt. In: HUISMAN, D. **Dicionário dos filósofos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 417.

DALMAZO, L. N.; SORRENSON, W. J.; FIGUERÓ, N. **Objetivos e atitudes dos pequenos agricultores diante de novas tecnologias**. Florianópolis: Epagri, 2002.

D'AGOSTINI, L. R. **Erosão**: o problema mais que o processo. Florianópolis: UFSC, 1999.

DANN, G. M. S. Não há empreendimentos como os empreendimentos de outrora: o turismo, a indústria da nostalgia do futuro. In: THEOBALD, W. F. **Turismo global**. São Paulo: Senac, 2001, p.53-65.

DANSEREAU, P. O avesso e o lado direito: a necessidade, o desejo e a capacidade. In: **Ecologia humana, ética e educação**: a mensagem de Pierre Dansereau. Porto Alegre: Pallotti, 1999. p. 373-427.

DEGANGE, A. Erich Fromm. In: HUISMAN, D. **Dicionário dos filósofos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DE MASI, D. **A emoção e a regra**: os grupos criativos na Europa de 1850 a 1950. 7 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999a.

\_\_\_\_\_. **A sociedade pós-industrial**. 2. ed. São Paulo: Ed. Senac, 1999b.

\_\_\_\_\_. **O futuro do trabalho**: fadiga e ócio na sociedade pós-industrial. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: UnB, 1999c.

\_\_\_\_\_. **O ócio criativo**: entrevista a Maria Selena Palieri. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DESENVOLVIMENTO e meio ambiente no Brasil: a contribuição de Ignacy Sachs. Organizadores: Paulo Freire Vieira et al. Porto Alegre: Pallotti; Florianópolis: APED, 1998.

DEUTSCH, K. A natureza da política. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 05 mar. 1983. Caderno de Programas e Leituras, p.3.

D'HONT, J. Georg Wilhelm Friedrich Hegel. In: HUISSMAN, D. **Dicionário dos filósofos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DIAMOND, J. M. **Armas, germes e aço**: os destinos das sociedades humanas. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

DICKSON, P. R. Introdução ao marketing. In: CZINKOTA, M. R. **Marketing**: as melhores práticas. Porto Alegre: Bookman, 2001a. p. 24-41.

\_\_\_\_\_. Ambiente de Marketing e responsabilidade social. In: CZINKOTA, M. R. **Marketing**: as melhores práticas. Porto Alegre: Bookman, 2001b. p.42-71.

D'OLIVEIRA, A. M. Vida e obra de Wittgenstein. In: WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 5-16.

DONIAK F. A. **A participação da comunidade no desenvolvimento local**: uma necessidade do século XXI. Florianópolis, 2000. 97 f. Monografia (graduação em Agronomia), Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.

\_\_\_\_\_. **Participação comunitária no processo de desenvolvimento local**: estudo do caso do município de Rancho Queimado. 2002. 161 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia da Produção) - Departamento de Engenharia de Produção e Sistemas, Universidade Federal de Santa Catarina.

DRUCKER, P. **Sociedade pós-capitalista**. São Paulo: Pioneira; Publifolha, 1999.

DUIALIBI, R. **Dualibi das citações**. São Paulo: Mandarin, 2000.

DUPOUEY, P. Jürgen Habermas. In: HUIMAN, D. **Dicionário dos filósofos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 453-461.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

ENCICLOPÉDIA Abril. São Paulo: Abril Cultural, 1973. 12 v.

ECOLOGIA humana, ética e educação: a mensagem de Pierre Dansereau. Organizadores Paulo Freire Vieira e Maurício Andrés Ribeiro. Porto Alegre: Pallotti; Florianópolis: APED, 1999.

ENCICLOPÉDIA do mundo contemporâneo. São Paulo: Publifolha; Rio de Janeiro: Terceiro Milênio, 1999.

ENGELS, F. **Dialética da natureza**. Lisboa: Presença, 1974.

\_\_\_\_\_. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. São Paulo: Global Editora, 1980.

\_\_\_\_\_. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

EPAGRI, **Programa de melhoria ambiental para as regiões suinícolas do litoral sul de Santa Catarina**. Tubarão, 1998.

FAORO, R. **Os donos do poder**: formação do patronato político brasileiro. 15. ed. São Paulo: Globo, 2000. 2 v.

FERGUSON, M. **A conspiração aquariana**: transformações pessoais e sociais nos anos 80. 12 ed. Rio de Janeiro: Record; Nova Era, 2000.

FOLGATO, M. No Brasil, 70 milhões acima do peso. **O Estado de São Paulo**. 02 fev. 2003, p. A13.

FOLHA DE SÃO PAULO. ONU prevê 4 bilhões sem água em 2025. 14 ago. 2002. p.14.

FRANÇA, R.; SOARES, L. Balança mas não cai. **Veja**. São Paulo, ed.1765, p. 92-97. 21 ago. 2002.

FRANCO, G. Globalização e exportação. **Veja**, São Paulo, n.1760, p. 94, 17 jul 2002.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido**. 13. ed. São Leopoldo (RS): Editora Sinodal; Petrópolis (RJ): Vozes, 2001.

- \_\_\_\_\_. **Fundamentos antropológicos da psicoterapia.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- \_\_\_\_\_. **Extensão ou comunicação.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. **Sobre educação: diálogos.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- FRIEDMAN, M.; FRIEDMAN, R. O poder do mercado e o papel do governo. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 21 mai. 1983. Caderno de Programas e Leituras, p. 6-7.
- FROMM, E. **Psicanálise e religião.** Rio de Janeiro: Livro Íbero Americano, 1962.
- \_\_\_\_\_. **A sobrevivência da humanidade.** 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- \_\_\_\_\_. **Ter ou ser.** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- \_\_\_\_\_. **Meu encontro com Marx e Freud.** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1964.
- FUKUOKA, M. **Agricultura natural: teoria e prática da filosofia verde.** São Paulo: Nobel, 1995.
- FURTER, P. **Educação e vida: uma contribuição à definição de educação permanente.** Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 1966.
- GALBRAITH, J. K. **A economia & objetivo público.** São Paulo: Martins Editora, 1975.
- \_\_\_\_\_. **A era da incerteza.** São Paulo: Pioneira, 1980.
- \_\_\_\_\_. **Uma vida em nossos tempos.** Brasília: UnB, 1985.
- GARCIA, R. A via de um guerreiro, com sabedoria e senso de humor: uma sinopse da obra de Guerreiro Ramos. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 107-125, jan./mar. 1983.
- GEORGESCU-ROEGEN, N. **The entropy law and the economic process.** Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1976.
- GEORGE, S. **O mercado da fome: as verdadeiras razões da fome no mundo.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- GESTÃO de recursos naturais e desenvolvimento: novos desafios para a pesquisa ambiental. Paulo Freire Vieira e Jacques Weber (organizadores). 2 ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- GIACOLA JUNIOR, O. **Nietzsche.** São Paulo: Publifolha, 2000.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GINESTIER, P. Adam Smith. In: HUISMAN, D. **Dicionário dos filósofos.** São Paulo: Martins Fontes: 2001.
- GIRDWOOD, C. R. Delimitação de sistemas sociais. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 84-93, jan./mar. 1983.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. 2. ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2001.

GODOI, C. K. **Psicanálise e organizações**. Florianópolis, 1995. 125 f. Dissertação (mestrado em Administração) - Curso de Pós-Graduação em Administração, Centro Sócio-Econômico, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GOODLAND, R. Sustentabilidade ambiental: comer melhor e matar menos. In: CAVALCANTI, C. (org). **Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas**. 3 ed. São Paulo: Cortez: Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2001.

GOODWIN, B. **South Pacific**. New York: Simon & Schuster, 1996.

GORDON, R. **A assustadora história da medicina**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995.

GRAZIANO NETO, F. **Questão agrária: crítica da moderna agricultura**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

GREENE, R. **As 48 leis do poder**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

GUERREIRO, T.; RODRIGUES, R. Envelhecimento bem sucedido: utopia, realidade ou possibilidade? Uma abordagem transdisciplinar da questão cognitiva. In: **Terceira idade: alternativas para uma sociedade em transição**. Organização Renato Peixoto Veras Rio de Janeiro: Relume Dumará; UERJ, 1999, p.51-69.

GUIMARÃES, A. P. **A crise agrária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HABERMAS, J. **O discurso filosófico da modernidade**. Rio de Janeiro: Publicações Dom Quixote, 2000.

\_\_\_\_\_. **Conhecimento e interesse**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

\_\_\_\_\_. **A constelação pós-nacional: ensaios políticos**. São Paulo: Litlera Mundi, 2001.

\_\_\_\_\_. **Teoria analítica da ciência dialética; Conhecimento e interesse; Técnica e ciência enquanto ideologia**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. Coleção Os Pensadores.

HALLOWELL, J. H. Editor's preface. In: VOEGELIN, E. **From enlightenment to revolution**. 5. ed. Durham, NC (USA): Duke University Press, 1995.

HAMEL, G.; PRAHALAD, C. K. **Competindo pelo futuro**. Rio de Janeiro: Campus, 1995.

HANDY, C. **Além do capitalismo**. São Paulo: Makron Books, 1999.

HARMAN, W. HORMANN, J. O colapso do velho paradigma. In: RAY, M.; RINZLER, A. **O novo paradigma nos negócios: estratégias emergentes para liderança e mudança organizacional**. São Paulo: Cultrix, 1993.

HARMAN, W. **Uma total mudança de mentalidade**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

HART, M. H. **As 100 maiores personalidades da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2001.

HASTINGS, M. A globalização da obesidade. **O Estado de São Paulo**, 02 fev. 2003, p.A12-A13.

HAWKING, S. **O universo numa casca de noz**. São Paulo: Mandarim, 2001.

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do espírito; Estética: a idéia e o ideal; Estética: o belo artístico e o ideal; Introdução à história da filosofia**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. Coleção Os Pensadores.

HEIDEGGER, M. **Conferências e escritos filosóficos**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. Coleção Os Pensadores.

HELLER, R. **Entenda e ponha em prática as idéias de Peter Drucker: o pioneiro da teoria e prática da administração moderna**. São Paulo: Publifolha, 2000.

\_\_\_\_\_. **Entenda e ponha em prática as idéias de Charles Handy: o visionário da mudança do mercado de trabalho**. São Paulo: Publifolha, 2001.

HESS, R. Jean Baudrillard. In: HUISMAN, D. **Dicionário dos filósofos**. São Paulo, Martins Fontes, 2001, p.120-121.

HIRSCHMAN, A. O. **As paixões e os interesses: argumentos políticos para o capitalismo antes de seu triunfo**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

\_\_\_\_\_. **Autosubversão: teorias consagradas em xeque**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

HOBBS, T. **Leviatã: ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

HOBSBAWN, E. J. **Tempos interessantes: uma vida no século XX**. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

HOGAN, D. J. Mudança ambiental e o novo regime democrático. In: CAVALCANTI, C. (org). **Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas**. 3. ed. São Paulo: Cortez: Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2001.

HOLZ, E. **Estratégias de equilíbrio entre a busca de benefícios privados e os custos sociais gerados pelas unidades agrícolas familiares: um método multicritérios de avaliação e planejamento de microbacias hidrográficas**. Florianópolis, 1999, 808 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção)- Departamento de engenharia de Produção e Sistemas, Universidade Federal de Santa Catarina.

HORKHEIMER, M. **Conceito de iluminismo; teoria tradicional e teoria crítica; filosofia e teoria crítica**. São Paulo: Abril Cultural: 1980. Coleção Os Pensadores.

\_\_\_\_\_. **Eclipse da razão**. São Paulo: Centauro Ed. 2000.

HUISMAN, D. **Dicionário de obras filosóficas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Dicionário dos filósofos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

IBGE. **Anuário Estatístico do Brasil 1982**. Rio de Janeiro: Ed. IBGE.

\_\_\_\_\_. **Anuário Estatístico do Brasil 2002**. Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_\_. **Censo demográfico 2000: Santa Catarina**. Rio de Janeiro, 2001.

- ILLICH, I. D. **Celebração da consciência**. 2. Ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1976.
- \_\_\_\_\_. **A expropriação da saúde: nêmesis da medicina**. Nova Fronteira, 1975.
- \_\_\_\_\_. **Sociedade sem escolas**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1979.
- INSTITUTO CEPA. **Perspectivas para a agricultura familiar: horizonte 2010**. Florianópolis, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Síntese da Agricultura Catarinense**. Florianópolis: ICEPA, 2002.
- IPARDES, Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Normas para apresentação de documentos científicos**; redação e editoração. Curitiba: UFPR, 2002.
- IRVINE, A. D. **Whitehead's philosophical influence**. Disponível em:<  
<http://plato.stanford.edu/entries/whitehead>> Acesso em 02 maio 2001.
- JACOBI, P. Meio ambiente urbano e sustentabilidade: alguns elementos para a reflexão. In: CAVALCANTI, C. (org) **Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas**. 3 ed. São Paulo: Cortez; Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2001. p. 369-383.
- JAGUARIBE, H. **Um estudo crítico da história**. São Paulo: Paz e Terra, 2001, 2 v.
- JAGUARIBE, H. (org) **Transcendência e mundo na virada do século**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993.
- JAGUARIBE H. et al. **A democracia grega**. Brasília: UnB, 1981.
- JAMES, P. Um bilhão de gordos. **Veja**. São Paulo: ed.1766, p. 11-15, 28 ago. 2002, entrevista concedida a Tânia Menai.
- JASPERS, K. **Introdução ao pensamento filosófico**. São Paulo: Cultrix, 1966.
- \_\_\_\_\_. **Plato and Augustine**. New York: Harvest Books, 1962a.
- \_\_\_\_\_. **Sócrates, Buddha, Confucius, Jesus**. New York: Harvest Books, 1962b.
- \_\_\_\_\_. **Reason and existenz**. Milwaukee (USA): Marquette University Press, 1997.
- JAY, P. **A riqueza do homem: uma história econômica**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- JERMANOK, S. **Great outdoor guide to New England**. New York: Macmillan, 1999.
- JOAQUIM, G. Turismo e mundo rural: que sustentabilidade? In: RODRIGUES, A. B. **Turismo rural: práticas e perspectivas**. São Paulo: Contexto, 2001, p. 35-46.
- JUNG, C. G. **Memórias, sonhos e reflexões**. 20. imp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- \_\_\_\_\_. **Psicologia e religião**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1965.
- KANITZ, S. Ordem ou progresso. **Veja**, São Paulo, ed. 1745, p. 20, 03 abr. 2002a.
- \_\_\_\_\_. Aprendendo a pensar. **Veja**, São Paulo, ed.1763, p. 20, 07 ago. 2002b.
- KATZ, D.; KAHN, R. **Psicologia social das organizações**. São Paulo: Pioneira, 1972.

KEMP, P. Sören Kierkegaard. In: HUISMAN, D. **Dicionário dos filósofos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p.565-572.

KIERKEGAARD, S. A. **Present age**. New York: Harper, 1977.

\_\_\_\_\_. **O conceito de ironia**: constantemente referido a Sócrates. Petrópolis (RJ): Vozes, 1991.

KISHINAMI, R. Sai nova lista vermelha de espécies ameaçadas. **O Estado de São Paulo**, 09 out. 2002, p. A14.

KLESIUS, M. A saúde do planeta. **National Geographic**. São Paulo, n.29, set. 2002, p. 82-95.

KÖCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica**: teoria da ciência e prática da pesquisa. 20.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

KRAUSE, G. Prefácio. In: CAVALCANTI, C. (org.). **Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2001, p. 15-19.

KURZ, R. O desenvolvimento insustentável da natureza. **O Estado de São Paulo**, 06 out. 2002. Caderno Mais, p.10-11.

LAFER, C. A quebra entre o passado e o futuro. In: ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1968.

\_\_\_\_\_. A política e a condição humana. In: ARENDT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense, 1981a. p. I-XII.

\_\_\_\_\_. Medida e desmedida: reflexões sobre as relações externas da pólis e sobre o conflito Demóstenes e Felipe. In: JAGUARIBE, H. (org.) **A democracia grega**. Brasília: UnB, 1981b.

\_\_\_\_\_. **Hannah Arendt**: pensamento, persuasão e poder. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LAHOZ, A. Renda e consumo na era FHC. São Paulo: **Veja**, n. 1751, p. 114-119, 15 mai. 2002.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M.A. **Metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

LAMY, M. Nicolau Maquiavel. In: HUISMAN, D. **Dicionário dos Filósofos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p.655-664.

LAMOUNIER, B.; FIGUEIREDO, R. (org). **A era FHC, um balanço**. São Paulo: Cultura Editores, 2002.

LAO-TSÉ. **O livro do caminho perfeito (Tao Té Ching)**. 17. ed. São Paulo: Pensamento, 1998.

\_\_\_\_\_. **Tao Te King ou o livro do sentido e da vida**. 6. ed. São Paulo: Hemus, 2000.

LEBRET, L. J. **O drama do século XX**. São Paulo: Duas Cidades, 1962.

LEBRUN, G. Hannah Arendt: um testamento socrático. **O Estado de São Paulo**, 22 nov. 1981. Cultura, p. 2-6.

LECHTE, J. **Cinquenta pensadores contemporâneos essenciais**: do estruturalismo à pós-modernidade. Rio de Janeiro: Difel, 2002.



LEFRANC, J. Friedrich Nietzsche. In: HUISMAN, D. **Dicionário dos filósofos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 725-733.

LE GOGG, J. **São Francisco de Assis**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record: 2001.

LEONARDI, M. L. A. A educação ambiental como um dos instrumentos de superação da insustentabilidade da sociedade atual. In: CAVALCANTI, C. (org). **Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas**. 3. ed. São Paulo: Cortez: Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2001.

LEWIS, C. S. **Mero cristianismo**. São Paulo: Quadrante, 1997.

LIMA, J. G.; SALGADO, E. Globalização fase 2: as chances do Brasil. **Veja**, São Paulo, ed.1788, p.40-46, 05 fev. 2003.

LIMA, N. P. Lao-Tsé e a história. In: LAO-TSÉ, **Tao Te King**: o livro do sentido da vida. Curitiba: Hemus, 2000. p.7-15.

LOCKE, J. **Segundo tratado sobre o governo**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

LONDRES, L. R. Médicos ditadores. **Veja**, São Paulo, ed. 1768, p. 11-15, 11 set. 2002.

LOVELOCK, C. **Serviços: marketing e gestão**. São Paulo: Saraiva, 2001.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LUTZEMBERGER, J. Prefácio à edição brasileira. In: COLBRON, T. et al. **O futuro roubado**. Porto Alegre: L&PM, 2002. p. 3-7.

MACHADO, L. C. P. **Definição de agricultura sustentável**. Florianópolis: UFSC-ZDR, 1998 (não publicado).

\_\_\_\_\_. Anotações de aulas ministradas na disciplina **Desenvolvimento Rural Sustentável**. UFSC-Mestrado em Agroecossistemas, mar./ mai. 2002.

MACHADO L. C. P.; RIBAS, C. Economia solidária: solução ou sofisma?. In: SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO SOBRE INVESTIGAÇÃO E EXTENSÃO EM SISTEMAS AGROPECUÁRIOS, 5., 2002, Florianópolis. **Anais do V encontro latino-americano sobre investigação e extensão em sistemas agropecuários**. Florianópolis: Epagri, 2002.

MACHADO, M. **Avaliação das perdas econômicas em áreas críticas catarinenses sob a ótica do desenvolvimento sustentável**: a experiência de Rancho Queimado. Florianópolis, 1998. 104 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Departamento de Engenharia de Produção e Sistemas, Universidade Federal de Santa Catarina.

MAFFESOLI, M. **A transfiguração do político**: a tribalização do mundo. Porto Alegre: Sulina, 1997.

\_\_\_\_\_. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

\_\_\_\_\_. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MALHERBE, M.; PHILIPPE, G. **As filosofias da humanidade**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

- MAQUIAVEL, N. **O príncipe; Escritos políticos**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. Coleção Os Pensadores.
- MARCUSE, H. **A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- MARSHALL, P. **Spectrum guide to Maldives**. Ashbourn, England: Moorland Publishing, 1993.
- MARTINS, C. E. Vida e obra de Maquiavel. In: MAQUIAVEL, N. **O príncipe; Escritos políticos**. São Paulo: Nova Cultural, 2000, p. 5-27. Coleção Os Pensadores.
- MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- MASIP, V. **História da filosofia ocidental**. São Paulo: EPU, 2001.
- MATTOS, C. L. Santo Tomás: Vida e obra. In: AQUINO, S. T. **O ente e a essência; Questões discutidas sobre a verdade; Súmula contra os gentios; Compêndio de teologia; Suma teológica**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. VI-XIV.
- MATURANA, H.; REZEPKA, S. N. **Formação humana e capacitação**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- MAY, P. H. Economia ecológica e o desenvolvimento eqüitativo no Brasil. In: CAVALCANTI, C. **Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável**. 3. ed. São Paulo: Cortez; Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2001 a. p. 235-255.
- MAZOYER, M.; ROUDART, L. **Histoire des agricultures du monde: du néolithique à la crise contemporaine**. Paris: Éditions du Seuil, 1997.
- McKENNA, R.; MARCUSE, H.; BUDRILLARD, J. **Teoria da cultura de massa**. 5, ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000
- Mc LUHAN, M. **Do clichê ao arquétipo**. Rio de Janeiro: Record, 1973.
- Mc LUHAN, M.; MARCUSE, H.; BUDRILLARD, J. **Teoria da cultura de massa**. 5, ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- McNALLY R. **World Atlas**. New York: Rand Mc Nally, 1995.
- MEAGHER, M. **Ireland from \$50 a day**. New York: Macmillan Travel, 1998.
- MELLO, Z. H.; SEVERIANO, J. **A canção no tempo: 85 anos de músicas brasileiras**, vol. 2: 1958-1985. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- \_\_\_\_\_. **A canção no tempo: 85 anos de músicas brasileiras**, vol. 1: 1901-1957. 4.ed. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- MELO, M. V. A crítica socrático-platônica à democracia ateniense. In: JAGUARIBE, H. (org.). **A democracia grega**. Brasília: UnB, 1981.
- \_\_\_\_\_. Liberdade e transcendência. In: JAGUARIBE, H. (org.). **Transcendência e mundo na virada de século**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993. P. 151-176.
- MENDES, M. L. Há vida depois dos 40. **Exame**. São Paulo, ed. 775, p. 104-106, 18 set. 2002..

MENDONÇA, R.; MARTINELLI, P. O paradoxo da miséria. **Veja**. São Paulo, ed. 1735, p. 82-93, 23 jan. 2002.

MENEGASSO, M. E. **O declínio do emprego e a ascensão da empregabilidade**: um protótipo para promover a empregabilidade na empresa pública do setor bancário. Florianópolis, 1998. 326 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Departamento de Engenharia de Produção e Sistemas, Universidade Federal de Santa Catarina.

\_\_\_\_\_. **Processo de implantação de equipes de trabalho**: um estudo de multicasos. Florianópolis, 2001. 119 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Santa Catarina.

MERQUIOR, J. G. Mesa redonda sobre a democracia grega. In: JAGUARIBE, H. (org.) **A democracia grega**. Brasília, UnB, 1981.

MICHELIN. **Canada**. Dorval, Quebec (Canada): Michelin Tires Ltd, 1993.

MICHELIN. **Green guide to New England**. Fort Worth (USA): Montheral, 1995

MINAYO, M. C. S. (org.) et al. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MIRANDA, L. Depois dos 60, eles estão de bem com a vida. **O Estado de São Paulo**, 01 out. 2002. p. A12.

MINTZBERG, H. **Trabalho de executivo**: o folclore e o fato. São Paulo: Nova Cultural, 1986.

\_\_\_\_\_. **Power in and around organizations**. Prentice-Hall, 1983.

MINTZBERG, H.; QUINN, J. B. **O processo da estratégia**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MLYNAR, Z. O estado e o homem. **Encontros com a Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro, v. 13, p. 162-173. Jul. 1979.

MORGAN, G. **Imagens da organização**. São Paulo: Atlas, 1996.

MORIGUTI, R. **Uma análise e uma proposta delimitativa à crítica situação da saúde no Brasil**. Florianópolis, 1985. 111 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Centro de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Santa Catarina.

MORIN, E.; LE MOIGNE, J. L. **A inteligência da complexidade**. 2. ed. São Paulo: Petrópolis, 2000.

MORIN E. **Ciência com consciência**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001a.

\_\_\_\_\_. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002a.

\_\_\_\_\_. **A religião dos saberes**: desafio do século XXI. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001b.

\_\_\_\_\_. **As duas globalizações**: complexidade e comunicação, uma pedagogia do presente. 2. ed. Porto Alegre: Sulina; Edipucrs, 2002b.

\_\_\_\_\_. A alternativa de Morin à catástrofe provável. **O Estado de São Paulo**. 25 ago. 2002c. p. 6. Entrevista concedida a Haroldo Ceravolo Sereza.

\_\_\_\_\_. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez Ed.; Brasília: Ed. CNPq/ Unesco, 2000.

\_\_\_\_\_. **O método 1:** a natureza da natureza. Porto Alegre: Sulina, 2002d.

\_\_\_\_\_. **O método 2:** a vida da vida. Porto Alegre: Sulina, 2001b.

\_\_\_\_\_. **O método 3:** o conhecimento do conhecimento. Porto Alegre: Sulina, 1999.

\_\_\_\_\_. **O método 4:** As idéias. Porto Alegre: Sulina, 2001c.

\_\_\_\_\_. **Os problemas do fim do século.** São Paulo: Editorial Notícias, 1991.

MORIN, E.; MAFEFESOLI, M.; BAUDRILLARD, J. **A decadência do futuro e a construção do presente.** Florianópolis: Editora da UFSC, 1993.

MOURA, P. Palavras de abertura. In: JAGUARIBE, H. (org.). **Transcendência e mundo na virada de século.** Rio de Janeiro: Topbooks, 1993. p. 15-20.

MOUTSOPOULOS, E. Platão. In: HUISMAN, D. **Dicionário dos filósofos.** São Paulo: Martins Fontes, 2001, p.774-781.

MUNDO rural e política: ensaios interdisciplinares. Francisco Carlos Teixeira da Silva et al. (organizadores). Rio de Janeiro: Campus, 1998.

MYRDAL, G. **O valor em teoria social.** São Paulo: Pioneira Ed., 1965.

\_\_\_\_\_. **Teoria econômica e regiões subdesenvolvidas.** 2. ed. Rio de Janeiro: Saga, 1968.

\_\_\_\_\_. **Aspectos políticos da teoria econômica.** 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1986.

NAISBITT, J. **Paradoxo global.** Rio de Janeiro: Campus, 1999.

NATIONAL GEOGRAPHIC. **A terra em transe.** Washington, 2002. 1 mapa: color.; 75 x 50 cm. Escala 1: 496.000.000.

\_\_\_\_\_. **O planeta tem sede.** Washington, 2002. 1 mapa. Color; 75 x 50 cm. Escala 1: 634.000.000.

NEWSWIRES, D. J. Estudo mostra ligação entre pobreza e corrupção. **O Estado de São Paulo**, 29 ago. 2002, p. B16.

NIETZSCHE, F. **Ecce homo:** como cheguei a ser o que sou. São Paulo: Martin Claret, 2000.

\_\_\_\_\_. **Breviário de citações.** 2 ed. São Paulo: Landy Editora, 2001.

NISBET, R. A. **The quest for community.** New York: Oxford University Press, 1981.

NUNES, B. **Heidegger & ser e tempo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

NORGAARD, R. Valoração ambiental em busca de um futuro sustentável. In: CAVALCANTI, C. (org.). **Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas.** 3. ed. São Paulo: Cortez: Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2001. p. 83-92.

NOVAES, W. Os tambores de Johannesburg. **O Estado de São Paulo.** 16 ago. 2002, p. 2.

O ESTADO DE SÃO PAULO. Desenvolvimento sustentável: ONU lança um grito de alerta. 14 ago. 2002. p. 11.

\_\_\_\_\_. Enchente ameaça centro histórico de Praga. 14 ago. 2002. p. 16.

OHMAE, K. **O fim do estado nação**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

OLINGER, G. **Êxodo rural**: campo ou cidade? Florianópolis: Epagri, 1991.

OLIVEIRA, G. ; VARASCHIN, M. J. F.; VARASCHIN, V. M. **Evolução da população catarinense**: alguns aspectos quantitativos e qualitativos. Florianópolis: Instituto Cepa, 2001 (não publicado).

OLIVEIRA, G. A dinâmica da população na agricultura familiar se Santa Catarina. **Informe Conjuntural**. Florianópolis, n. 797, 04 out. 2000.

OLIVEIRA, J. A. et al. **Avaliação do potencial da indústria rural de pequeno porte em Santa Catarina**. Florianópolis: Cepagro, 1999.

OLIVEIRA, J. B. A. **Reforma do Estado e pacto federativo**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado do Planejamento e Coordenação Geral, 1998.

OMT. **Guide for local authorities on developing sustainable tourism**. Madrid: 1998.

PASCAL, B. **Pensamentos**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. Coleção Os Pensadores.

PAULA, S. G. Sociabilidade *country*: o campo na cidade. In: **Mundo rural e política**: ensaios interdisciplinares. Rio de Janeiro: Campus, 1998, p.135-148.

PAULING, L. **Como viver mais e melhor**: o que os médicos não dizem sobre sua saúde. São Paulo: Best Seller, 1988.

PAUMEN, J. Karl Jaspers: vida e obra. In: HUISMAN, D. **Dicionário dos filósofos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p.543-550.

PERISCINOTO, A. **Mais vale o que se aprende do que o que te ensinam**. São Paulo: Best Seller, 1995.

PERINE, M. Transcendência e mundo: aproximação filosófica e visão cristã. In: JAGUARIBE, H. (org.). **transcendência e mundo na virada do século**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993. p. 81-134.

PERRAULT, G. (org.) **O livro negro do capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

PERRINGS, C. **Biodiversity Loss**: economic and ecological issues. York, England: Cambridge University Press, 1997.

PERROW, C. B. **Análise organizacional**: um enfoque sociológico. São Paulo: Atlas, 1976.

PERRY, M. **Civilização ocidental**: uma história concisa. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PESSANHA, J. A. M. Platão: Vida e Obra. In: PLATÃO. **Diálogos**: O Banquete; Fédon; Sofista; Político. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979 p. VI-XXIII.

\_\_\_\_\_. Santo Agostinho: vida e obra. In: AGOSTINHO, S. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 2002. Coleção Os Pensadores.

\_\_\_\_\_. Aristóteles, Vida e Obra. In: ARISTÓTELES. **Poética; Organon; Política; Constituição de Atenas**. São Paulo: Nova Cultural, 2000, p. 5-27.

PHILIP, J. Um bilhão de gordos. **Veja**, São Paulo, ed.1766, p.11-15, 28 ago. 2002.

PHILONENKO, A. Immanuel Kant. In: HUISMAN D. **Dicionário dos filósofos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p.552-560.

PICLIN, M. Tomás de Aquino. In: HUISMAN, D. **Dicionário dos Filósofos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p.977-988.

PINHEIRO, S. L. G.; SCHMITT, A.; SILVA, F. C. **Projeto Vida Rural Sustentável**. Florianópolis: Sebrae/SC, 2001 (não publicado).

PINHEIRO, S. L. G.; PEARSON, C. J.; CHAMALA, S. Enfoque sistêmico, participação e sustentabilidade na agricultura, I: novos paradigmas para o desenvolvimento rural. **Revista Agropecuária Catarinense**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 18-22, mar 1997.

\_\_\_\_\_. Enfoque sistêmico, participação e sustentabilidade na agricultura, II: uma abordagem construtivista. **Revista Agropecuária Catarinense**, Florianópolis, v. 10, n. 2, p.14-18, jun. 1997.

PINHEIRO, S. L. G. Desenvolvimento rural sustentável: uma oportunidade de construção social participativa. **Revista Agropecuária Catarinense**, v. 12, n. 4, p. 26-31, dez. 1999.

\_\_\_\_\_. O enfoque sistêmico e o desenvolvimento rural sustentável: uma oportunidade de mudança da abordagem *hard-systems* para experiências com *soft-systems*. **Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p.27-37, abr./jun. 2000.

PINTO, L. C. G. Notas sobre a política agrícola brasileira. **Encontros com a Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro, v. 7, p. 193-206, jan 1979.

PIRES, P. D. A paisagem rural como recurso turístico. In: RODRIGUES, A. B. **Turismo rural: práticas e perspectivas**. São Paulo: Contexto, 2001, p. 117-132.

PLATÃO. **A república**. São Paulo: Hemus, 1978.

\_\_\_\_\_. **Apologia de Sócrates; Banquete**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

\_\_\_\_\_. **A república**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

\_\_\_\_\_. **Diálogos: O Banquete; Fédon; Sofista; Político**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. Coleção Os Pensadores.

\_\_\_\_\_. **Diálogos I: Mênon, banquete, Fedro**. Rio de Janeiro: Ed. Tecnoprint, 1981.

POLANYI, K. **A grande transformação: as origens da nossa época**. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

POPPER, K. R. **A lógica da investigação científica; Três concepções acerca do conhecimento humano; a sociedade aberta e seus inimigos**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

PRADO JÚNIOR, C. **Dialética do conhecimento**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1960.

\_\_\_\_\_. **Formação do Brasil contemporâneo**. 24 rei. São Paulo: Brasiliense, 1996.

PY, L. A. **Olhar acima do horizonte: aprendendo com as coisas simples da vida.** Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

RAMOS, A. G. **Administração e contexto brasileiro.** 2.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1983a.

\_\_\_\_\_. A modernização em nova perspectiva: em busca do modelo de possibilidade. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 5-31, jan./mar. 1983b.

\_\_\_\_\_. **A nova ciência das organizações: uma reconceituação da Riqueza das Nações.** Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1981a.

\_\_\_\_\_. **A redução sociológica.** 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965.

\_\_\_\_\_. Aristóteles, Whitehead e a bifurcação da natureza. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 05 abr. 1981b. p.3.

\_\_\_\_\_. As confusões em torno do industrialismo. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 27 dez. 1981c, p. 5.

\_\_\_\_\_. Economia política reconsiderada. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 11 out. 1981d, p.4.

\_\_\_\_\_. **Introdução crítica à sociologia brasileira.** Rio de Janeiro: Andes, 1957.

\_\_\_\_\_. Limites da modernização. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 22 jun. 1979. p. 11.

\_\_\_\_\_. Modelos de homem e teoria administrativa. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 3-12, abr./jun. 1984.

\_\_\_\_\_. Notícia sobre a nova teoria econômica. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 26 jul. 1981e, p.4.

\_\_\_\_\_. O governo Reagan ou o fim da compaixão. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 07 jun. 1981f. p.5.

\_\_\_\_\_. Platão e a conversa de gerações. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 08 mar. 1981g. p.2.

\_\_\_\_\_. Problemas alocativos da economia brasileira. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 02 ago. 1981h, p.5.

\_\_\_\_\_. Um conceito impopular em ciência social. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 18 jan. 1981i, p. 3.

\_\_\_\_\_. A teoria administrativa e a utilização inadequada de conceitos. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 66-76. jan./mar. 1983b.

\_\_\_\_\_. Minha dívida a Lord Keynes. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 91-95, abr./jun. 1982.

REBOUÇAS, L. Os novos velhos. **Exame**, ed. 771, p. 72-75, 24 jul. 2002.

REHFELD, W. A perspectiva judaica. In: JAGUARIBE, H. (org.). **Transcendência e mundo na virado do século.** Rio de Janeiro: Topbooks, 1993. p. 37-48.

REIS, X. Americanos lutam contra a balança. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 25 ago. 2002, p. 41.

REVKIN, A. C. O futuro da terra nas mãos do seu maior predador. **O Estado de São Paulo**. 25 ago. 2002, p. 13.

REZENDE, U. S. A teoria da delimitação de sistemas sociais. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 93-99, abr./jun. 1983.

\_\_\_\_\_. **Os diferentes níveis de abstração do pensamento administrativo**. Florianópolis: UFSC, 1980.

\_\_\_\_\_. **Teoria organizacional: dogmática ou ideologia**. Florianópolis: UFSC, 1980.

RIBEIRO, D. **O processo civilizatório: estudos de antropologia da civilização: etapas da evolução sociocultural**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RIFKIN, J. **O fim dos empregos: o declínio inevitável dos níveis dos empregos e a redução da força global de trabalho**. São Paulo: Makron Books, 1995.

\_\_\_\_\_. A era pós-petróleo. **Veja**, São Paulo, ed. 1784, p. 9-13, 08 jan. 2003.

ROBERTS, J. M. **O livro de ouro da história do mundo: da pré-história à idade contemporânea**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

RODRIGUES, A. B. (org.) **Turismo rural: práticas e perspectivas**. São Paulo: Contexto, 2001.

ROMANO, J. O. Interesses privados na formulação e implementação de políticas públicas para a agricultura. In: **Mundo rural e política: ensaios interdisciplinares**. Rio de Janeiro: Campus, 1998. p. 209-242.

RORTY, R. **Ensaio sobre Heidegger e outros**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

ROSENBERG, C. Nota alta. **Exame**, São Paulo, ed.763, p.34-47, 3 abr. 2002.

ROSSI, J. G. Alfred North Whitehead. In: HUISMAN, D. **Dicionário dos filósofos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p.1005-1008.

ROUANET, S. P. A transimanência iluminista. In: JAGUARIBE, H. (org.). **Transcendência e mundo na virada do século**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993. p. 177-194.

ROUSSET, B. Karl Marx. In: HUISMAN, D. **Dicionário dos filósofos**. São Paulo: Martin Claret, 2001. p. 671-678.

RUSH, H. **Behavioral Science: concepts and management applications**. New York: The Conference Board, 1976.

RUSSEL, B. **História do pensamento ocidental: a aventura das idéias dos pré-socráticos a Wittgenstein**. 3.ed. Rio de Janeiro: Difel, 2001.

\_\_\_\_\_. **O elogio ao ócio**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

SABINO, M. Lulalice no país das maravilhas. **Veja**, ed. 1762, p. 30-32, 31 jul. 2002.

SACHS, I. Prefácio. In: VIEIRA, P. F.(org.). **A pequena produção e o modelo catarinense de desenvolvimento**. Florianópolis: APED, 2002.



- \_\_\_\_\_. **Ecodesenvolvimento: crescer sem destruir.** São Paulo: Vértice, 1986.
- \_\_\_\_\_. Apoio a pequenos é vital para criar empregos. **O Estado de São Paulo.** 15 set. 2002, p. B8.
- \_\_\_\_\_. **O gato de Alice e outras crônicas: pensando o Brasil às margens do Sena.** São Paulo: Cortez, 2002.
- \_\_\_\_\_. O papel da micro e pequena empresa no desenvolvimento regional. In: SIEBERT, C. (org.). **Desenvolvimento regional em Santa Catarina: reflexões, tendências e perspectivas.** Blumenau: Edifurb, 2001, p. 57-70.
- SAIBENE, C. **Nouvel atlas illustré.** Paris: Hachette, 1968.
- SALGADO, E. Corrupção produz pobreza. **Veja.** São Paulo ed. 1779, p.54-56, 27 nov. 2002.
- SALM, J. F. Paradigmas na formação de administradores: frustrações e possibilidades. **Universidade e Desenvolvimento,** Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 18-42, out. 1993.
- \_\_\_\_\_. Anotações de aulas ministradas na disciplina **Delimitação de Sistemas Sociais.** UFSC - Mestrado em Administração, out. 2001/ jul. 2002.
- \_\_\_\_\_. Cooperação e co-produção público-privado: o papel do terceiro setor. In: SIEBERT, C. (org.). **Desenvolvimento regional em Santa Catarina: reflexões, tendências, perspectivas.** Blumenau: Edifurb, 2001. p. 43-56.
- SALM, J. F.; MENEGASSO, M. E. Desafio da empregabilidade: aprendizagem em equipe. In: VI SEMANA DA PESQUISA, VI, 2000, Florianópolis. **Anais da VI Semana da Pesquisa,** Florianópolis, 2000, v. 1.
- SANDOZ, E. **The Voegelinian revolution.** Baton Rouge, Louisiana (USA): Louisiana State University Press, 1981.
- SANTA CATARINA (Estado). Secretaria do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Unidades Territoriais das Secretarias de Desenvolvimento Regional.** Florianópolis, 2003. 1 mapa: color. ; 60 x 40 cm., Escala 1: 10.000.000.
- \_\_\_\_\_. Secretaria de Coordenação Geral e Planejamento. **Programa integrado de desenvolvimento sócio econômico.** novas oportunidades: Rancho Queimado. Florianópolis: Seplan, 1990.
- \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **Santa Rosa de Lima.** Florianópolis: Splan, 1990.
- SANTA ROSA DE LIMA. Prefeitura Municipal. **Diagnóstico sócio-econômico.** Santa Rosa de Lima, 2002. (não publicado).
- SANTOS, L. H. Vida e obra de Bertrand Russell. In: RUSSELL, B. **Ensaio escolhidos.** São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. VI-XX.
- SANTOS, M. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI.** 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Território e sociedade.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.
- SANTOS, R.; CARVALHO, L. F.; SILVA, C. T. **Mundo rural e política: ensaios interdisciplinares.** Rio de Janeiro: Campus, 1998.

- SARDENBERG, C. A. Dólares ariscos. **Exame**. São Paulo, ed. 776, p. 28-29, 02 out. 2002.
- SCHMIDHEINY, S. Fazer mais com menos. **Exame**. São Paulo, ed. 773, p. 102-106, 21 ago. 2002. Entrevista concedida a Ricardo Arnt.
- SCHON, D. A. **Beyond the stable state**. New York: The Norton Library, 1973.
- SCHUMACHER, E. F. **O negócio é ser pequeno**: um estudo de economia que leva em conta as pessoas. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- SECRETAN, L. H. K. **Os passos do tigre**. Rio de Janeiro: Record, 1989.
- SELLTIZ, C. et al. **Métodos de pesquisa na relações sociais**. São Paulo: E.P.U./USP, 1974.
- SEN, A. O que Johannesburg pode conseguir. **O Estado de São Paulo**, 25 ago. 2002, p. 14.
- SEMLER, R. **Virando a própria mesa**. São Paulo: Best Seller, 1988.
- \_\_\_\_\_. O futuro ruge. **Exame**. São Paulo: ed. 766, n. 10, p. 60-64, 15 mai. 2002.
- SHETH, J. N. Comportamento do consumidor. In: CZINKOTA, M. R. **Marketing**: as melhores práticas. Porto Alegre: Bookman, 2001. p. 136-167.
- SIEBERT, C. (org.) **Desenvolvimento regional em Santa Catarina**: reflexões, tendências e perspectivas. Blumenau: Edifurb, 2001.
- SILVA, F. C. Mercado e neoliberalismo. **Revista Agropecuária Catarinense**, Florianópolis, v. 5, n. 4, p. 54, dez. 1992.
- SILVA, F. C.; FRANCO, H.; FURTADO FILHO, D. (org.). **Gotas de suor**: uma trajetória de 40 anos. Florianópolis: Epagri, 1996.
- SILVA, F. C.; CORREA, A N. **Agricultura em grupo**. Brasília: Embrater, 1984.
- SILVA, J. G. **A modernização dolorosa**: estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- \_\_\_\_\_. O poder local na globalização. **Globo Rural**, n. 189, p. 69-69, jun. 2001.
- \_\_\_\_\_. O fim do êxodo rural? **Globo Rural**, n. 187, p. 76-77, abr. 2001.
- SILVA, J. M. Jean Baudrillard ou o niilismo irônico. In: BAUDRILLARD, J. **Tela total**: mito-ironias da era do virtual e da imagem. Porto Alegre: Sulina, 1999.
- SILVEIRA, M. A. T. Política de turismo: oportunidades ao desenvolvimento local. In: RODRIGUES, A. B. **Turismo rural**: práticas e perspectivas. São Paulo: Contexto, 2001.
- SILVESTRO, M. L. et al. **Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar**. Florianópolis: Epagri; Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2001.
- SINGER, P. **Vida ética**: os melhores ensaios do mais polêmico filósofo da atualidade.. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

SMITH, A. **Investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações**. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

\_\_\_\_\_. **The wealth of nations**. Harmondsworth(England): Penquin Books, 1979(a).

\_\_\_\_\_. **Teoria dos sentimentos morais**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SOUSA, E. Paidéia. In: JAGUARIBE, H.. (org.). **A democracia grega**. Brasília: UnB, 1981.

SOUTO MAIOR, J. **Planejamento estratégico e participativo para o desenvolvimento sustentável do município de Rancho Queimado**. Florianópolis: UFSC, 1994.

SOUZA, C. Grécia clássica (IV): Platão. **Jornal da Tarde/ UnB**, São Paulo, 27 ago. 1983a, Caderno de Programas e Leituras, p. 7.

\_\_\_\_\_. Grécia clássica (V): Aristóteles. **Jornal da Tarde/ UnB**, São Paulo, 03 set. 1983b. Caderno de Programas e Leituras, p. 7.

SOUZA, J. P. G. Nas profundezas do pensamento político: realidades históricas e mitos ideológicos. In: VOEGELIN, E. **A nova ciência da política**. Brasília: UnB, 1979. p.5-10.

STERN, P. H. K. John Kenneth Galbraith: o futuro da sociedade industrial. Rio de Janeiro: **Manchete Especial**, v. 9., Os Gênios da Economia, [198?].

STRATHERN, P. **Aristóteles**: em 90 minutos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997a.

\_\_\_\_\_. **Confúcio**: em 90 minutos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998a.

\_\_\_\_\_. **Einstein e a relatividade**: em 90 minutos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998b.

\_\_\_\_\_. **Kierkegaard**: em 90 minutos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999b.

\_\_\_\_\_. **Maquiavel**: em 90 minutos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000a.

\_\_\_\_\_. **Nietzsche**: em 90 minutos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997f.

\_\_\_\_\_. **Platão**: em 90 minutos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997g.

\_\_\_\_\_. **Santo Agostinho**: em 90 minutos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999d.

\_\_\_\_\_. **São Tomás de Aquino**: em 90 minutos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999e.

\_\_\_\_\_. **Sócrates**: em 90 minutos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998c.

\_\_\_\_\_. **Wittgenstein**: em 90 minutos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997h.

SWANEY, D. **Norway**. Victoria, Australia: Lonely Planet, 1999.

TARNAS, R. **A epopéia do pensamento ocidental**: para compreender as idéias que moldaram nossa visão de mundo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

TEICH, D. H. A terra pede socorro. **Veja**. São Paulo: ed. 1765, p. 80-87. 21 ago. 2002.

\_\_\_\_\_. Vai valer mais que petróleo. **Veja**. São Paulo, ed. 1769, p. 74-75, 18 set. 2002.

TEIXEIRA, A. Apresentação. In: RIBEIRO, D. **O processo civilizatório**: estudos de antropologia da civilização: etapas da evolução sociocultural. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 7-14.

TERCEIRA IDADE: alternativas para uma sociedade em transição. Organização Renato Peixoto Veras. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: UERJ, UnATI, 1999.

TESTA, V. M.; ABRAMOVAY, R.; SILVESTRO, M. **Juventude e agricultura familiar**: desafios dos novos padrões sucessórios. Brasília: Unesco, 1998.

TÉVOÉDJRÉ, A. **A pobreza, riqueza dos povos**: a transformação pela solidariedade. São Paulo: Cidade Nova, 1981.

THEOBALD, W. F. (org). **Turismo global**. São Paulo: Senac, 2001.

THUROW, L. C. **O futuro do capitalismo**: como as forças econômicas de hoje moldam o mundo de amanhã. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

\_\_\_\_\_. **A construção da riqueza**: as novas regras para indivíduos, empresas e nações numa economia baseada no conhecimento. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

TOFFLER, A. **O choque do futuro**. 5.ed. Rio de Janeiro: Ed. Artenova, 1973.

\_\_\_\_\_. **O espasmo da economia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

\_\_\_\_\_. **Powershift**: as mudanças do poder. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

\_\_\_\_\_. **A terceira onda**. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 1980.

TOFFLER, A.; TOFFLER, H. Ambientalismo baseado na fé ou na ciência? **O Estado de São Paulo**, 01 set. 2002, p. A14.

TORESAN, L.; OLIVEIRA, G. Imigração, urbanização e concentração litorânea: a dinâmica populacional de Santa Catarina nos anos 90. **Informe Conjuntural**. Florianópolis, n. 759, p. 3-5, 15 fev. 2001.

TORESAN, L. **Sustentabilidade e desempenho produtivo na agricultura**: Uma abordagem multidimensional aplicada a empresas agrícolas. Florianópolis, 1998. 175 f. Tese (Doutorado em Engenharia) - Departamento de Engenharia de Produção e Sistemas, Universidade Federal de Santa Catarina.

\_\_\_\_\_. Apoio do Pronaf ao agroturismo. **Revista Agropecuária Catarinense**, Florianópolis, v. 15, n. 2, p. 10, jul. 2002.

TOYNBEE, A. **A humanidade e a mãe-terra**: uma história narrativa do mundo. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

TRINDADE, S. C. Agenda 21: estratégia de desenvolvimento sustentável apoiada em processos de decisão participativa. In: CAVALCANTI, C. (org). **Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas**. 3. ed. São Paulo: Cortez: Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2001.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1992.

TRONTIN, M. Política e poder. **Encontros com a Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro, v. 8, p. 43-60, fev. 1979.

UL HAQ, M. **A cortina da pobreza: opções para o terceiro mundo**. São Paulo: Nacional, 1978.

VARASCHIN, M. J. F. C. **Mudança estratégica em uma organização do setor público agrícola do Estado de Santa Catarina**. Florianópolis, 1998. 172 f. Dissertação (mestrado em Engenharia de Produção) - Departamento de Engenharia de Produção e Sistemas, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.

VAZ, H. C. L. Transcendência: experiência histórica e interpretação filosófico-tecnológica. In: JAGUARIBE, H. (org.). **Transcendência e mundo na virada do século**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993. p. 49-80.

VEIGA, J. E. **A face rural do desenvolvimento: natureza, território e agricultura**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

\_\_\_\_\_. **Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002a.

\_\_\_\_\_. Empregos: do palanque para o Brasil rural. **O Estado de São Paulo**. 26 ago. 2002b, p. B2.

VEJA. **Muito barulho por nada**. São Paulo, Abril, ed.1768, p. 110,11 set. 2002a.

\_\_\_\_\_. **Mudar para que?** São Paulo, Abril, ed. 1776, p. 82-84, 06 nov. 2002b.

\_\_\_\_\_. **A loja que é um país**. São Paulo, Abril, ed.1789, p.70-71, 12 fev. 2003.

\_\_\_\_\_. **Ao vencedor, o petróleo**. São Paulo, Abril, ed. 1789, p.48-49, 12 fev. 2003.

VEJA, A. F. ; ALMEIDA, C. R. S.; PETRAGLIA, I. **Edgard Morin: ética, cultura e educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 1998.

VIANA, C. R. Autogestão e estatização. **Encontros com a Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro, v. 12, p. 33-42, jun. 1979.

VIEIRA, L. M.; REITER, J. M. V. Importância do agronegócio para o Estado de Santa Catarina. **Informe Conjuntural**, Florianópolis, n. 748. 16 set. 1999. p 3-4.

VIEIRA, P. F. **A pequena produção e o modelo catarinense de desenvolvimento**. Florianópolis: APED, 2002.

\_\_\_\_\_. Gestão patrimonial de recursos naturais: construindo o ecodesenvolvimento em regiões litorâneas. In: CAVALCANTI, C. (org.) **Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável**. São Paulo: Cortez; Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2001. p. 293-322.

\_\_\_\_\_. Repensando o desenvolvimento catarinense. In: VIEIRA, P. F. (org.) **A pequena produção e o modelo catarinense de desenvolvimento**. Florianópolis: APED, 2002, p. 289-310.

VIEIRA, P. F.; RAUD, C.; MORAES, E. C. Uma estratégia de ecodesenvolvimento para a região litorânea sudeste-sul do Brasil: programa de pesquisa sobre modos de apropriação e gestão comunitária de recursos naturais. In: **Desenvolvimento e meio ambiente no Brasil: a contribuição de Ignacy Sachs**. Porto Alegre: Pallotti; Florianópolis: APED, 1998. p.219-252.

VIOLA, E. **Reflexões sobre os dilemas do Brasil na segunda metade da década de 1990 e sobre uma agenda de políticas públicas baseada na democracia, na equidade, na eficiência e na sustentabilidade.** Olinda: Fundação Joaquim Nabuco, 1996.

VOEGELIN, E. **A nova ciência da política.** Brasília: UnB, 1979.

\_\_\_\_\_. Bases morais necessárias à comunicação numa democracia. In: **Problemas de comunicação numa sociedade pluralista.** Milwaukee (USA): The Marquette University Press, 1956. p. 53-68. (tradução Francisco G. Heidemann, fev. 2000).

\_\_\_\_\_. **From enlightenment to revolution.** 5. ed. Durham, NC (USA): Duke University Press, 1995.

YIN, R. **Case study research: design and methods.** Beverly Hill (California): Sage, 1987.

WEBER, M. **Ensaio de sociologia.** 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

\_\_\_\_\_. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** São Paulo: Martin Claret, 2001.

\_\_\_\_\_. **Ciência e política: duas vocações.** São Paulo: Martin Claret, 2002.

WEFFORT, F. C. Estado e massas no Brasil. **Revista da Civilização Brasileira.** Rio de Janeiro, n. 7, p. 137-158, mai. 1966.

WEINBERG, M. O tamanho do nó brasileiro. **Veja,** São Paulo, ed. 1759, p. 82-91, 10 jul. 2002.

WHITEHEAD, A. N. **Adventure of ideas.** New York: The Free Press, 1967.

\_\_\_\_\_. **O conceito da natureza.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

\_\_\_\_\_. **Process and reality.** 4. ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1966.

WIEMES, A. **Rio Santo Antônio: minha vida meu povo.** Braço do Norte (SC): Perin, 2002.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas.** São Paulo: Nova Cultural, 1999.

\_\_\_\_\_. **Tractatus logico-philosophicus.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

WOLF, S. (ed.) **Australia & New Zealand: the complete guide to the rain forests, the reef, the alps and the fjords.** New York: Fodor's Travel Publications, 1995.

WOLIN, S. Hannah Arendt: a força de um pensamento independente. **Jornal do Brasil,** Rio de Janeiro, 25 out. 1981. p 5.

ZARCA, Y. C. Thomas Hobbes. In: HUISSMAN, D. **Dicionário dos filósofos.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ZAJDSZNAJDER, L. **Ética, estratégia e comunicação na passagem da modernidade à pós-modernidade.** 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

ZIMMER, C. O balanço do tempo. **National Geographic.** São Paulo, n. 17, p. 44-67, set. 2001.

ZOLDAN, P. **Santa Catarina: características e potenciais.** Florianópolis: Icepa, 2001 (não publicado).

## BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

- ABREU, A. et al. **Ensaio sobre a economia catarinense**. Florianópolis: Edeme, 1970.
- ABREU, A. B. Novas reflexões sobre a evolução da teoria administrativa: os quatro momentos cruciais no desenvolvimento da teoria organizacional. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 39-52, out./nov. 1982.
- ACADEMIA de ciências da URSS. Instituto de Economia. **Manual de economia política**. Rio de Janeiro: Record, 1961.
- ACHARAN, M. L. **Medicina natural ao alcance de todos**. São Paulo: Hemus, 1979.
- ADORNO, T. W. **O fetichismo na música e a regressão da audição; Conferência sobre lírica e sociedade; Introdução à controvérsia sobre o positivismo na sociologia alemã; Idéias para a sociologia da música; Posição do narrador no romance contemporâneo**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. Coleção Os Pensadores.
- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- AIDAR, A. C. K.; PEROSA JÚNIOR, R. M. Espaços e limites da empresa capitalista na agricultura. **Revista de Ciência Política**. São Paulo, v. 1, n. 3, p. 17-40, jul. 1981.
- ALBON, M. **A última grande lição: o sentido da vida**. 5. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 1988.
- ALIGUIERI, D. **Vida nova; Monarquia**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- \_\_\_\_\_. **A divina comédia**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- ALMANAQUE BRASIL. São Paulo: Abril, 2003.
- ALMANAQUE MUNDO. São Paulo: Abril, 2003.
- ALTHUSER, L. **Posições 2**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- ALTMANN, R. Criação de selos: certificação da produção na agricultura catarinense. **Revista Agropecuária Catarinense**, v. 15, n. 2, p.7, jul. 2002.
- ALVES, E. **A pobreza rural no Brasil: desafios da extensão e da pesquisa**. Brasília: Codevasf, 1987.
- AMIN, E. Que bom se fosse no Brasil. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 17 mai. 1984. p. 6.
- \_\_\_\_\_. O segredo de Santa Catarina. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 02 jun. 1984. p. 14.
- ANDRADE, F. A. **Agronomia e humanismo: problemas de política econômica e educacional agrária**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1967.
- ANDRADE, F. A.; GALENO, C. M. S. **Humanismo telúrico do nordeste**. Fortaleza: Henriqueta Galeno, 1971.
- ANDRADE, M. M. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação: noções práticas**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1997.
- ANDY, B. **Como usar o pensamento estratégico**. São Paulo: Publifolha, 2001.

ANJOS, F. C. **Agricultura familiar em transformação**: o caso dos colonos-operários de Massaranduba (SC). Pelotas: Universitária, 1995.

ANTUNES, A. C. **Organização e participação da comunidade rural no planejamento e desenvolvimento sustentável de Urupema**. Florianópolis, 2002. 43 f. Monografia (graduação em Agronomia), Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.

ANZUATEGUI, I. A. Agrônomos educadores. **Jornal da Produção**, Florianópolis, jun. 1975. p. 2.

AQUINO, S. T. **O ente e a essência; Questões discutidas sobre a verdade; Súmula contra os gentios; Compêndio de teologia; Suma teológica**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. Coleção Os Pensadores.

ARANTES, A. A. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

ARENDRT, H. **Crises da república**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

AREZA, D. C. et al. Política econômica e planejamento agrícola. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 20, 1982, Curitiba. **Anais da Sober**. Brasília, 1982. p. 7-69.

ARGILE, M. **A psicologia e os problemas sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

ARISTÓTELES. **Poética; Organon; Política; Constituição de Atenas**. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

\_\_\_\_\_. **Tópicos; Dos argumentos sofisticos**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

ARMOUR, R. **Tudo começou com Marx**. São Paulo: Dominus, 1964.

ARNT, R. Risco Verde. **Exame**. São Paulo, ed.775, p. 32-33, 18 set. 2002.

ARNT, R.; CAETANO, J. R. Como voltar a crescer. **Exame**. São Paulo, ed. 764, p. 32-44, 17 abr. 2002.

\_\_\_\_\_. Vivendo de brisa: começou a corrida para a geração de energia eólica no Brasil. **Exame**, São Paulo, ed. 776, p.76-78, 02 out. 2002.

ARON, R. A verdade histórica das filosofias políticas. **Jornal da Tarde**. São Paulo, 17 jan. 1981. Caderno de Programas e Leituras, p. 2-5.

ASSMANN, H. **A trilateral**: nova fase do capitalismo mundial. Petrópolis (RJ): Vozes, 1979.

ATKINS, R. C. **A revolucionária dieta antienvelhecimento**: como uma alimentação adequada pode ajudar a manter a juventude. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

BACHA, E. **Política econômica e distribuição de renda**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

BAIMA, C. O Brasil rural que não está no mapa. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 17 mai. 2002. p. 9.

BALDISSARELLI, A. Corrupção lesa cidadão em R\$ 6, 2 mil por ano. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 15 abr. 2001.

BALLARIN, O. **Viajar encanta**. São Paulo: Siciliano, 1999.



BALZAC, H. **As ilusões perdidas**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

\_\_\_\_\_. **Eugênia Grandet**. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

BANERJEE, N. Perfil do uso de energia não mudou desde a Rio 92. **O Estado de São Paulo**. 25 ago. 2002, p. 14.

BARAN, P. A.; SZEEZY, P. M. O sistema irracional. **Revista da Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro, v. 11-12, p. 142-169, dez. 1966.

BÁRBARA, D. Crítica da razão pura: a liberdade se conquista. **Jornal do Brasil**, 28 mar. 1981. p. 10.

BARBBIE, E. **The Practice of social research**. Califórnia: Wadsworth Publishing Company, 1997.

BARBER, W. J. Grandes momentos do pensamento econômico. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 14 mai. 1983, Caderno de Programas e Leituras, p.6-7.

BARBETTA, P. A. **Estatística aplicada às ciências sociais**. 3. ed. Florianópolis: UFSC, 1999.

BARBOSA, B. A natureza contra-ataca. **Veja**, São Paulo, ed.1696, p.02-95, 18 abr. 2001.

BARNET, R. J.; MÜLLER, R. **Poder Global: a força incontrolável das multinacionais**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1978.

BARRETO, W. Representação política. **Jornal da Tarde**, 02 abr. 1983. Caderno de Programas e Leituras, p. 1-4.

BARROS, A. J. S.; LEHFELD, N. A. S. **Fundamentos de metodologia: um guia para a iniciação científica**. 2.ed. ampl. São Paulo: Makron Books, 2000.

BASTOS, A. O campo das crianças. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 29 dez. 2002, p.28-31.

BEAL, G; M.; BOHLEN, J. M.; RAUDABAUCH, J. N. **Liderança & dinâmica de grupo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965.

BELLUZZO, L. G. A transfiguração crítica. **Estudos Cebrap**. São Paulo, n. 24, p. 5-40, mar. 1978.

BENJAMIN, W. **A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução; Sobre alguns temas em Baudelaire; O narrador; O surrealismo**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. Coleção Os Pensadores.

BERGSON H. **Cartas, conferências e outros escritos**. São Paulo: Abril cultural, 1979.

BERLIN, I. Maquiavel, o mestre. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 23 abr. 1983. Caderno de Programas e Leituras, p. 7.

BERLO, D. K. **O processo da comunicação: introdução à teoria e prática**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1960.

BESEN, K, **Design ecológico: um caminho sustentável para desenvolver projetos**. Florianópolis, 2001. 55 f. Monografia (graduação em Agronomia) - Departamento de Zootecnia e Desenvolvimento Rural, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.

BETING, J.. A bordo da Rio + 100. **O Estado de São Paulo**, 27 ago. 2002, p. B2

\_\_\_\_\_. Água virou vinho. **O Estado de São Paulo**, 29 ago. 2002, p. B2.

BETTO, F. A educação nas classes populares. **Encontros com a Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro, v. 13, p. 162-173, jul. 1979.

BEVILACQUA, V. Agenda 21: Estado prepara crescimento. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 07 fev. 2002.

\_\_\_\_\_. Felicidade: remédio para viver mais e melhor. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 11 ago. 2002. p. 32-35.

\_\_\_\_\_. O mundo esqueceu do meio ambiente. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 25 ago. 2002, p. 24.

\_\_\_\_\_. Catarinenses entre os melhores. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 28 dez. 2002, p. 4-5.

BITTENCOURT, S. **O euro**. São Paulo: Publifolha, 2002.

BLECHER, N. O mito da eterna juventude. **Exame**. São Paulo ed. 775, p. 110, 18 set. 2002.

\_\_\_\_\_. Fora de foco: o que explica a miopia do marketing. **Exame**, São Paulo, ed.788, p.104, 26 mar. 2003.

BOBBIO, N. A legalidade. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 05 mar. 1983. Caderno de Programas e Leituras, p. 7.

\_\_\_\_\_. **O tempo da memória**: de senectute e outros escritos autobiográficos. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BONAVIDES, P. O Estado e formas de governo. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 19 mar. 1983. Caderno de Programas e Leituras, p. 5-7.

BORDENAVE, J. D. **O que é comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

\_\_\_\_\_. **O que é comunicação rural**. São Paulo: Brasiliense, 1983

BORDENAVE, J. D.; CARVALHO, H. M. **Comunicação e planejamento**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

BORDENAVE J. D.; WERTHEIN, J. **Educação rural no terceiro mundo**: experiências e novas alternativas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

BOTTOMORE, T. B. Elite: conceito e ideologia. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 09 abr. 1983. Caderno de Programas e Leituras, p.5-6.

BRASIL. Ministério da Agricultura, do Abastecimento e da Reforma Agrária, Embrapa. **Atlas do meio ambiente do Brasil**. 2. ed. Brasília: EMBRAPA-SPI: Terra Viva, 1996.

BRAUDEL, F. Idéias de um revolucionário. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 29 mai. 1984. p.8-9.

BRIDGES, W. **Um mundo sem empregos**: os desafios da sociedade pós-industrial. São Paulo Makron Books, 1995.

BRONTË, J. E. **O morro dos ventos uivantes**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

BSTAN-OZIN-RGYA-MTSHO, D. L. **O sentido da vida:** de sua Santidade o Dalai Lama. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BUARQUE, C. **Os tigres assustados:** uma viagem pela fronteira dos séculos. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1999.

BUCHALA, A. P. Um país de pesos-pesados. **Veja**, São Paulo, ed.1742, p.76-77, 13 mar. 2002.

CAHUI, M. S. Vida e obra de Leibniz. In: LEIBNIZ, G. W. **Novos ensaios sobre o entendimento humano**. São Paulo: Nova Cultural, 2000. p.5-12.

CAIXETA, N. A. A verdadeira virada de mesa. **Exame**, São Paulo v. 35 n. 17, p.40-50, 22 ago. 2001.

\_\_\_\_\_. A força do campo. **Exame**, São Paulo, ed.778, p.52-89, 30 out. 2002.

\_\_\_\_\_. O tamanho do problema. **Exame**, São Paulo, ed.774, p. 38-50, 04 set. 2002.

CALDEIRA, J, **Mauá:** um empresário do império. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CÂMARA, H. **O deserto é fértil:** roteiro para as minorias abraâmicas.7 ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1977.

\_\_\_\_\_. **Mil razões para viver**. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1979(a)

\_\_\_\_\_. **Um olhar sobre a cidade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1979(b)

CAMPOS, R. **A lanterna de popa**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1994 2 v.

CAMUS, A. **O estado de sítio; O estrangeiro**. São Paulo: Abril Cultural,1979.

CARDOSO, F. H. **Capitalismo e escravidão no Brasil meridional:** o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

\_\_\_\_\_. **As idéias e seu lugar:** ensaios sobre as teorias do desenvolvimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980.

CARDOSO, F.H.; MARTINS, C. E. **Política e sociedade**. São Paulo: Editora Nacional, 1979.

CARDOSO, C.; OSSE, J. S. Agronegócios sustentam PIB e exportação. **Folha de São Paulo**, 01 set. 2002. P. B1, B3, B4.

CARNEIRO, J. G. P. Feito em casa. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 19 jun. 1984. p.12.

CARPEAUX, O. M. Uma decadência americana. **Revista da Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro, v. 11-12, p. 126-132, dez. 1966.

\_\_\_\_\_. **O livro de ouro da história da música** 3. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

CARPER, J. **Para de envelhecer agora**. Rio de Janeiro: Campus, 1996.

CARTWRIGHT, D.; ZANDER, A. **Dinâmica de grupo:** pesquisa e teoria. São Paulo: Herder Editora, 1967.

CAVALCANTI, C. **Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas**. 3. ed. São Paulo: Cortez: Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2001.

CARVALHO, A.; LOTURCO, R. O motor que faz o Brasil andar. **Veja**, ed.1769, p. 98-101, 18 set. 2002.

CARVALHO, H. M. Planejamento e estado nas sociedades capitalistas. **Encontros com a Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro, v. 9 p.. 49-77, mar. 1979.

CASTOR, B. V. J. Um fenômeno rico e complexo. **Jornal da Tarde**. São Paulo, 29 mai. 1984. p. 9.

CASTRO, C. M. **A prática da pesquisa** São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1977.

CASTRO, R. **Chega de saudade**. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

\_\_\_\_\_. **Saudades do século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

\_\_\_\_\_. **Ela é carioca: uma enciclopédia de Ipanema**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CAVALCANTI, N. H.; JARDIM, A. Teses sobre a música. **Encontros com a Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro, v. 8, p. 223-245.

CAYMMI, S. **Dorival Caymmi: o mar e o tempo**. São Paulo: Ed. 34, 2001.

CENTRO DE ESTUDOS E PROMOÇÃO DA AGRICULTURA DE GRUPO. **Projeto de apoio ao agroturismo como estratégia para promover o desenvolvimento rural**. Florianópolis, 1999 (não publicado).

CERTO, S. C.; PETER, J. P. **Administração estratégica: planejamento e implantação da estratégia**. São Paulo: Makron Books, 1993.

CERVANTES, M. **Dom Quixote**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

CHAMBERS, R. **Pequenos agricultores e cientistas**. Brasília: Embrater, 1984.

CHANTEBOUT, B. **Do Estado: uma tentativa de desmistificação**. Rio de Janeiro: Rio, 1984.

CHARDIN, P. T. **Reflexões e orações no espaço-tempo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

CHIARA, M. A excelência brasileira mora aqui. **O Estado de São Paulo**, 07 abr. 2002.

\_\_\_\_\_. Serviços deverão puxar o crescimento. **O Estado de São Paulo**. 25 ago. 2002, p. 9.

CHESTER, C. **Canada: driving tours**. New York: Prentice Hall Press, 1991.

CHTELET, F. **Uma história da razão: entrevistas com Émile Noël**. Rio de Janeiro, J. Zahar Ed., 1994.

CHAUÍ, M. S. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas**. São Paulo: Ed. Moderna, 1981(a).

\_\_\_\_\_. **Da realidade sem mistérios ao mistério do mundo**. São Paulo: Brasiliense, 1981(b).

CH'IPO N. C. **O livro de ouro da medicina chinesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva [199-].

CHURCHILL, W. S. **Memórias da Segunda Guerra Mundial**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

- CLARET, M. **A essência do pensamento**. São Paulo: Editora Martin Claret, 1996.
- \_\_\_\_\_. **A essência das religiões**. São Paulo: Editora Martin Claret, 1999.
- \_\_\_\_\_. **A essência da meditação**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2001a.
- \_\_\_\_\_. **A essência da verdade**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2001b.
- \_\_\_\_\_. **A essência da felicidade**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002.
- COCKBURN, A. Sangue sobre a areia. **National Geographic**, São Paulo, n. 30, p.106-115, out. 2002.
- COHAN, A. S. Caos e ordem. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 16 abr. 1983(a). Caderno de Programas e Leituras, p.7
- COHAN, A. S. Revolução. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 16 abr. 1983. Caderno de Programas e Leituras, p. 5-6.
- COHEN, D. Ao alcance da Alca. **Exame**, São Paulo: ed. 772, p. 24, 07 ago. 2002.
- COLMAN, D.; NIXSON, F. Conceito e medição do desenvolvimento. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 18 jun. 1983. Caderno de Programas e Leituras, p. 7.
- CONFASER, 6, 1997, Guarapari (ES). **Extensão rural pública e gratuita para agricultura familiar**. Brasília: Fazer, 1997.
- CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 28, 1990, Florianópolis. **A agricultura e agroindústria: perspectivas para os anos 90**. Brasília: Sober, 1990. 2 v.
- COOPER, K. Não basta ser magro. **Veja**, São Paulo, ed.1788, p.9-13, 05 fev. 2003.
- CORBISIER, R. O problema nacional brasileiro: pressupostos, existência e definição. Rio de Janeiro, **Revista da Civilização Brasileira**, n. 7, p. 348-363, mai. 1966.
- COSTA, E. A. **Gestão estratégica**. São Paulo: Saraiva, 2002.
- COUTINHO, C. N. A democracia como valor universal. **Encontros com a Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro, v. 9, p. 33-47, mar. 1979.
- COUTINHO, L. G.; BELLUZZO, L. G. M. O desenvolvimento do capitalismo avançado e a reorganização da economia mundial no pós-guerra. **Estudos Cebrap**, São Paulo n. 23, p. 5-32, jan. 1979.
- CRUZ JÚNIOR, J. B. Século XXI: ameaças e oportunidades para a empresa brasileira. **Revista de Ciências da Administração**, Florianópolis: UFSC n. 1, p. 87-95, ago 1998.
- \_\_\_\_\_. **O papel do líder na transformação da sociedade**. Curitiba: Sebrae/ PR, 1999.
- CUNHA, E. **Os sertões: campanha de canudos**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. 2 v.
- CUNHA, J. R. F. **A prisão: uma exceção frente à norma penal**. Florianópolis, 2002. 72 p. Monografia ( Bacharelado em Direito) - Núcleo de Prática Jurídica, Curso de Direito, Universidade do Vale do Itajaí - Univali.

CUNHA, L. A. Ensino e pesquisa: uma associação problemática. **Encontros com a Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro, v. 16, p. 82-91, out. 1979.

CUSAMANO, M. A.; MARKIDES, C. C.(org.) **Planejamento estratégico**. Rio de Janeiro, Campus, 2002.

D'AGOSTINI, L. R. **O sustentável e a sustentabilidade**: o adjetivo e a propriedade. Florianópolis: Epagri, 1998 (não publicado).

DANTAS, F. **O que é homeopatia**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DANTAS, F. Conferência de Monterrey: EUA admitem ligação entre terror e pobreza. **O Estado de São Paulo**, 19 mar. 2002.

DARWIN, C. **A origem do homem e a seleção natural**. São Paulo: Hemus, 1974.

DAVENPORT, T. H. **Conhecimento empresarial**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

DELFIN NETO, A. **Planejamento para o desenvolvimento econômico**. São Paulo: Pioneira Editora, 1966.

DE MASI. Seja feliz fora do trabalho. **Você**. São Paulo, ed. 50. Ago 2002, p.90-93. Entrevista concedida a Dalen Jacomino.

\_\_\_\_\_. Ócio criativo é bom para o Brasil. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 01 out. 2000, p. 18. Entrevista concedida a Viviane Araújo.

\_\_\_\_\_. O ócio é preciso. **Veja**. São Paulo, n. 1744, 27 mar. 2002, p.11-15. Entrevista concedida a Maurício Oliveira.

DESCARTES. R. **Discurso do método; Regras para a direção do espírito**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

DESLANDES S. F. et al. **Pesquisa social: teoria método e criatividade**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1994.

DEWEY. J. **Experiência e natureza; Lógica: a teoria da investigação; A arte como experiência; Vida e educação; Teoria da vida moral**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. Coleção Os Pensadores.

DIÁRIO CATARINENSE. Chuva mata e ameaça cidades históricas. 14 ago. 2002. p. 28.

\_\_\_\_\_. Europa vive a enchente do século. 15 ago. 2002. p.4-5.

\_\_\_\_\_. Uma em cada cinco pessoas sem luz. 30 ago. 2002, p. 38.

DICKENS, C. **As aventuras do Sr. Pickwick**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

DIDEROT, D. **A religiosa**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

DINON, L. D. L. **Educação, cidadania e desenvolvimento**. Florianópolis: UFSC-CED, 1997 (não publicado).

DISCOVERY CHANEL. **Alaska**. London: Apa Publications, 1999.

DUBY, G. **A história continua**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; UFRJ, 1993.

- DUFTY, W. **Sugar Blues**. Rio de Janeiro: Editora Gound, 1975.
- DURO, E. G. A dialética do prazer. **Encontros com a Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 127-136, mai. 1980.
- EAKIN, E. Todos os caminhos levam a Washington. **O Estado de São Paulo**, 07 abr. 2002, p. 25.
- ECO, H. **Como se faz uma tese**. 15. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- EDLER, R. **Ah! se eu soubesse**. São Paulo: Negócio Editora, 1997.
- EDUCAÇÃO rural no terceiro mundo: experiências e novas alternativas. Organização Jorge Werthein e Juan Díaz Bordenave. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- EDWARD, J. O país dos incluídos. **Veja**, ed. 1771, p.118-120, 02 out. 2002.
- EMBRAPA. **Plano de ação estratégica da Secretaria de Assistência Técnica e Extensão Rural: 1991-1995**. Brasília, 1991.
- EPAGRI. **Plano estratégico da Epagri**. Florianópolis, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Pró-jovem rural: anteprojeto**. Florianópolis, 1999 (não publicado).
- ESCARIZ, F. Um caso de resistência desesperada. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 17 mai. 1984. p. 7.
- ESCOBAR, C. H. Da categoria de cultura: do aparelho cultural do estado. **Encontros com a Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro, v. 16, p. 183-214, out. 1979.
- EVANS, P. **A tríplice aliança: as multinacionais, as estatais e o capitalismo nacional no desenvolvimento dependente brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.
- EXUPÉRY, A. S. **O pequeno príncipe**. Rio de Janeiro: Agir, 1960.
- FAERMAN, M. Quatrocentos milhões de litros de pinga produzidos pelo exército da prosperidade nacional. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 19 mai. 1985. p. 5.
- FARID, J. Exportações garantem aumento de 1,5% do PIB. **O Estado de São Paulo**, 29 mar. 2002.
- \_\_\_\_\_. São Paulo concentra 30,9% dos empregos do país. **O Estado de São Paulo**, 27 ago. 2002, p. B6.
- FAULKNER, W. **Santuário**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- FAUSTO, R. **Dialética marxista, dialética hegeliana: a produção capitalista como circulação simples**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- FERNANDES, F. Crescimento econômico e instabilidade política no Brasil. **Revista da Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro, v. 11-12, p. 11-37, dez. 1966.
- \_\_\_\_\_. Tarefas dos intelectuais na revolução democrática. **Encontros com a Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro, v. 14. P. 25-33, ago. 1979.
- FERNANDES, P. Empresa pública: uma palavra e uma visão. **Revista de Administração Pública**. Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 84-107. out/dez. 1982.

- FERRAZ, E. O motor da inovação. **Exame**. São Paulo, ed. 776, p. 46-64, 02 out. 2002.
- FERREIRA, F. W. **Planejamento sim e não: um modo de agir num mundo em permanente mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FICHTE, J. G. **A doutrina da ciência de 1794 e outros escritos**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- FISCHMANN, A. A.; ALMEIDA, M. I. R. **Planejamento estratégico na prática**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1991.
- FLEMING, C. M. **Psicologia social da educação**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.
- FLORENZANO, M. B. B. **O mundo antigo: economia e sociedade**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- FLORES, M. X. **Projeto Embrapa: a pesquisa agropecuária rumo ao século XXI**. Brasília, 1991.
- FLORES, M. X.; SILVA, J. S. **Projeto Embrapa II: do projeto de pesquisa ao desenvolvimento sócio econômico no contexto do mercado**. Brasília: Embrapa: 1992.
- FOLHA DE SÃO PAULO. Enchente atinge centro histórico de Praga. 14 ago. 2002. p. 12.
- FOROOHAR, R. Globalização: Brasil, Índia, África do Sul. **O Estado de São Paulo**, 10 fev. 2002, p. 5.
- FORSTER, M. A. **Mundo em guerra**. São Paulo: Record, 1973.
- FORUM DA PEQUENA PRODUÇÃO E DESENVOLVIMENTO AGROINDUSTRIAL, 1, 1991, Florianópolis: Aeasc, 1991.
- FOUCAULT, M. **Arqueologia da ciências e história dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- \_\_\_\_\_. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- FRANCO, A. A. M. A necessidade da política. **Revista de Ciência Política**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 12-16, mai./ago. 1983a.
- \_\_\_\_\_. Do romantismo ao autoritarismo. **Revista de Ciência Política**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 3-8, mai/ago. 1983b.
- FRANCO, S. O impasse na universidade. **Exame**, ed. 771, p. 104, 24 jul. 2002.
- FRANK, A. G. **Acumulação dependente e subdesenvolvimento: repensando a teoria da dependência**. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- FRANKENBERG, L. **Seu futuro financeiro**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
- FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- \_\_\_\_\_. **Cartas a Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1978a.



- \_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978b.
- \_\_\_\_\_. **Multinacionais e trabalhadores no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- FREIRE, R. **Viaje na viagem**. São Paulo: Mandarin, 1998.
- FREUD, S. **Charcot; A histeira; Primeiras contribuições ao estudo das neuroses**. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1958a.
- \_\_\_\_\_. **Interpretação dos sonhos (Tomo I)**. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1958b.
- \_\_\_\_\_. **Interpretação dos sonhos (Tomo II)**. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1958c.
- \_\_\_\_\_. **O delírio e sonhos na "Gradiva" de W. Jensen; Ensaio sobre a vida sexual e a teoria das neuroses; psicopatologia da vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1958d.
- \_\_\_\_\_. **O Chiste e sua relação com o inconsciente; introdução ao narcisismo; uma teoria sexual; metapsicologia; mais além do princípio do prazer**. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1958e.
- \_\_\_\_\_. **Psicologia das massas e análise do eu; organização genital infantil; o ego e o id; inibição, sintoma e angústia; o futuro de uma ilusão; esquema da psicanálise; técnica psicanalítica**. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1958f.
- \_\_\_\_\_. **Uma recordação da infância de Leonardo da Vinci; psicanálise aplicada; ensaios; Totem e tabu**; Rio de Janeiro: Editora Delta, 1958g.
- \_\_\_\_\_. **Introdução à psicanálise**. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1958h.
- \_\_\_\_\_. **Observações clínicas**. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1958i.
- \_\_\_\_\_. **Novas contribuições à psicanálise; múltiplo interesse da psicanálise; história do movimento psicanalítico; autobiografia; psicanálise e medicina**. Rio de Janeiro: Delta, 1958j.
- FROMM, E. **A missão de Freud**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.
- FUKUYAMA, F. O que é o Ocidente? Europa e EUA divergem. **O Estado de São Paulo**, 01 set. 2002, p. A19.
- FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964.
- \_\_\_\_\_. **Desenvolvimento e subdesenvolvimento**. 3. ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1965.
- \_\_\_\_\_. **Teoria e política do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Editora Nacional, 1967.
- \_\_\_\_\_. **Brasil: tempos modernos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968a.
- \_\_\_\_\_. **Subdesenvolvimento e estagnação na América Latina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 1968b
- \_\_\_\_\_. **Um projeto para o Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Saga, 1968c.
- \_\_\_\_\_. **Análise do modelo brasileiro**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- \_\_\_\_\_. **Criatividade e dependência na civilização industrial**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

\_\_\_\_\_. **Pequena introdução ao desenvolvimento: enfoque interdisciplinar.** São Paulo: Ed. Nacional, 1980.

GAARDER, J. **O mundo de Sofia: romance da história da filosofia.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. **O dia do curinga.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. **O livro das religiões.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GADOTTI, M. **A educação contra a educação: o esquecimento da educação e a educação permanente.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GALBRAITH, J. K. Tudo começou com Adam Smith. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 19 jun. 1977. Caderno Especial, p. 6.

\_\_\_\_\_. **A natureza da pobreza das massas.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

\_\_\_\_\_. **A economia ao alcance de quase todos.** São Paulo: Pioneira Editora, 1980a.

\_\_\_\_\_. **Crônicas de um eterno liberal.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980c.

\_\_\_\_\_. **O novo estado industrial.** São Paulo: Abril Cultural, 1982.

GALILEU, G. **O ensaiador.** São Paulo: Nova Cultural, 2000.

GARAUDY, R. **Karl Marx.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

\_\_\_\_\_. **Ainda é tempo de viver: eis como.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

\_\_\_\_\_. Uma proposta alternativa de pesquisa: a investigação emancipadora. **Revista de Administração Pública.** Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p.144-159, abr./jun. 1984.

GASSET, O. Mirabeu ou o político. **Jornal da Tarde**, São Paulo 19 mar. 1983. Caderno de Programas e Leituras, p. 4.

GATES, B. **A estrada do futuro.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. **A empresa na velocidade do pensamento: como um sistema nervoso digital.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GEBLER, E. F. Uma política de preços para a agropecuária. **Jornal da Produção**, Florianópolis, jul. 1975, n. 28, p. 3.

GEBRAN, P. Estruturalismo e história. **Encontros com a Civilização Brasileira.** Rio de Janeiro, v. 8, p.247-260, fev. 1979.

GEHRINGER, M. Séculos de trabalho. **Você**, São Paulo, ed. 50. Ago. 2002, p.82-87.

GENRO, T. F. Estado e direito. **Encontros com a Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro: v. 11, p. 223-232, mai. 1979.

GEUS, A. **A empresa viva.** Rio de Janeiro: Campus; São Paulo: Publifolha, 1999.

GIANNOTTI, J. A. Formas da sociedade capitalista. **Estudos Cebrap**, São Paulo, n. 24, p. 41-126, mar. 1978.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

GOGOL, N. **Almas mortas**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

GOKLANY, I. M. Do desenvolvimento do homem e do ambiente. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 25 set. 2002. P. A3.

GOLDMANN, L. Materialismo dialético e história da literatura. **Revista da Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro, v. 11-12, p. 108-126, dez. 1966.

\_\_\_\_\_. **Dialética e cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional**. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

GOMES, M. T. Sucesso: a paixão faz a diferença. **Você**, São Paulo, ed. 50, ago. 2002, p.42-51.

GORE, R. Viajante pioneiro. **National Geographic**. São Paulo, n. 28. P. 20-28, ago. 2002.

GORKI, M. **Pequenos burgueses; Mãe**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

GORMAN, J. A imensa riqueza de um mundo tão pequeno. **O Estado de São Paulo**, 29 set. 2002, p. A15.

GORMAN, R. A. **A visão dual: Alfred Schutz e o mito da ciência social fenomenológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

GOUROU, P. **Terres de bonne espérance: le monde tropical**. Paris: Plon, 1982.

GOVERNO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Audácia e realismo numa proposta de inclusão social na América do Sul a partir das experiências do Estado de Santa Catarina: comunicação do governador do estado de Santa Catarina à Assembléia de governadores do Bid e da Corporação Interamericana de Investimentos**, Fortaleza, 11 a 13 mar. 2002. Florianópolis: Ioesc, 2002.

GRILLO, A. N. **Avaliação de desempenho: a experiência brasileira na administração pública**. Florianópolis: UFSC, 1981.

GRUPPI, L. **Tudo começou com Maquiavel: as concepções de Estado em Marx, Engels, Lênin e Gramsci**. Porto Alegre: L&PM Editores, 1980.

GUEDES, P. Dissonância cognitiva?: não há incompatibilidade entre a sociedade e o mercado. **Exame**, ed. 774, p. 30, 04 set. 2002.

GUEDES, P. O rombo da previdência. **Exame**, ed. 773, p. 30, 21 ago 2002.

GUIMARÃES, A. P. **Quatro séculos de latifúndio**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

\_\_\_\_\_. A Segunda revolução agrícola. **Encontros com a Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro, v. 14, p. 147-153, ago. 1979.

\_\_\_\_\_. **As classes perigosas: banditismo rural e urbano**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1991.

GUIMARÃES, R. D. et al. A responsabilidade do Pronaf na agricultura familiar catarinense. **Revista Agropecuária Catarinense**, v. 15, n. 2, p. 60, jul 2002.

HABERMAS, J. Crise de democracia. **Encontros com a Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro, v. 8, p. 133-148, fev. 1979.

HEDBERG, H. **O desafio japonês**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lia Editor, 1970.

HEIDEGGER, M. **Nietzsche: Metafísica e Nihilismo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

HEILBRONER, R. L.; THUROW, L. **Entenda a economia: tudo o que você precisa saber como funciona e para onde vai a economia**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

HEMINGWAY, E. **O sol também se levanta**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

\_\_\_\_\_. **Paris é uma festa**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000

HESSE, H. **Narciso e Goldmund**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1973.

\_\_\_\_\_. **A arte dos ociosos**. Rio de Janeiro: Record, 1978.

\_\_\_\_\_. **O lobo da estepe**. 13 ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1979a.

\_\_\_\_\_. **Sidarta**. 22. ed. Rio de Janeiro: Record, 1979b.

HILTON, J. **Horizonte perdido**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

HOBBS, T. **Leviatã: ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil**. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

HOBSBAWN, E. J. **A era do capital: 1848-1875**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

\_\_\_\_\_. **A era das revoluções: Europa 1789-1848**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. **A era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. **História social do jazz**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Sobre história: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOFFMAN, K. D. Marketing de serviços. In: **Marketing: as melhores práticas**. Porto Alegre: Bookman, 2001. p. 260-292.

HOFFMANN, R. A concentração da posse de terra no Brasil. **Encontros com a Civilização Brasileira** Rio de Janeiro, v. 7, p. 207-222, jan. 1979.

HOLZ, E. A renda dos pequenos negócios agrícolas. **Revista Agropecuária Catarinense**, Florianópolis, n. 3. P. 32-35, set. 1993.

HOMERO. **Odisséia**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

HORNEY, K. **Neurose e desenvolvimento humano: a luta pela autorealização**. Rio de Janeiro: E. Civilização Brasileira, 1959.

\_\_\_\_\_. **Nossos conflitos interiores**. 7. Ed. São Paulo: Difel, 1982.

HOWARD, S. A. **Un testamento agrícola**. 2. ed. Santiago, Chile: Imprenta Universitaria, 1947.

HUBERMAN, L. **História da riqueza do homem**. 17. Ed. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1981.

HUME, D. **Investigação sobre o entendimento humano; Ensaio morais, políticos e literários**. 2. Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

HUSSERL, E. **Investigações lógicas: sexta investigação; Elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

HUXLEY, A. **O despertar do mundo novo**. São Paulo: Hemus {197?}.

\_\_\_\_\_. **Admirável mundo novo**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

\_\_\_\_\_. **Contraponto**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

IANNI, O. **Ditadura e agricultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

INSTITUTO CEPA. **Plano de desenvolvimento rural da baixada norte catarinense: análise do sistema de produção, abastecimento e consumo de leite**. Florianópolis, 1987.

\_\_\_\_\_. **Cenários para o sistema agrícola de Santa Catarina**. Florianópolis, 1995.

\_\_\_\_\_. Uma nova lógica e uma nova ética. **Informe Conjuntural**, Florianópolis, n. 741, 29 jul. 1999.

\_\_\_\_\_. **Avaliação sócio econômica do projeto microbacias: relatório de avaliação final**. Florianópolis, 1999.

\_\_\_\_\_. Agronegócio catarinense. **Informe Conjuntural**, Florianópolis, n. 847, 01 nov. 2001.

\_\_\_\_\_. **Política agrícola e panorama dos principais produtos agropecuários em Santa Catarina**. Florianópolis, 2001 (não publicado).

INSTITUTO Técnico de Economia e Planejamento. **Agroindústria artesanal: uma experiência em delimitação social**. Florianópolis, 1980 (não publicado).

\_\_\_\_\_. **Delimitação de sistemas sociais: projeto acadêmico e de pesquisa**. Florianópolis, 1980.

INTRODUÇÃO crítica à sociologia rural. José de Souza Martins (organizador). São Paulo : Hucitec, 1981.

JABOR, A. **Brasil na cabeça**. São Paulo: Siciliano, 1995.

JACQUIM, G. **A educação pelo jogo**. São Paulo: E. Flamboyant, 1960.

\_\_\_\_\_. **As grandes linhas da psicologia da criança**. São Paulo: Ed. Flamboyant, 1962.

JAGUARIBE, H. Guerreiro Ramos e o desenvolvimento brasileiro. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, v. 17, n. 2, p. 63-66, abr./jun. 1983.

- \_\_\_\_\_. **Alternativas do Brasil**. 3. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.
- JAGUARIBE et al. **Brasil 2000: para um novo pacto social**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- JAMES, H. **Lady Barberina**. São Paulo: Abril Cultural,, 1980.
- \_\_\_\_\_. **A outra volta do parafuso**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- JEFFERSON, T. **Escritos políticos** 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- JONES, L. P. Definição e taxinomia da empresa pública. **Revista de Administração Pública**. Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 108-130, out./dez. 1982.
- JOUVENEL, B. Karl Marx & Adam Smith: muita coisa em comum. **O Estado de São Paulo**. 15 mar. 1981.Cultura n. 40. p.2-5.
- JOYCE, J. **Ulisses**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- KAFRUNI, S. SC lidera mercado com tecnologia. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 17 fev. 2002.
- KAFKA, F. **A metamorfose**. São Paulo: Europa-América, 1975.
- \_\_\_\_\_. **O processo**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- KALECKI, M. **Teoria da dinâmica econômica**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- KANITZ, S. C. **o Brasil que dá certo: o novo ciclo de crescimento, 1995-2005**. 18. ed. São Paulo: Makron Books, 1995.
- \_\_\_\_\_. A exploração do capital. **Veja**, São Paulo: ed. 1766, p. 18, 28 ago. 2002.
- KANT, I. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Abril cultural, 1980.
- \_\_\_\_\_. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- KAUTSKY, K. **Outras fontes do marxismo**. São Paulo: Global Ed. 1980.
- \_\_\_\_\_. **A questão agrária**. São Paulo: Nova Cultural, 1986.
- KENDRICK, J. W. A natureza das contas nacionais. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 28 mai. 1983. Caderno de Programas e Leituras, p. 6.
- KENNEDY, P. **Preparando para o século XXI**. Rio de Janeiro: Campus, 1993.
- KENNEDY, R. **O desafio da América Latina**. Rio de Janeiro: Ed. Laudes, 1966.
- KEYNES, J. M. **Inflação e deflação**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- KIERKEGARD, S. **O desespero humano**. Ed. Martin Claret, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Migalhas filosóficas: ou um bocadinho de filosofia de João Climacus**. Petrópolis(RJ): Vozes, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Diário de um sedutor**. Ed. Martin Claret, 2002.

- KLADSTRUP, D.; KLADSTRUP, P. **Vinho e Guerra: Os franceses, os nazistas e a batalha pelo maior tesouro da França**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- KNUDSEN, P. H. **L'Agriculture au Danemark**. Copenhague: Bloch/Behrndt, 1978.
- KOLAKOWSKI, L. Marxismo e nacionalismo. **O Estado de São Paulo**, 19 jul. 1981. Cultura, p. 2-7.
- KONDER, L. Marxismo e cristianismo. **Encontros com a Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro, v. 6. P. 57-66, dez 1978.
- KORDICH, J. **O poder dos sucos**. São Paulo: Ed. Ática, 1998.
- KRISTOF, N. D. A fronteira abandonada. **O Estado de São Paulo**, 08 set. 2002. p. A2.
- KRUGMAN, P. **Internacionalismo pop**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
- KUNDTZ, D. **A essencial arte de parar**. Rio de Janeiro: Sextante, 1999.
- LABRA, M. E. O ritual da desburocratização: seus contextos dramáticos e representações. **Revista de Administração Pública**. Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 5-22, out. 1982.
- LAGO, A.; PÁDUA, J. A. **O que é ecologia**. Brasiliense, 1984.
- LAMBERT, W.W.; LAMBERT, W. E. **Psicologia social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.
- LANDAUER, C. Conceito e tipologia dos sistemas econômicos. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 21 mai. 1983. Caderno de Programas e Leituras, p. 5.
- LANDES, D. A ética da riqueza. **Veja**, ed.1641, p. 11-15, 22 mar. 2000.
- LANGE, K. E. Quem é ele?: origens do homem. **National Geographic**. São Paulo, n. 18, p. 70-75, out. 2001.
- LEAKEY, R. E. **Origens: o que novas descobertas revelam sobre o aparecimento de nossa espécie e seu possível futuro**. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: Ed. da UnB, 1980.
- LEAL, L. N. O novo perfil da família e do trabalhador. **O Estado de São Paulo**, 13 set. 2002, p. A12-A14.
- LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1996.
- LEIBNIZ, G. W. **Novos ensaios sobre entendimento humano**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- \_\_\_\_\_. **Novos ensaios sobre o entendimento humano**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.
- LEIRAS, R. Atrativos do litoral esvaziam a zona rural. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 01 abr. 2001.
- LEITE, J. C. P. Guerreiro Ramos e a importância do conceito da redução sociológica no desenvolvimento brasileiro. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 77-83, jan./mar. 1983.
- LENIN, V. I. **Materialismo e empirio-criticismo: notas e críticas sobre uma filosofia reacionária**. Rio de Janeiro: Calvino, 1946.

LESSA, C. A questão energética. **Encontros com a Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 11-18, mai. 1980.

\_\_\_\_\_. **Quinze anos de política econômica**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

LEVI-STRAUSS, C. **A noção de estruturalismo em etnologia; Raça e história; Totemismo hoje**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

LIMA, E. A multiplicação das ervas. **Veja**. São Paulo, ed. 1769, p. 80-81, 18 set. 2002.

LIMA, L. O. **Tecnologia, educação e democracia**: educação no processo de superação ao subdesenvolvimento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

\_\_\_\_\_. **Escola no futuro**. São Paulo: Ed. Encontro, 1966.

\_\_\_\_\_. **A escola secundária moderna**: organização, métodos e processos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1970.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia**: reprodução ou transformação. São Paulo: Brasiliense, 1982.

LINHARES, M. Y.; SILVA, F. C. T. **História da agricultura brasileira**: combates e controvérsias. São Paulo: Brasiliense, 1981.

LOBO, F. **À mesa do vilariño**. Rio de Janeiro: Record, 1991.

LOCHBAUER, C. Cúpula do Milênio põe a nu os limites da ONU. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 10 set. 2000.

LOPES, J. L. **Ciência e libertação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1978.

LOPES, M. Para começar aprender a aprender. **Exame**. São Paulo, ed. 775, p. 6-9, 18 set. 2002.

LU, H. C. **Chinese food for longevity**: the art of long life. New York: Sterling Publishing, 1990.

MAAR, W. . **O que é política**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MACEDO, J. F. **A alavanca para o sucesso**: A teoria e a prática para bem administrar o presente e o futuro. 2 ed. Florianópolis: Ed. Terceiro Milênio, 1997.

MAFESSOLI, M. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MANDEL, E. **O capitalismo tardio**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

\_\_\_\_\_. **A arte da guerra; A vida de Castruccio Castracani; Belfagor, o arquidiabo**. Brasília: Editora UnB, 1980.

MANO, C. Admirável mundo novo. **Exame**. São Paulo, ed.775, p.10-13, 18 set. 2002.

MAQUIAVEL, N. **O príncipe; Escritos políticos**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

MARCUSE, H. **Razão e revolução**: Hegel e o advento da teoria social. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

MARIAS, J. Filosofia e cristianismo. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 17 out. 1981 p. 11.



MARQUIS, D. G.; WOODWORTH, R. S. **Psicologia**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1959.

MARSHALL, A. **Princípios de economia**: tratado introdutório. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

\_\_\_\_\_. A riqueza: um estudo da riqueza e do homem. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 07 mai. 1983. Cadernos de Programas e Leituras, p. 9.

MARTINS, J. S. **Capitalismo e tradicionalismo**: estudo sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil. São Paulo: Pioneira, 1975.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. liv. 2, v. 3, 3.ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1980.

\_\_\_\_\_. **O capital**: crítica da economia política. liv. 3, v.4, 3.ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1980.

\_\_\_\_\_. **O capital**: crítica da economia política. liv. 3, v. 5, 3.ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1980.

\_\_\_\_\_. **O capital**: crítica da economia política. liv. 3 v. 6, 3.ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1980.

\_\_\_\_\_. **Teorias da mais valia**: Adam Smith e a idéia do trabalho produtivo. São Paulo: Global Ed., 1980.

\_\_\_\_\_. **O capital**: crítica da economia política. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

\_\_\_\_\_. **Manifestos econômicos filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

MATTA, J. E. Alberto Guerreiro Ramos: reflexão preliminar sobre sua trajetória intelectual, em homenagem póstuma. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p.95-106, jan./mar. 1983.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1998.

MATTE, D. Ophuls: problema do mundo e o superdesenvolvimento. **O Estado**, Florianópolis, 19 out. 1980. p. 11.

MATTOS, F. M. **Santa Catarina, tempos de angústia e esperança**: subsídios para um programa de governo. Florianópolis: edição do autor, 1978.

MAUGHAM, S. **Servidão humana**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

Mc KENNA, R. **Estratégias de marketing em tempos de crise**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

McKENNA, R. O adeus ao velho marketing. **Exame**, São Paulo, ed. 774, p. 92-94, 04 set. 2002.

\_\_\_\_\_. **Estratégias de marketing em tempos de crise**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

Mc PHERSON, C. B. **A democracia liberal**: origens e evolução. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1978.

\_\_\_\_\_. **Teoria política do individualismo possessivo de Hobbes até Locke**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

- MEDINA, C. A. **Notícia**: um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978.
- MEGIDO, J. L. T.; XAVEIR, C. **Marketing em agribusiness**: os caminhos dos negócios agroindustriais do país. Porto Alegre: Ed. Ortiz, 1995.
- MELLO, Z. H. **João Gilberto**. São Paulo: Publifolha, 2001.
- MELO, F. H. **Prioridade agrícola**: sucesso ou fracasso? São Paulo: Pioneira, 1985.
- MELO FILHO, M. **O desafio brasileiro**. Rio de Janeiro: Bloch Ed., 1970.
- MENDES, M. L. O peso do armário. **Exame**. São Paulo, ed.773, p.16-17,21 ago. 2002.
- \_\_\_\_\_. Porque os mercados são irracionais. **Exame**, São Paulo, Ed.778, p. 12-14, 30 out. 2002.
- MENDRAS, H. **Sociedades camponesas**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1978.
- MENEZES, D. A energia coercível segundo Marx. **Revista de Ciência Política**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p.55-57, jan./abr. 1983.
- MERQUIOR, J. G. **O argumento liberal**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- \_\_\_\_\_. **O liberalismo antigo e moderno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
- MESQUITA, R.; CHACON, W. Debate com Galbraith. **Jornal da Tarde**. São Paulo, 28 ago. 1980, p. 10.
- MESQUITA, R.; MESQUITA, R. L. Os guerrilheiros da prosperidade nacional. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 14 mai. 1984, p. 8-11.
- MESQUITA, R. L. 1913. **Jornal da Tarde**. São Paulo, 31 mai. 1984. p. 6-7.
- MICHELIN. **Atlas routier Europe**. London: Octopus Illustrated, Publisching, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Skandinavia; Finland**. Watford, United Kingdom: Michelin Tyre, 1996.
- MILLER, A. **A morte do caixeiro viajante**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- MILLS, C. W. **A imaginação sociológica**. 5.ed. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1980.
- MILANI FILHO, J. et al. Casa familiar rural: a juventude aprendendo com a realidade. **Revista Agropecuária Catarinense**, Florianópolis, v. 15, n. 2 p. 56, jul 2002.
- MIROW, K. R. **Condenados ao subdesenvolvimento**. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- \_\_\_\_\_. **A ditadura dos cartéis**: anatomia de um subdesenvolvimento. 16.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- MISSE, M. Marx e Weber: sobre o conceito de classes sociais. **Encontros com a Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro, v. 5, p. 139-168. Nov. 1978.
- MITROFF, I. I.; JASON, R.; PEARSON, C. M. **Frame break**: the radical redesigns of american business. San Francisco (CA): Jossey-Bass, 1994.

MODERNO, J. R. Conceitos de cultura em Mao-Tsé-Tung, **Encontros com a Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro, v. 14, p. 175-182, ago. 1979.

MOHANA, J. **O mundo e eu**. Rio de Janeiro: Agir, 1963.

\_\_\_\_\_. **Sofrer e amar**. Rio de Janeiro: Agir, 1976.

MOLIÈRE, J. B. P. **O Tartufo**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

\_\_\_\_\_. **Escola de mulheres**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

\_\_\_\_\_. **O Burguês fidalgo**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

MOLINA FILHO, J. Racionalidade, modernização e desenvolvimento agrícola. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 20, 1882, Curitiba. **Anais da Sober**: Brasília, 1982, p. 253-261.

MONTAIGNE, F. Água sob pressão. **National Geographic**. São Paulo, n. 29, set. 2002, p.81.

MONTAIGNE, M. E. **Ensaio**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

MONTESQUIEU, C. L. S. **Do espírito das leis**. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

MOOG, V. **Bandeirantes e pioneiros: paralelo entre duas culturas**. 12.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

MOORE G. E. **Princípios éticos; Escritos filosóficos; Problemas fundamentais da filosofia**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. Coleção Os Pensadores.

MORE, S. T. **A utopia**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

MOREIRA, R. J. A pequena produção e a composição orgânica do capital. **Revista de Economia Política**. São Paulo, v. 1, n. 3, p. 41-56, jul. 1981.

MORGAN, D. Comida, a nova arma. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 17 já. 1977 ...

MOTA, C. G. Cultura e política no Estado Novo (1937-1945). **Encontros com a Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro, v. 7, p. 87-94, jan. 1979.

MOTA, N. **Noites tropicais**. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2000.

MOTTA, P. R. Avaliação de empresas públicas nos países em desenvolvimento: a perspectiva social. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 85-109, abr./jun. 1984.

\_\_\_\_\_. Controle governamental das empresas públicas. **Revista de Administração Pública**. Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 71-83, out./dez. 1982.

MÜLLER, G. **Estado, estrutura agrária e população**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1980.

MUSSOI, E. M. Agricultura familiar: reflexão a partir de novas perspectivas. In: VIEIRA, P. F. (org.). **A pequena produção e o modelo catarinense de desenvolvimento**. Florianópolis: APED, 2002. p.25-57.

\_\_\_\_\_. **Integração entre investigação y extension agraria en un contexto de descentralización del Estado y sustentabilización de políticas de desarrollo:** el caso de Santa Catarina, Brasil. Córdoba (Espanha), 1998, 420 p. Tese (Doutorado em Agronomia). Programa de Agroecologia, Campesinato y História, Universidad de Córdoba.

MYRA Y LOPEZ. **Psicologia evolutiva del niño y el adolescente.** 8.ed. El Ateneo, 1960.

NAIDITCH, S. Saúde. **Exame**, São Paulo, ed.788, p.54-57, 26 mar. 2003.

NAISBITT, J.; ABURDENE, P. **Megatrends 2000.** São Paulo: Amana Key, 1990.

NAYLOR, K. **Skandinavia:** driving tours. New York: Macmillan, 1995.

NEILL, A. S. **Liberdade na escola.** 2.ed. São Paulo: Ibrasa, 1971.

\_\_\_\_\_. **Liberdade sem excesso.** 7.ed. São Paulo: Ibrasa, 1973.

NEWMAN, C. Vale do silício: a vida no sonho futurista. **National Geographic.** São Paulo, n. 20, p.84-107. Dez. 2001.

NEWSWIRE, D. J. Estiagem atinge boa parte dos EUA. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 05 set. 2002, p. A14.

NIETZSCHE, F. W. **Obras incompletas:** seleção de textos de Gérard Lebrun. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

\_\_\_\_\_. **Assim falou Zaratustra:** um livro para todos e para ninguém. São Paulo, Martin Claret, 2001.

\_\_\_\_\_. **O anticristo:** maldição do cristianismo. São Paulo: Martin Claret, 2001.

OCKHAM, W. **Obras selecionadas.** São Paulo: Abril Cultural, 1979.

O ESTADO DE SÃO PAULO. Inundação rompe barragem e ameaça alemães. 16 ago. 2002, p.14.

OLINGER, G. **Ascensão e decadência da extensão rural no Brasil.** Florianópolis: Epagri, 1996.

\_\_\_\_\_. **Política agrária.** Florianópolis: Acaresc, 1964.

\_\_\_\_\_. **Meios de comunicação:** dois auxílios visuais. Florianópolis: Edeme, 1973

\_\_\_\_\_. **Bases de uma política agrícola.** Brasília: Embrater, 1984(a)

\_\_\_\_\_. **Extensão rural e política agrícola.** Brasília: Embrater, 1984(b)

\_\_\_\_\_. **Política Agrária.** Brasília: Embrater, 1985.

\_\_\_\_\_. **Extensão rural:** verdades e novidades. Florianópolis: Epagri, 1998.

\_\_\_\_\_. **Métodos de extensão rural.** Florianópolis: Epagri, 2002.

OLIVEIRA, A.; ROSA, L. P. Impasse atual e perspectivas a longo prazo da política energética no Brasil. **Encontros com a Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5., mai. 1980. p 19-30.

OLIVEIRA, E. R. **O que é medicina popular.** São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, F. O terciário e a divisão social do trabalho. **Estudos Cebrap**. São Paulo, n. 24, p. 137-168, mar. 1978.

OLIVEIRA, J. P. **Evangelho e revolução social**. São Paulo: Duas Cidades, 1962.

OLIVEIRA, M. M. **A conjugação do crédito rural à assistência técnica no Brasil**: análise da experiência do sistema brasileiro de assistência técnica e extensão rural. Brasília: Embrater, 1984.

ORWELL, G. 1984. 12.ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

\_\_\_\_\_. **A revolução dos bichos**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

OSBORN, R. **Psicanálise e marxismo**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1966.

OSTERRIETH, P. **Introdução à psicologia da criança**. São Paulo: Ed. Nacional, 1962.

PAINE, T. **Senso comum**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

PAIVA, R. M. **A agricultura no desenvolvimento econômico**: suas limitações como fator dinâmico. Rio de Janeiro: Ipea/Inpes, 1979.

PARFIT, M. O enigma dos pioneiros. **National Geographic**. São Paulo, v. 1, n. 8 p.76-103, dez. 2000.

PARRA FILHO, D.; SANTOS, J. A. Elaboração de um projeto de pesquisa. In \_\_\_\_\_ **Apresentação de trabalhos científicos**: monografias, TCC, teses, dissertações. 4.ed. São Paulo: Futura, 2000 cap. 4, p. 57-71.

PASCAL, B. **Pensamentos**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

PASQUINO, G. Grupos de pressão e democracia. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 09 abr. 1983. p 6.

PASSOS, J. 1919. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

PAUPÉRIO, A. M. Comunitarismo e marxismo. **Revista de Ciência Política**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 9-11, mai./ago. 1983.

PAVEI, N. Micro e pequenas têm vida curta. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 01 set. 2002, p. 19.

PAVLOV, I. P. **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

PEDROSA, M. Rosa de Luxembourg. **Encontros com a Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro, v. 8, p. 117-123, fev. 1979.

PETER, L. J. **A competência ao alcance de todos**: as receitas de Peter. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1974.

PETER, L. J.; HULL, L. **Todo mundo é incompetente, inclusive você**: as leis da incompetência. 7.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1977.

PIAGET, J. **A epistemologia genética; Sabedoria e ilusões da filosofia; problemas de psicologia genética**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. Coleção Os Pensadores.

\_\_\_\_\_. **Memória e inteligência**. Rio de Janeiro: Artenova; Brasília: Ed. UnB, 1979.

- PIMENTA, A. A bomba econômica. **Exame**, São Paulo, ed. 789, p.27-29, 9 abr. 2003.
- PINHEIRO, C. **Direito internacional e direitos fundamentais**. São Paulo: Atlas, 2001.
- PINHEIRO, D. Promessa de milagre. **Veja**. São Paulo, n. 1749, p. 96-103, 01 mai. 2002.
- PINHEIRO, S. L. G. ; PEARSON, C. J.; ISON, R. L. A farming systems research/extension model underway in Santa Catarina, Brasil: a critical analysis. In: SYMPOSIUM INTERNATIONAL, 1994, Montpellier, France. **Recherches-système en agriculture et Développement rural**. Montpellier: Cirad, 1994 p. 280-281.
- PINHEIRO, S. L. G. **Paradigm shifts in agricultural research, development and extension: a case study in Santa Catarina, Brazil**. Sydney (Austrália), 1998. 286 p. Tese (PhD in Farm Management)-University of Sydney.
- \_\_\_\_\_. **A evolução e as conseqüências do enfoque sistêmico na administração rural: da tradicional abordagem hard para experiências com soft-systems**. Florianópolis: Epagri, 2001 (não publicado).
- PINTO, L. C. G. Uma radical transformação na extensão rural. **Jornal do Engenheiro Agrônomo**, São Paulo, jun. 1980 p 3.
- PIRANDELLO, L. **O falecido Mattia Pascal; Seis personagens a procura de um autor**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- PIRES, E. Ideologia e Estado em Althusser: uma resposta. **Encontros com a Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro, v. 6, p. 11-40, dez. 1978.
- PIZA, D. Freeman Dyson vê a ciência como uma arma contra a pobreza. **O Estado de São Paulo**. 10 fev. 2002. Cultura, n. 1111, p.l.
- PIZA, D. A. A globalização e a nostalgia dos sistemas. **O Estado de São Paulo**, 24 fev. 2002. p. D5.
- \_\_\_\_\_. Inovação tecnológica é o desafio, diz Sardenberg. **O Estado de São Paulo**. 29 set. 2002. P. A6.
- PLATÃO. **Diálogos: o banquete, Fédon, sofista, político**. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. Coleção Os Pensadores.
- \_\_\_\_\_. **Diálogos II: Fédon, sofista, político**. Rio de Janeiro: Ed. Tecnoprint, 1981b.
- \_\_\_\_\_. **Fedro**. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- POLITZER, G.; BESSE, G.; CAVEING, M. **Princípios fundamentais de filosofia**. São Paulo: Ed. Fulgor, 1962.
- PONDÉ, L. F. o descompasso da razão. **Folha de São Paulo**, 22 set. 2002. Caderno Mais. p. 3.
- POPCORN, F. **O relatório popcorn**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
- PORTELA, F. A terra é do homem. **Jornal da Tarde**. São Paulo, 01 jun. 1984, p. 12-13.
- \_\_\_\_\_. A história do bóia fria: de como o boi ocupou o lugar do homem. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 04 jun. 1984. p. 18-19.

- \_\_\_\_\_. A classe média entrou na guerra. **Jornal da Tarde**. São Paulo, 06 jun. 1984. p. 8-10.
- POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Editora da Unesp, 1998.
- PRADO JÚNIOR, C. **Notas introdutórias à lógica dialética**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961.
- \_\_\_\_\_. **O mundo do socialismo**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1962.
- \_\_\_\_\_. **Evolução política do Brasil e outros estudos**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1963.
- \_\_\_\_\_. **A questão agrária no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- \_\_\_\_\_. **O que é filosofia**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- PROUST, M. **No caminho de Swann**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- QUEIROZ, E. **O primo Basílio**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- QUEIROZ, M. I. P. **Cultura e sociedade rural, sociedade urbana no Brasil**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Editora da USP, 1978.
- QUEIROZ, R.; QUEIROZ, M. L. **Tantos anos**. 2. ed. São Paulo: Siciliano, 1998.
- QUEIROZ, R. **O não me deixes**: suas histórias e sua cozinha. São Paulo: Siciliano, 2000.
- QUOIST, M. **Construir o homem e o mundo**. 27.ed. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
- RAMIRO, D.; SOARES, L. A luta para entrar na festa. **Veja**, São Paulo, n.1753, p. 104-109, 29 mai 2002.
- RAMOS, A. G. **Considerações sobre o modelo alocativo do governo brasileiro**. Florianópolis: UFSC, 1980.
- \_\_\_\_\_. **The new science of organizations**: a reconceptualization of the wealth of nations. Toronto (Canada): University of Toronto Press, 1981.
- \_\_\_\_\_. A nova ignorância e o futuro da administração pública na América Latina. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p.37-65, jan./mar. 1983a.
- RANGEL, I. M. Questão agrária e agricultura. **Encontros com a Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro, v. 17, p. 172-192, jan. 1979.
- RATNER, E. B. **Arquitetos de idéias**: as grandes teorias da humanidade. 2.ed. Porto Alegre: Ed. Globo: 1958.
- RATTNER, H. **Tecnologia e sociedade**: uma proposta para os países subdesenvolvidos. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- REED, J. **Dez dias que abalaram o mundo**. 5. ed. São Paulo: Global, 1978.
- REGO, V. **A mulher e o socialismo**. São Paulo: Ed. Felman-Rego, 1965
- REHDER, M. Queda de renda bloqueia desenvolvimento. **O Estado de São Paulo**. 21 abr. 2002.

REIS, E. A. **De Colombo a Kubitschek: histórias do Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

RENAULT, D. A ordem: atacar. Alvo: os ministérios. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 16 mai. 1984. p.8-9.

REZENDE, U. S. **Teoria organizacional**. Florianópolis: UFSC-CPGA, 1981.

RIBEIRO, D. O papel reservado ao intelectual e à ciência nos países pobres. **Encontros com a Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro, v. III, n. 7, p. 213-216, jul. 1980.

RIBEIRO, J. U. **Política: quem manda, porque manda, como manda**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

RIBEIRO, R. Sorria! Você está em Feliz. **National Geographic**. São Paulo, n. 19. p. 120-125. Nov. 2001.

RIBEIRO, R. J. **A república**. São Paulo: Publifolha, 2001.

RICARDO, D. **Princípios de economia política e tributação**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. Coleção Os Pensadores.

RINZLER, A. **O novo paradigma nos negócios: estratégias emergentes para liderança e mudança organizacional**. São Paulo: Cultrix, 1993.

ROSA, C. Uma guerrilha gaúcha. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 15 mai. 1984. p. 8-9.

ROSENBERG, C. Nota alta: o meganegócio da educação. **Exame**, São Paulo ed.763, p. 35-47, 03 abr. 2002.

ROSENTHAL, M.; IUDIN, P. **Dicionário filosófico marxista**. Montevideo, Uruguai: Pueblos Unidos [197?].

ROSSETTI, J. P. Evolução da economia como ciência. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 14 mai. 1983. p. 5-6.

\_\_\_\_\_. Crescimento e desenvolvimento: diferenças fundamentais. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 18 jun. 1983. p.6.

ROTHERDAN, E. **Elogio da loucura**. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

\_\_\_\_\_. **Elogio da loucura**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

ROUSSEAU, J. J. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens; Discurso sobre as ciências e as artes**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

\_\_\_\_\_. **Do contrato social**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

RUBSTEIN, R. et al. Hannah Arendt: a força de um pensamento independente. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 25 out. 1981 p.5.

RUDIO, F. V. O projeto de pesquisa. In: \_\_\_\_\_ **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 27.ed. Petrópolis (RJ): Vozes. Cap. IV. p. 53-60.



\_\_\_\_\_. **Ensaio escolhido:** seleção de textos de Hugh Matthew Lacey. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

RUDIO, F. V. et al. **Brasil:** um século de transformações. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RUSSELL, B. **Ensaio escolhido.** São Paulo: Abril Cultural, 1978. Coleção Os Pensadores.

SALM, J. F. **A teoria da delimitação dos sistemas sociais e o problema agrário brasileiro ...**

\_\_\_\_\_. **Tecnologia apropriada:** uma avaliação do projeto patamares na pequena propriedade rural do oeste catarinense...

SANT'ANA, L. Não é dinheiro que falta: falta saber gastar. **O Estado de São Paulo.** 10 mar. 2002.

\_\_\_\_\_. Emissão de gases do efeito estufa. **O Estado de São Paulo.** 26 ago. 2002, p. A10.

\_\_\_\_\_. Por uma globalização com face humana. **O Estado de São Paulo,** 27 ago. 2002, p. A14.

\_\_\_\_\_. Rio + 10 apoia redução de subsídios agrícolas. **O Estado de São Paulo,** 30 ago. 2002, p. A14.

\_\_\_\_\_. Rio + 10 termina com promessas e frustração. **O Estado de São Paulo,** 05 set. 2002, p. A12.

SANCHEZ, J. P. **O arranjo social urbano e a viabilidade da vida humana associada:** uma análise psicossociológica e implicações público-administrativas. Florianópolis, 1990, 215 f. Dissertação (Mestrado em Administração). Centro de Pós Graduação em Administração, UFSC.

SANTOS, A. N. **Considerações sobre o papel do poder público na promoção do desenvolvimento local integrado e sustentável.** Florianópolis, 1999. 44 f. Monografia (graduação em Agronomia), Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.

SANTOS, A. R. **Metodologia científica:** a construção do conhecimento. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

SANTOS, C. M. **Planejamento e os limites da racionalidade.** Florianópolis, 1990. 89 f. Dissertação (Mestrado em Administração). Centro de Pós Graduação em Administração, UFSC.

SANTOS, S. C. et al. (org.). **Santa Catarina no século XX.** Florianópolis: UFSC, 2000.

SARTRE, J. P. **A imaginação.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964.

\_\_\_\_\_. **Questão de método.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1966.

\_\_\_\_\_. **O existencialismo é um humanismo; A imaginação; Questão de método.** São Paulo: Abril Cultural, 1978, Coleção Os Pensadores.

\_\_\_\_\_. **A idade da razão.** São Paulo: Abril Cultural, 1979.

SCHNEIDER, E. **Teoria econômica:** teoria da circulação econômica. Rio de Janeiro: Ed. Fundo de Cultura, 1962, 2 v.

SCHUH, G. E. **O desenvolvimento da agricultura no Brasil.** Rio de Janeiro: Apec, 1971.

\_\_\_\_\_. **Pensar e agir diferente:** desafio para quem exerce influência direta sobre as escolhas estratégicas no (e para o) meio rural. Florianópolis: Cepagro, 1999. (não publicado).

SCHOPENHAUER, A. **O mundo como vontade e representação; Crítica da filosofia kantiana; Parerga e paralipomena.** São Paulo: Abril Cultural, 1980.

\_\_\_\_\_. **Da morte; Metafísica do amor; Do sofrimento do mundo.** São Paulo: Martin Claret, 2001a.

\_\_\_\_\_. **Sobre o fundamento da moral** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCOT, J. D. **Escritos filosóficos.** São Paulo: Abril Cultural,, 1979.

SECCO A. (ed.) A mudança para o interior. São Paulo: **Veja, edição especial**, n. 19. P. 50-51, 15 mai. 2002.

SCHRÖDER, G. Nossos filhos nos agradecerão. **Folha de São Paulo**, 01 set. 2002. Folha Ciência p. A16.

SERRA, J.; CARDOSO, F. H. As desventuras da dialética da dependência. **Estudos Cebrap.** São Paulo n. 23, p. 33-80, jan. 1978.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** 21 ed. ver. e ampl. São Paulo: Cortez, 2000.

SEYMOUR-SMITH, M. **Os 100 livros que mais influenciaram a humanidade: a história do pensamento dos tempos antigos à atualidade.** 2. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

SHERBURNE, D. W. **A key to Whitehead's process and reality.** Chicago (USA): The University of Chicago Press, 1966.

SHIRER, W. L. **Ascensão e queda do III Reich.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. 5 v.

SICHERL, P. Conceitos de empresa pública em diferentes sistemas sócio-econômicos. **Revista de Administração Pública** Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 53-70, out. 1982.

SILVA, A. T. **Elementos de economia.** 7 ed. São Paulo: Atlas, 1967.

SILVA, C. E. L. Indústria cultural e cultura brasileira: pela utilização do conceito de hegemonia cultural. **Encontros com a Civilização Brasileira.** Rio de Janeiro, v. III. N. 7, p. 167-194, jul. 1980.

SILVA, F. C. **Agropecuária e agroindústria.** Florianópolis: Adesg, 1978.

\_\_\_\_\_. **A Acaresc e o desenvolvimento agrícola catarinense.** Florianópolis, Codesc, 1980.

\_\_\_\_\_. **Agroindústria artesanal: uma experiência de delimitação social.** Florianópolis: Itep, 1981.

\_\_\_\_\_. **Agricultura brasileira: uma interpretação histórica à luz da racionalidade substantiva.** Florianópolis: Itep, 1982a.

\_\_\_\_\_. **Igreja, política e fé.** Florianópolis: Arquidiocese, 1982b.

\_\_\_\_\_. Os descaminhos da política agrícola. **O Estado Agrícola**, Florianópolis, 03 jan. 1981. p 3-5.

\_\_\_\_\_. Tecnologia tradicional ou moderna, mas apropriada. **O Estado Agrícola**, Florianópolis 17 dez. 1982. p 3-6.

- \_\_\_\_\_. **Conhecimento e tecnologia para o desenvolvimento sustentável.** Florianópolis: Epagri, 1995.
- SILVA, G. C. **Geopolítica do Brasil.** Rio de Janeiro: J. Olympio, 1967.
- SILVA, J. F. Galbraith: críticas, à direita e à esquerda. **Jornal da Tarde.** São Paulo, 21 ago. 1980, p.7-11.
- SILVA, J. G. **Progresso técnico e relações de trabalho na agricultura.** São Paulo: Hucitec, 1981.
- SILVA, J. G. et al. Tecnologia e campesinato: o caso brasileiro. **Revista de Economia Política.** v. 3, n. 4, p. 21-56, out. 1983.
- SILVA, J. G.;STOLKE, V. (org.). **A questão agrária:** Weber, Engels, Lenin, Kautsky, Chayanov, Stalin. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- SILVA, M. A. D. **Quem ama não adoce:** o papel das emoções na prevenção e cura das doenças. 4.ed. São Paulo: Best Seller, 1994.
- SILVA, M. L. **A questão agrária no Brasil:** uma análise crítica à luz da teoria da delimitação de sistemas sociais. Florianópolis, 1998 ..... f. Dissertação (Mestrado em Administração). Centro de Pós Graduação em Administração, UFSC.
- SINGER, P. I. A economia dos serviços. **Estudos Cebrap.** São Paulo, n. 24, p. 127-136, mar. 1978.
- \_\_\_\_\_. **Curso de introdução à economia política.** 6.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1980.
- \_\_\_\_\_. **Dominação e desigualdade:** estrutura de classes e repartição de renda no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- SKINNER, B. F. **Contingências do reforço.** São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- \_\_\_\_\_. Origens e utilidade da moeda. **Jornal da Tarde,** São Paulo, 04 jun. 1983. p. 5-6.
- SOARES, L. Acordo com FMI atua como antiácido na crise do real. **Veja,** ed. 1763, p. 96-105, 07 ago. 2002.
- SOBRINHO, B. L. O enfoque histórico do desenvolvimento econômico. **Encontros com a Civilização Brasileira.** Rio de Janeiro, v. 6, p. 41-56, dez. 1978.
- SODRÉ, N. W. **Introdução à revolução brasileira.** 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.
- \_\_\_\_\_. **A verdade sobre o ISEB.** Rio de Janeiro: Avenir, 1978.
- \_\_\_\_\_. **Formação histórica do Brasil.** 10.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- SOLIMEU, M. D. A pequena empresa, trincheira da liberdade. **Jornal da Tarde,** 19 mai. 1984, p. 3.
- SORRENTINO, M. (coord.) **Ambientalismo e participação na contemporaneidade.** São Paulo: EDUC - FAPESP, 2001.
- SOTERO, P. Dados sobre a soja brasileira surpreendem EUA. **O Estado de São Paulo.** 24 fev. 2002.
- SOUZA, C. Pesquisa em administração pública no Brasil: uma agenda para o debate. **Revista de Administração Pública** v. 32. n. 4. p. 43-61, jul.ago. 1998.

SOUZA, E. Grécia clássica (I): a luta pela Grécia. **Jornal da Tarde/ UnB**, São Paulo, 06 ago. 1983. Caderno de Programas e Leituras p. 7.

\_\_\_\_\_. Grécia clássica (II): as guerras internas. **Jornal da Tarde/ UnB**, São Paulo, 13 ago. 1983. Caderno de Programas e Leituras, p. 6.

\_\_\_\_\_. Grécia clássica (III): o teatro grego. **Jornal da Tarde/UnB**, São Paulo, 20 ago. 1983. Caderno de Programas e Leituras, p.7.

\_\_\_\_\_. Grécia clássica (VII): a sociedade. **Jornal da Tarde/ UnB**, São Paulo, 17 set. 1983. Caderno de Programas e Leituras, p. 7.

\_\_\_\_\_. Grécia clássica (VIII): pinturas e esculturas. **Jornal da Tarde/UnB**, São Paulo, 24 set. 1983. Caderno de Programas e Leituras, p. 7.

SOUZA, F. A. M. Multitarefa simultâneos. **Classe A**, São Paulo: Editora JSJ, n. 94, p. 26, ago/out 2002.

SOUZA, P. R. **Emprego, salários e pobreza**. São Paulo: Hucitec, 1980.

SPÍNOLA, R. E os flagelados aderem ao exército da prosperidade nacional. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 18 mai. 1984. p. 8-9.

SPINOZA, B. **Ética**. Rio de Janeiro: Ed. de Ouro, 1981.

\_\_\_\_\_. **Ética demonstrada à maneira dos geômetras**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

\_\_\_\_\_. **Pensamentos metafísicos; Tratado da correção do intelecto; Tratado político**. 3.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. Coleção Os Pensadores.

\_\_\_\_\_. **Tratado político**. Rio de Janeiro: Ed. de Ouro, 1981.

STALIN, J. **Materialismo dialético e materialismo histórico**. 4. ed. São Paulo: Global, 1987.

STANLAKE, G. F. O mercado, o comando central e os sistemas mistos. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 21 mai. 1983. p.6.

STEINBECK, J. **As vinhas da ira**. São Paulo: Abril Cultural, 1979, 2 v.

STENDHAL. **O vermelho e o negro**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

STERN, P. H. K. John Kenneth Galbraith: o futuro da sociedade industrial. **Manchete**, Suplemento Especial, Rio de Janeiro, [197-].

\_\_\_\_\_. John Maynard Keynes: o profeta do pleno emprego. **Manchete**, Suplemento especial, Rio de Janeiro, [197-].

STOPPINO, M. O poder. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 12 mar. 1983 p.5-6.

\_\_\_\_\_. Autoridade. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 02 abr. 1983. p. 6-7.

STRATHERN, P. **Descartes**: em 90 minutos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997a.

\_\_\_\_\_. **Galileu e o sistema solar**: em 90 minutos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999a.

- \_\_\_\_\_. **Hegel**: em 90 minutos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998a.
- \_\_\_\_\_. **Hume**: em 90 minutos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997b.
- \_\_\_\_\_. **Kant**: em 90 minutos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997c.
- \_\_\_\_\_. **Locke**: em 90 minutos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997d.
- \_\_\_\_\_. **Oppenheimer e a bomba atômica**: em 90 minutos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998b.
- \_\_\_\_\_. **Turing e o computador**: em 90 minutos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000a.
- \_\_\_\_\_. **Derrida**: em 90 minutos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002a.
- \_\_\_\_\_. **Leibniz**: em 90 minutos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002b.
- \_\_\_\_\_. **Sartre**: em 90 minutos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999b.
- \_\_\_\_\_. **Schopenhauer**: em 90 minutos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Spinoza**: em 90 minutos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000b.
- STRAUSS, E. B. **A psiquiatria no mundo moderno**. São Paulo: Herder, 1962.
- SWANEY, D.; CORNWALLIS, G. **Iceland, Greenland & The Faroe Islands**. Victoria, Austrália: Loneley Planet, 1997.
- TAGLIARI, P. S. Administração Rural viabiliza e ajuda a melhorar a renda das propriedades familiares. **Agropecuária Catarinense**, Florianópolis, v. 14, n. 1, p.33-38, mar. 2001.
- TAVARES, A. Caio Prado e a teoria da revolução brasileira. **Revista da Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro, v. 11-12, p. 48-80, dez. 1966.
- TAVARES, J. N. O conceito marxista do Estado: uma introdução. **Encontros com a Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro, v. 7, p. 95-114, jan. 1979.
- TÁVOLA, A. **Quarenta anos de bossa nova**. Rio de Janeiro: Sextante, 1998.
- TAYLER, A. **Escada dos anos**. São Paulo: Mandarin, 1996.
- TCHEKHOV, A. **As três irmãs; Conto**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- TEIXEIRA, A. Capitalismo monopolista de Estado: um ponto de vista crítico. **Revista de Economia Política**. São Paulo, v. 3, n. 4, p. 85-106, out. 1983.
- TEIXEIRA, I. Keynes: o pai da estatização. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 25 jun. 1983. Caderno de Programas e Leituras, p.1.
- TEPE, V. **O sentido da vida**: ascese cristã e psicologia dinâmica. 2.ed. Salvador: Ed. Mensageiro da Fé, 1959.
- TESTA, V. M. et al. **O desenvolvimento sustentável do oeste catarinense...**

THOMPSON, J. D. **Dinâmica organizacional: fundamentos sociológicos da teoria administrativa.** São Paulo: Mc Graw-Hill do Brasil, 1976.

TINHORÃO, J. R. **Música popular: um tema em debate.** 3.ed. São Paulo: Ed. 34, 1997.

\_\_\_\_\_. **História social da música popular brasileira.** São Paulo: Ed. 34, 1998.

\_\_\_\_\_. **A música popular no romance brasileiro: vol. II, século XX, 1ª parte.** São Paulo: Ed. 34, 2000.

TOCQUEVILLE, A. **A democracia na América; O antigo regime e a revolução.** São Paulo: Abril Cultural, 1979.

TOLKIEN, J. R. R. **O senhor dos anéis.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TOLSTÓI, L. N. **Ana Karenina.** São Paulo: Abril Cultural, 1979.

TOMASKO, R. **Crescer, não destruir.** Rio de Janeiro: Campus, 1999.

TORQUATO, G. "Estadania" versus cidadania. **O Estado de São Paulo**, 01 out. 2002. p. A2.

TOURAINÉ, A. Forças complementares. **O Estado de São Paulo**, 29 set. 2002, Caderno Mais, p.14.

TROSTER, R. L.; MOCHÓN, F. **Introdução à economia.** São Paulo: Makron Books, 2002.

TZU, S. **A arte da guerra.** São Paulo: Martin Claret, 2002.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - Sistema de Bibliotecas. **Normas para apresentação de documentos científicos: redação e editoração.** Curitiba, 2001.

\_\_\_\_\_. **Normas para apresentação de documentos científicos: referências.** Curitiba, 2001.

\_\_\_\_\_. **Citações e notas de rodapé.** Curitiba: Ed. UFPR, 2000.

\_\_\_\_\_. **Normas para apresentação de trabalhos.** Curitiba: Ed. UFPR, 2000.

\_\_\_\_\_. **Redação e editoração.** Curitiba: Ed. UFPR, 2000.

\_\_\_\_\_. **Normas para apresentação de documentos científicos: redação e editoração.** Curitiba, 2001.

\_\_\_\_\_. **Normas para editoração de documentos científicos: referências.** Curitiba, 2000.

\_\_\_\_\_. **Normas para editoração de documentos científicos: teses, dissertações, monografias e trabalhos acadêmicos.** Curitiba, 2001.

\_\_\_\_\_. **Normas para editoração de documentos científicos: curriculum vitae e memorial.** Curitiba, 2001.

URIS, L. **Exodus.** São Paulo: Abril Cultural, 1981. 2 v.

VASQUEZ, A. S. Do socialismo científico ao socialismo utópico. **Encontros com a Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro, v. 14, p. 95-135. ago. 1979.

VEBLÉN, T. **A Alemanha imperial e a revolução industrial; A teoria da classe ociosa.** São Paulo: Abril Cultural, 1980.

- VERGUEIRO, F. A terra é do homem. **Jornal da Tarde**, São Paulo: 01 jun. 1984, p.12.
- VERISSIMO, S. Assassinaram o camarão. **Exame**, São Paulo ed. 769, p.60-65, 26 jun. 2002.
- VESILIND, P. J. Na trilha dos Vikings. **National Geographic**. São Paulo, v. 1, n. 1, p.118-143. Mai. 2000.
- VOLTAIRE. **Contos**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- \_\_\_\_\_. **Dicionário Filosófico**. São Paulo: Martin Claret 2002.
- WADE, C. **Alimentos naturais para obter mais energias**. Rio de Janeiro: Campus, 1994.
- WALTARI, M. **O egípcio**. São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- WARNE, K.; LANTING, F. Nova Zelândia: as zonas vitais da frágil biosfera. **National Geographic**, São Paulo, n.30, p. 22-49, out. 2002.
- WATSON, D. **Hannah Arendt**. Rio de Janeiro: Difel, 2001.
- WANDERLEY, M. N. B. et al. **Reflexões sobre a agricultura brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- WEBER, M. **Textos selecionados**. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- WEIL, P. **A criança, o lar e a escola**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- \_\_\_\_\_. **Dinâmica de grupo e desenvolvimento em relações humanas**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1967.
- WEINBERG, M. Máquinas de fazer dinheiro. **Veja**, São Paulo, ed. 1761, p. 74-75, 24 jul. 2002.
- WILLIAMS, T. **Um bonde chamado desejo**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- YOURCENAR, M. **Memórias de Adriano**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- \_\_\_\_\_. **A obra em negro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- \_\_\_\_\_. **Golpe de misericórdia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- ZIEGLER, J. **A Suíça acima de qualquer suspeita**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- ZOLDAN, P. O desempenho da agropecuária catarinense. **Informe Conjuntural**, Florianópolis, n. 784, p. 3-4, 06 jul. 2000.
- ZWINGLE, E. Morada dos deuses. **National Geographic**. S. Paulo, n 29, set. 2002, p.24-49.

**(749 indicações bibliográficas) (TOTAL: 1 300)**